

SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA

**SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO *INGLIDING* DO FALAR PORTO-ALEGRENSE:
PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA**

PORTO ALEGRE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

**SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO *INGLIDING* DO FALAR PORTO-ALEGRENSE:
PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA**

SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Samuel Gomes de
Significação social do ingliding do falar
porto-alegrense: percepção e avaliação linguística /
Samuel Gomes de Oliveira. -- 2022.
264 f.
Orientadora: Elisa Battisti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Ingliding. 2. Significação social. 3. Variação
linguística. 4. Corporificação. I. Battisti, Elisa,
orient. II. Título.

Samuel Gomes de Oliveira

SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO INGLIDING DO FALAR PORTO-ALEGRENSE:
PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Porto Alegre, 9 de dezembro de 2022.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Elisa Battisti (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Cláudia Regina Brescancini
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Ronald Beline Mendes
Universidade de São Paulo (USP)

AGRADECIMENTOS

O trabalho desenvolvido nesta tese só foi possível graças ao apoio de muitas pessoas, as quais contribuíram das mais diferentes formas, direta e indiretamente, para a pesquisa realizada e para meu doutoramento. Agradecer a essas pessoas é, a meu ver, não apenas uma vontade, mas um dever.

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Homilda, ao meu pai, Tomaz, e ao meu irmão, Mateus, por terem alimentado e incentivado meus sonhos desde pequeno. Agradeço ao meu companheiro, Renato, pela parceria em todos os momentos, inclusive quando eu mais precisei de apoio. Meu amor por essas pessoas transborda, e o amor dessas pessoas por mim me deu forças para escrever cada página e dar cada passo na minha trajetória acadêmica.

Pensando no caminho acadêmico que percorri, o primeiro nome que me ocorre para agradecer, e não poderia ser diferente, é o de Elisa Battisti, professora, pesquisadora e pessoa incrível, orientadora desta tese de doutorado. Agradeço pelo óbvio, pela orientação dedicada e pelos tantos ensinamentos compartilhados ao longo de nossa trajetória de orientadora e orientando. E também por aquilo que talvez não seja óbvio, mas que para mim faz toda a diferença: pela sensibilidade. O doutorado foi cercado de desafios, nossa relação não foi um deles. Foi, ao contrário, incentivo e força para seguir. Por tudo e por tanto, muito obrigado.

Agradeço aos amigos especiais, que são motivo do meu sorriso: Eduarda, Flávio, Débora, Renata, Carla, Desirée, Rafael, Ana Paula, Ana Carolina, Lívia, George; aos colegas da equipe LínguaPOA; aos colegas de trabalho do Colégio de Aplicação da UFRGS e da Escola Santos Dumont que viraram amigos; aos colegas do NEELIC; aos familiares que se fazem presentes na minha vida; aos professores que formaram o pesquisador que hoje sou.

Aos professores Livia Oushiro, Ronald Beline Mendes e Cláudia Regina Brescancini, agradeço não só por terem aceitado o convite para participar da banca

examinadora desta tese, mas também por todas as suas contribuições em diferentes etapas da minha formação.

Agradeço a todos aqueles que participaram dos experimentos que constituem este trabalho: às pessoas que gravaram e regravaram áudios; às pessoas que responderam aos questionários e auxiliaram em sua divulgação; e ao Rafa Conter, por tornar possível a ideia da elaboração de ilustrações.

Agradeço às pessoas que me ajudaram, com seus materiais de acesso gratuito, a realizar as análises estatísticas necessárias para meu estudo: Livia Oushiro, autora do curso “Introdução à Estatística para Linguistas”, e Fernanda Peres, que mantém canal do *Youtube* e página do *Instagram* dedicada ao projeto “Estatística Aplicada à Vida Real”. Também agradeço a Marcus Sene por compartilhar comigo seu conhecimento sobre a realização da Análise de Componentes Principais.

Agradeço aos meus estudantes pelas trocas cotidianas e por darem sentido à pesquisa em Linguística.

Agradeço à CAPES, pela bolsa concedida, ao PPG-Letras e a todos aqueles que lutam pela educação pública de qualidade. Encerro minha trajetória como estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul grato pela oportunidade de aprender tanto. Espero que, como eu, muitas pessoas possam estudar e desenvolver pesquisas científicas de forma gratuita e com apoio financeiro. Entendo que meu compromisso seja fazer o que estiver ao meu alcance para que isso aconteça.

A linguagem é uma técnica do corpo, e a competência propriamente linguística, especialmente a fonológica, constitui uma dimensão da *hexis* corporal onde se exprimem toda a relação do mundo social e toda a relação socialmente instruída com o mundo.

(BOURDIEU, 2008 [1982], p. 74)

RESUMO

Esta tese investiga a significação social do *ingliding* de vogais em sílabas tônicas, processo que gera ditongos centralizados (caf[ɛ^v], ag[ɔ^v]ra) no português falado em Porto Alegre (RS). Compreendendo que o *ingliding* constrói *personae* (ECKERT, 2008) e estilos de vida (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]), o trabalho busca descobrir de que forma a variante ditongada é percebida e avaliada por porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros. Aventa-se a hipótese, com base nos resultados de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021), de que os significados sociais do *ingliding* possuam intersecções com características comumente atribuídas a disposições corporais distensas, o que pode ocorrer via relação icônica (ECKERT, 2019), já que o *ingliding* surge de uma configuração articulatória (PRATT, 2018; HONIKMAN, 1964; LAVER, 1980) relaxada. Para realizar a investigação, os resultados dos estudos de produção linguística do *ingliding* servem de base para a elaboração de dois experimentos, ambos de tipo *matched-guise technique* (LAMBERT *et al.*, 1960), aplicados de maneira *online*, via *Google Forms*, a ouvintes porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros.

O primeiro experimento, referido no trabalho como Experimento de Percepção e Avaliação, conta com questões de quatro tipos: diferenciais semânticos, escolhas forçadas, caixas de seleção e caixas de texto. Além disso, informações pessoais dos ouvintes foram coletadas, de modo a testar a influência de seus perfis sociais nas respostas dadas nos questionários. Busca-se descobrir se oposições como *descolado-formal*, expressivas para diferenciar estilos com e sem *ingliding* nos estudos de produção, aparecem também em termos de percepção e avaliação linguística. O experimento conta com áudios com e sem *ingliding* gravados por dois porto-alegrenses, um homem e uma mulher, além de áudios do tipo *distrator*, gravados por pessoas de fora de Porto Alegre, com as funções de familiarizar os ouvintes com o teste e distraí-los de seu propósito principal. O questionário foi respondido por 369 ouvintes.

Os resultados do Experimento de Percepção e Avaliação revelam que o falar com *ingliding* é percebido e avaliado de maneira semelhante por porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros, que diferem principalmente na atribuição do falar a regiões: para brasileiros, é um falar do Sul, para gaúchos e porto-alegrenses, é um falar de Porto Alegre. Em linhas gerais, o falar com *ingliding* é avaliado como menos *agradável* e percebido como menos *natural, claro, formal*, e mais *cantado* do que o falar sem *ingliding*. Classificado como marca de *sotaque*, o falar com ditongo centralizado é mais associado a falantes que podem ser *descolados, malandros, expansivos, metidos, esnobes, ricos*, e menos associado a falantes *sérios, preocupados, reservados, esforçados, sociáveis, honestos, modestos*. Embora os agentes sociais que mais produzem *ingliding* nos estudos de produção linguística queiram se marcar como pessoas que não são *metidas* ou *esnobes*, eles são assim avaliados, o que pode ser resultado da relação entre *ingliding* e *classe social*: quem mais produz *ingliding* ocupa posições superiores no espaço social (OLIVEIRA, 2018, 2021), de forma que o processo pode, de maneira mais ampla, indexar classe mais alta, sendo associado a uma tentativa de enquadramento a essa posição social e, por extensão, a pessoas *metidas* e *esnobes*.

A falante mulher que gravou áudios para o experimento é quem recebe menos avaliações positivas quando produz *ingliding*, o que pode ter a ver com o entendimento dos ouvintes sobre papéis de gênero, levando-os a atribuir características negativas à falante quando ela rompe com expectativas calcadas na lógica da dominação masculina (BOURDIEU, 2012 [1998]) e faz uso de uma variável que indexa traços relacionados a menor formalidade e maior descontração, simbolicamente associados a construções identitárias masculinas. Os ouvintes também associam os falantes, em suas emissões com *ingliding*, a práticas realizadas fora de casa, como *viajar* e frequentar *baladas*, por exemplo.

Os resultados das questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação podem ser reorganizados em três Componentes Principais: *sociabilidade, formalidade* e *sotaque*. A percepção de *sociabilidade* em falares com e sem *ingliding* apresenta valores praticamente sobrepostos, o que não ocorre nos outros

componentes: o falar com *ingliding* é atribuído a menores valores de *formalidade* e a maiores valores de *sotaque*. Em relação a *sotaque*, os ouvintes porto-alegrenses, isto é, que compartilham a comunidade de fala com os falantes que gravaram estímulos de áudio, assinalam valores menores para a escala se comparados a falantes de fora da comunidade de fala.

O segundo experimento, chamado de Experimento do Ilustrador, solicita aos ouvintes que ouçam um áudio e assinalem, dentre duas opções de ilustração, qual delas combina mais com a pessoa ouvida na gravação. As ilustrações são compostas de silhuetas de uma mesma pessoa desenhada em duas disposições corporais diferentes, uma *tensa* e outra *distensa*. Com o experimento, busca-se investigar se a interpretação de que os significados sociais do *ingliding* estão associados a disposições corporais relaxadas encontra respaldo na percepção dos ouvintes. Dois homens e duas mulheres porto-alegrenses gravaram áudios com e sem *ingliding* para compor o experimento, que também contou com áudios de tipo *distrator* gravados por um homem e por uma mulher que não são porto-alegrenses. 283 pessoas responderam ao questionário.

Os resultados do Experimento do Ilustrador revelam que o falar com *ingliding* é associado a posturas corporais distensas, o que independe da localidade do ouvinte. Considerando a materialidade da linguagem (AGHA, 2006), ou seja, sua natureza corporificada, os resultados parecem mostrar que há características da própria realização física da vogal ditongada, marcada por relaxamento de tensão articulatória, que estão por trás de intersecções nos significados sociais. O *ingliding* pode se associar a alguns significados sociais através da iconicidade, atrelada ao caráter corporificado da linguagem: trata-se de uma variável que surge de perda de tensão articulatória e que compõe significados relacionados a usos distensos do corpo.

A oposição *tensão-distensão*, presente nos esquemas corporais, organiza diversos significados sociais do *ingliding*: o processo é mais associado a características que têm a ver com usos *distensos* do corpo (*descolado, expansivo, malandro*), percebidas em diferentes culturas como opostas a traços de *polidez, refinamento e respeitabilidade*

(AGHA, 2006) e associadas a usos do corpo típicos de classes mais altas (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]). Além disso, os resultados revelam que as falantes mulheres são significativamente menos associadas a posturas *distensas* do que os falantes homens, e mais relacionadas às posturas *tensas*, o que corrobora a interpretação de que a percepção dos ouvintes é influenciada por concepções arraigadas de papéis de gênero, em que se espera menos relaxamento e distensão de corpos de mulheres.

A partir dos resultados de ambos os experimentos, propõe-se que o *ingliding* seja uma variável *integrada a usos estilísticos do corpo*, uma vez que pode ser um dos resultados de um relaxamento do corpo com um todo, traço utilizado estilisticamente para criar *personae* e que pode ser *registrado* (AGHA, 2006). Assim, o ditongo centralizado possui *significados sociais mediados pelo corpo*, que parecem ser pontos de intersecção tanto entre produção e percepção linguística, quanto entre as percepções da variável por ouvintes de diferentes localidades, podendo constituir o cerne dos campos indexicais do *ingliding*. Os resultados desta investigação reforçam a importância de considerar a configuração articulatória e a configuração de maxilar (PRATT, 2018; PRATT e D'ONOFRIO, 2017) em estudos linguísticos, que devem contemplar a corporificação como aspecto central (PODESVA, 2021) às análises variacionistas.

Palavras-chave: *Ingliding*. Significação social. Variação linguística. Corporificação.

ABSTRACT

This dissertation investigates the social meaning of inglided vowels in stressed syllables, a process that generates centring diphthongs (caf[ɛʷ] ('coffee'), ag[ɔʷ]ra ('now')) in Portuguese spoken in Porto Alegre (RS). By understanding that ingliding builds *personae* (ECKERT, 2008) and lifestyles (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]), this study seeks to discover how the diphthongized variant is perceived and evaluated by people from Porto Alegre, Rio Grande do Sul and Brazil. It is hypothesized, based on the results of linguistic production (OLIVEIRA, 2018, 2021), that the social meanings of ingliding intersects the characteristics commonly attributed to relaxed body posture, which might occur through an iconic relationship (ECKERT, 2019), since ingliding arises from a relaxed articulatory setting (PRATT, 2018; HONIKMAN, 1964; LAVER, 1980). To carry out this investigation, the results of linguistic production studies on ingliding support the formulation of two experiments, both using the matched-guise technique (LAMBERT *et al.*, 1960), and applied online, via Google Forms, to Porto Alegre, Rio Grande do Sul and Brazilian listeners.

The first experiment, referred to in the study as the Perception and Evaluation Experiment, has four types of questions: semantic differentials, forced choices, checkboxes, and text boxes. In addition, listeners' personal information was collected in order to test the influence of their social profiles on the answers given in the questionnaires. The study investigates whether expressive oppositions such as *cool-formal*, which differentiate styles with and without ingliding in production studies, also appear in terms of linguistic perception and evaluation. The experiment includes audio recordings with and without ingliding made by two people from Porto Alegre, a man and a woman, in addition to filler-type audio recordings, made by people from outside of Porto Alegre, with the intention of familiarizing listeners with the test and distracting them from their main purpose. The questionnaire was answered by 369 listeners.

The results of the Perception and Evaluation Experiment reveal that speaking with ingliding is perceived and evaluated in a similar way by people from Porto Alegre, Rio Grande do Sul and Brazil, who differ mainly in how they attribute the speech to regions: for Brazilians, it is speech from the South; to people from Rio Grande do Sul and Porto Alegre, it is speech typical in Porto Alegre. In general, speaking with ingliding is rated as less *pleasant* and perceived as less *natural, clear, formal*, and more *song-like* than speaking without ingliding. Classified as an *accent* mark, speaking with a centring diphthong is more associated with speakers who may be *cool, sly, expansive, conceited, snobbish, or wealthy*, and less associated with those who are *serious, concerned, reserved, hardworking, sociable, honest, or modest*. Although the social agents who produce the most ingliding in linguistic production studies want to mark themselves as people who are not *conceited* or *snobs*, they are evaluated as such, which may be a result of the relationship between ingliding and social class: those who produce the most inglided vowels occupy higher positions in the social space (OLIVEIRA, 2018, 2021), such that the process can, more broadly, index higher class, being associated with an attempt to fit into this social position and, by extension, with *conceited* and *snobbish* people.

The female speaker who made audio recordings for the experiment is the one who received fewer positive evaluations when she produced ingliding, which may have to do with the listeners' understanding of gender roles, leading them to attribute negative characteristics to the speaker when she breaks from grounded expectations in the logic of masculine domination (BOURDIEU, 2012 [1998]) and makes use of a variable that indexes traits related to less formality and greater relaxation, symbolically associated with masculine identity constructions. Listeners also associate speakers, in their recordings with ingliding, with practices performed outside the home, such as *traveling* and *going to nightclubs*, for example.

The results of the semantic differential questions in the Perception and Evaluation Experiment can be reorganized into three Principal Components: *sociability, formality, and accent*. The perception of *sociability* in speech with and without

ingliding presents almost overlapping values, which does not occur in the other components: speaking with ingliding is attributed to lower values of *formality* and higher values of *accent*. Regarding *accent*, listeners from Porto Alegre, that is, those who share the speech community with speakers who recorded the audio stimuli, indicate lower values for the scale when compared to speakers from outside the speech community.

The second experiment, called the Illustrator Experiment, asks participants to listen to an audio recording and indicate, between two illustrations, which one best matches the person heard in the recording. The illustrations are composed of silhouettes of the same person drawn with two different body postures, one *tense* and the other *relaxed*. With this experiment, the study seeks to investigate whether the interpretation that the social meanings of ingliding are associated with relaxed body postures is supported by the perception of listeners. Two men and two women from Porto Alegre made audio recordings with and without ingliding to compose the experiment, which also featured filler-type recordings made by a man and a woman who are not from Porto Alegre. 283 people responded to the questionnaire.

The results of the Illustrator Experiment reveal that speaking with ingliding is associated with relaxed body postures, which does not depend on where the listener is from. Considering the materiality of language (AGHA, 2006), that is, its embodied nature, the results seem to show that there are characteristics of the physical realization of the diphthongized vowel, marked by relaxation of articulatory tension, that lie behind intersections in social meanings. Ingilding can be associated with some social meanings through iconicity, linked to the embodied nature of language: it is a variable that arises from the loss of articulatory tension and composes meanings related to relaxed uses of the body.

The *tension-distension* opposition, present in body schemas, organizes several social meanings of ingilding: the process is more associated with characteristics that have to do with *relaxed* uses of the body (*cool, expansive, sly*), perceived in different cultures as opposing traits of *politeness, refinement* and *respectability* (AGHA, 2006) and

associated with typical upper-class uses of the body (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]). In addition, the results reveal that female speakers are significantly less associated with *relaxed* postures than male speakers, and more related to *tense* postures, which corroborates the interpretation that listeners' perception is influenced by ingrained conceptions of gender roles, in which less relaxation and distension of women's bodies is expected.

From the results of both experiments, I propose that ingliding is a variable *integrated into stylistic uses of the body*, since it can be one of the results of a relaxation of the body as a whole, a trait used stylistically to create *personae* and that can become *enregistered* (AGHA, 2006). Thus, the centring diphthong has *social meanings mediated by the body*, which seem to be points of intersection both between linguistic production and perception, and between the perceptions of the variable by listeners from different regions, which may constitute the core of the indexical fields of ingliding. The results of this investigation reinforce the importance of considering the articulatory setting and the jaw setting (PRATT, 2018; PRATT and D'ONOFRIO, 2017) in linguistic studies, which should consider embodiment as a central aspect (PODESVA, 2021) in variationist analyses.

Keywords: Ingilding. Social meaning. Language variation. Embodiment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do <i>ingliding</i> sobre o trapézio das vogais.....	43
Figura 2 – Espectrogramas de <i>ib[ɔ^v]pe</i>	45
Figura 3 – Sistema de valores na língua a partir do CLG.....	63
Figura 4 – Campo indexical de /t/ em inglês	89
Figura 5 – Campo indexical de (-r) de acordo com Origem dos Ouvintes	92
Figura 6 – Variáveis quantitativas do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – amostra geral x grupo de brasileiros	135
Figura 7 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> para os Componentes Principais <i>sociabilidade, formalidade e sotaque</i> – amostra geral.....	140
Figura 8 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> para os Componentes Principais <i>sociabilidade, formalidade e sotaque</i> – grupo de brasileiros	142
Figura 9 – Nuvens de palavras para <i>profissão</i> – grupo de brasileiros.....	149
Figura 10 – Nuvens de palavras para <i>gosto</i> – grupo de brasileiros.....	150
Figura 11 – Nuvens de palavras para <i>local</i> – grupo de brasileiros.....	152
Figura 12 – Variáveis quantitativas do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – grupo de gaúchos x grupo de porto-alegrenses.....	153
Figura 13 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> para os Componentes Principais <i>sociabilidade, formalidade e sotaque</i> – grupo de gaúchos	160
Figura 14 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> para os Componentes Principais <i>sociabilidade, formalidade e sotaque</i> – grupo de porto-alegrenses	162

Figura 15 – Nuvens de palavras para <i>profissão</i> – grupo de gaúchos.....	175
Figura 16 – Nuvens de palavras para <i>profissão</i> – grupo de porto-alegrenses.....	176
Figura 17 – Nuvens de palavras para <i>gosto</i> – grupo de gaúchos	177
Figura 18 – Nuvens de palavras para <i>gosto</i> – grupo de porto-alegrenses.....	179
Figura 19 – Nuvens de palavras para <i>local</i> – grupo de gaúchos.....	180
Figura 20 – Nuvens de palavras para <i>local</i> – grupo de porto-alegrenses.....	181
Figura 21 – Ilustrações utilizadas no Experimento do Ilustrador para opor disposições corporais tensas (acima) e distensas (abaixo)	208
Figura 22 – Ilustrações utilizadas como distrator no Experimento do Ilustrador	209

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos estímulos em dois grupos no Experimento de Percepção e Avaliação	113
Tabela 2 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> (rotação promax) – amostra geral	140
Tabela 3 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> (rotação promax) – grupo de brasileiros	141
Tabela 4 – Variáveis qualitativas de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – grupo de brasileiros	143
Tabela 5 – Variáveis qualitativas de caixas de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – grupo de brasileiros	144
Tabela 6 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> (rotação promax) – grupo de gaúchos.....	159
Tabela 7 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> (rotação promax) – grupo de porto-alegrenses.....	161
Tabela 8 – Variáveis qualitativas de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – grupo de gaúchos.....	164
Tabela 9 – Variáveis qualitativas de caixas de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – grupo de gaúchos.....	164
Tabela 10 – Variáveis qualitativas de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – grupo de porto-alegrenses	168
Tabela 11 – Variáveis qualitativas de caixas de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação do <i>ingliding</i> – grupo de porto-alegrenses	168

Tabela 12 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sociabilidade – Grupo de Ouvintes e Falante em interação com <i>Ingliding</i>	183
Tabela 13 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sociabilidade – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com <i>Ingliding</i>	184
Tabela 14 – Resultados do modelo de regressão para o CP Formalidade – Grupo de Ouvintes e Falante em interação com <i>Ingliding</i>	185
Tabela 15 – Resultados do modelo de regressão para o CP Formalidade – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com <i>Ingliding</i>	186
Tabela 16 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sotaque – Grupo de Ouvintes e Falante em interação com <i>Ingliding</i>	187
Tabela 17 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sotaque – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com <i>Ingliding</i>	188
Tabela 18 – Distribuição dos estímulos para o Experimento do Ilustrador	204
Tabela 19 – Associações entre falares sem <i>versus</i> com <i>ingliding</i> e disposições corporais tensas e distensas no Experimento do Ilustrador – amostra geral e comparação por gênero do falante	219
Tabela 20 – Associações entre falares sem <i>versus</i> com <i>ingliding</i> e disposições corporais tensas e distensas no Experimento do Ilustrador – comparação por grupo de ouvinte	223
Tabela 21 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – Grupo de Ouvintes e Gênero do Falante em interação com <i>Ingliding</i> ...	224
Tabela 22 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com <i>Ingliding</i>	225
Tabela 23 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – Falante em interação com <i>Ingliding</i>	226
Tabela 24 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador obtidos de áudios com <i>ingliding</i> – Falante	227

Tabela 25 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – Posição da Ilustração em interação com *Ingliding*..... 228

Tabela 26 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador obtidos de áudios com *ingliding* – Posição da Ilustração 229

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Texto de apresentação do questionário do Experimento de Percepção e Avaliação	116
Quadro 2 – Apresentação de cada áudio do Experimento de Percepção e Avaliação	117
Quadro 3 – Questões de diferencial semântico do Experimento de Percepção e Avaliação	120
Quadro 4 – Questões de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação	123
Quadro 5 – Questões de caixa de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação	125
Quadro 6 – Questões de caixa de texto do Experimento de Percepção e Avaliação.	127
Quadro 7 – Informações pessoais dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação	129
Quadro 8 – Organização de características associadas aos falares do Experimento de Percepção e Avaliação do ingliding na oposição tenso-distenso	198
Quadro 9 – Texto de apresentação do Experimento do Ilustrador.....	211
Quadro 10 – Apresentação de cada áudio do Experimento do Ilustrador	212
Quadro 11 – Organização das questões do Experimento do Ilustrador	212
Quadro 12 – Informações pessoais dos ouvintes do Experimento do Ilustrador	217
Quadro 13 – Atribuição de disposições corporais tensas e distensas ao falar sem versus com ingliding no Experimento do Ilustrador – comparação a partir do gênero do falante ouvido.....	222

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PB: Português Brasileiro

MGT: *matched-guise technique*

CLG: Curso de Linguística Geral

ACP: Análise de Componentes Principais

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CP: Componente Principal

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	26
1 INGLIDING COMO PRÁTICA ESTILÍSTICA EM PORTO ALEGRE.....	43
1.1 Pressupostos teóricos do estudo do <i>ingliding</i> como prática estilística.....	43
1.2 <i>Ingliding</i> em Porto Alegre: questões respondidas e questões em aberto.....	51
2 SIGNIFICADOS SOCIAIS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	60
2.1 O conceito de significado social.....	60
2.2 Percepção e avaliação linguística	79
2.3 O lugar do corpo no estudo da variação linguística.....	95
3 SIGNIFICADOS SOCIAIS DO INGLIDING: ESTUDO DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO	107
3.1 Metodologia.....	107
3.1.1 Grupos de ouvintes	107
3.1.2 Criação e organização dos estímulos acústicos	109
3.1.3 Questionário de percepção e avaliação.....	115
3.1.3.1 Questões de diferencial semântico	119
3.1.3.2 Questões de escolha forçada.....	123
3.1.3.3 Questões de caixa de seleção	124
3.1.3.4 Questões de caixa de texto	127
3.1.3.5 Informações pessoais dos ouvintes	129
3.2 Resultados.....	131
3.2.1 Distribuição dos dados.....	132
3.2.2 Brasileiros não Gaúchos	134
3.2.2.1 Diferenciais semânticos	134
3.2.2.2 Escolhas forçadas e caixas de seleção.....	142
3.2.2.3 Caixas de texto.....	147
3.2.3 Gaúchos não Porto-Alegrenses e Porto-Alegrenses	153
3.2.3.1 Diferenciais semânticos	153

3.2.3.2 Escolhas forçadas e caixas de seleção.....	163
3.2.3.3 Caixas de texto.....	173
3.2.4 Regressões lineares	182
3.2.4.1 CP Sociabilidade.....	183
3.2.4.2 CP Formalidade.....	185
3.2.4.3 CP Sotaque	186
3.3 Significados sociais potenciais do <i>ingliding</i>	189
3.3.1 A oposição <i>tenso-distenso</i>	197
4 INGLIDING E CORPORIFICAÇÃO:	
EXPERIMENTO DO ILUSTRADOR	200
4.1 Metodologia.....	200
4.1.1 Grupos de ouvintes	201
4.1.2 Criação e organização dos estímulos acústicos	202
4.1.3 Experimento do Ilustrador	205
4.1.3.1 As ilustrações.....	206
4.1.3.2 Organização do questionário	209
4.2 Resultados.....	217
4.2.1 Distribuição dos dados.....	218
4.2.2 Associação entre <i>ingliding</i> e disposições corporais	219
4.3 Significados sociais do <i>ingliding</i> mediados pelo corpo	230
CONCLUSÃO	243
REFERÊNCIAS	249
ANEXOS.....	259

INTRODUÇÃO

Para introduzir o presente trabalho, retomo as principais informações presentes em sua epígrafe. De acordo com Bourdieu (2008 [1982], p. 74): a linguagem é uma técnica do corpo; a competência linguística (em especial a fonológica) é uma dimensão da *hexis* corporal (conjunto de disposições corporais duradouras, estados do corpo, interiorizadas ao longo da história); na *hexis* corporal se exprimem toda a relação do mundo social e toda a relação socialmente instruída com o mundo. Se considerarmos pertinentes as afirmações do autor, compreenderemos que investigações interessadas nos significados sociais da variação linguística, como é o caso desta tese, *precisam* contemplar a dimensão do corpo. Linguagem em uso é, afinal de contas, corpo. Os significados sociais da variação linguística são, então, antes de tudo, significados sociais de *usos do corpo*, mais especificamente daqueles usos do corpo que materializam a linguagem. É a partir dessa perspectiva que esta investigação se constrói. O corpo, neste trabalho, ocupa lugar central.

A presente tese investiga a significação social do *ingliding* de vogais em sílabas tônicas, processo fonético-fonológico variável que pode ser percebido como um traço característico de Porto Alegre (RS). A primeira publicação a respeito do *ingliding* no Português Brasileiro (PB) é de autoria de Battisti (2013), que caracteriza o processo em termos fonéticos e fonológicos e, com base em Clements e Hertz (2006), propõe a utilização do termo *ingliding* para fazer referência à ditongação centralizada que ocorre em sílabas tônicas, como em *caf[ɛʷ]* (*café*) e *ag[ɔʷ]ra* (*agora*). A autora afirma que, diferentemente dos outros casos de ditongação variável no PB, o *ingliding* não surge como resultado de assimilação de segmento vizinho. Além disso, Battisti (2013) explica a relevância do estudo do *ingliding*, destacando que as realizações vocálicas em questão estão presentes em uma concepção estereotipada da fala do *magrão* porto-alegrense (expressão utilizada para referir um jovem *malandro*, *descolado*) e podem ser percebidas, conforme levantamento realizado em *blogs*, como *longas*, *manhosas*,

preguiçosas, arrastadas, afetadas. Para a autora, em termos labovianos (LABOV, 2008 [1972]), o processo pode, a um só tempo, compor *estereótipos* e se configurar como *marcador e indicador social*.

Embora o *ingliding* seja comumente referido como marca do falar porto-alegrense, sendo inclusive imitado por pessoas de fora de Porto Alegre, não há estudos a respeito do processo que antecedam a publicação de 2013. Por conta do caráter pioneiro da investigação, que carecia de pesquisas prévias, foram necessários diversos estudos para que pudéssemos compreender o funcionamento linguístico e social desta variável linguística. No período que compreende 2014 e 2016, o *ingliding* foi caracterizado acusticamente (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014) e, também, foi objeto de estudos iniciais de percepção e avaliação (OLIVEIRA, 2015; BATTISTI e OLIVEIRA, 2016) e de produção linguística (OLIVEIRA, 2016), realizados com amostras piloto. Em 2018, o *ingliding* foi objeto de um estudo de produção linguística (OLIVEIRA, 2018) que considerou duas amostras de dados: entrevistas que compõem um filme-documentário gravado em Porto Alegre e entrevistas sociolinguísticas coletadas em Porto Alegre (LÍNGUAPOA, 2015-2019).

Agora, nesta tese de doutorado, realizo um estudo de percepção e avaliação do *ingliding*, motivado por perguntas de pesquisa que permanecem em aberto desde o estudo de produção linguística, para que seja possível desvelar os significados sociais indexados pela variável. As razões que motivam a realização do presente trabalho extrapolam o pioneirismo da investigação: a pesquisa a respeito do *ingliding* segue ganhando novas etapas por conta de sua relevância como objeto de estudos sociolinguísticos.

Para exemplificar tanto as motivações quanto a relevância da investigação sobre o *ingliding*, apresento, a seguir, um pequeno trecho transcrito do programa *Lady Night*, do canal Multishow, que ilustra diferentes aspectos envolvidos no estudo desta variável linguística. Neste trecho, a humorista que lidera o programa, Tatá Werneck, natural do Rio de Janeiro (RJ), entrevista a supermodelo Carol Trentini, natural de

Panambi (RS). A realização de algumas variáveis fonético-fonológicas, conforme percebidas de oitiva, estão demarcadas entre colchetes.

Tatá: Tu sabe(s) faze(r) sotaque do Sul, não?

Carol: Eu sei, porque eu so(u), eu nasci lá, na verdade, n[ɛʷ].

Tatá: Eu sei[m]... Eu sei.

Carol: E, assim, dependendo da região é bem puxado, n[ɛʷ].

Tatá: É bem puxado n[ɛʷ]. Caramba.

Carol: Bem puxado. A minha, na minha região não é tão puxado assim. Mas assim, pode, pode s[eʷ].

Tatá: Não, mas, é... Na verdade, é... Tu perde(s) um tempo falando, porque só o “né” são quatro a cinco segundos, n[ɛʷ].

Carol: Com cert[eʷ]za, é uma coisa bem cantada, assim, uma coisa bem dramática, n[ɛʷ].

Tatá: (Risos) E qual é a coisa que tu gosta(s) de faze(r) quando tu vai(s) pro Sul, guria-te?

Carol: Ah, eu gosto de toma(r) um chima[r]ão e, ou... Come(r) um churrasco, é... Uma coisa assim... Depende, né, sai(r) com os am[iʷ]gos.

Tatá: Teu marido é do Sul também, guria, ou não é, pra ti?

Carol: Meu marido é de Santa Catar[iʷ]na... Ai, gente, já mudei, já não foi mais Sul.

Tatá: Não, mas tá maravilh[ɔʷ]sa.¹

Lady Night é um programa televisivo conhecido pelos improvisos da apresentadora que o comanda. Durante as entrevistas, Tatá Werneck propõe situações inusitadas (tais como falar sem mexer a boca, imitar certo tipo social etc.) para os entrevistados, que muitas vezes seguem a proposta da apresentadora, responsável por fazer a plateia rir. Por vezes, as situações propostas são relacionadas à história de vida de cada entrevistado. É o que acontece no trecho aqui reproduzido, obtido do oitavo episódio da segunda temporada de *Lady Night*, que foi ao ar em 18 de outubro de 2017. Antes de chegar no trecho específico, a apresentadora fez perguntas para a entrevistada que envolviam sua carreira de modelo; após, ela tentou conduzir a entrevista em inglês, sabendo do domínio da entrevistada nessa língua e provocando humor por ela mesma, a apresentadora, não ser proficiente no idioma. Dessa forma, o disparo para perguntar se a entrevistada sabe *fazer sotaque do Sul* também tem como base um aspecto sobre sua vida: a informação de que ela é gaúcha.

¹ Vídeo obtido em <https://www.facebook.com/watch/?v=1595854740453313> (acesso: 23/08/2021).

Tatá Werneck propõe a pergunta a respeito do sotaque já fazendo uma imitação do falar, como ela mesma refere, “do Sul”, utilizando o pronome de segunda pessoa do singular *tu*, que não é utilizado espontaneamente pela apresentadora. A supermodelo, que antes falava de maneira mais espontânea, entra na brincadeira de imitar o que ela compreende ser um *sotaque do Sul*. Em sua fala, ela passa a exagerar os alongamentos das vogais tônicas mais proeminentes nos sintagmas entoacionais e a repetir o marcador discursivo “né”, realizando-o, na maioria das vezes, com *ingliding*: n[e^h].

Além das realizações de *ingliding*, registradas na transcrição do trecho, outras também foram assinaladas, como a realização de uma consoante nasal depois de “sei”, por Tatá Werneck, e o uso da vibrante alveolar em ataque, no contexto de R-forte, em “chimarrão”, por Carol Trentini. Também se percebe que Tatá Werneck exagera no uso do pronome de segunda pessoa, inventando, inclusive, a forma *guria-te*, e inserindo-o em lugares em que ele não se faz necessário, como o *pra ti* em “Teu marido é do Sul também, *guria*, ou não é, *pra ti*?”. A apresentadora, além disso, repete o uso de *guria* e imita o *né* com *ingliding* produzido por Carol Trentini. A supermodelo, por sua vez, em toda a sua imitação do *sotaque do Sul*, produz vogais mais anasaladas e exageradamente longas.

Uma primeira informação que esse trecho de entrevista revela é a própria seleção de variáveis linguísticas utilizadas pela supermodelo e pela apresentadora para caracterizar um estereótipo de um falar *do Sul*. Ao lado da realização de vibrante em ataque, do uso do pronome *tu*, do uso do marcador discursivo *né*, das realizações alongadas e anasaladas de vogais, estão as emissões com *ingliding*. Esta última permanece do início ao fim da imitação, é proposta pela entrevistada e reforçada pela apresentadora, constituindo-se como um dos motivos que faz a plateia rir. A mobilização desse traço estilístico, bem como o efeito que tal mobilização gera, demonstram que a variante ditongada é reconhecida como marca de um falar *do Sul*.

Além disso, o conteúdo desse trecho de entrevista aponta que tanto entrevistada quanto entrevistadora têm consciência do alongamento vocálico que estão produzindo

para caracterizar a fala do *Sul*, principalmente em sua produção de “né” com *ingliding*, repetida diversas vezes. A esse respeito, Tatá Werneck afirma: *Tu perde(s) um tempo falando, porque só o “né” são quatro a cinco segundos, n[ɛ^p]*. Carol Trentini concorda com a afirmação e, fazendo uso de *ingliding*, caracteriza o falar como uma *coisa bem cantada, bem dramática*. O discurso metalinguístico a respeito do falar alongado/com *ingliding* pode ser revelador de que esse traço, saliente em termos perceptuais, é mobilizado de maneira consciente na imitação.

O nível da estereotipia se faz presente no exagero na utilização das variáveis, com intuito de gerar humor, mas também no conteúdo do trecho. Ao ser perguntada sobre o que gosta de fazer quando vai “pro Sul”, Carol Trentini responde com duas práticas corriqueiramente relacionadas a uma figura gaúcha, construídas e reafirmadas pelas diferentes mídias: o consumo de chimarrão e de churrasco. A palavra *chimarrão*, inclusive, é realizada com a vibrante alveolar em ataque, traço que, ainda que tenha baixas taxas de proporção de aplicação em diversas regiões do Rio Grande do Sul, é por vezes mobilizado para a construção de *personae* gaúchas, principalmente quando relacionadas a práticas tradicionalistas, como o consumo de chimarrão².

Também é interessante notar que, mais ao final da imitação, antes de Tatá Werneck mudar o assunto da entrevista, Carol Trentini produz um traço e, em seguida, afirma que acabou mudando o sotaque, que já não está mais imitando o falar do Sul. Ela faz isso depois de uma emissão com *ingliding* da palavra “Catarina”, contexto em que realiza um ditongo centralizado com a vogal alta anterior. No estudo de produção de Oliveira (2018), verificou-se que as vogais altas são desfavorecedoras da realização do *ingliding*, o que poderia explicar a estranheza que Carol Trentini sente com a própria imitação, uma vez que ela, após produzir [i^p], emite a opinião de que realizou algo que não é mais característico do falar do Sul.

² Segundo Corrêa (2020), a realização da vibrante múltipla em ataque tornou-se uma relíquia no português falado em Porto Alegre, tendo uma proporção de aplicação baixíssima. O que sustenta a realização eventual da variante vibrante é, para a autora, a figura do gaúcho que é mantida pela indústria cultural.

Chamam atenção as regionalidades que envolvem a realização e a percepção das diferentes marcas de sotaque nesse trecho de entrevista. Ao propor a imitação, Tatá Werneck faz referência a um *sotaque do Sul*. Carol Trentini, em resposta à pergunta inicial, afirma que sabe fazer o sotaque, tendo, ela mesma, nascido no Sul. Em seguida, ela faz uma afirmação sobre o sotaque ser *bem puxado* a depender da região, fazendo emissões bastante alongadas e com *ingliding* nesse enunciado, ilustrando a forma de falar enquanto a classifica. Então, a entrevistada afirma que, na sua região, o falar *não é tão puxado assim*, mas que *pode ser*. A supermodelo é natural de Panambi, cidade do Rio Grande do Sul que possui 38.058 habitantes (Censo de 2010) e que fica a 380 km de Porto Alegre. A apresentação da cidade no *site* de sua prefeitura³ faz referência ao uso da linguagem em um trecho que cita características herdadas da colonização alemã, tais como a *língua*, a religiosidade, a educação e a gastronomia. No *site*, consta, ainda, que a comunicação em alemão é comum entre os panambienses.

Carol Trentini está, em sua afirmação, distinguindo o falar de *sua região* do falar de outra região gaúcha, que seria marcada por um falar *bem puxado*. A partir disso, é possível formular a pergunta: que falares e que regiões a supermodelo está opondo? Se o falar *puxado* é o falar *cantado* e *dramático*, alongado e com *ingliding*, característico de Porto Alegre, é possível que a entrevistada esteja distinguindo-o do falar de outras cidades gaúchas. Diferentemente de Panambi, Porto Alegre é uma grande cidade, que conta com 1.409.351 habitantes⁴ (Censo de 2010) e que, por ser um centro urbano, reúne pessoas advindas de diferentes regiões, que se estabelecem, na cidade, por questões de trabalho e estudo. Essa diferenciação entre cidades, em termos de *sotaque*, não é surpreendente. Na verdade, além do *ingliding*, há diferentes variáveis fonético-fonológicas que distinguem o falar da capital do falar de cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul, como a palatalização das oclusivas alveolares (BATTISTI e ROSA, 2012; BATTISTI e DORNELLES FILHO, 2015) e a vocalização da lateral pós-vocálica (BATTISTI e MORAS, 2015; MORAS, 2017).

³ Dados obtidos em <https://panambi.atende.net/cidadao/pagina/dados-gerais> (acesso: 23/08/2021).

⁴ Dados obtidos em <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/> (acesso: 23/08/2021).

A partir das afirmações de Carol Trentini, portanto, o *ingliding* parece, em uma perspectiva mais ampla (em um programa de entrevistas reproduzido em todo o Brasil), caracterizar um falar entendido como *do Sul*. Em outra perspectiva, tal traço pode servir para opor regiões dentro da região *Sul*, de forma que a própria entrevistada especifica que seu falar não é *tão* marcado por aquelas características. Essas informações permitem que se estabeleça a pergunta: o falar com *ingliding* pode distinguir regiões dentro da região Sul (ou, mais especificamente, dentro do próprio estado do Rio Grande do Sul)? Além dessa, outras perguntas surgem da fala da supermodelo: haveria outro motivo para que Carol Trentini afirmasse que sua região não tem um sotaque *tão puxado*? Considerando que tanto ela quanto Tatá Werneck estão produzindo uma imitação estereotipada (e possivelmente debochada) de um sotaque que, inclusive, faz a plateia rir, o falar marcado pelas variantes mobilizadas seria avaliado negativamente? A que características esse falar é associado?

O trecho de entrevista do programa *Lady Night* está aqui sendo considerado como um exemplo, registrado em vídeo, de imitações e associações realizadas pelos falantes no trânsito social. Recorrer ao vídeo é, então, uma forma de dar materialidade ao que se ouve em diferentes situações. A partir da imitação presente na entrevista, pode-se supor que não somente apresentadora e entrevistada reconhecem os falares que imitam, mas também a plateia, que ri da imitação, pode reconhecê-los em alguma medida.

Na imitação realizada por Carol Trentini e Tatá Werneck, a produção de *ingliding* é frequente. Já no estudo de produção realizado por Oliveira (2018), foi verificada uma baixa proporção geral de aplicação do processo na comunidade de fala de Porto Alegre: 5% nos dados de fala da amostra LínguaPOA⁵ (2015-2019). Observa-se que, embora o traço seja mobilizado para construir um estereótipo do falar porto-

⁵ LínguaPOA é um acervo de entrevistas sociolinguísticas que reúne dados de fala do português de Porto Alegre (RS). Os informantes do LínguaPOA são estratificados por Gênero (homem; mulher), Zona da Cidade (Central; Norte; Sul; Leste), Renda do Bairro (renda alta; renda baixa), Faixa Etária (20-39 anos; 40-59 anos; 60+ anos) e Escolaridade (Fundamental, Médio, Superior). Informações sobre o acervo estão disponíveis no site: <https://www.ufrgs.br/linguapoa> (acesso: 31/10/2022).

alegrense, a proporção de aplicação do processo no português de Porto Alegre não é alta; trata-se de um caso de variação estável em que a variante ditongada é estratégia para construção estilística. Tendo isso em vista, cabe questionar: quem, então, produz *ingliding*? Quais são os efeitos do uso do *ingliding*?

Vale destacar outra regionalidade presente no diálogo do programa *Lady Night*, que tem a ver com o fato de que Tatá Werneck é natural do Rio de Janeiro (RJ). O *ingliding* ainda não foi estudado, no Brasil, em comunidades que não a porto-alegrense. Contudo, há pelo menos três menções ao ditongo centralizado em estudos linguísticos, todas inseridas no falar carioca: Colley (2009), ao estudar outros tipos de ditongação em uma análise acústica de dados do Rio de Janeiro, menciona a realização do ditongo centralizado como uma das possibilidades de emissão, ainda que não seja o foco do seu estudo; Silva (2011), em seu dicionário de Fonética e Fonologia, no verbete *ditongo centralizado*, menciona que, no PB, encontra-se esse tipo de ditongo, em ambiente tônico, no falar *carioca*; Arantes *et al.* (2018) realizaram um estudo acústico com dados de falantes da região metropolitana do Rio de Janeiro, identificando a trajetória formântica das vogais classificadas como ditongo centralizante (DC), termo utilizado para referir o *ingliding* pelos autores. Nesse sentido, chama atenção que, num diálogo entre uma gaúcha e uma carioca, o *ingliding* esteja sendo utilizado, pelas duas, como marca de um falar *do Sul*. Elas não chegaram a imitar um falar *carioca* na entrevista para que se pudesse estabelecer uma comparação entre suas produções estereotipadas. De todo modo, cabe a pergunta: o falar com *ingliding* é associado ao falar *gaúcho*, ao falar *carioca*, ou a ambos os falares?

Para complementar os questionamentos até aqui elencados, outro vídeo em que não linguistas abordam os usos da linguagem será trazido como exemplo. Trata-se de um vídeo composto de entrevistas realizadas na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro (RJ), em 1985, por Ernesto Varela, um personagem repórter do jornalista Marcelo Tas. Em um de seus programas, o repórter explica que irá mostrar quem é o carioca e o que ele faz no seu dia a dia. Para tanto, diversas pessoas são entrevistadas na praia e questionadas sobre as características dos cariocas.

Em dado momento do programa, o repórter faz menção a traços da forma de falar de um entrevistado (como seu alongamento vocálico, sua realização palatalizada de /S/ em coda silábica e sua realização fricativa de /R/ em coda silábica) e pergunta o motivo de o sotaque carioca ser assim. Ele também se propõe, em tom de brincadeira, a imitar o falar carioca para se disfarçar nas entrevistas, de modo a não revelar sua identidade paulista. O sotaque é, portanto, uma temática importante no programa em questão para abarcar o que é ser carioca.

A seguir, um trecho que aborda especificamente o *sotaque carioca* no programa está transcrito. Neste momento, Ernesto Varela entrevista uma criança, Alexandre, que aparenta ter cerca de 10 anos de idade. Na transcrição, foram marcadas vogais que são percebidas com *ingliding* no falar de Alexandre.

Ernesto: Escuta, vem aqui, como é que cê chama?

Alexandre: Alexandre.

Ernesto: Você é carioca?

Alexandre: Sou... Da gema.

Ernesto: Da gema?

Alexandre: (risos) É.

Ernesto: O que que que(r) dizer “da gema”?

Alexandre: Por... É... Nascido aqui, perto da praia, eu nasci aqui em Copacabana m[e^ɐ]sno.

Ernesto: É?

Alexandre: Na Baraf... Na Avenida Barata Rib[e^ɐ]ro.

Ernesto: Por que que vocês falam com esse sotaque todo, assim, como é que é isso?

Alexandre: (risos) É a ginga, né, tem muita ginga...

Ernesto: Ginga?

Alexandre: [ɛ^ɐ]...

Ernesto: ãhn...

Alexandre: Tem muita ginga, né, porque o pessoal aqui...

Ernesto: ãhn...

Alexandre: É muito mais descontraído, é um pessoal solto, liberal...

Ernesto: Solto do quê?

Alexandre: (risos) Não... Solto, que eu digo, assim, pô, um pessoal descontraído, que... Tá sempre... Numa boa.

Ernesto: Numa boa...

Alexandre: [ɛ^ɐ]...

Ernesto: ãhn... E como é que vocês fazem pra fica(r) sempre numa boa?

Alexandre: (risos) É só voc[e^ɐ]... Te(r) muita alegria [i^ɐ]...

Ernesto: Ah é?

Alexandre: Se(r) como voc[e^ɐ]...

Ernesto: Ah é? Muito obrigado, Alexandre. O que que vo... Você tem alegria por causa do quê?

Alexandre: Não, porque eu acho que... É... Uma das coisas mais maravilhosas é a vida, pô...

Ernesto: É...?

Alexandre: A gente tendo vida, saúde, tá tudo bem.

Ernesto: Tá tudo bem?

Alexandre: Tá...

Ernesto: Me dá uma dica, então, pra eu conversar com seus compatriotas cariocas. Como que eu devo se(r), assim, pra conversa(r) com eles? Eu sou lá de São Paulo, não entendo bem isso, como é que é?

Alexandre: (risos) Bom, você só precisa se(r)... Liberal, você chega(r), p[**o**], é... Com a ginga...

Ernesto: Liberal?

Alexandre: [**ε**]...

Ernesto: Faz aí pra eu ve(r), como é que é?

Alexandre: Pô, cara, tudo chocante aí? Tudo man[**e**]ro? Pô, aí, vou chegando, tchau.

Ernesto: Vou che... Cê já chegou já sa... Tudo chocante, tudo maneiro?

Alexandre: (risos) [**ε**]...

Ernesto: Tá bom, eu vou tenta(r), hein, Alexandre. Tá bom, obrigado, hein!⁶

Na entrevista, Alexandre utiliza uma série de variantes linguísticas que são, no nível da estereotipia, atribuídas ao falar carioca. O uso do ditongo centralizado é uma das marcas de seu falar, aparecendo especialmente em contextos em que Alexandre faz um alongamento seguido de pausa, marcados pelas reticências na transcrição, enquanto demonstra pensar no que falará em seguida. Quando solicitado a demonstrar a forma de falar que descreve, Alexandre abusa das gírias, o que não surpreende, visto que o reconhecimento de gírias é mais consciente por parte dos falantes.

Além da marcada realização do *ingliding*, chamam atenção, na entrevista de Alexandre, as explicações que ele dá para o jeito de falar. O menino faz uma série de referências a performances estilísticas, a jeitos de ser e a usos do corpo. De acordo com sua percepção, seu falar é como é porque é constituído de uma *ginga* característica de quem é *descontraído, solto, liberal*, de quem está *sempre alegre, sempre numa boa*. Ernesto Varela performa um estilo distinto, marcando-se como um paulista que investiga as práticas cariocas. Ele está de roupa social e tênis na praia, conversando com pessoas em trajes de banho, como é o caso de Alexandre, que está sem camisa, vestindo calção.

⁶ Vídeo obtido em <https://www.youtube.com/watch?v=Fu1M7nJwdmk> (acesso: 12/10/2022).

Na entrevista, o repórter insiste para Alexandre aprofundar suas explicações e o menino, enquanto busca as palavras, alterna entre deixar a mão confortavelmente na cintura e gesticular com os braços, fazendo movimentos amplos com o corpo, que parecem ser parte de sua construção estilística descolada e com ginga. Seu tom é bem-humorado a todo momento, marcado pelas risadas após os questionamentos de Ernesto.

Outro dado interessante a respeito dos estilos construídos diz respeito a um momento seguinte à entrevista de Alexandre, quando o repórter se propõe a investigar a *moda carioca*. Um dos entrevistados responde que a moda do Rio de Janeiro é o *surfe*. A partir disso, Ernesto explica o que é o surfe e, depois, entrevista um surfista que fala sobre sua prancha, rodeado de amigos, e menciona uma lista de coisas que parecem lhe interessar: “alegria, verão, surfe, *Rock in Rio*”⁷. Ernesto diz ao surfista que eles usam algumas “palavras estranhas” e pede para que ele lhe ensine algumas gírias. O surfista responde dizendo: “É que tu é meio careta, né, parceiro”, o que gera riso nos amigos, seguidos da afirmação do surfista de que “a rapaziada entende” o que ele está dizendo. Ernesto pergunta, então, o que é ser “careta”, e outra pessoa próxima responde: “É o cara que não entende das coisas” e “não sabe o que que é a gíria, não sabe conversar, é meio devagar, não sabe qual é”.

Os exemplos extraídos desse vídeo mostram o esforço de alguns falantes para atribuir sentido a suas práticas linguísticas. Para responder às questões do repórter, tentam buscar justificativas para seus usos da linguagem e as encontram nos estilos que compõem, vinculados a uma *persona surfista* e a estilos *descontraídos, soltos, liberais, alegres, numa boa, com ginga*, opostos ao que é ser *careta*. Investigar a significação social dos usos linguísticos requer que se vá além do nível do estereótipo e daquilo que os próprios falantes acreditam que fazem, mas certamente suas afirmações são reveladoras de intenções estilísticas e de *personae* que desejam projetar. A partir das percepções e avaliações tornadas explícitas pelos entrevistados, o questionamento

⁷ O evento *Rock in Rio*, que teria sua primeira edição na cidade em breve, era um dos assuntos do momento.

sobre a relação entre o *ingliding* e estilos de vida *descontraídos*, construídos com o corpo, suscita a investigação de seus significados sociais.

Os estudos de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021), conforme se discute no Capítulo 1, exploram a relação entre *ingliding*, *personae* e estilos de vida. Há, ainda, questões em aberto que justificam novas investigações. Em linhas gerais, para além da produção linguística e da análise de práticas sociais dos produtores de *ingliding*, é preciso explorar como o ditongo centralizado é percebido e avaliado. Essa é a questão-norteadora desta tese, que tem, como objetivo geral, compreender os significados sociais do *ingliding*. Decorrem, do objetivo geral, algumas questões específicas, associadas a regionalidades:

- (i) Como o *ingliding* é percebido e avaliado pelos porto-alegrenses?
- (ii) Como o *ingliding* é percebido e avaliado pelos gaúchos?
- (iii) Como o *ingliding* é percebido e avaliado pelos brasileiros?

Em relação à questão (i), a respeito da avaliação do *ingliding* por porto-alegrenses, é possível traçar hipóteses com base nos estudos anteriores, em especial nos resultados de Oliveira (2018). Se os estilos de vida construídos com a variável se associam às características *descolado*, *despojado* e *descontraído*, observáveis a partir das declarações dos agentes que mais produzem o ditongo centralizado, é possível que o *ingliding* as indexe. Nesse sentido, entender a percepção e a avaliação do *ingliding* por porto-alegrenses permitirá estabelecer comparações entre estas e as práticas linguísticas e sociais desveladas nos estudos de Oliveira (2018, 2021). Embora deva existir relação entre os estilos construídos por quem mais produz *ingliding* e a forma como a variável é percebida e avaliada, a relação entre *personae* projetadas e percebidas/avaliadas não é direta ou inequívoca. Desse modo, é preciso descobrir como os porto-alegrenses percebem e avaliam falares com *ingliding*, seja em concordância com ou a despeito das práticas sociais que são realizadas por quem faz uso do ditongo centralizado.

Além de investigar de que maneira o falar com *ingliding* é percebido por porto-alegrenses, é necessário compreender, também, como a variável é avaliada por

gaúchos, conforme apresenta a questão (ii). O ditongo centralizado é frequentemente mobilizado para ilustrar um falar de Porto Alegre, muitas vezes em oposição ao falar de outras regiões do Rio Grande do Sul. Dessa forma, pode-se supor que exista uma camada de significação social do *ingliding* associada a um sentido de *pertença* à capital do Rio Grande do Sul. Contudo, embora a variável seja estereotipicamente mobilizada para construir falares entendidos como porto-alegrenses, seria interessante investigar se ela também seria reconhecida como porto-alegrense em um estímulo de áudio que não se constituísse de uma imitação exagerada, e se os traços percebidos para caracterizar o falar com *ingliding* são os mesmos para porto-alegrenses e para gaúchos não porto-alegrenses. Entender a percepção do *ingliding* por falantes sul-riograndenses é importante para descobrir se o processo faz com que os falantes soem mais ou menos porto-alegrenses na comparação com diferentes falares gaúchos. Para o estudo da significação social, também é relevante saber que diferenças de valoração do falar surgem a depender do local onde as pessoas moram.

Por fim, conforme postula a questão (iii), ainda é preciso compreender como falantes de outros lugares do Brasil, de fora do Rio Grande do Sul, percebem o falar com *ingliding*. Conforme mencionado, há algumas referências ao ditongo centralizado no português brasileiro que o associam ao falar carioca (COLLEY, 2009; SILVA, 2011; ARANTES *et al.*, 2018). Além disso, segundo Oliveira (2018), se há relação entre o falar com *ingliding* e o falar carioca, e se o processo teve incremento no movimento jovem dos anos 1980 (MIGOTTO, 2015), em que artistas cariocas inspiraram artistas gaúchos, o movimento pode ter desencadeado, inclusive, importação de normas a respeito do *ingliding*. Para desvendar essa questão, bem como para ampliar o estudo da variável e abrir caminhos para que ela seja estudada em diferentes variedades do PB, é importante investigar como pessoas de diferentes lugares do Brasil percebem e avaliam o falar com *ingliding*.

Por trás da formulação das perguntas (i), (ii) e (iii) há uma questão primordial para este estudo: há diferenças na percepção e na avaliação do *ingliding* a depender da comunidade de fala considerada? Se, conforme Oliveira (2018, 2021), o *ingliding* é uma

prática estilística corporificada, isto é, um estilo articulatorio – que, na definição de Bourdieu (2008 [1982]), é um estilo de vida que se faz no corpo – marcado por relaxamento de tensão articulatória, é possível que o *ingliding* indexe significados sociais semelhantes, fundamentados no corpo, mesmo considerando-se diferentes grupos de falantes. Para Oliveira (2018, 2021), o *relaxamento* articulatorio deve ter a ver com *relaxamento* corporal (no sentido de *distensão/afrouxamento*), e isso pode ter impactos na construção de estilos de vida relaxados que, por extensão, podem ser *descontraídos, desencanados, despojados*. Nessa perspectiva, pode haver também uma construção que tenha como base uma relação icônica entre a variável e seus significados sociais, isto é, a própria caracterização fonética do *ingliding* motivaria a construção de determinados significados sociais. Se essa relação de fato existe, falantes de diferentes regiões do país devem, em comum, associar o *ingliding* a traços mais diretamente associados ao *relaxamento de tensão* que, em sua produção, faz o *glide* central surgir ao final da emissão vocálica.

Para investigar essas hipóteses, faz-se necessário comparar os resultados de um mesmo experimento de percepção e avaliação que considere falantes de diferentes características sociais, diferenciados pelas comunidades de fala de que fazem parte. Além disso, é preciso realizar um experimento de percepção multimodal, em que a dimensão do corpo esteja presente, contemplando a oposição *tenso-distenso* que parece ser utilizada, inclusive pelos próprios falantes, para distinguir estilos de vida. Se o *ingliding* é uma variável linguística corporificada, pode haver significados gerais indexados pela variável, para além daqueles associados a regionalidades.

Além das contribuições para o estudo da variável em questão, esta tese visa a produzir contribuições de cunho teórico a respeito da relação entre produção, percepção e avaliação linguística. Para tanto, a investigação considera os resultados anteriores, de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021), e os compara a análises de percepção e avaliação linguística, realizadas no presente estudo. Interessa, nesse sentido, aprofundar reflexões sobre diferenças e semelhanças entre *personae* projetadas e percebidas, e sua associação com o uso e a avaliação de variáveis linguísticas.

O presente estudo também busca discutir a seguinte questão-problema: é possível estabelecer pontos de convergência entre diferentes significados sociais atribuídos a uma mesma variável? Essa questão se origina de uma elaboração do estudo de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021), que identifica dois estilos de vida distintos dentre os produtores de *ingliding* e que, com base nas práticas dos agentes sociais, parece, sim, encontrar pontos de convergência ancorados no *relaxamento* corporal que constroem diferentes estilos com o *ingliding*. Em termos de percepção e avaliação social, estes pontos de convergência existem? Isto é: há uma espécie de cerne, ou de significado social primário, do qual decorrem outros mais específicos? Afinal, há significados sociais do *ingliding* que decorrem de usos do corpo?

Para Podesva (2015, 2021), a corporificação (*embodiment*) de posturas é um aspecto que precisa ser contemplado nos estudos de variação linguística, mas que ainda é muitas vezes relegado à agência estilística, possuindo caráter marginal nas investigações. A relação entre usos linguísticos e maneiras de portar o corpo não é nova. Ela é, inclusive, tornada explícita por Bourdieu (2008 [1982]), autor muitas vezes mencionado em estudos sociolinguísticos, ainda que de maneira pontual. Mais recentemente, estudos variacionistas (PRATT, 2016, 2018; PRATT e D'ONOFRIO, 2017; PODESVA, 2021) têm incluído a corporificação como elemento importante nas análises da significação social. O aspecto tem sido contemplado especialmente em estudos de produção linguística que, para tanto, fazem uso de materiais gravados em vídeo e pesquisa etnográfica, uma vez que o simples registro sonoro de gravações limita a investigação da corporificação.

O presente estudo se insere no empreendimento de englobar a corporificação no estudo da significação social. Nesse sentido, faz coro a investigações recentes que enfrentam o desafio da multimodalidade nas pesquisas e a necessidade da interdisciplinaridade dos estudos sociolinguísticos. O desafio da investigação é, no caso desta pesquisa, estudar a dimensão da corporificação na percepção da variação linguística. Realiza-se, para tanto, um experimento de percepção que contempla informação visual de posturas corporais. Busca-se, com isso, não apenas aprofundar o

estudo do *ingliding*, mas também propor uma possibilidade de análise, que pode ser aprimorada e adaptada para outros estudos sociolinguísticos que incluam a dimensão do corpo na investigação. Noções da teoria social de Bourdieu (1977, 1998 [1993], 2008 [1982], 2012 [1998], 2015 [1979/1982]) são utilizadas no trabalho não só para elencar aspectos necessários ao estudo da variação, mas também para analisar os resultados obtidos.

Para desenvolver as questões de investigação que motivam o presente estudo, esta tese se organiza em quatro capítulos. O primeiro capítulo retoma os resultados dos estudos anteriores do *ingliding* em Porto Alegre. Nesse capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos da investigação do *ingliding*, entendido como prática estilística, bem como as questões já respondidas nos estudos e aquelas que permanecem em aberto, algumas das quais são exploradas nesta tese.

No segundo capítulo, a fundamentação teórica da investigação é apresentada. Discute-se o conceito de *significado social* nos estudos sociolinguísticos, conceituam-se *percepção* e *avaliação*, contemplando estudos recentes realizados com variáveis fonético-fonológicas e, por fim, investiga-se o lugar que ocupa a dimensão do *corpo* no estudo da variação linguística, recuperando tanto pressupostos teóricos estabelecidos há mais tempo quanto questionamentos atuais.

O terceiro e o quarto capítulo são destinados aos estudos de percepção e avaliação realizados nesta tese, cada um deles a partir de um experimento diferente⁸. No terceiro capítulo, apresentam-se a metodologia, as análises e os resultados de um questionário de percepção e avaliação composto de perguntas que abrangem diferentes dimensões da significação social do *ingliding*, referido como Experimento de Percepção e Avaliação. O questionário, realizado com porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros, solicita que os ouvintes classifiquem o falar e o falante que estão ouvindo, selecionando características previamente elencadas e fornecendo respostas próprias

⁸ Os experimentos desenvolvidos para este estudo tiveram sua realização aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (parecer nº 5.262.539, 24/02/2022).

em forma de texto escrito. A partir da investigação, busca-se discutir os significados sociais potenciais do *ingliding*.

No quarto capítulo, outro experimento, o Experimento do Ilustrador, é apresentado e tem seus resultados discutidos e analisados. Trata-se de um experimento que solicita aos ouvintes que selecionem, dentre duas opções disponíveis, uma ilustração que melhor representa o falar por eles ouvido. As ilustrações são desenhos de uma mesma pessoa ora em uma postura tensa, ora em uma postura distensa. A partir dos resultados desse experimento, discute-se a corporificação do *ingliding*, mais especificamente os significados sociais do processo que se relacionam com usos estilísticos do corpo. Faz-se, nesse capítulo, um movimento de retomada dos resultados anteriores e de interpretação dos novos resultados, explorando a percepção e a avaliação de estilos construídos com *ingliding*.

Por fim, a Conclusão retoma as perguntas de pesquisa, as hipóteses e os resultados encontrados nos dois experimentos realizados para propor caminhos de interpretação dos achados e sistematizar as contribuições deste trabalho. Além de organizar os resultados e as reflexões a respeito da significação social do *ingliding* e da importância da inclusão da dimensão do corpo em estudos sociolinguísticos, a Conclusão aponta caminhos futuros para investigar o *ingliding* e sugere possibilidades para contemplar a corporificação em estudos de percepção e avaliação linguística.

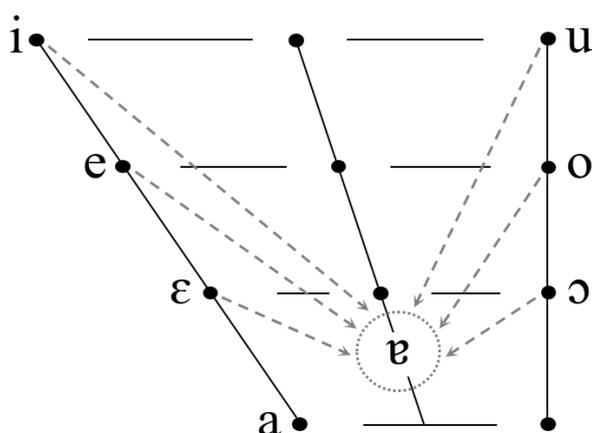
1 INGLIDING COMO PRÁTICA ESTILÍSTICA EM PORTO ALEGRE

Apresento, neste capítulo, a variável linguística estudada nesta tese: o *ingliding* de vogais em sílabas tônicas no português falado em Porto Alegre. Na seção 1.1, pressupostos teóricos do estudo do *ingliding*, entendido como prática estilística, são expostos. Na seção 1.2, resultados dos trabalhos mais recentes sobre o *ingliding* em Porto Alegre são revisados, de modo a apresentar tanto o que já foi realizado quanto as questões em aberto, que serão investigadas neste trabalho.

1.1 Pressupostos teóricos do estudo do *ingliding* como prática estilística

O *ingliding* de vogais em sílabas tônicas (*caf[ɛ]~caf[ɛʲ]*, *ag[ɔ]ra~ag[ɔʲ]ra*) é um processo fonético que cria ditongos centralizados. No português falado em Porto Alegre, trata-se de um processo variável que afeta vogais em sílabas tônicas. A Figura 1 representa o movimento de centralização do *ingliding*, que ocorre em vogais altas, médias-altas e médias-baixas no falar porto-alegrense.

Figura 1 – Representação do *ingliding* sobre o trapézio das vogais



Fonte: Oliveira (2018, p. 64), adaptado de Oliveira (2016, p. 33)

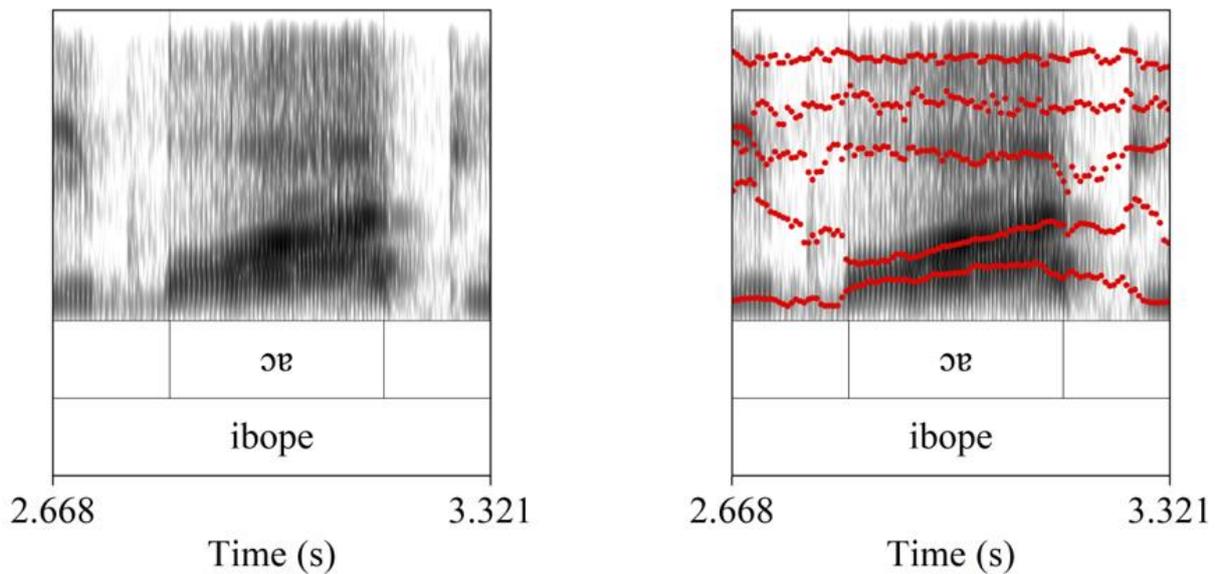
O primeiro estudo a respeito do *ingliding* em Porto Alegre foi realizado por Battisti (2013). A autora afirma, a partir da definição de Clements e Hertz (1996), que o processo se define como uma realização ditongada que resulta de centralização vocálica. Trata-se de uma estrutura de contorno que é intrínseca ao fone vocálico e que, diferentemente dos demais casos de ditongos falsos caracterizados por Bisol (1989, 1994, 2012), não é determinada coarticulatoriamente. Battisti (2013) explica que, para Bisol (1989, 1994, 2012), os ditongos falsos, que possuem apenas uma vogal subjacente, são derivados de regra assimilatória determinada pelo contexto seguinte (/S, ʃ, ʒ, r/), como em *peixe~pexe*, *caixa~caxa*, *feira~fera*, *ouro~oro*. Tendo em vista que não se encontram evidências de que os ditongos centralizados do falar de Porto Alegre originem-se de assimilação de traço, como no caso dos ditongos falsos, Battisti (2013) opta por chamar o processo de *ingliding*, diferenciando-o, assim, dos demais casos de ditongação.

Em etapa seguinte do estudo, Battisti e Oliveira (2014) analisaram acusticamente (com medidas de duração absoluta, de F2 e de F0) algumas realizações vocálicas com e sem *ingliding* a partir de dados de fala de uma falante porto-alegrense considerada como protótipo do falar com o ditongo centralizado. Como resultado, os autores encontraram que as realizações que soam ditongadas possuem uma combinação de pistas: aumento de duração e considerável variação de F2 no sentido da centralização, de forma que o *glide* que surge da emissão com *ingliding* é semelhante à vogal [a] nuclear emitida pela mesma falante. Um exemplo de diferença, encontrada por Battisti e Oliveira (2014), entre uma emissão sem *ingliding* e uma emissão com *ingliding* em um mesmo contexto, é o da palavra “ibope”. A emissão alongada e com *ingliding* teve duração absoluta de 320 ms, F2 inicial de 855 Hz e F2 final de 1355 Hz⁹; ao passo que a emissão sem alongamento e *ingliding* teve duração absoluta de 96 ms, F2 inicial de 1053 Hz e F2 final de 1166 Hz. A emissão alongada e centralizada está representada na Figura 2. Apresenta-se, à esquerda, o espectrograma da palavra

⁹ A média de F2 da vogal [a] desta falante, obtida por Battisti e Oliveira (2014, p. 50), foi de 1417 Hz.

“ibope”; à direita, acrescenta-se ao mesmo espectrograma o rastreamento dos formantes, realizado pelo Praat (BOERSMA e WEENINK, 2016).

Figura 2 – Espectrogramas de ib[ɐ̃]pe



Fonte: Oliveira (2018, p. 65), adaptado de Battisti e Oliveira (2014, p. 49)

Verificou-se, na análise acústica, que o *glide* central que emerge das realizações com *ingliding* parece ser equivalente a [ɐ̃]. Além disso, o processo pode ocorrer com qualquer das vogais tônicas [i, e, ε, ɔ, o, u] e parece não ocorrer com [a], justamente porque o espaço articulatorio que ocupa o *glide* central é bastante semelhante à articulação de [a] em posição nuclear.

Battisti e Oliveira (2014) também investigaram a motivação entoacional e prosódica do *ingliding*, a partir de Ladd (2008) e Frota (1998), uma vez que o processo poderia estar relacionado à posição proeminente em relação ao sintagma entoacional. Como resultado de uma análise qualitativa de F0, os autores encontraram pistas de que o *ingliding* ocorre no último elementoônico de sintagmas entoacionais. É o que se percebe no seguinte exemplo, extraído da falante prototípica, em que há três ocorrências seguidas de *ingliding* no final de sintagmas entoacionais: [o jabá é um termo ant[i^v]go]_I [n[ε^v]]_I [quer diz[e^v](r)]_I (“o jabá é um termo antigo, né, quer dizer”).

Considerando esses achados, é possível que o *ingliding* surja como efeito de marcação de limite de sintagma entoacional, sendo realizado no elemento mais proeminente desse constituinte, onde recai, também, o tom.

Feita a caracterização fonética do *ingliding*, o processo foi objeto de dois estudos-piloto: um de percepção e avaliação (OLIVEIRA, 2015), outro de produção linguística (OLIVEIRA, 2016). O primeiro desses estudos, de Oliveira (2015), foi realizado a partir da *matched-guise technique* (MGT), ou técnica de falsos pares (LAMBERT *et al.*, 1960), e da *hand-drawn maps technique*, ou técnica de mapas desenhados (PRESTON, 1989), tendo seus experimentos construídos com base em Oushiro (2015) e Rosa (2014).

Na MGT, oito ouvintes nativos porto-alegrenses (um homem e uma mulher de cada uma das quatro zonas da cidade: central, norte, leste e sul) realizaram o experimento, aplicado presencialmente, e classificaram oito falares ouvidos, gravados por quatro falantes (dois homens e duas mulheres), ora com, ora sem *ingliding*. Os resultados apontaram que o falar com *ingliding* foi percebido como uma marca de *sotaque* e como um falar menos *formal*, que pode ser associado a características como *desencanado*, *descolado* e *preguiçoso*¹⁰.

Na técnica de mapas desenhados, os informantes foram convidados a traçar linhas em um mapa de Porto Alegre e associar cada região a formas de falar. Nos mapas, a zona central, de alto índice socioeconômico, foi associada a um *sotaque porto-alegrense* por aqueles que frequentam ou gostam do centro da cidade. Esse falar foi classificado como *cantado*, *arrastado* e *descansado*, além de associado ao bairro Bom Fim. Regiões mais periféricas da cidade, de baixos índices socioeconômicos, foram consideradas como *falar menos cantado* (fala truncada, com muitas gírias) e *falar do interior* (fala mais grosseira, zona rural).

Em outro estudo-piloto, o primeiro estudo sociolinguístico de produção do *ingliding*, Oliveira (2016) investigou a realização da variável em uma amostra de oito informantes porto-alegrenses que gravaram entrevistas sociolinguísticas para o acervo

¹⁰ Uma proposta de *campo indexical* do *ingliding*, baseada em Eckert (2008) e considerando os resultados de Oliveira (2015), foi elaborada por Battisti e Oliveira (2016, p. 24).

LínguaPOA (2015-2019), que compõe a amostra-piloto desse banco de dados. Os informantes foram estratificados por Gênero (homem, mulher) e Zona da Cidade (central, norte, leste, sul). Oliveira (2016) realizou análise de regra variável com dados de fala da única informante que, de oitiva, fez uso do *ingliding* na amostra considerada. Como resultado, o autor verificou favorecimento do processo por vogais médias-baixas e por sílabas abertas. Além disso, a proporção de aplicação no falar da informante foi baixa: 9,5% dos casos. O processo também se mostrou como efeito de marcação do sintagma entoacional, conforme hipótese aventada, uma vez que surgiu apenas nesse contexto.

Naquela etapa da pesquisa, Oliveira (2016) formulou a hipótese de que o *ingliding* poderia compor um estilo vinculado ao movimento jovem que ocorreu no Bom Fim nos anos 1980, de transgressão, inovação cultural e reivindicação por liberdade, o que explicaria a associação do falar ao bairro Bom Fim e, também, alguns dos significados sociais encontrados. A informante que produz *ingliding* na amostra de Oliveira (2016) se marca como alguém que fez parte desse movimento e que, inclusive, identifica o jovem do Bom Fim dos anos 1980 como *louco* e como alguém que *canta* ao falar. Explorando essa hipótese, Battisti e Oliveira (2017) fizeram, a partir dos resultados de Oliveira (2015, 2016), e com base em algumas noções da teoria social de Bourdieu, uma descrição do espaço social de Porto Alegre e de sua organização em classes sociais. Para os autores, os produtores de *ingliding* no movimento jovem dos anos 1980 no Bom Fim devem ocupar posições relativamente superiores no espaço social e, também, mobilizar capital cultural.

Todas as etapas do estudo do *ingliding*, desde sua caracterização fonético-fonológica até os primeiros passos dos estudos de percepção, avaliação e produção, bem como as propostas de análise daí decorrentes, possibilitaram que Oliveira (2018) investigasse a variável a partir da perspectiva estilística, isto é, considerando o *ingliding* como *prática estilística*. Antes de elencar os resultados obtidos por Oliveira (2018), tomados como ponto de partida do presente trabalho, faz-se necessário desenvolver as noções que fundamentam a concepção de que o *ingliding* é uma *prática*

estilística, uma vez que essa perspectiva segue sendo adotada na presente tese. Para tanto, realiza-se uma breve revisão da proposta de organização de Eckert (2005, 2012) para os estudos sociolinguísticos, com foco nas diferentes perspectivas de *estilo* adotadas.

Perspectiva estilística é a forma como Eckert (2005, 2012) nomeia as pesquisas que considera de *terceira onda*, em sua muito referida organização dos estudos da variação e da mudança linguística em três *ondas* ou *vertentes*. A divisão da autora contempla diversos aspectos, como o foco dos trabalhos, as amostras consideradas e os métodos empregados. Tal organização em *ondas* não tem o intuito de categorizar as pesquisas em uma ordem lógica de evolução, ou de propor que as vertentes não possam ser complementares: pelo contrário, a autora defende que a complementaridade das ondas pode garantir uma maior abrangência nos estudos sociolinguísticos.

Na proposta de Eckert (2005, 2012), os estudos de primeira onda são aqueles de larga escala, que buscam os padrões de distribuição das variáveis e as correlações entre variáveis linguísticas e sociais em grandes populações urbanas geograficamente definidas. Nessas investigações, *estilo* é concebido como atenção prestada à fala, sendo orientado por noções de prestígio e estigma. Uma das vantagens dos estudos de larga escala diz respeito, justamente, à cobertura de grandes comunidades e aos métodos quantitativos replicáveis, que se utilizam de categorias sociais pré-definidas, como gênero, faixa etária, escolaridade, entre outras.

Nos estudos de segunda onda, as categorias sociais não são pré-definidas: em vez disso, busca-se desvendar categorias sociais localmente definidas e salientes, que funcionam como intermédio para categorias macrossociais. Nessas pesquisas, as comunidades estudadas são menores, e há uma busca por significados sociais locais que expliquem a motivação para o uso das variantes linguísticas. Na segunda onda, *estilo* é entendido como atos de afiliação a uma comunidade, sendo interpretado a partir de relações de pertença à comunidade.

A terceira onda da sociolinguística, ou *perspectiva estilística*, concebe, como a segunda onda, que a língua é uma prática social (ECKERT, 2000). Nos estudos desta

vertente, o foco está na busca pelos significados sociais da variação linguística. Entende-se, nessa perspectiva, que as variáveis se conectam a categorias macrosociais indiretamente. A construção de *estilo*, que é compreendido como uma *prática* de criação de *personae* (tipos sociais explicitamente localizados na ordem social), também é foco nos trabalhos de terceira onda.

Um aspecto que a organização dos estudos sociolinguísticos em ondas, feita por Eckert (2005, 2012), evidencia, é o de que há diferentes maneiras de abordar *estilo* na Sociolinguística. Na perspectiva da terceira onda, *estilo*, assim como a língua, não é uma *coisa*, e sim uma *prática* que se constitui através de um processo de *bricolagem*, em que há combinações de elementos linguísticos e não linguísticos para construção de novos significados e modificação de significados antigos. *Estilo* pode se referir, como afirma Coupland (2007), a como os falantes criam formas distintas de falar, através da combinação de variáveis, para construção de significados: trata-se de uma ampla gama de ações estratégicas e performances realizadas pelos falantes em suas construções identitárias e em suas vidas sociais.

Na perspectiva estilística, entende-se que as variáveis indexam, na forma de instâncias, atividades e características, significados sociais dinâmicos. Para representar a organização dos significados sociais de uma variável linguística, Eckert (2008) propõe, com base em Silverstein (2003)¹¹, o conceito de *campo indexical*: uma constelação de significados sociais potenciais, ideologicamente relacionados, que são indexados por variáveis linguísticas. Os significados sociais não são estáticos, precisos ou fixos, mas sim relativos e sujeitos a um constante processo de reinterpretação. Os significados atribuídos a uma variável dependem da perspectiva do ouvinte, e, também, do estilo ao qual ele está associado.

Para Eckert (2005, 2012), portanto, compreender uma variável como prática estilística não significa simplesmente relacionar variáveis e estilos, mas sim considerar a localização das variáveis nos estilos como parte integral da construção de significado

¹¹ Ver seção 2.1.

social. A prática estilística envolve negociação, interpretação e produção de estilos, o que está ligado à ordem social mais ampla. Os movimentos estilísticos se ligam, nessa concepção, a questões ideológicas e aos posicionamentos dos sujeitos no mundo.

Oliveira (2018) parte dos fundamentos teóricos aqui mencionados para considerar o *ingliding* como uma prática estilística. Ademais, o autor utiliza noções da teoria social de Pierre Bourdieu, especialmente o que o sociólogo chama de *estilo de vida*, para interpretar os resultados do estudo do *ingliding*. Considerando o ganho explicativo que tais noções possibilitaram na compreensão do *ingliding*, elas serão aqui retomadas.

Para compreender o que Bourdieu (2015 [1979/1982]) conceitua como *estilo de vida*, é preciso explorar a noção de *habitus*, postulada pelo sociólogo. Bourdieu (2015 [1979/1982]) afirma que o *habitus* se constitui de disposições duradouras, que os agentes sociais possuem, para produzir e apreciar práticas, atuando, portanto, tanto em seus esquemas de percepção quanto em sua ação (produção das práticas). Para o autor, o *estilo de vida* se localiza justamente na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, entre a capacidade de produzir e de apreciar práticas. Bourdieu (2015 [1979/1982], p. 165) define *estilo de vida* como “conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva”. O *estilo de vida* é, portanto, composto de intenções expressivas, conscientes ou inconscientes, dos agentes sociais.

Estilo de vida, para o autor, também se relaciona com as noções de *classe*, essa definida pela oposição/distinção entre agentes sociais no espaço social, e de *gosto*, entendido como uma fórmula geradora que se encontra na origem do *estilo de vida*. Para o autor, existe algo chamado de *senso da homologia entre bens e grupos*, isto é, os agentes sociais tendem a consumir aquilo que entendem que esteja de acordo com sua posição no espaço social. Nessa perspectiva, classes dominantes são marcadas pelos *gostos de luxo*, e classes dominadas estão fadadas ao *gosto da necessidade*. Membros de

uma mesma classe partilham *habitus*, ou seja, compartilham normas para realização e apreciação de práticas.

Essas e outras noções de Bourdieu são mobilizadas para interpretar os resultados dos estudos de produção linguística do *ingliding* de Oliveira (2018). O autor opera, portanto, tanto com as definições de *estilo* para a Sociolinguística, quanto com o conceito de *estilo de vida* conforme postulado por Bourdieu (2015 [1979/1982]), entendendo que a teoria social do autor merece ganhar espaço em estudos sociolinguísticos de terceira onda, uma vez que fornece bases para interpretar práticas sociais e seus impactos no espaço social.

Na seção seguinte, apresentam-se os principais achados de Oliveira (2018), estudo de produção linguística que, na presente tese, é resgatado para comparar resultados obtidos com aqueles já encontrados. A seção também conta com uma revisão de Oliveira (2021), que amplia o estudo anterior, contemplando uma etnografia realizada nos anos 1980 no bairro Bom Fim. Além de destacar os principais resultados dos estudos de produção, a seção seguinte destaca as questões em aberto que motivam as novas etapas de investigação a respeito do *ingliding*.

1.2 *Ingling* em Porto Alegre: questões respondidas e questões em aberto

Oliveira (2018) desenvolve seu trabalho a respeito do *ingliding* considerando todas as etapas anteriores da pesquisa e dando sequência à análise que faz uso de noções da teoria social de Bourdieu. Para tanto, explora significados sociais e estilos de vida associados à variável, com o objetivo de descobrir e explicar tanto o padrão de variação quanto as práticas sociais que o sustentam. O autor faz uma revisão teórica a respeito das definições de ditongo em estudos fonéticos e fonológicos que lhe permite considerar, na investigação sobre o *ingliding*, a concepção de ditongo como uma vogal com mudança perceptível de qualidade (CAGLIARI, 1981; CRYSTAL, 2008; LADEFOGED e MADDIESON, 1996; LAVER, 1994). Ressalta, portanto, que *ingliding* é o nome dado à variável estudada por se referir ao processo fonético que abarca duas

variantes: o monotongo e o ditongo centralizado.

A metodologia de Oliveira (2018) incluiu análise de regra variável (regressão logística, modelo linear geral de efeitos mistos) e análise sistemática de práticas estilísticas relatadas pelos agentes sociais em duas amostras: (1) dados de fala do *Filme Sobre um Bom Fim* (MIGOTTO, 2015); (2) dados de fala de 24 entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, estratificadas por Gênero, Faixa Etária e Zona. Além disso, o autor realizou procedimentos etnográficos no Sarau Elétrico, evento que reúne música e literatura e ocorre no Bar Ocidente (local de relevância para o movimento jovem dos anos 1980), em Porto Alegre, no bairro Bom Fim.

Os resultados de Oliveira (2018) seguem confirmando o que já apontavam os estudos anteriores: o *ingliding* surge em contexto de proeminência prosódica no sintagma entoacional. Também revelam que o processo é favorecido por vogais médias-abertas – mais próximas ao *glide* central que surge no processo, e com maior duração intrínseca (LEHISTE, 1970) – e por pausa ou segmentos seguintes coronais (sendo desfavorecido por segmentos que podem resultar no encurtamento da vogal). O processo de ditongação, que surge da própria vogal, pode ser resultado de aumento de duração vocálica (DONEGAN, 1978). Oliveira (2018) verifica, ainda, que o processo é inibido quando a vogal alvo precede uma nasal palatal. Para explicar esse achado, o autor retoma Wetzels (2000), que demonstra que a nasal palatal não pode ser precedida por ditongo.

As proporções de aplicação da investigação de Oliveira (2018) revelam que o *ingliding* ocorre três vezes mais no *Filme Sobre um Bom Fim* (15,5%) do que na amostra do LínguaPOA (5%), o que se pode atribuir à *persona* ‘jovem do Bom Fim’, que é tomada como modelo cultural (GAL, 2016) e pode ser mobilizada por determinados participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* para projetar traços de uma identidade social *descolada, transgressora, louca, inovadora*. No Sarau Elétrico, a aplicação de *ingliding* é, para o autor, capital cultural usado por agentes sociais que relembram, com saudade, o passado porto-alegrense.

Na amostra do LínguaPOA de Oliveira (2018), o *ingliding* é favorecido por

homens e por pessoas da *segunda faixa etária* considerada no estudo (40-59 anos), o que vai ao encontro da hipótese de que o processo deve ter sido estilizado e assim adquirido alguma saliência social no movimento jovem dos anos 1980 do Bom Fim, uma vez que seus frequentadores estão, atualmente, na segunda faixa etária. O autor afirma que em um contexto social de dominação masculina (BOURDIEU, 2012 [1998]), faz sentido que os resultados mostrem os homens como favorecedores, já que, considerando os significados sociais vinculados ao processo, o *ingliding* pode estar relacionado a *liberdade*, da qual as mulheres são historicamente privadas. Além disso, os informantes que mais produzem *ingliding* no LínguaPOA ocupam posições superiores no espaço social, partilham *habitus* de classe e não estão limitados ao gosto da necessidade (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]).

Para Oliveira (2018), há, no mínimo, dois estilos de vida dentre os informantes do LínguaPOA (2015-2019) com falar marcado pelo ditongo centralizado: *grupo A* (mais afiliado ao estilo dos jovens do movimento dos anos 1980) e *grupo B* (menos afiliado ao estilo dos jovens do movimento dos anos 1980). As práticas dos informantes desses grupos são sistematizadas da seguinte forma:

Grupo A [informantes 1, 3, 14, 23]: circulação principal no centro da cidade; práticas culturais associadas ao centro; circulação principalmente a pé na cidade; segurança não é o único/principal problema da cidade, aumentar o efetivo policial por si só não proporciona mudanças; bastante uso da internet, consumo de TV a cabo (filmes e séries, programas culturais); favorável à legalização das drogas/visão não negativa da maconha; menção a políticos de partidos de esquerda como bons exemplos.

Grupo B [informantes 8, 20]: circulação principal longe do centro da cidade; práticas esportivas atreladas à orla; circulação principalmente de carro na cidade; segurança é o principal problema da cidade, aumentar o efetivo policial se faz necessário; bastante uso da internet (mas com ressalvas à superexposição e ao mundo virtual), consumo de TV a cabo (programas esportivos) e de rádio; desfavorável à legalização das drogas/visão negativa de todas as drogas; dificuldade em mencionar bons exemplos de políticos.

(OLIVEIRA, 2018, p. 195)

O autor também revela que praticamente todos os informantes que mais produzem *ingliding* têm ocupações que demandam usos públicos eventualmente mais

cuidados da linguagem, como professores e vendedores. Isso acontece também com comunicadores, razão pela qual o processo pode conferir lucro simbólico nessas situações comunicativas. Além disso, como todos os informantes com maior proporção de aplicação do ditongo centralizado têm níveis socioeconômicos altos, o autor sugere que o *ingliding* pode indexar traços de *personae* com capital econômico elevado.

A diferença ideológica entre o *grupo A* e o *grupo B* pode significar que os informantes não partilham a mesma história indexical (JAFFE, 2016), razão pela qual constituem distintos campos indexicais do *ingliding*, que estão em constante processo de reconstrução (SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008). A coerência entre os diferentes campos indexicais está, para Oliveira (2018), nos traços *descolado*, *despojado* e *descontraído*, presentes nos dois estilos de vida. Tal coerência observada pode ser exemplificada nos trechos em que os informantes são perguntados a respeito do local em que moram e dos locais onde gostam de transitar em Porto Alegre. Sobre esse assunto, o Informante 14 (que, na divisão de Oliveira (2018), pertence ao *grupo A*) afirma:

“Eu sempre gostei de sair na Cidade Baixa [...] Eu sempre desgostei muito dessa área aqui [região onde foi feita a entrevista, Rio Branco/Moinhos de Vento] mais, chamada de patricinhas ou mais elitizada, assim, achava muito careta, assim”.

(OLIVEIRA, 2018, p. 182)

Já o Informante 20, pertencente ao *grupo B* na classificação de Oliveira (2018), relata:

“A Zona Sul é isso [...] parece praia, e não sendo. [...] É mais comum tu ir pra um restaurante da Zona Sul e ver as pessoas de bermuda, camiseta, no final de semana... Então assim... chinelo. Coisa que em alguns bairros de Porto Alegre, por exemplo, Moinhos de Vento, tu não vai ver, tu vai ver as pessoas arrumadas como se tivessem indo... Então lá tem um ar mais despojado e um ar mais jovem, assim, acho que a Zona Sul tem isso”.

(OLIVEIRA, 2018, p. 201)

É interessante observar que ambos os informantes fazem oposições, associadas ao espaço porto-alegrense, tendo como referência um bairro entendido como elitizado:

o Moinhos de Vento. Ainda que suas práticas sociais sejam bastante diversas, tanto o Informante 14, do *grupo A*, quanto o informante 20, do *grupo B*, fazem o mesmo movimento de afastamento em relação ao Moinhos de Vento e às práticas que, de acordo com eles, constituem a região. O Informante 14 não gosta da área *elitizada*, das *patricinhas*, e a considera *careta*. O Informante 20, que gosta da Zona Sul, onde mora, destaca um ar *jovem e despojado* de uma região que *parece praia*, opondo-a a um bairro em que as pessoas saem de casa *arrumadas*.

Considerando também as práticas dos demais agentes sociais que compuseram as amostras, Oliveira (2018) propõe, como generalização, que o *grupo A* opõe *descolado* a *careta*, podendo indexar, ao *ingliding*, os significados *transgressor*, *louco* e *maconheiro*, como os jovens do Bom Fim nos anos 1980. O *grupo B*, por sua vez, opõe *despojado* a *arrumado*, podendo indexar, ao *ingliding*, os significados *esportista* e *praieiro*. De acordo com o autor, juntos, os dois grupos compõem diferentes *personae* opostas a uma elite *formal*, *contida* ou *esnobe*. Para Oliveira (2018), a *liberdade* associada ao *ingliding* se mostra inclusive nas disposições da *hexis* corporal como um estilo articulatório, estilo de vida corporificado (BOURDIEU, 2008 [1982]), vinculado não apenas à *liberdade financeira*, mas também à *liberdade estilística*. O *ingliding*, que também pode significar pertença a Porto Alegre, não é necessariamente mobilizado conscientemente, o que não atenua os efeitos ideológicos de seu uso (ECKERT, 2016).

O trabalho de Oliveira (2018) explorou a hipótese da relação do *ingliding* com o movimento *jovem* dos anos 1980 (e com o bairro Bom Fim) e desvendou tanto categorias macrossociais quanto estilos associados à variante ditongada, sugerindo *personae* que devem ser construídas com o processo. Oliveira (2021), em uma ampliação da análise qualitativa de Oliveira (2018), comparou sujeitos com diferentes taxas de proporção de aplicação de *ingliding* nos *corpora*, com o objetivo de aprofundar o estudo a respeito dos estilos de vida que são construídos com o *ingliding* e dos possíveis significados sociais que são indexados pela variável. Para tanto, o autor agregou, à análise, resultados do trabalho etnográfico de Silva (1991, 2007) a respeito do bairro Bom Fim na década de 1980, que considera que as tribos que frequentavam

o Bom Fim podem ser organizadas em três categorias: os *pós-modernos*, os *pré-modernos* e os *modernos*.

Os resultados encontrados por Oliveira (2021) indicam que o *ingliding* parece mesmo estar associado à liberdade financeira e estilística, característica de certos frequentadores do Bom Fim nos anos 1980. Entende-se que o bairro Bom Fim, enquanto espaço físico, retraduz o espaço social, pois demanda que seus frequentadores detenham capitais de diferentes tipos, o que está na base daquilo que Bourdieu (1998 [1993]) chama de *efeito de clube*: para participar de certos espaços, seus frequentadores precisam deter capital econômico, cultural e social, e esses espaços proporcionam capital cultural e simbólico a seus membros, que se destacam dos demais. A *classe* e o *estilo de vida* de um agente social são determinantes para seu ingresso em determinados clubes.

Para Oliveira (2021), as categorias propostas por Silva (1991, 2007) parecem ainda hoje relevantes para a investigação do *ingliding* como prática estilística. O autor chega a uma explicação complementar para o fato de que as taxas de aplicação de *ingliding* podem ser bastante diversas, mesmo entre agentes sociais que têm perfil semelhante e que são, inclusive, frequentadores do mesmo bairro¹²: o *ingliding* parece ser recurso para construção de determinados estilos de vida *pós-modernos* que constituem alguns clubes.

Para chegar a essa conclusão, Oliveira (2021) considera que quem mais produz *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim* são aqueles considerados *pós-modernos* por Silva (1991, 2007). Para o autor, os *pós-modernos* do Bom Fim dos anos 1980 são agentes de classes médias e altas, que não lideram mobilizações políticas e que se voltam para o *presente*, frequentam os bares *Ocidente* e *Lola* e são associados a situações de confronto, transgressão, inovação, liberdade, prazer e experimentação.

¹² Na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, excluindo-se os dados de aplicação categórica e quase categórica do monotongo, Oliveira (2018) encontrou participantes de perfil semelhante (frequentadores do Bom Fim nos anos 1980) com altas (superior a 30%, chegando a 47,4%) e baixas (próximas a 0%) taxas de *ingliding*.

Os pré-modernos, também chamados de *freaks*, explica Silva (1991, 2007), voltam-se ao *passado*. São pessoas descritas como anarquistas e nostálgicas, que reivindicam liberação sexual, que amam os anos 1960 e se alinham com os *hippies* e com o ideal de paz e amor, sendo geralmente advindos de classes baixas ou médias. Podem beber bastante, usar drogas e comprar brigas. No Bom Fim, frequentam o espaço entre a *Lancheria do Parque* e o *Lola*, dois bares da região. Já os modernos voltam-se ao *futuro*. São boêmios, intelectuais, artistas, estudantes e ativistas de esquerda, muito politizados. Geralmente são de classe média e frequentam principalmente a *Lancheria do Parque*.

Oliveira (2021), para exemplificar a categorização dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* nos paradigmas propostos por Silva (1997, 2001), compara trechos de dois participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*, com proporções de aplicação de *ingliding* bastante distintas, que utilizam o termo *careta* para classificar práticas dos anos 1980. São os trechos de Flu S. (30% de *ingliding*) e de Giba A. (3,5% de *ingliding*).

“Era uma cidade *careta*, ainda é, mas naquela época a gente, jovem, talvez, e, e nós tomando conta assim da ‘Ah, nós precisamos ser os *loucos* pra alguma coisa acontecer’, entendeu? Pra ter *shows* e pras pessoas se divertirem, ou pra ficar louca, ou pra detestar, sabe?”

(Flu S. em *Filme Sobre um Bom Fim*; OLIVEIRA, 2021, p. 98)

“Eu sempre me senti muito mais filiado à tradição da rebeldia *hippie* e à geração paz e amor etc., e me senti muito agredido quando apareceram os *punks*, *new-waves*. Me senti, de repente eu cheguei... Eu não sabia se eu tava, se eu tinha ficado *velho*, ou se eu tinha ficado *careta*. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.”

(Giba A. em *Filme Sobre um Bom Fim*; OLIVEIRA, 2021, p. 99)

Nos trechos, Flu S. coloca-se como um dos *loucos* que precisava se mobilizar para alguma coisa acontecer na cidade, que considerava *careta*. Giba A., por sua vez, diz se sentir agredido pelo aparecimento dos *punks* e *new-waves*, ao que atribuiu à possibilidade de, ele mesmo, estar *velho* ou *careta*. De um lado, há o pós-moderno louco e inovador, que produz bastante *ingliding*; de outro, o pré-moderno *careta*, alinhado a uma rebeldia *hippie*, que pouco produz *ingliding*.

Além disso, dentre os participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*, o exemplo mais evidente de alguém enquadrado no paradigma moderno de Silva (1991, 2007) é Vera G., candidata que concorreu às eleições locais diversas vezes como membro de um partido de esquerda (PSTU). Ela é a única participante do *Filme Sobre um Bom Fim* com 0% de aplicação de *ingliding*.

Para Oliveira (2021), dentre as práticas sociais daqueles inseridos no paradigma pós-moderno, está o *ingliding*, que pode ser uma prática estilística relevante para distinguir alguém que é *descolado-inovador* de alguém que é *careta-conservador*. Aliada a essa diferença expressiva, constituidora de estilos de vida, Oliveira (2021) aponta uma perceptível liberdade dos modos de agir daqueles que mais produzem *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim*, observável inclusive em suas disposições corporais, marcadas por movimentos largos e relaxados. Esse aspecto retoma Oliveira (2018) que, com base em Bourdieu (2008 [1982]), entende o estilo articulatório como um estilo de vida corporificado. A realização de *ingliding* se associa a um estilo articulatório que Bourdieu (2008 [1982]) classifica como de recusa da censura, motivada pelo decoro sobre um corpo investido de tabus. Nessa perspectiva, faz sentido que o estilo dos agentes sociais pós-modernos, caracterizado pela busca por inovação e transgressão, seja também marcado pela realização de *ingliding*.

Em suma, os estudos de Oliveira (2018, 2021) apresentam avanços na investigação a respeito do *ingliding*. Por meio de tais estudos, que consideram as práticas relatadas pelos agentes sociais e estudos etnográficos, é possível, com base em uma teoria social, identificar estilos construídos com o *ingliding*, o que é um passo na direção da compreensão de sua significação social. Contudo, há, ainda, questões em aberto que merecem atenção.

Um aspecto que os últimos estudos realizados a respeito do *ingliding* não desvendaram diz respeito à percepção e à avaliação do processo, que foram apenas inicialmente investigadas por Oliveira (2015), em amostra-piloto. É preciso, portanto, realizar experimentos de percepção e avaliação com amostras maiores, para verificar se os resultados iniciais se confirmam. Além de ampliar o número de participantes dos

testes, é necessário desvendar como o processo é percebido e avaliado fora de Porto Alegre e fora do Rio Grande do Sul, uma vez que a variável ainda foi pouco estudada no Brasil.

Em um estudo interessado na investigação dos significados sociais do *ingliding*, realizar experimentos que detectem como o processo é percebido e avaliado é essencial para que se possam comparar tais resultados com aqueles já obtidos em estudos de produção linguística. Com as etapas que já foram realizadas, pôde-se identificar *estilos de vida* construídos com o *ingliding*. Considerando o que os próprios produtores de *ingliding* afirmam sobre si mesmos e sobre seus gostos, foi possível enquadrar o *ingliding* em meio a práticas sociais e supor estratégias de construção de *personae descoladas* que parecem se realizar com o uso do ditongo centralizado. Contudo, resta saber como esses *estilos* e essas *personae* construídas são percebidas e avaliadas pelos agentes sociais. A que características o falar com *ingliding* é associado por pessoas de diferentes lugares do Brasil? Que encontros e desencontros existem entre produção e percepção do *ingliding*? Os estilos de vida *descolados*, *despojados*, *inovadores*, *transgressores*, que parecem ser construídos com o *ingliding*, são identificados pelos ouvintes como associados à variável? E a que outras características as pessoas associam o *ingliding*? Os falantes associam o falar com *ingliding* a maneiras *descoladas* de portar o corpo?

Em termos gerais, entende-se que os resultados do estudo aqui proposto a respeito do *ingliding* sejam relevantes para que o processo seja compreendido linguística e socialmente. O processo já se mostrou sujeito a atribuição de significados sociais e merecedor de estudos considerados de terceira onda, cujo foco recai justamente sobre o significado social, que contemplem o corpo como um todo. Nesse sentido, a presente tese busca se aproximar de abordagens atuais dos estudos sociolinguísticos, por meio de uma pesquisa de percepção e avaliação linguística que permita desvendar a significação social do *ingliding* e sua relação com corporificação.

2 SIGNIFICADOS SOCIAIS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Este capítulo, destinado à fundamentação teórica, está dividido em três seções. Na primeira seção, discute-se o conceito de significado social, uma vez que esta tese tem o propósito de desvendar a significação social do *ingliding*. Na segunda seção, reflete-se a respeito da percepção e da avaliação linguística, considerando que tais dimensões sejam reveladoras da significação social de variáveis linguísticas. Na terceira, investiga-se o lugar que ocupa o corpo nos estudos de variação linguística, considerando a influência da corporificação para atribuição de significados sociais a variantes.

2.1 O conceito de significado social

Esta tese se debruça sobre questões relevantes aos estudos sociolinguísticos inseridos na perspectiva estilística (ECKERT, 2005, 2012), tais como: *quais são os significados sociais de uma dada variante linguística?* E, ainda: *de que forma as variáveis linguísticas se ligam aos significados sociais?* Antes de debater essas questões, contudo, é preciso conceituar *significado social*. Para tanto, é relevante explorar de que maneira a noção de *significado social* se aproxima e se afasta do conceito de *significado* presente no Curso de Linguística Geral (CLG) (SAUSSURE, 2006 [1974]).

De acordo com o CLG, *significado* é uma das faces que constitui o signo linguístico, este entendido como uma entidade psíquica que une não uma coisa a uma palavra, mas uma ideia (significado) a uma imagem acústica (significante). Além disso, o signo linguístico é arbitrário, ou seja, a reunião entre o significado e o significante é aleatória. Essa característica é, inclusive, definida como um dos princípios do signo linguístico, chamado de *arbitrariedade do signo*. Como exemplo da relação arbitrária entre significado e significante, o CLG traz a seguinte passagem:

Assim, a ideia de 'mar' não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual (...)
(SAUSSURE, 2006 [1974], p. 81-82)

Vale dizer, portanto, que não há nada na própria imagem acústica que tenha qualquer relação natural com a ideia, o significado de mar. Ao propor o princípio da arbitrariedade do signo, o CLG aborda dois casos que poderiam colocar tal arbitrariedade em xeque, justamente para explicar como, em verdade, esses aspectos não comprometem o princípio. O primeiro caso é o das onomatopeias, uma vez que se poderia dizer que elas se apoiam na produção real de um som para a criação de uma imagem acústica: afinal, não há nada no mar (significado) que motive o significante que constitui o signo, formado pela sequência *m-a-r*; mas o *tic-tac* do relógio tem a ver com o som emitido pelo objeto. Contudo, conforme se afirma no CLG, mesmo onomatopeias autênticas se constituem como uma imitação aproximada e já convencionalizada de acordo com as possibilidades da língua e, uma vez que são introduzidas, passam a integrar o sistema linguístico e adquirem o caráter de signo linguístico, estando sujeitas à sua organização. O segundo caso apresentado é o das exclamações. Embora possam ser vistas como uma expressão espontânea da realidade, elas também estão sujeitas ao sistema linguístico, razão pela qual expressões similares são diferentes nas línguas, como *aie!*, do francês; *au!*, do alemão; *ai!*, do português. Por conta desses motivos, há uma afirmação no CLG (SAUSSURE, 2006 [1974], p. 84) de que as onomatopeias e exclamações são de importância secundária e, inclusive, sua origem simbólica é em parte contestável. Trata-se de casos que não só não comprometem, como dão força à afirmação de que a relação entre significado e significante é arbitrária.

Entender o caráter arbitrário do signo é primordial para a compreensão da noção que interessa à presente reflexão, o conceito de *significado*. Em suma, *significado*, para Saussure, de acordo com o CLG, é entendido como uma *ideia* que se une arbitrariamente a uma imagem acústica para constituir o signo linguístico. É

importante destacar que ambas as faces do signo linguístico, significante e significado, são camadas representacionais, ainda que possam ter a materialidade como pista. Portanto, mesmo o significante se define como uma representação da materialidade, e não como o material fônico propriamente dito, razão pela qual é chamado de *imagem* acústica, e não de realização fônica por si só: não se trata do som material, mas da impressão psíquica causada pelo som. Significado e significante são chamados de *faces* do signo linguístico como maneira de fazer alusão à impossibilidade de separá-las: da mesma forma que é impossível separar as faces de uma folha de papel, não se pode isolar o significante do significado, ou vice-versa, pois eles não têm existência anterior à sua união no signo linguístico.

Para compreender a definição de signo linguístico, é importante, também, conhecer o conceito saussuriano de valor linguístico, que subjaz sua compreensão de língua enquanto sistema. De acordo com o CLG, o valor linguístico é inteiramente relativo, e isso se associa à radical arbitrariedade do laço entre significante e significado. A noção de valor nos ajuda a compreender que, mesmo que a relação entre significado e significante seja arbitrária, o sujeito falante não pode, em razão disso, escolher livremente novos significantes para os significados. Para estabelecer valores, a coletividade é necessária, o que equivale a dizer que um indivíduo, por si só, não consegue fixar um valor. A esse respeito, o CLG apresenta a seguinte passagem:

Além disso, a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os termos que encerra.

(SAUSSURE, 2006 [1974], p. 132)

O valor linguístico, portanto, não é o mesmo que “significado” ou “significação”. O conceito de valor reside na relação e na oposição entre os signos da língua. Para Saussure, de acordo com o CLG, as unidades linguísticas estão revestidas não apenas de uma significação, mas também de um valor. O valor do signo pode ser

determinado quando se sabe pelo que ele pode ser *trocado* (outro elemento da língua com significado distinto, por exemplo) e com o que ele pode ser *comparado* (outros elementos semelhantes em significado, por exemplo). Nesse sentido, para estabelecer o valor do signo linguístico, o que importa não é o conceito ou o som em si, mas as diferenças que permitem distinguir esse conceito e esse som de todos os outros. O seguinte esquema, presente no CLG, ilustra o sistema de valores na língua:

Figura 3 – Sistema de valores na língua a partir do CLG



Fonte: Saussure (2006 [1974], p. 133)

A Figura 3 representa a afirmação de que o valor de um signo linguístico resulta da presença simultânea de outros na língua, sistema em que todos os termos são solidários. Na figura, cada círculo representa um signo linguístico, composto por significado e significante, e o valor linguístico se constrói na relação entre esses signos, visualmente representada pelas setas. O significado de um signo linguístico, portanto, não é o mesmo que o valor linguístico, mas dele depende, pois se estabelece a partir da relação que um signo mantém com os demais signos da língua. Para exemplificar, o CLG apresenta alguns aspectos que ilustram o valor linguístico. Um deles diz respeito a sinônimos, isto é, palavras que exprimem ideias vizinhas em uma mesma língua, como é o caso de *recear*, *temer* e *ter medo*. É o valor linguístico que faz com que esses signos se limitem reciprocamente, de modo que seu valor próprio se construa pela oposição: se um não existisse, seu conteúdo iria para seus concorrentes.

Ainda sobre esse aspecto, e considerando o valor linguístico do signo tomado em sua totalidade, o CLG apresenta a afirmação de que “na língua só existem

diferenças” (SAUSSURE, 2006 [1974], p. 139). A passagem a seguir sistematiza essa afirmação:

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças.

(SAUSSURE, 2006 [1974], p. 139-140)

O sistema linguístico é, portanto, um sistema de diferenças, e a confrontação das diferenças é responsável por engendrar um sistema de valores. O único fato positivo é o laço entre significante e significado, uma vez que é próprio ao sistema linguístico estabelecer relações diferenciais e negativas, essenciais para a atribuição de valores. É justamente pelo fato de o valor linguístico ser atribuído aos signos, a partir das diferenças entre eles, que as diferenças tendem a se fazer significativas. É o que explica o seguinte trecho do CLG:

Certos fatos diacrônicos são bastante característicos nesse aspecto: são inúmeros os casos em que a alteração do significante provoca a alteração da ideia e nos quais se vê que, em princípio, a soma das ideias distinguidas corresponde à soma dos signos distintivos. Quando dois termos se confundem por alteração fonética (por exemplo *décrépité* = *decrepitus* e *décrépité* de *crispus*), as ideias tenderão a confundir-se também, por pouco que se prestem a isso. Diferencia-se um termo (por exemplos, em francês *chaise* e *chaire*)? Infalivelmente, a diferença resultante tenderá a se fazer significativa, sem nem sempre consegui-lo na primeira tentativa. Inversamente, toda diferença ideal percebida pelo espírito busca exprimir-se por significantes distintos, e duas ideias que o espírito não mais distingue, tendem a se confundir no mesmo significante.

(SAUSSURE, 2006 [1974], p. 140)

Nessa passagem, as ideias de Saussure explicam e exemplificam o funcionamento sistemático do esquema de diferenças que compõe a língua. Uma vez

que o sistema de valores está estabelecido, e que se entende que um signo é, por oposição, aquilo que outro signo não é, é esperado que as diferenças tenham a tendência de fazerem-se significativas, ainda que isso nem sempre aconteça. Trata-se de algo que está na base do sistema linguístico: significados diferentes buscam se exprimir por significantes diferentes; significados que não se distinguem tendem a se exprimir pelo mesmo significante. Isso se associa aos princípios de alteração e continuidade do signo, os quais estão diretamente relacionados. De acordo com as noções de Saussure, os signos que constituem um estado de língua, que é herdado das gerações anteriores, tendem, de um lado, a não mudar; de outro lado, são, sim, sujeitos a alterações:

Em última análise, os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio da alteração se baseia no princípio da continuidade.

(SAUSSURE, 2006 [1974], p. 89)

A língua apresenta a tendência de manter relações fortes entre significado e significante. Entretanto, à medida que o tempo passa, pode haver certo afrouxamento da relação entre as faces do signo linguístico, o que abre margem para as mudanças. Cada uso linguístico promove um abalo no signo linguístico, uma pequena diferença, que só se incorporará à língua se for acatada pela coletividade, o que ocorre em processos geralmente lentos. As afirmações presentes no CLG a respeito da mutabilidade do signo fazem referência aos fatores responsáveis pela mudança: o *tempo*, que altera todas as coisas; e a massa falante, essencial para que exista uma língua. A língua é, na perspectiva de Saussure, um fato social, e é o tempo que possibilita que as forças sociais desenvolvam seus efeitos. A isso se dá o nome de *continuidade*, que implica alteração, descolamento mais ou menos considerável de relações.

É nesses deslocamentos de relações (através do tempo e considerando-se uma massa falante), isto é, nos pequenos abalos do signo linguístico em razão de seu uso,

que reside a variação linguística, posteriormente estudada em diferentes correntes teóricas que tomam os conceitos de Saussure como ponto de partida. O que fazem, por exemplo, os estudos vinculados à Teoria da Variação, proposta por Labov (2008 [1972]), é buscar tanto quantificar e descrever quanto explicar a variação linguística, a partir do pressuposto de que mudanças linguísticas estão associadas a mudanças sociais. Parte-se da compreensão de língua como fato social para que se busque compreender os padrões de variação, isto é, os condicionamentos linguísticos e sociais que explicam o uso de uma ou outra forma para se referir à mesma ideia, ao mesmo conceito. É nesta vertente de estudos que a presente tese se enquadra, remontando os fundamentos da Sociolinguística Variacionista e seus desdobramentos atuais.

Estudos sociolinguísticos mais recentes, vinculados à perspectiva estilística, estão interessados em desvendar de que maneira as variantes linguísticas são utilizadas pelos falantes (de forma mais ou menos consciente) para construir estilos. Assim, entende-se que as variantes linguísticas atribuem uma camada a mais de significação aos signos linguísticos, associando-se a *significados sociais*. Para Eckert (2000, p. 43), o significado social da variação não se define como um conjunto estático de associações entre variáveis linguísticas e sociais, mas é continuamente criado pelo engajamento linguístico e social dos falantes.

Se toda diferença é potencialmente significativa, como se afirma no CLG, que impactos têm as modificações que não alteram o signo linguístico, mas que ocorrem sistematicamente? Essa é uma questão que diferentes estudos buscam responder. Qual é, por exemplo, a diferença entre utilizar a variante tepe e a retroflexa para fechar a primeira sílaba da palavra “porta”? Utilizar qualquer das variantes não promove modificações no signo linguístico. É, aliás, sua radical arbitrariedade, somada ao seu valor linguístico, que garante que a massa falante não compreenda *po[r]ta* e *po[ɾ]ta* como signos distintos. A alteração fonética no presente contexto não tem caráter distintivo na língua; *po[r]ta* e *po[ɾ]ta* veiculam a mesma ideia, possuem o mesmo *significado*, justamente por isso são consideradas variantes de um mesmo fonema. Contudo, utilizar uma ou outra forma provoca impactos em como o falante que a

utiliza é interpretado pelos demais, bem como revela movimentos estilísticos de afiliação ou de afastamento em relação a certos grupos sociais ou características pessoais¹³. É aí que entra a noção de *significado social*.

De acordo com Hall-Lew, Moore e Podesva (2021, p. 3), “significado social é um conjunto de inferências que podem ser encontradas a partir da maneira como a língua é utilizada em uma interação específica”¹⁴. Esse conjunto de inferências, explicam os autores, podem estar relacionados à função pragmática do enunciado em que aparecem, mas também atrelados a inferências feitas sobre o tipo de pessoa que produz os enunciados, sobre a situação em que eles emergem, sobre a relação entre os interlocutores, sobre sua orientação perante o conteúdo do que é dito, dentre outras. As inferências que constroem significados sociais são inerentemente indeterminadas (PODESVA, 2007; ECKERT, 2008; MAEGAARD e PHARAO, 2021; GAFTER, 2021), e a gama de inferências possíveis é enorme e complexa, o que constitui um desafio para os estudos sociolinguísticos. Além disso, como explicam Hall-Lew, Moore e Podesva (2021), os significados sociais só podem ser determinados no momento do uso, sendo dependentes de ideologias particulares que se mostram relevantes em dados contextos. Nesse sentido, uma forma só se associa a um significado social, isto é, indexa significado social, quando nosso sistema de ideias e crenças cria uma ligação entre a forma e um tipo de significado social, seja associado a postura, *persona* etc.

A formulação do conceito de *significado social* não busca substituir ou reformular o termo de Saussure, tampouco presume que o *significado*, conforme Saussure, não pressuponha o caráter social da língua. Trata-se de buscar uma nomenclatura que dê conta de demonstrar que, ainda que certas modificações não alterem o *significado* de um signo linguístico, elas são dotadas de uma significação outra, complementar à primeira. Na verdade, a lógica que subjaz o *significado social* é a mesma expressa por

¹³ Diversos estudos abordam a significação social da variação tepe~retroflexo em coda silábica. A seção 2.2 apresenta resultados do estudo de Oushiro (2015) a respeito desse processo variável no falar paulistano.

¹⁴ Tradução livre do original: “Social meaning is the set of inferences that can be drawn on the basis of how language is used in a specific interaction”.

Saussure ao explicar o funcionamento sistêmico da língua, afinal, parte do princípio de que as diferenças possuem a tendência de fazerem-se significativas. Dessa forma, a partir do momento em que o falante reconhece uma diferença no uso da língua, ainda que pequena, ele tende a torná-la significativa, podendo atribuir-lhe significados sociais, o que faz com que seu uso seja associado a certas características. Esse processo de significação social da variação linguística contempla tanto categorias macrosociais (classe, gênero, região geográfica, escolaridade etc.) quanto movimentos estilísticos que perpassam tais categorias.

A variação linguística é, conforme Labov (2008 [1972]), sistemática. A massa falante, de acordo com as ideias de Saussure presentes no CLG, herda estados de língua, reconhecendo os signos linguísticos e seu sistema de valores. A massa falante também atribui sentido às diferenças, o que, no âmbito da variação linguística, significa afirmar que os falantes atribuem significados sociais às variantes. Na busca por compreender o que motiva alguém a utilizar uma variante ou outra, criam-se relações entre o uso das variantes e o trânsito social, as identidades, os estilos. Utilizar diferentes maneiras de dizer a mesma coisa é encontrar lugar para expressões estilístico-identitárias que têm impactos no tecido social. Nessa complexa e inseparável relação entre língua e sociedade, os falantes constroem e reconstroem significados sociais para os usos da língua.

Explorar os significados sociais da variação linguística é, de acordo com Eckert (2005, 2012), o foco dos estudos que a autora considera como de *terceira onda*. Em livro destinado, justamente, a explorar a relação entre significados sociais e variação linguística, Eckert (2018) afirma que o uso da língua, no mundo social, engloba uma análise contínua e uma interpretação de categorias, grupos, tipos e *personae*, bem como das diferenças na maneira de falar. A autora explica que, à medida em que percebemos diferenças e fazemos distinções, também atribuímos sentido a essas diferenças. Para Eckert (2018), o *estilo* é o nível das práticas sociais que corresponde às distinções no espaço social e no qual estudamos a variação. As variáveis linguísticas ocorrem,

portanto, como componentes dos estilos, de modo que interpretá-las requer uma análise desses componentes.

Eckert (2018) aponta que o estilo de *personae* é o melhor nível para abordar a significação da variação, já que é neste nível que conectamos os estilos linguísticos com outros sistemas estilísticos e com os tipos de construções ideológicas que as pessoas compartilham e interpretam e que, portanto, povoam o imaginário social. Os movimentos estilísticos são, para a autora, movimentos ideológicos que resultam da interpretação do mundo social e dos elementos que o constituem, bem como de um posicionamento perante esse mundo. Por *prática estilística*, Eckert (2018) entende tanto a interpretação quanto a produção de estilos, um processo de *bricolagem* (HEBDIGE, 1984) em que recursos são interpretados e combinados com outros para construir uma entidade mais complexa e revestida de significado.

Eckert (2018) também considera que os grupos sociais, os estilos e a relação entre os grupos e os estilos não são estáticos. Além disso, os grupos e os seus estilos dependem da construção que seus membros fazem deles. A performance e a construção de estilos são simultâneas, e as escolhas dos recursos estilísticos que cada falante usa não são nem neutras, nem aleatórias. A autora afirma:

Qualquer elemento particular que se torna incorporado a um estilo pode ser local, regional, nacional ou internacional. Pode surgir de repetidos encontros cara a cara, de encontros através de relações distantes, de observações em público ou da mídia. Mas o que todos esses recursos têm em comum é que eles têm algum tipo de significado social para o falante que os utiliza – o *bricoleur*. O significado de um elemento de estilo para um *bricoleur* é o produto de sua interpretação da significância social que serve como sua fonte. E essa interpretação é baseada em uma compreensão texturizada da relação entre estilo e endereçamento social.

(ECKERT, 2018, p. 112)¹⁵

¹⁵ Tradução livre do original: “Any particular element that gets incorporated into a style may be local, regional, national or international. It may come from repeated face-to-face encounters, from encounters through loose ties, from observation in public, or from the media. But what all these resources have in common is that they have some kind of social meaning for the speaker who takes them up – the *bricoleur*. The meaning of an element of style for a *bricoleur* is the product of his or her interpretation of the social significance of the style that serves as its source. And this interpretation is based in a textured understanding of the relation between style and social address”.

Em suma, para Eckert (2018), entender a significação social da variação linguística implica, necessariamente, compreender a construção de estilos por parte dos falantes, o que, por sua vez, demanda o entendimento da interpretação e do posicionamento de cada pessoa no mundo social. A construção de estilos, por meio de elementos (linguísticos e não linguísticos) revestidos de significados, é um processo constante e que engloba múltiplas dimensões.

Eckert (2018) reconhece que os estilos são, de acordo com Agha (2003), produto do processo de *enregisterment*. Tal noção é relevante para o entendimento da relação entre a significação social e as variáveis linguísticas. Para compreendê-la, é preciso, primeiramente, definir o que o autor chama de “registro”. De acordo com Agha (2006), “registro” é uma regularidade social. Por ser uma regularidade, uma atividade metapragmática de um único indivíduo não é suficiente para estabelecer a existência social de um registro; pelo contrário, ela depende de atividades avaliativas de outros indivíduos. Para identificar registros, portanto, é preciso observar as tipificações metapragmáticas e, também, os padrões de tipificação recorrentes no comportamento de diversos falantes. A tipificação metassemiótica é o resultado do processo de agrupamento de diversos objetos, linguísticos e não linguísticos – formas linguísticas, vestuário etc. –, que podem ser compreendidos como signos de comportamento. A tipificação é, portanto, um signo que tipifica/agrupa outros, de forma que diversos objetos se tornam signos de um tipo particular de conduta. Essa tipificação metassemiótica motiva uma espécie de iconicidade multimodal, por meio da qual formas linguísticas se ligam a objetos-signos de diferentes tipos, como gestos, comportamento do corpo, dentre outros. Por esse motivo, para diversos fenômenos sociais (como polidez, poder, dentre outros), a atividade reflexiva borra as fronteiras entre o que é linguístico e o que é não linguístico no nível dos signos-objetos. As tipificações recorrentes dizem respeito, para Agha (2006), aos *estereótipos de indexicalidade*.

A respeito dos estereótipos de indexicalidade, Agha (2006) enfatiza dois aspectos: tais estereótipos são, como os registros, regularidades sociais; são regularidades sociais porque são expressos em signos perceptíveis publicamente, ou materialmente corporificados. Esse aspecto retoma uma das premissas da publicação de Agha (2006), a da materialidade da linguagem. Para o autor, do ponto de vista empírico, os estereótipos metapragmáticos a respeito da linguagem não são abstrações, ideias na mente, mas existem em comportamentos explícitos, publicamente perceptíveis, que avaliam as propriedades pragmáticas das expressões linguísticas. Nessa perspectiva, embora a linguagem permita a formulação de modelos abstratos a respeito de fenômenos, tais representações precisam se transformar em objetos perceptíveis, isto é, materialmente corporificados, para que se tornem conhecidos e comunicáveis. Dessa forma, discursos e enunciados são objetos materiais construídos através da atividade humana – a fala, em um sentido físico, resulta da vibração de colunas de ar –, que exercem efeitos reais sobre nossos sentidos, mentes e modos de organização social.

Para Agha (2006), todos os atos linguísticos são atos semióticos, e todos os atos metalinguísticos são atos metassemióticos. Nesse sentido, os signos linguísticos funcionam metapragmaticamente, ou seja, os signos particulares, corporificados, ocorrem como mensagens perceptíveis, o que expressa algo sobre outro fenômeno pragmático, seu objeto, e gera alguma espécie de tipificação. A atitude reflexiva sobre o signo linguístico envolve diferentes crenças dos indivíduos, que as experienciam com diferentes graus de intensidade, de constância e de força no curso da vida, e que são mais ou menos conscientes. Assim, os estereótipos e os padrões nunca são perfeitamente replicados em uma população de falantes.

Para melhor compreender tanto a noção de *estereótipos de indexicalidade*, quanto a noção de *enregisterment*, é relevante entender, também, a noção de *emblema* conforme abordada por Agha (2006). Em primeiro lugar, o autor considera que falar de *identidade* é uma maneira de abordar as funções emblemáticas dos signos no comportamento. Um *emblema*, explica Agha (2006), é algo ao qual a *persona* social está vinculada, e

envolve três elementos: (i) uma coisa percebida, ou diacrítico; (ii) uma *persona* social; (iii) alguém para quem isto é um emblema, isto é, alguém que pode interpretar aquela *persona* por aquele traço. Dessa forma, quando uma coisa é reconhecida amplamente como um emblema, quando muitas pessoas a percebem como marca de uma mesma *persona* social, tal traço está registrado (*enregistered*) como um emblema. Nesse sentido, *enregistered*, ou *registrado*, significa reconhecido amplamente. Os efeitos emblemáticos podem ser emergentes (quando ainda não estão amplamente registrados). Além disso, emblemas podem perder seu *status* de emblemas registrados, e também podem se tornar mais naturalizados com o tempo. É importante mencionar que, para o autor, os registros possuem um caráter ideológico.

O foco do trabalho de Agha (2006) recai justamente sobre as funções emblemáticas, sobre o que Eckert (2018) considera como processo de atribuição de significados sociais a variantes linguísticas. Ainda que os emblemas estejam corporificados em coisas/diacríticos, um diacrítico pode motivar diferentes leituras emblemáticas em diferentes condições. Dessa forma, a ênfase dos estudos não é nas coisas em si, ou nas *personae* em si, mas na performance e na construção que liga coisas a *personae*, e nas condições sob as quais essas ligações se tornam determinantes para os indivíduos. Em termos de variação linguística, isso significa que o interesse não está na forma linguística, isto é, nas variantes, ou nas *personae* com elas construídas, mas sim na relação entre as duas coisas, e nas condições determinantes para tal relação.

No caso dos estereótipos indexicais, para Agha (2006), a interpretação de uma *persona* é mediada por processos semióticos de transmissão comunicativa de larga escala, processos que fazem com que signos se registrem como estereótipos indexicais para populações particulares. Quando um estereótipo indexical é estabelecido, a interpretação de uma *persona* é embasada em estereótipos amplamente difundidos, de forma que todos aqueles que tiverem conhecimento de tal estereótipo irão relacioná-lo a quem quer que faça uso do signo em questão. A regularidade semiótica pode ser expandida socialmente por meio de mecanismos de transmissão.

Ao abordar *estilo*, Agha (2006) menciona três características relevantes: (i) estilo equivale a coocorrência de padrões (é identificado pela atenção a padrões de coocorrência entre aparatos semióticos); (ii) estilos registrados dizem respeito a quando um padrão de coocorrência está ligado a valores indexicais estereotípicos para os falantes; (iii) quando um estilo é registrado, pode se tornar estratégia de estilização da fala e atitude de alguém (RAMPTON, 2003; IRVINE, 2001). Essas características mencionadas por Agha (2006) estão presentes em diversos trabalhos dedicados à noção de *estilo* na Sociolinguística, principalmente àqueles dedicados à *terceira onda*. A esse respeito, é importante mencionar uma ressalva que fazem os autores quando ampliam a noção de *estilo* e aprofundam as relações entre usos linguísticos e performances sociais: ainda que o processo de construção de significados sociais seja dinâmico, há espaço para a previsibilidade e padronização de estilos, mesmo que tal previsibilidade e padronização não possa ser total ou generalizada.

Rickford (2001) afirma que, mesmo que considere diversos fatores, como os contextuais e situacionais, o estilo também pode ser previsível e ter certa regularidade. Não é nem totalmente previsível, nem totalmente imprevisível, portanto. Recuperando as afirmações de Irvine (2001), para quem o estilo pode ser entendido a partir da *distintividade*, Rickford (2001) considera que a compreensão de estilo decorre, também, do entendimento daquilo que não é distintivo ou previsível. Para Agha (2006), compreender a regularidade é importante, trata-se de algo que está na base de seu conceito de *enregisterment*. As relações sociais variam através das sociedades humanas de muitas formas, sendo suscetíveis a reanálise, estabilização periódica e mudança. Ainda assim, são altamente sistemáticas para pessoas que se reconhecem como relacionadas.

Agha (2006), ao abordar as assimetrias sociais, faz afirmações importantes a respeito dos significados sociais da língua e, também, às relações entre linguagem e classe social. O autor afirma que os falantes de uma língua não adquirem competência em todos os seus registros. Para exemplificar, menciona os registros mais elaborados

de respeito e etiqueta, que tendem a ser adquiridos pelos indivíduos nascidos em circunstâncias privilegiadas. O autor escreve:

Então, dois membros de uma comunidade linguística podem ambos conhecer um registro linguístico, mas não ter o mesmo nível de competência em seu uso. Muitos falantes podem reconhecer certos registros de sua língua, mas podem não os utilizar ou os interpretar completamente. A existência de registros, portanto, resulta na criação de fronteiras sociais na sociedade, dividindo usuários da língua em grupos que se distinguem pelo acesso diferenciado a registros particulares e a práticas sociais por eles mediadas, e por assimetrias de poder, privilégio e classificação que dependem do acesso a tais registros e práticas.

(AGHA, 2006, p. 157)¹⁶

Nesse trecho, Agha (2006) aborda aspectos relevantes sobre a significação social da variação linguística. Em primeiro lugar, destaca a diferença entre *reconhecer* um registro linguístico, *utilizá-lo* e *interpretá-lo*. O autor está enfatizando o acesso a registros e práticas sociais, destacando que as relações de poder influenciam os registros linguísticos. Tal afirmação se relaciona com a formulação de Bourdieu (2015 [1979/1982]), para quem os *estilos de vida* se vinculam a *classes e frações de classes*, estas definidas pelas distinções que os agentes sociais fazem no espaço social, por meio de diferentes recursos (linguísticos e não linguísticos).

Se os registros linguísticos estão relacionados a grupos sociais e *estilos*, é esperado que os agentes sociais os utilizem como recurso ou estratégia de aproximação ou de afastamento de grupos dos quais querem fazer parte, e de *personae* que querem projetar. Uma questão frequente dos estudos sociolinguísticos voltados à significação social diz respeito, justamente, à compreensão do quanto determinados significados são partilhados por grupos sociais, isto é, quais grupos e *estilos* atribuem quais

¹⁶¹⁶ Tradução livre do original: “Thus two members of a language community may both be acquainted with a linguistic register, but not have the same degree of competence in its use. Many speakers can recognize certain registers of their language but cannot fully use or interpret them. The existence of registers therefore results in the creation of social boundaries within society, partitioning off language users into groups distinguished by differential access to particular registers and the social practices they mediate, and by asymmetries of power, privilege, and rank that depend on access to such registers and practices”.

significados às variantes linguísticas sob análise. Além disso, também é do interesse das pesquisas voltadas à significação social compreender o *status* das variantes em termos de significados sociais, ou seja, que função cumprem no corpo social, como são percebidas pelos usuários da língua. A esse respeito, cabe explorar a clássica distinção de Labov (2008 [1972]) entre *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*.

Para Labov (2008 [1972]), as variantes linguísticas são *indicadores* quando estão abaixo do nível da consciência dos falantes, isto é, quando eles não produzem comentários metalinguísticos sobre as variantes, ainda que elas apresentem padrões de estratificação, sejam *indicadores* de faixa etária, de região ou de classe social, por exemplo. Seguindo um *continuum* de consciência social a respeito das formas, há os *marcadores*, que ainda não são objeto de comentários metalinguísticos, mas que possuem algum reconhecimento social, representando fortes estratificações e sendo muitas vezes captados em respostas negativas em testes de reação subjetiva. Por fim, há os *estereótipos*, que são variantes sujeitas a comentários metalinguísticos explícitos dos falantes, ou seja, os falantes possuem altos níveis de consciência a respeito de seu uso. Em geral, os *estereótipos* são alvo de extrema estigmatização. Contudo, conforme afirma o autor, ainda que os falantes elaborem comentários abertos a respeito dos estereótipos, os rótulos empregados podem ser distintos da real produção das formas, de modo que os falantes possam não perceber que eles mesmos empregam as formas por eles estigmatizadas no nível da consciência. Os *estereótipos*, nos termos de Labov (2008 [1972]), se aproximam dos *estereótipos indexicais* conforme definidos por Agha (2006), na medida em que são registros comuns a diversos falantes, exibindo valorações amplamente difundidas.

A divisão realizada por Labov (2008 [1972]) a respeito das avaliações sociais das formas linguísticas diz respeito ao nível de consciência que os falantes possuem destas avaliações sociais, portanto, levando em conta a variação estilística, entendida como grau de atenção prestado à fala. Observa-se um *continuum* do que está abaixo do nível da consciência e não suscetível a variação estilística, os *indicadores*, até o que está acima do nível da consciência, os *estereótipos*, passando por um estágio intermediário, os

marcadores, que já são suscetíveis a variação estilística. Mas há uma questão, ainda anterior à do nível de consciência da relação entre significados e formas linguísticas, que merece atenção nos estudos linguísticos, qual seja: *de que forma* as variáveis se ligam aos significados sociais?

Para entender a relação entre os significados sociais e os signos linguísticos, é preciso explorar a relação entre signos e objetos. Para elucidar essa questão, Eckert (2019) retoma a tricotomia de Peirce (1960-1966), que tem como base três tipos de signos, para explicar as possíveis relações entre signos e objetos: o *símbolo*, o *ícone* e o *índice*. O *símbolo* se associa ao objeto por convenção; o *ícone* por semelhança; e o *índice* por relação existente. Muitas vezes, as relações entre avaliações sociais e formas linguísticas se dá por meio de índices, justamente porque os significados sociais das variáveis em geral não são convencionais e não apresentam relações de semelhança, isto é, não há algo nas variáveis em si que justifique ou motive os significados sociais que elas comportam. O que os indivíduos fazem é, conforme explica Agha (2006), *registrar* as variáveis por meio de tipificações metasemióticas, associando signos linguísticos e outros signos, o que pode culminar em estereótipos de indexicalidade (relação indexical, de *índice*), quando as relações são amplamente difundidas em uma população. É o uso situado da linguagem, portanto, que desperta as relações entre estilos, *personae* e traços linguísticos. Quando uma forma linguística começa a ser utilizada por determinado grupo, ou para projetar determinada *personae*, ela passa a integrar uma relação de indexicalidade que pode ser mais ou menos difundida, mais ou menos consciente.

Para Irvine e Gal (2000) e Irvine (2001), as relações indexicais podem se transformar em relações icônicas a partir do processo de *iconização*, em que a relação indexical se estabelece como se o traço linguístico, de alguma forma, retratasse ou exibisse uma natureza inerente ou essencial de certo grupo social. A esse respeito, Drager *et al.* (2021) explicam que mesmo as relações icônicas são ideologizadas e convencionalizadas, isto é, não são associações naturais, ainda que possam ser percebidas por certos falantes como tal. Isso quer dizer que mesmo que exista uma

relação icônica entre uma variável e seu significado social, tal relação não é intrínseca ou natural, mas construída e convencionalizada.

D'Onofrio (2021) faz referência a um *signo sociolinguístico*, conceituando o papel do falante e do ouvinte na significação social. Os falantes, na perspectiva da autora, exploram o significado social das formas linguísticas, utilizando-os como recursos estilísticos para projetar *personae* em interações. Já os ouvintes atribuem significado social aos estilos linguísticos que observam no mundo, codificando relações entre o social e o linguístico. Para a autora, os signos são estruturas complexas que estão sempre mudando, e a relação entre forma e sentido depende de uma porção de fatores contextuais.

Retomando Peirce (1998 [1903]) e a noção de indexicalidade, entendida como crucial para as abordagens baseadas no significado social (OCHS, 1992; SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008), D'Onofrio (2021) destaca a importância do interpretador (*interpretant*) no processo de atribuição de significados sociais às formas linguísticas. O interpretador, explica a autora, está sempre mediado ideologicamente, informado por suas experiências e expectativas como ouvinte, e pelos diversos atributos do contexto em que a forma linguística ocorre. Pequenas mudanças são, nesse sentido, oportunidades para mudança nos significados sociais atribuídos às formas linguísticas. D'Onofrio (2021) chama atenção para o fato de que a maior parte dos trabalhos de terceira onda deram ênfase a como falantes atribuem significado social a recursos linguísticos a partir da produção, mas uma porção menor de trabalhos explorou como o significado social opera na percepção linguística e nas representações cognitivas. A autora mostra que expectativas a respeito de uma *persona* social interferem em como nós lembramos um traço do estilo linguístico de tal falante. Assim, não apenas mantemos interpretantes cognitivos, ligando objetos sociais e signos-veículos na mente, mas também essas representações podem interferir na memória, nos levando a atribuir enunciados a falantes mesmo quando não presenciamos a enunciação ou desconhecemos o enunciador e o contexto de enunciação.

Também do interesse de investigar a relação entre as formas linguísticas e os significados, surge a proposta de Silverstein (2003), mobilizada por Eckert (2008) para sua proposição de *campos indexicais*. Para Eckert (2008), cada variante possui um *campo indexical* de significados sociais potenciais, que são ideologicamente relacionados e estão constantemente sujeitos a reinterpretação a cada novo uso da língua. Esse *campo indexical* é uma espécie de nuvem de associações de significados sociais a formas linguísticas. Para chegar à proposição, Eckert (2008) baseou-se na classificação de Silverstein (2003) de *índices de primeira ordem* e *índices de segunda ordem*. Para o autor, há, como para Labov (2008 [1972]), um *continuum* entre os conceitos: os *índices de primeira ordem* são similares aos *indicadores*; tornam-se *índices de segunda ordem* quando as avaliações sociais dos falantes passam a integrar os índices. Silverstein (2003), diferentemente de Labov (2008 [1972]), destaca que os índices estão disponíveis a novas interpretações e atribuição de novos significados, aspecto que é crucial para a proposição dos campos indexicais como dinâmicos, compostos de significados que não são fixos, mas que sofrem certas modificações a cada uso da língua. Para Eckert (2008), os campos indexicais podem se modificar de acordo com diversos aspectos, inclusive por conta das situações de fala e das posturas dos falantes nas interações.

Até aqui, a reflexão teórica a respeito da significação social da língua priorizou o nível conceitual, enfatizando algumas abstrações e generalizações a que chegam alguns autores sobre a relação entre formas linguísticas em variação e valores a elas atribuídos. Na seção seguinte, a significação social das formas linguísticas será discutida por meio de exemplos obtidos de estudos linguísticos voltados à investigação da percepção e da avaliação linguística. Para tanto, é preciso contextualizar a demanda da agenda de estudos sociolinguísticos no que diz respeito à realização de pesquisas de *percepção* e *avaliação* linguística que tenham o objetivo de explorar a significação social da variação linguística.

2.2 Percepção e avaliação linguística

Entender como as formas linguísticas são percebidas e avaliadas é uma demanda que faz parte do que Weinreich *et al.* (2006 [1968]) consideram o *Problema da Avaliação*, um dos cinco problemas que estabelecem fundamentos empíricos para o estudo da variação e mudança linguística (ao lado do Problema do Encaixamento, do Problema dos Fatores Condicionantes, do Problema da Transição e do Problema da Implementação). Para dar conta dessa demanda, trabalhos de percepção e avaliação linguística têm sido desenvolvidos (CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2009; PODESVA *et al.*, 2015; OUSHIRO 2015, 2019, entre outros), uma vez que possibilitam compreender quais são os significados sociais indexados pelas variáveis linguísticas e de que maneira tais significados se organizam. Tais estudos partem do princípio de que, como a produção linguística, a percepção e a avaliação são sensíveis às normas partilhadas pelos grupos sociais.

No presente trabalho, os termos *percepção* e *avaliação* são utilizados juntos porque, em geral, tanto a percepção das formas linguísticas quanto sua avaliação são testadas nas pesquisas que se propõem a desvendar os significados sociais das variantes. Contudo, embora sejam conceitos por vezes tratados como equivalentes ou sinônimos, cabe estabelecer o que se pode entender por *percepção* e por *avaliação*. Todavia, antes de explorar as noções de *percepção* e *avaliação* é preciso considerar outro conceito: o de *atitude* linguística.

Kaufmann (2011), ao retomar aspectos teóricos da Psicologia Social, explora diferentes possibilidades de compreender *atitudes* na Sociolinguística. Dentre as possíveis definições do construto teórico denominado *atitude*, Kaufmann (2011) faz referência, em meio a outros autores, a Quasthoff (1987), para quem a atitude se define como um estado (mental e neural) de prontidão que se organiza através da experiência e exerce influência sobre a resposta de um indivíduo; e a Ayzen (1988), para quem a atitude se constitui como uma disposição para responder favorável ou desfavoravelmente a algo (objeto, pessoa, instituição, evento). Além disso, dando

sequência ao seu ensaio teórico, Kaufmann (2011) inclui o entendimento de Lasagabaster (2004) sobre as atitudes, explicando que elas são influenciadas por normas sociais, de modo que os indivíduos têm a tendência de ajustar suas atitudes às aquelas predominantes nos grupos sociais de que fazem parte.

Para explorar a estrutura interna das atitudes, Kaufmann (2011) retoma Deprez e Persoons (1987) e explica que as atitudes se organizam tradicionalmente em três componentes: (i) *cognitivo* (convicções e crenças sobre o objeto da atitude), (ii) *afetivo* (avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude), (iii) *conativo* (crenças e valores emocionais são transformados em intenções comportamentais). Essa divisão em componentes não é a única, contudo: Kaufmann (2011) menciona que, para Ayzen e Fishbein (1980) e Ayzen (1988), cognição, afeto e conação não devem ser tratados como três componentes da atitude, mas sim como construtos diferentes nomeados independentemente. Nessa perspectiva, cognição, afeto e conação são entendidos, respectivamente, como crença, atitude e intenção.

Além da estrutura interna das atitudes, há outro aspecto que merece destaque em estudos sociolinguísticos: a relação entre atitudes linguísticas e comportamento linguístico. Para Lasagabaster (2004), ainda que conhecer as atitudes possa auxiliar na previsão do comportamento, há uma lacuna entre o que as pessoas dizem (atitudes expressas) e o que elas fazem (comportamento de fato). Essa lacuna tem relação com um problema sociolinguístico que Labov (2008 [1972]) considera *primordial*, que tem a ver com a relação entre atitude e comportamento, percepção e produção, querer-dizer e dizer. Para elucidar esse problema, Labov (2008 [1972], p. 353) retoma uma pergunta que uma mulher de classe média alta lhe fez: “Por que é que eu digo [p'] mesmo que eu não queira dizer?”. O que diferentes investigações parecem demonstrar é que atitudes linguísticas não condizem necessariamente com comportamentos linguísticos, mas permitem compreender parâmetros acerca das normas sociais que, por sua vez, também têm influência sobre comportamentos linguísticos.

Mas em que medida a noção de *atitude* se associa aos conceitos de *percepção* e *avaliação*? Uma possibilidade de relacionar os conceitos é a de incluir os estudos de

percepção e *avaliação* entre aqueles que investigam atitudes linguísticas. É o que sugere Oushiro (2015):

Ainda que, da perspectiva dos estudos variacionistas, o número de trabalhos sobre percepções seja bastante reduzido em relação àqueles sobre produção, existe um campo já bem constituído e prolífico a respeito de ‘atitudes linguísticas’, interdisciplinar com a Psicologia Social, no qual se podem incluir os trabalhos sobre percepção.

(OUSHIRO, 2015, p. 266)

Oushiro (2015) opera primordialmente com as noções de *percepção* e *avaliação* em seu abrangente trabalho sobre o falar paulistano. A esse respeito, a autora explica:

O presente estudo faz uma distinção conceitual entre *avaliação* e *percepção* linguística: o primeiro é empregado para fazer referência ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, o que constitui um objeto de estudo em si. O segundo diz respeito a inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes – e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico. Ambas, por outro lado, diferenciam-se de *produção* linguística, já que aquilo que as pessoas dizem ou o modo como reagem a certas variantes podem não coincidir com seus usos factuais.

(OUSHIRO, 2015, p. 32)

Em suma, Oushiro (2015) entende *avaliação* como associada ao discurso metalinguístico, ao passo que a *percepção* se relaciona com as inferências que fazem as pessoas ao ouvirem outros falantes. Para a autora, entra em jogo, na diferença entre os conceitos, o grau de consciência dos usuários sobre as variantes: para aquilo que é percebido possa ser avaliado, é preciso que os falantes sejam capazes de realizar comentários metalinguísticos a seu respeito.

Neste trabalho, adoto uma posição diferente à de Oushiro (2015): entendo que a chave para a diferenciação entre *percepção* e *avaliação* resida na presença ou ausência de juízo de valor sobre as formas linguísticas. Assim, uma *percepção* sobre uma forma linguística diz respeito a uma característica a ela atribuída que não tenha peso avaliativo contundente, seja ele positivo ou negativo. Já uma *avaliação* sobre uma forma linguística se configura como uma atribuição valorativa, positiva ou negativa, de uma

característica a uma forma linguística. A partir dessa interpretação, é mais provável que a dimensão da *percepção*, conforme defende Oushiro (2015), seja aquela voltada às inferências que fazem os falantes sobre as formas linguísticas, enquanto uma *avaliação* seja mais consciente e mais comumente apareça em discursos metalinguísticos, sendo resultado de uma maior elaboração sobre as formas linguísticas. Contudo, esse nem sempre será o caso: é possível que *percepções* sejam conscientes e *avaliações* sejam inconscientes.

Nesse sentido, testes de *percepção* buscam compreender (de maneira objetiva/explicita ou subjetiva/implícita) as associações, por exemplo, entre formas linguísticas e grupos sociais, características psicológicas, gostos. A dimensão da *avaliação*, por sua vez, é aquela que pode ser definida ora como o componente afetivo da atitude, ora como sinônimo de atitude. Testes de *avaliação*, nesta perspectiva, buscam desvendar como os falantes avaliam (se mais positiva ou negativamente, por exemplo) as formas linguísticas.

Assim, é a percepção dos falantes que os leva a classificar uma forma X como mais ou menos “porto-alegrense”, por exemplo, pois a atribuição de uma forma linguística a um falar típico de uma cidade não carrega, em si mesma, juízo de valor. Tal percepção pode ser mais consciente, estando presente em discursos metalinguísticos, ou menos consciente, sendo captada em testes de percepção subjetiva. Já a avaliação desta mesma forma X, seguindo essa linha de raciocínio, é que leva os falantes a classificá-la como mais ou menos “agradável”, uma vez que a atribuição de tal característica carrega um juízo de valor que pode ser interpretado em um *continuum* do que é uma característica mais positiva ao que é uma característica mais negativa. Pode ser que uma forma X seja explicitamente incômoda a um falante, figurando em discursos metalinguísticos sobre ela. Pode ser, também, que tal avaliação seja inconsciente, revelada somente em testes de avaliação subjetiva.

Contudo, embora seja possível fazer tal distinção conceitual, *percepção* e *avaliação* parecem dois conceitos que não são facilmente dissociáveis, porque se retroalimentam: avaliações influenciam percepções, e vice-versa. A princípio, classificar uma forma X

como típica de Porto Alegre, por exemplo, não carrega juízo de valor, mas isso também pode sofrer influência do quanto o falante que fez a associação gosta ou não da cidade. Considerando que não é interesse deste estudo isolar um conceito de outro, mas sim considerá-los em conjunto, porque ambos interessam à investigação de significados sociais das variantes, eles serão muitas vezes apresentados como que constituindo um par: percepção e avaliação. Entende-se que esse par contempla o que Agha (2006) chama de *reconhecer e interpretar* os usos linguísticos, o que difere da *utilização* de elementos da língua, ou seja, da produção linguística.

Em relação ao desenvolvimento de possíveis métodos para medir atitudes, o trabalho de Lambert *et al.* (1960) é de suma importância, pois inaugura um tipo de análise que segue sendo utilizada, com devidos ajustes e refinamentos, por estudiosos da linguagem. Lambert *et al.* (1960) desenvolveram uma técnica intitulada *matched-guise technique*, por vezes referida pela sigla MGT, que tem pelo menos duas traduções possíveis para o português: técnica dos falsos pares ou técnica de estímulos pareados. Essa técnica mede reações avaliativas inconscientes à linguagem, uma vez que os sujeitos que realizam os testes, chamados de ouvintes ou juízes, registram julgamentos dos falantes ouvidos em termos de diferentes traços de personalidade, sem serem previamente informados sobre o objeto de estudo em questão ou sobre a organização dos estímulos em pares.

No trabalho que deu origem à técnica, Lambert *et al.* (1960) gravaram estímulos de quatro homens bilíngues em francês e inglês, sendo que cada participante gravou duas versões de uma mesma passagem de texto: uma em francês e outra em inglês. Os estímulos, de dois minutos e meio de duração, continham uma passagem de prosa francesa, de natureza filosófica, traduzida também para o inglês. Além dos oito estímulos-alvo gravados (dois de cada um dos quatro falantes), outros dois homens gravaram estímulos, um em francês e um em inglês, que foram utilizados para prática do teste. Ao todo, contou-se, então, com 10 estímulos de áudio, que foram apresentados aos ouvintes alternando francês e inglês, começando pelos dois estímulos que serviam para prática, e buscando garantir o maior intervalo possível

entre as apresentações de dois áudios de um mesmo falante. Os ouvintes não receberam a informação de que ouviriam algumas vozes duas vezes, tendo sido apenas informados de que ouviriam gravações de 10 vozes masculinas, todas da mesma passagem de texto, cinco em francês e cinco em inglês. Os 130 ouvintes que realizaram o experimento receberam os trechos de texto para ler antes de ouvir os áudios, para que estivessem preparados para prestar atenção nas vozes ouvidas. Para cada áudio, os ouvintes deviam atribuir uma nota, numa escala de seis pontos, que iam de “pouco” a “bastante”, para 14 traços: *altura, beleza física, liderança, senso de humor, inteligência, religiosidade, autoconfiança, confiabilidade, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter, simpatia*¹⁷.

A metodologia de Lambert *et al.* (1960) permite, com os estímulos (“disfarces”) em pares, investigar se os falantes são avaliados diferentemente em suas duas emissões. Captar diferenças nas avaliações de um mesmo falante quando lê um mesmo texto em francês ou em inglês permite descartar a possibilidade de a avaliação ter sido guiada pela voz do falante ou pelo conteúdo do texto dito, já que essas características se mantêm constantes nas duas emissões. Dessa forma, os resultados, analisados em pares, permitem compreender tendências avaliativas relacionadas às línguas ouvidas: o inglês e o francês em Montreal, no Canadá.

Como resultado, os autores observaram que os ouvintes anglófonos avaliaram mais favoravelmente os estímulos em inglês para a maioria dos traços. Os ouvintes francófonos também avaliaram os estímulos em inglês mais favoravelmente do que os estímulos em francês, e, além disso, suas avaliações dos estímulos em francês são menos favoráveis do que as avaliações dos anglófonos sobre os estímulos em francês. Para Lambert *et al.* (1960), os resultados do estudo são interpretados como reflexo da

¹⁷ Traduzido do original: *height/taille, good looks/attrait physique, leadership/apte à diriger, sense of humour/sens de l'humour, intelligence/intelligence, religiousness/pieux, self-confidence/confiance en soi, dependability/digne de confiance, entertainingness/jovialité, kindness/bonté, ambition/ambition, sociability/sociabilité, character/caractère, general likeability/est-ce qu'il est sympathique?* (LAMBERT *et al.*, 1960, p. 44).

influência dos estereótipos de canadenses anglófonos e francófonos em toda a comunidade.

A metodologia de Lambert *et al.* (1960) guiou uma série de outros trabalhos interessados no estudo dos significados sociais da variação linguística. Campbell-Kibler (2006, 2009), por exemplo, utilizou a técnica de estímulos pareados para investigar a variável (ING) no inglês dos Estados Unidos. Diferentemente de Lambert *et al.* (1960), Campbell-Kibler (2006, 2009) fez uso de conversas espontâneas na criação dos estímulos para o teste, que foram manipulados digitalmente. A autora conduziu entrevistas antes da aplicação dos questionários para investigar as reações aos áudios, e fez a aplicação dos testes de maneira *online*. Os estímulos foram gerados a partir de gravações realizadas com oito falantes, estratificados por gênero e por região (Costa Oeste, Carolina do Norte). A autora buscou investigar como são percebidas duas formas de (ING), com nasal velar [ŋ], entendida como o padrão do inglês, e com nasal alveolar [n], comumente associada ao falar do sul dos EUA. Dentre os resultados encontrados, Campbell-Kibler (2006, 2009) aponta que os falantes tendem a ser percebidos como menos educados/inteligentes quando usam a variante alveolar, mas esse efeito ocorre quando os falantes são percebidos como não relacionados a uma região específica e não pertencentes à classe trabalhadora. Além disso, a autora indica a influência de fatores contextuais, relativos aos falantes e ao conteúdo das mensagens, nos resultados.

A respeito da influência de fatores contextuais, o trabalho de Hay e Drager (2010) traz uma contribuição interessante: a presença de certos objetos na sala onde os testes são realizados, como diferentes bichos de pelúcia, no estudo dessas autoras, é capaz de influenciar as respostas dos ouvintes. No estudo das autoras, 24 ouvintes neozelandeses (12 homens e 12 mulheres) avaliaram o falar de um homem, também neozelandês. O estímulo que compôs o teste continha 20 frases que incluíam a vogal /I/, alvo da investigação por ser marca que diferencia falares australianos e neozelandeses, e 20 frases distratoras, com outras vogais. A aplicação do experimento foi feita em duas condições: uma delas em que estavam bichos de pelúcia de animais

associados à Austrália (cangurus e coalas); outra em que estavam bichos de pelúcia de animais associados à Nova Zelândia (pássaros *kiwi*). Os resultados revelaram que a condição (presença de bichos de pelúcia típicos de um ou outro local) alterou a percepção dos ouvintes quanto à vogal investigada, o que mostra que tanto informações linguísticas quanto informações não linguísticas, de diferentes naturezas, influenciam nas percepções e avaliações de dados linguísticos.

Os estudos de percepção linguística têm permitido estabelecer comparações entre *produção* e *percepção* da variação, bem como investigar a sistematicidade da avaliação social das variantes linguísticas. Podesva *et al.* (2015) realizaram um interessante estudo de produção e de percepção linguística sobre a soltura de /t/, em posição medial e em final de palavra, nos falares de seis políticos estadunidenses: George W. Bush, Hillary Rodham Clinton, John Edwards, Barack Obama, Nancy Pelosi e Condoleezza Rice. Para a etapa de produção, foram analisados 60 minutos de discursos de cada um dos seis políticos. Como resultado, os autores encontraram que a soltura de /t/ é muito mais comum em final de palavras do que na posição medial. Os condicionadores linguísticos encontrados auxiliaram na construção dos estímulos para o estudo de percepção. Os autores destacaram que Hillary Clinton e Condoleezza Rice produziram maiores taxas de soltura em posição final, enquanto Nancy Pelosi produziu maiores taxas em posição medial. Barack Obama e John Edwards realizaram pouca soltura de /t/ na posição final, e Barack Obama teve a menor taxa de soltura em posição medial.

Para o estudo de percepção, Podesva *et al.* (2015) apresentaram estímulos de áudio (manipulados acusticamente) de cada político aos ouvintes, juntamente com seu nome, uma foto, sua função atual e sua afiliação partidária. Após ouvir os estímulos, os ouvintes deviam classificá-los em escalas de seis pontos que possuíam adjetivos, entendidos como opostos, em seus extremos: *amigável/não amigável*, *sulista/não sulista*, *impetuoso/chato*, *não inteligente/inteligente*, *autoritário/não autoritário*, *sem sotaque/com*

*sotaque, sincero/não sincero, espontâneo/ensaiado, inarticulado/articulado*¹⁸. Seguindo Campbell-Kibler (2007), Podesva *et al.* (2015) aplicaram a técnica de estímulos pareados *entre-sujeitos*, isto é, de maneira que cada ouvinte ouça apenas uma variante de cada estímulo, o que faz com que o tamanho do teste seja menor. Cada ouvinte ouviu três estímulos por político, um com soltura, outro sem soltura, e um distrator (estímulo que integra o teste, mas não é analisado posteriormente). A aplicação dos testes ocorreu de forma *online*, e os 70 participantes que os responderam foram recrutados principalmente via *Yelp* e *Facebook*.

A partir dos resultados obtidos, Podesva *et al.* (2015) concluem que as interpretações de traços linguísticos podem depender do conhecimento sobre o quão frequentemente as pessoas sob avaliação fazem uso desses traços. Para os autores, esse foi o caso de Barack Obama, que tem taxas mais baixas de soltura de /t/ do que a maioria dos políticos estudados e cujo discurso foi percebido de forma mais favorável quando a soltura de /t/ não foi realizada. Considerando a relação entre soltura de /t/ em final de palavra e *inteligência*, Podesva *et al.* (2015) consideraram o resultado para Barack Obama surpreendente, o que sugere que o conhecimento dos padrões de fala de um falante pode inverter a interpretação convencional atribuída a variantes linguísticas. O trabalho de Podesva *et al.* (2015) revelou que existem significados sociais relativamente mais convencionalizados para a soltura de /t/: tanto John Edwards quanto Condoleezza Rice foram avaliados como soando mais articulados nos estímulos em que realizaram a soltura medial de /t/. Dessa forma, o traço pode ser empregado como recurso para indexar articulação e construir *personae* articuladas. Contudo, apesar das convenções entre variantes e significados sociais, Podesva *et al.* (2015) consideram que os significados atribuídos às variantes linguísticas são, em última instância, mediados pelas impressões que os ouvintes têm dos falantes: como os falantes considerados no estudo são figuras públicas, foi possível, no trabalho, fazer

¹⁸ Traduzido do original: *friendly/unfriendly, Southern/not Southern, passionate/boring, not intelligent/intelligent, authoritative/not authoritative, unaccented/accented, sincere/insincere, spontaneous/rehearsed, inarticulate/articulate* (PODESVA *et al.*, 2015, p. 74).

essa relação. Em suma, os significados sociais atribuídos às variantes não se mostraram estáveis, e mesmo associações entendidas como fortes, como entre soltura de /t/ e articulação, podem não estar disponíveis da mesma forma para todos os falantes.

Podesva *et al.* (2015) também encontraram resultados importantes no que diz respeito à saliência social das variantes linguísticas, uma vez que foi possível comparar as avaliações atribuídas à soltura de /t/ em posição final e medial. A variação na soltura de /t/ final teve menor efeito do que a variação na soltura de /t/ medial. Para os autores, esse resultado tem a ver com a frequência em que as solturas ocorrem: a soltura em posição medial se mostrou infrequente no *corpus* analisado no estudo de produção, ao passo que a soltura em posição final ocorreu mais frequentemente. Esse dado levou os autores a concluir que a variante menos frequente é menos previsível e, portanto, mais saliente, com maior potencial para carregar significados sociais.

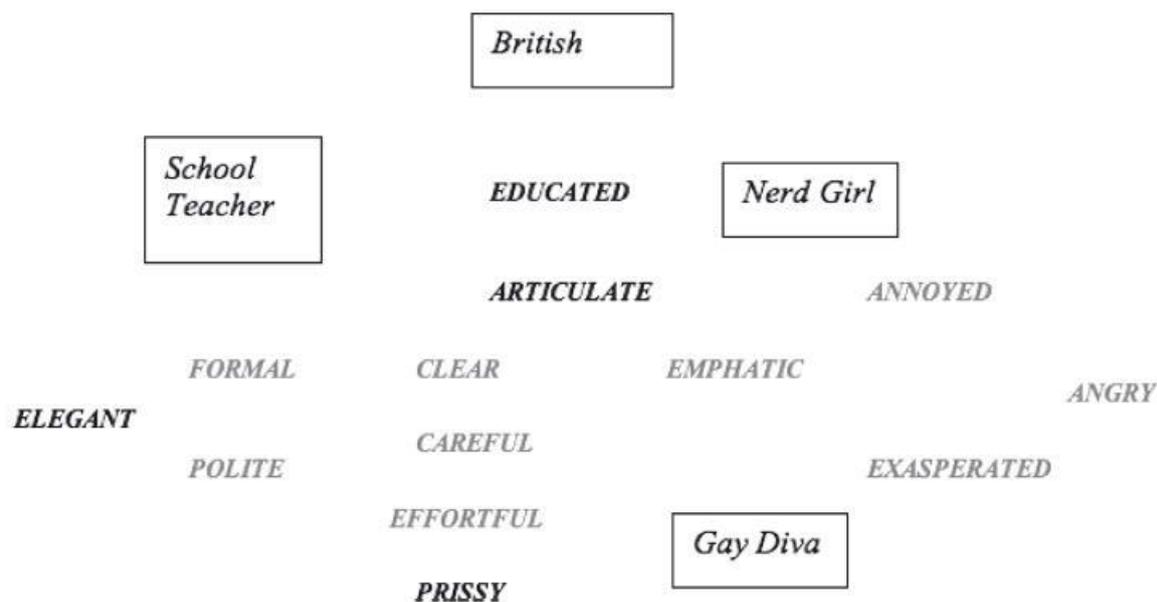
A respeito da soltura de /t/, especificamente sua pronúncia hiperarticulada em final de palavras no inglês, Eckert (2008) elabora um campo indexical, considerando resultados obtidos em diferentes estudos. Trata-se de uma representação visual que reúne as diferentes associações que os falantes fazem em relação à variante em questão. O campo indexical proposto pela autora está na Figura 4.

A representação da significação social por meio do campo indexical permite a sistematização da articulação entre significados sociais, mais próximos ou distantes uns dos outros e dos tipos sociais a que estão vinculados. Neste campo, observa-se, por exemplo, que a característica permanente *educado* está relacionada/próxima de três tipos sociais: professor de escola, britânico e garota *nerd*, mas distante de diva *gay*. Diva *gay*, por sua vez, possui uma associação mais íntima com a qualidade *fresco* e as posturas, ou características temporárias, *exasperado* e *esforçado*.

No cenário brasileiro, pesquisas que investigam os significados sociais das variáveis linguísticas por meio de estudos de percepção e avaliação começaram a ganhar destaque nos últimos anos. Dentre as variáveis linguísticas pesquisadas, estão a concordância nominal (MENDES, 2020a, 2020b), a concordância verbal (CANEVER e MENDES, 2019), a ditongação [êj] (MENDES, 2016; MENDES, 2019), a realização de

/r/ em coda silábica (OUSHIRO, 2015, 2019; SORIANO, 2016; SORIANO, MENDES, 2016), a variação de /S/ em coda (HENRIQUE, 2016; MELO e GOMES, 2019), a variação subjuntivo/indicativo (SANTOS, 2020), a palatalização regressiva e progressiva de /t, d/ diante de /i/ (FREITAG, 2020), dentre outros.

Figura 4 – Campo indexical de /t/ em inglês



Caixas = tipos sociais¹⁹; Preto = qualidades permanentes²⁰; Cinza = posturas²¹

Fonte: Eckert (2018, p. 469)

O trabalho de Oushiro (2015), que tem sua metodologia baseada na investigação de Campbell-Kibler (2006), contou com estímulos pareados de fala natural, realização de entrevistas abertas de percepção, e aplicação de questionários que possibilitassem a quantificação das respostas. Para o estudo, dois homens e duas mulheres, residentes da Zona Oeste da cidade de São Paulo, com cerca de 30 anos de idade e com nível superior de escolaridade, foram gravados em entrevistas sociolinguísticas. A opção de utilizar excertos de fala natural para elaboração dos estímulos tem, para Oushiro

¹⁹ professor, britânico, garota nerd, diva gay.

²⁰ educado, articulado, elegante, fresco.

²¹ formal, polido, claro, cuidadoso, esforçado, enfático, irritado, exasperado, bravo.

(2015), a vantagem de criar, nos ouvintes, a percepção de que os falantes são “pessoas reais”. Foram selecionados trechos curtos de fala de cada entrevista (15 a 20 segundos de duração), cada um com 4 a 7 ocorrências de /r/ em coda silábica. Depois de realizadas as primeiras gravações, foram feitas novas gravações com o intuito de obter produções de /r/ em coda silábica como tepe ou retroflexo, para que os áudios pudessem ser digitalmente manipulados de forma a garantir que cada falante tivesse duas versões idênticas dos estímulos: uma com tepe, outra com retroflexo. Os estímulos foram organizados em dois grupos para uma aplicação *entre-sujeitos* da técnica de estímulos pareados.

Oushiro (2015) realizou entrevistas abertas com 30 ouvintes a respeito dos estímulos criados, uma espécie de levantamento sem roteiro pré-definido, em que eles respondiam questões do tipo “Como você imagina essa pessoa que está falando?”. A partir das respostas desse primeiro levantamento, foi elaborado um questionário com 10 variáveis contínuas/qualitativas²², em escalas de diferenciais semânticos de 5 pontos, quatro variáveis discretas/qualitativas²³, e 30 caixas de seleção com características pessoais²⁴, das quais os ouvintes podiam assinalar todas que julgassem pertinentes. Os questionários de Oushiro (2015) foram aplicados a 185 ouvintes residentes na cidade de São Paulo: 84 presencialmente e 101 por meio da plataforma *online* Qualtrics. Na coleta *online*, os ouvintes foram recrutados via *Facebook*.

Em sua síntese de resultados, Oushiro (2015) indica que o principal significado social se refere a identidades geográficas (*capital versus interior, centro versus*

²² Para você, essa pessoa parece... *extrovertida, escolarizada, masculina/feminina, inteligente, formal, amigável, paulistana, ter sotaque, ter amigos*; essa pessoa deve morar num... *bairro mais periférico/bairro mais central* (OUSHIRO, 2015, p. 279).

²³ Em que zona da cidade essa pessoa deve morar? *Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro, Não sei*; Você acha que esta pessoa está em que faixa etária? *Na adolescência, 20 e poucos anos, por volta dos 30, por volta dos 40*; você acha que esta pessoa estudou... *até o Ensino Fundamental I, até o Ensino Fundamental II, até o Ensino Médio, até o Curso Superior, até a Pós-Graduação*; você acha que esta pessoa pertence à... *classe baixa, classe média baixa, classe média, classe média alta, classe alta* (OUSHIRO, 2015, p. 279-280).

²⁴ Do que você ouviu, você acha que essa pessoa deve ser... *alta, branca, tímida, descolada, maconheira, religiosa, ligada à família, articulada, irritante, metida, confiável, simples, trabalhadora, confiante, solidária, prática, preguiçosa, mal-educada, engraçada, desencanada, sincera, gay/lésbica, mimada, conservadora, caipira, deprimida, nerd, sofisticada, independente, patricinha/mauricinho* (OUSHIRO, 2015, p. 280).

periferia), e se estende para o *status* dos falantes na comunidade e para inferências sobre o caráter dos indivíduos. De maneira geral, afirma Oushiro (2015), as correlações significativas seguiram na direção já prevista pela autora: o retroflexo foi julgado mais negativamente em traços associados ao *status* do falante, e mais positivamente em traços associados às dimensões de solidariedade e dinamismo. Algumas hipóteses, contudo, não se concretizaram, como a correlação da variável com inteligência, feminilidade/masculinidade, entre outros. A autora também indicou interações entre as variantes e características dos ouvintes, sugerindo que os conceitos diferem nos grupos sociais. Para a autora,

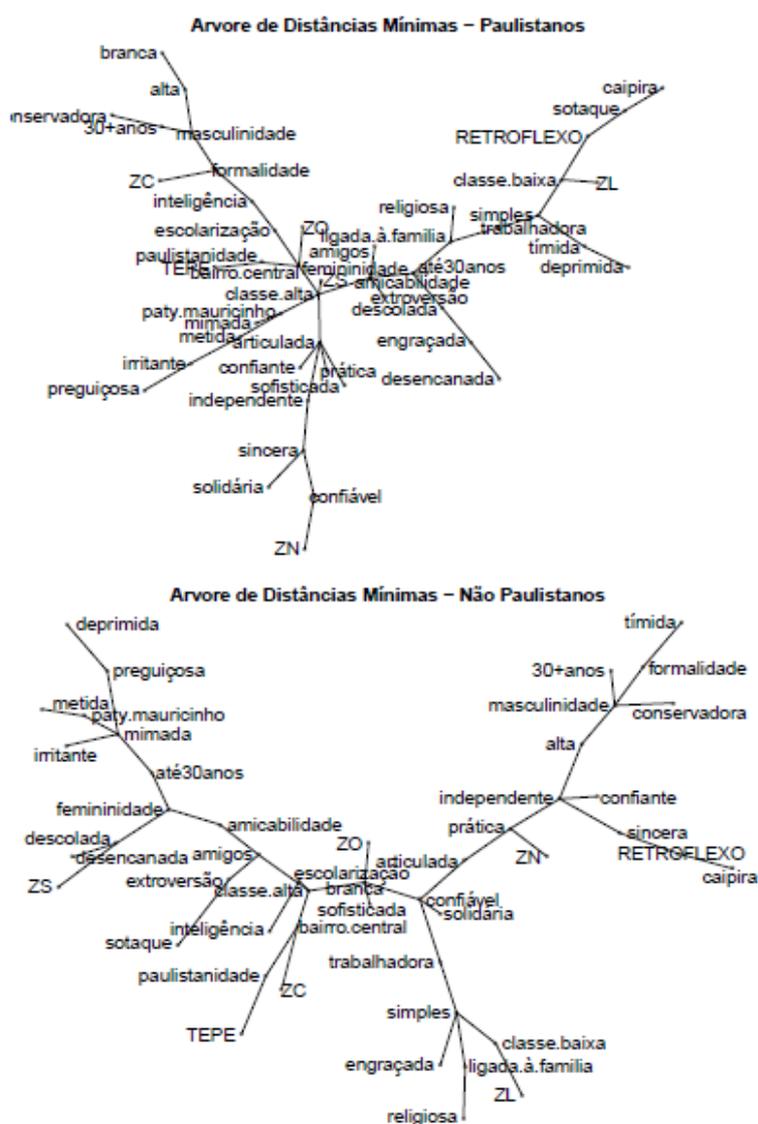
Tais diferenças têm consequências para a interpretação dos significados sociais das variantes de (-r): os habitantes de regiões mais periféricas são mais tolerantes quanto à “paulistanidade” do retroflexo, bem como os migrantes de outros estados, para quem o retroflexo é tão paulistano quanto o tepe. Entretanto, enquanto os moradores de bairros periféricos, os paulistas advindos da Região Metropolitana e os do interior do estado atenuam a marcação do retroflexo como um “sotaque”, os migrantes de outros estados se alinham com os paulistanos de regiões mais centrais ao considerar o retroflexo como uma forma mais marcada do que o tepe.

(OUSHIRO, 2015, p. 320-321)

A investigação de Oushiro (2015) reforça uma característica já presente em outros estudos de percepção e avaliação: a necessidade de considerar informações sobre os ouvintes que realizam os questionários para interpretar os resultados obtidos. Além disso, a autora propõe um modelo computacional, baseado no conceito de campos indexicais de Eckert (2008), a partir do modelo de árvores de distâncias mínimas. Diferentemente dos campos indexicais de Eckert (2008), a proposta de Oushiro (2015, 2019) permite tanto representar, de modo falseável, as associações realizadas pelos ouvintes, quanto prever quais significados sociais possuem maior probabilidade de ser atribuídos às variantes.

A Figura 5 representa campos indexicais de /r/ de acordo com a origem dos ouvintes (paulistanos ou não paulistanos). Em cada campo, é possível observar como os significados relacionam-se entre si e com as variantes tepe e retroflexo.

Figura 5 – Campo indexical de (-r) de acordo com Origem dos Ouvintes



Fonte: Oushiro (2015, p. 317)

A modelagem realizada pela autora resulta em uma representação baseada em uma quantificação que considera os resultados do teste de percepção e avaliação das formas linguísticas. Uma diferença interessante é a proximidade que o termo *sotaque* tem das variantes nas duas representações. Na representação realizada para os dados de paulistanos, *sotaque* está bastante próximo da variante retroflexa. Já na representação para os não paulistanos, *sotaque* está próximo da variante tepe. Nos dois campos, tepe está associado a *paulistanidade* e retroflexo a *caipira*, mas a perspectiva do

que é considerado *sotaque* muda a depender da origem do ouvinte: se faz parte da comunidade de fala sob investigação (paulistano) ou não (não paulistano).

Mendes (2018) também utilizou a técnica de estímulos pareados em seu estudo, neste caso para investigar os efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal na percepção de masculinidades. Para tanto, o autor realizou quatro experimentos: dois sobre a concordância nominal, um sobre a ditongação de /e/, e um sobre as duas variáveis combinadas. Como resultado, o autor encontrou efeitos independentes para as duas variáveis. Em um dos experimentos, somente com vozes gravadas por homens, verificou a tendência de todos os falantes ouvidos serem percebidos como mais masculinos diante da concordância nominal não padrão. Em outro, realizado com duas vozes masculinas e duas vozes femininas, a concordância nominal teve efeito somente na percepção de masculinidade de um homem, e na percepção de feminilidade de uma mulher ouvida. O experimento sobre o /e/ nasal, realizado com os mesmos quatro falantes (dois homens e duas mulheres), mostrou que a ditongação nasal influenciou somente a percepção de uma mulher, que soou mais feminina, e de um homem, que soou menos masculino. O último experimento, realizado apenas com um falante homem e uma falante mulher, combinando concordância nominal e ditongação de /e/ nasal, revelou efeito de concordância nominal na percepção de masculinidade, e de ditongação de /e/ para a percepção de feminilidade.

Os achados de Mendes (2018) revelam, em termos metodológicos, a importância de investigar os resultados de cada falante que grava estímulos para os testes individualmente, uma vez que nem sempre a tendência observada em um observa-se em outro, bem como de se analisar mais de uma variável sociolinguística simultaneamente. Além disso, o autor realiza Análise de Componentes Principais (ACP) para investigar interações entre escalas de diferenciais semânticos em cada experimento, método que permite investigar de que maneira as próprias escalas interagem entre si. No experimento a respeito do /e/ nasal, por exemplo, 44 ouvintes realizaram os questionários, que foram aplicados presencialmente, e avaliaram os

quatro falantes (dois homens e duas mulheres) em escalas de diferenciais semânticos de Paulistanidade, Inteligência, Amigabilidade, Masculinidade, Formalidade, Escolaridade, Extroversão, Feminilidade, Centralidade do bairro, Gay/Lésbica, Patricinha/Mauricinho. O resultado da ACP revelou que os resultados poderiam ser reduzidos a quatro componentes principais, em razão das interações entre as escalas: Gênero (escalas Masculinidade e Feminilidade), Paulistanidade (escalas Paulistanidade e Centralidade do bairro), Simpatia (escala Amigabilidade) e Competência (escalas Inteligência e Formalidade).

O que os diferentes estudos aqui brevemente mencionados revelam é a importância de congregar abordagens quantitativas e qualitativas para desvendar a significação social da variação linguística e a construção de estilos. De um lado, a formulação de categorias para compor os estudos requer retomada de pesquisas anteriores sobre a variável enfocada e, claro, um olhar atento para aspectos socialmente salientes na comunidade. De outro, desvendar os significados sociais exige abordagens quantitativas e métodos replicáveis e falseáveis que sejam capazes de revelar a influência que a presença ou ausência de uma variante possui sobre a percepção e a avaliação dos signos linguísticos.

Em suma, captar avaliações subjetivas é um desafio, requer procedimentos metodológicos específicos que possam gerar resultados reveladores das associações que os falantes fazem entre signos linguísticos e demais signos, muitas vezes expressas na forma de classificação e valoração social. Estudos como o de Oushiro (2015) demonstram que fazer perguntas diretas aos falantes a respeito dos usos linguísticos, ainda que forneça pistas sobre suas atitudes em relação a língua, não é suficiente para estudar a significação social da variação linguística, tendo em vista que as associações podem ser inconscientes ou encobertas. A MGT é uma forma de buscar solucionar este problema, uma vez que, a um só tempo, desperta reações subjetivas à linguagem e oferece a possibilidade de uma sistematização das associações. A aplicação da técnica, contudo, requer um estudo detalhado da variável sob investigação, tanto do ponto de vista linguístico, para que sejam criados estímulos factíveis, nos quais a variável em si

possa ser enfocada; quanto do ponto de vista social, para que seja possível captar valorações reveladoras da significação social do processo em questão. É através da MGT que são desenvolvidos dois estudos a respeito do *ingliding*, os quais serão apresentados dos capítulos 3 e 4 deste trabalho. Antes de apresentar os estudos desenvolvidos, contudo, a seção a seguir desenvolve reflexões a respeito de um aspecto que se buscou explorar nesta tese: o lugar do *corpo* no estudo da variação linguística.

2.3 O lugar do corpo no estudo da variação linguística

Que lugar ocupa o *corpo* nos estudos da variação linguística? O quanto o uso do corpo e as percepções sobre esse uso influenciam a produção linguística e a atribuição de significados sociais a variantes linguísticas? Pode-se dizer que a linguagem é *corporificada*? Se sim, até que ponto a noção de *corporificação* importa aos estudos de variação linguística? Para responder a essas questões, tão pertinentes às análises dos resultados dos estudos sobre o *ingliding* presentes nos capítulos seguintes, é preciso investigar o tratamento que o *corpo* e a *corporificação* da linguagem têm recebido em estudos de variação linguística.

Antes de explorar estudos mais recentes acerca de processos linguísticos variáveis e *corporificação*, pressupostos teóricos da Linguística Antropológica, conforme Foley (1997), servem para lançar luz ao entendimento da relação entre corpo e linguagem. Foley (1997) explica que a Linguística Antropológica é um subcampo da Linguística que se preocupa com o lugar da linguagem em seu contexto social e cultural mais amplo, em seu papel na construção e sustentação de práticas culturais e estruturas sociais. Em sua divisão do que é *Linguística Antropológica* e do que é *Sociolinguística*, Foley (1997) explica que a primeira concebe a língua a partir do conceito de cultura, entendido com o conceito fundamental da antropologia, assim buscando desvelar o significado por trás dos usos linguísticos, suas formas, registros e estilos, constituindo-se como uma disciplina interpretativa que faz uso da língua

para encontrar compreensões culturais. Já a Sociolinguística, para o autor, entende a língua como uma instituição social em que indivíduos e grupos fazem a interação acontecer. Tal área busca descobrir de que maneira o comportamento linguístico constrói padrões em relação a grupos sociais e correlaciona diferenças no comportamento linguístico com variáveis, definindo grupos sociais a partir de categorias macrossociais.

O esforço de Foley (1997) para diferenciar Linguística Antropológica de Sociolinguística se justifica em razão de uma afirmação, do próprio autor, de que a Linguística Antropológica pode ser entendida como sobreposta à Sociolinguística. Sua visão de Sociolinguística se assemelha ao que Eckert (2005, 2012) considerou como estudos de variação linguística de *primeira onda*, ao passo em que os estudos de *terceira onda* estão próximos aos interesses da Linguística Antropológica, uma vez que buscam desvelar os significados dos usos linguísticos. Dessa forma, o que Foley (1997) destaca a respeito da Linguística Antropológica serve aos estudos de terceira onda, em que o foco recai sobre os significados de usos particulares. O autor considera, como pressuposto, que a distribuição das escolhas linguísticas através de vários grupos sociais é atrelada aos significados culturais que tais escolhas possuem, levando grupos sociais particulares a favorecer estatisticamente uma escolha.

Dentre as possíveis definições de *cultura* trazidas por Foley (1997) está a de cultura como *prática corporificada*, aqui mobilizada por já fazer referências à dimensão do corpo na significação da linguagem. O autor explica que a cognição é fundamentalmente um fenômeno biológico, uma conexão estrutural entre um organismo e um ambiente que desempenha um mundo de significação. Assim sendo, todo o conhecimento, de acordo com o autor, é ação corporificada em um dado contexto, a qual depende das capacidades sensório-motoras que os corpos humanos, enquanto seres biológicos, apresentam. Para Foley (1997), nosso ser biológico, realizado em nossos corpos e suas capacidades, é uma construção social, cultural e individual.

Foley (1997) retoma o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu, para tratar as ações corporificadas como duráveis e persistentes – como é o caso do *habitus*. Nossa cognição do mundo é corporificada, explica o autor, e, portanto, pré-reflexiva, tácita. A cultura, nessa perspectiva, é o domínio transgeracional de práticas pelas quais os humanos se comunicam em um sistema social. Uma piscadinha, por exemplo, é uma prática cultural, realizada com o corpo, que ocorre no contexto de uma conexão social e estrutural, recorrente e bem-sucedida, inculcada no *habitus*. Trata-se de um movimento corporal dotado de significação em determinados contextos.

A linguagem é, então, uma prática corporificada?

Se considerarmos a materialidade da linguagem, conforme Agha (2006), entenderemos a corporificação da linguagem como pressuposto. Para o autor, ainda que modelos abstratos sejam formulados a partir da linguagem, eles precisam se transformar em objetos *perceptíveis*, signos que só são perceptíveis porque materialmente corporificados. Se é o corpo que produz linguagem, não há como a linguagem, de forma geral, não ser corporificada. Produz-se linguagem com o corpo, sua realização material só é possível por conta da existência de um corpo. Em razão deste fato, portanto, ele atua tanto na produção da linguagem, que dele depende, quanto na sua percepção. Agha (2006) amplia a noção da corporificação da linguagem ao afirmar que todos os signos são, ao mesmo tempo, tanto corporificados, porque apenas objetos físicos instanciam relações entre signo e objeto; quanto *mentalistas*, porque a relação entre signo e objeto possui um significado, veicula uma ideia para alguém.

A relação entre linguagem e corpo é bastante explorada por Bourdieu (2008 [1982]), sociólogo que está na base de algumas noções desenvolvidas em estudos de terceira onda. Ao abordar as trocas linguísticas, Bourdieu (2008 [1982]) chega a mencionar um *estilo articulatório*, isto é, um estilo de vida construído no corpo e que, inclusive, determina traços fonológicos de uma chamada *pronúncia de classe*. Para o autor, a competência linguística – capacidade de produzir, apropriar-se da e apreciar a língua, bem como de impor critérios para essa produção, apropriação e apreciação –

é uma dimensão da *hexis* corporal, de forma que o corpo inteiro responde à tensão do mercado linguístico.

Abordar os usos do corpo, para Bourdieu (2015 [1979/1982]), implica abordar, também, *classe social*. Para o autor, o corpo é a objetivação mais irrecusável de um gosto de classe, e as diferenças de portar o corpo, de apresentar-se e de comportar-se exprimem a relação com o mundo social. A noção de *esquema corporal* é compreendida como um depositário de uma visão verdadeira do mundo social. Bourdieu (2015 [1979/1982]) também menciona, ao abordar práticas esportivas, o que seria uma maneira burguesa de portar o corpo, contrastando-a com um uso popular ou pequeno-burguês do corpo. Enquanto um uso burguês do corpo é constituído de uma amplitude de gestos que manifesta, no espaço físico, o maior lugar ocupado no espaço social, associada a um tempo compassado e ponderado, o uso popular se associa à pressa, e um uso pequeno-burguês, à precipitação. Em relação à linguagem, um uso burguês tem a ver com a confiança que os agentes sociais têm de tomar tanto o seu tempo quanto o tempo dos outros.

Em suma, os usos do corpo podem ser vistos como parte do *habitus*, inseridos na ordem social e recebendo significação sensível ao espaço social e ao contexto. O uso da linguagem é também um uso estilístico do corpo, de modo que o estudo da corporificação na linguagem também se associa ao estudo das dimensões estilísticas.

Pratt e D'Onofrio (2017) destacam dois motivos que fazem com que a natureza corporificada da linguagem seja importante para o estudo de estilo: a coocorrência da fala e da ação corporificada; e os condicionamentos materiais da produção de linguagem no corpo humano. Ou seja, de um lado, há o fato de que fala e ações corporificadas acontecem ao mesmo tempo: enquanto uma pessoa fala, ela também faz uma série de outras ações com o corpo, todas as quais compõem seu estilo. De outro, há o fato de que a natureza corporificada da fala estabelece notáveis restrições na escala de realizações fonéticas potenciais de uma variável. O movimento de abrir mais ou menos a boca, por exemplo, influencia diretamente na altura da emissão de vogais.

Em seu estudo, Pratt e D’Onofrio (2017) investigam estereótipos corporificados em performances paródicas de personagens californianos. Para tanto, as autoras analisam dados de áudio e vídeo de esquetes de comédia que parodiam práticas de pessoas da Califórnia, nos Estados Unidos, e investigam duas *personae* associadas com a Califórnia: a *Valley Girl*²⁵ (semelhante ao conceito de *patricinha*) e o *garoto surfista* (do inglês ‘*Surfer Dude*’). Essas *personae* partilham traços como despojamento, superficialidade, branquitude, juventude, geral falta de inteligência, dentre outros. A *Valley Girl* pode ser associada também ao traço *materialista*, e o garoto surfista ao estereótipo *maconheiro/chapado*. Ambas as *personae* são caracterizadas por um estereótipo corporificado que tem reflexos na articulação: manter boca/maxilar aberto. A configuração do maxilar (do inglês ‘*jaw setting*’), explicam as autoras, interage com a realização fonética de variáveis linguísticas. A análise de Pratt e D’Onofrio (2017) mostrou que os atores considerados na investigação abrem mais a boca enquanto interpretam personagens californianos, o que impacta necessariamente na qualidade das vogais emitidas.

Podesva (2021) também aborda a corporificação nos estudos de variação linguística. De acordo com o autor, a pesquisa em sociolinguística já estabeleceu que corpos carregam significado estilístico (BUCHOLTZ e HALL, 2016, p. 179-181). O autor retoma alguns estudos para encaminhar seu argumento, como os de Pratt (2016, 2018), que explicam que não apenas a forma como o corpo é adornado, mas também a forma como os falantes carregam seus corpos estiliza sua fala. Apesar dos achados dos estudos, afirma Podesva (2021), e da visão bastante aceita de que o corpo possui papel estilístico importante, ainda há poucos estudiosos que realizaram investigações multimodais da variação. Para o autor, são possíveis razões para essa lacuna nos estudos as concepções de que a agência estilística já foi caracterizada como incoerente

²⁵ *Valley Girl* faz referência ao estilo de vida associado a certas garotas do *San Fernando Valley*, na Califórnia. A expressão é utilizada para se referir a garotas advindas de famílias ricas, que se interessam por fazer compras e preocupam-se excessivamente com sua aparência física e seu *status* social. Fonte: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/american_english/valley-girl; <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/valley-girl>. (acesso: 26/12/2022).

(GUY e HINSKENS, 2016), não condicionada por outros fatores (BELL, 2016), ou externa ao âmbito dos estudos da variação. Contrário a essa visão, Podesva (2021) defende que o significado corporificado não é meramente estilístico, mas central à análise variacionista, podendo influenciar processos de mudança.

Para Podesva (2021), corporificação diz respeito ao uso do corpo que é significativo (imbuído de significado) semioticamente. Ele defende que há agência dos indivíduos no processo, mas eles são condicionados por diversos fatores, tais como a forma de seus corpos, a maneira como são socialmente interpretados, os ambientes físicos em que atuam e o discurso no qual participam. O autor ilustra, em sua investigação, a gama ampla de fenômenos de corporificação, como o gesto (apontar para algo), a *hexis* (ombros curvados), a postura (relaxamento), a postura física (orientações do corpo em um jogo), o olhar (olhar para cima), as ações (beber um gole de água), o ornamento (pintar as unhas).

Em seu estudo, Podesva (2021) limita-se a investigar a boca, uma das poucas partes do corpo que, afirma o autor, os linguistas pesquisaram significativamente, e que tem um papel central na produção da língua falada. A boca serve para diversas funções além da fala: mastigar comida, respirar, mostrar afeição romântica ou sexual, expressar afeto. Essas ações não linguísticas são frequentemente realizadas pelas pessoas enquanto falam. Levando isso em consideração, o autor busca investigar se essas atividades não faladas podem imbuir a fala de significados adicionais. Sorrir, por exemplo, afirma o autor, possui consequências acústicas para a realização das vogais, o que possibilita que ouvintes percebam quando falantes estão sorrindo (DRAHOTA, COSTALL e REDDY, 2008).

Podesva (2021) investiga, especificamente, o sorriso e a configuração articulatória de mandíbula aberta (do inglês '*open-jaw articulatory setting*'). O método utilizado pelo autor contempla um *corpus* audiovisual gravado em laboratório montado como uma sala de estar, onde informantes foram entrevistados e filmados. O argumento do autor, a partir de seus resultados, é de que sorrir, que é uma expressão de afeto, está intimamente relacionado com a anteriorização de /ow/ (referido como

vogal *goat* ('cabra')). Em relação à configuração articulatória de mandíbula aberta, presente no estereótipo do falar californiano, Podesva (2021) afirma que posturas articulatórias mais duradouras, como deixar a boca aberta, podem também imbuir a variação vocálica de sentido, como mostram os efeitos primeiramente discutidos por Pratt e D'Onofrio (2017). Podesva (2021) defende, a partir de seus resultados, que, se a configuração de mandíbula aberta é mais duradoura que outras práticas corporificadas, como sorrir, mantê-la deve afetar outras vogais no sistema, não apenas aquelas que sofrem abaixamento no falar californiano.

Extraindo vogais de entrevistas sociolinguísticas, Podesva (2021) demonstra que o abaixamento tem reflexos no sistema vocálico como um todo, e não está confinado às vogais anteriores distensas. Se a mandíbula aberta é um traço estilístico, deve afetar não apenas traços vocálicos específicos, mas também outros. Como evidências, o autor aponta mudanças no formato geral do trato vocálico, inclusive reconhecendo padrões de abaixamento em vogais que não se espera que sofram abaixamento.

Em suma, o autor explica que tanto sorrir como adotar um esquema articulatório de mandíbula aberta são formas de corporificação que possuem consequências acústicas. São consequências de movimentos outros, estilísticos. Podesva (2021) faz um chamamento aos variacionistas para que considerem práticas corporificadas quando estão buscando explicações para a heterogeneidade ordenada, ao invés de simplesmente considerá-las como questões de agência estilística que não merecem espaço nos estudos sociolinguísticos.

Os estudos de Pratt (2016, 2018) ilustram de maneira bem evidente o papel da corporificação na significação social da variação linguística. A autora realizou pesquisa etnográfica em uma escola de artes performáticas na Baía de São Francisco, na Califórnia. Pratt (2016) revelou que as práticas corporificadas dos falantes estão significativamente alinhadas ao seu uso de *creaky voice*: aqueles que exibem maiores proporções do traço também exibem posturas mais relaxadas, movimentam-se mais devagar e adotam uma atitude mais tranquila, descontraída. A autora argumenta que

os falantes utilizam qualidade vocálica e prática corporificada para construir estilos afetivos que refletem e reproduzem suas orientações ideológicas e institucionais.

Pratt (2018) examina a realização de duas variáveis sociofonéticas para explorar a relação entre configuração articulatória e prática estilística. Seu estudo revela que realizações vocálicas mais altas e variantes velarizadas de /l/ em início de palavra, ambos caracterizados pela retração do dorso da língua, são utilizadas por adolescentes na construção de um estilo corporificado caracterizado pela *dureza*. Na instituição em que a etnografia foi realizada, os estudantes que constituem o *corpus* da pesquisa frequentam aulas de uma entre doze disciplinas de arte (dança, teatro, orquestra, teatro técnico etc). Aqueles que estudam teatro técnico (*'tech'*) se engajam em mais trabalho manual, o que os distingue dos demais, utilizando equipamento para construir cenários para produções cênicas. Eles se descrevem e são descritos por seus pares como “rudes” e “imbecis” que utilizam roupas pretas e botas de trabalho, produzindo imagens de *força* e *dureza*. De maneira geral, considerando as variantes estudadas, Pratt (2018) sugere que os estudantes de teatro técnico fazem uso de uma configuração articulatória retraída, a qual indexa *dureza*.

Em seu estudo, Pratt (2018) recupera Honikman (1964) e Laver (1980) para explicar o conceito de *configuração articulatória*. A autora explica que, para Honikman (1964), a configuração articulatória diz respeito a incorporar e integrar sons isolados em um todo harmonioso e que constitui a pronúncia estabelecida de uma língua. Para Laver (1980), é preciso haver uma perspectiva que aborde tanto similaridades e diferenças no falar, de forma que segmentos individuais sejam percebidos como articulatoriamente relacionados a outros, e de modo que um traço articulatório possa ser entendido como uma propriedade compartilhada por todos ou pela maioria dos segmentos. Compartilhando dessa visão, Pratt (2018) investiga uma configuração articulatória particular que pode estar envolvida em dois segmentos distintos, compreendendo que o foco do significado social de variáveis individuais pode obscurecer a significação social de variáveis em conjunto.

Ao desvendar a relação entre uma configuração articulatória retraída e a *dureza*, Pratt (2018) defende que a dureza se relaciona com um peso ou uma solidez que surge com práticas estilísticas corporificadas compartilhadas por estudantes de teatro técnico. Assim, para a autora, eles não apenas projetam dureza, mas também seu estilo e seu trabalho se opõem à delicadeza. Segundo Pratt (2018), uma possível explicação para o uso de uma configuração articulatória retraída diz respeito à iconização de sons de mais baixa frequência como sólidos e robustos, assim como a iconização da retração da língua pode ter relação com reticência e indiferença. Além disso, a retração da língua pode ser iconizada como contenção corporal.

Em relação à configuração de mandíbula aberta, Pratt (2018) retoma Pratt e D'Onofrio (2017) para afirmar que tanto os padrões de produção vocálica resultantes da abertura da mandíbula quanto a própria abertura da mandíbula carregam valor indexical. Pratt (2018) defende que os interlocutores interagem como seres humanos, produzindo variáveis linguísticas com seus corpos. A respeito da configuração articulatória, a autora defende que seu efeito acústico holístico e duracional é capaz de indexar qualidades no contexto do estilo, como é o caso da *dureza*. Assim, o espaço vocálico como um todo, para a autora, deve ser considerado como uma variável linguística.

Em sua discussão de resultados, Pratt (2018) chama atenção para a relação entre a significação social e a iconização com base em movimentos corporais. A esse respeito, cabe retomar Eckert (2019), que explica que as relações entre signo e objeto não são exclusivas, mas sim podem coocorrer. Ou seja, as relações *indexicais* não excluem, necessariamente, relações *simbólicas* ou *icônicas*. Nesse aspecto, a autora demonstra interesse em fazer investigações a respeito do simbolismo dos sons e das relações icônicas entre variáveis e significados sociais. Os *ícones*, explica a autora, trazem o mundo físico e corporificado para a fala. Eles não são reflexos diretos do que é natural, mas produtos de construções culturais da semelhança das coisas no mundo natural. É possível que exista, nesse sentido, uma relação icônica entre a produção de uma variável linguística, isto é, sua materialidade, sua articulação, e os significados sociais

que dela decorrem. Essa relação diz respeito ao caráter material e corporificado da linguagem.

D’Onofrio e Eckert (2020) explicam que o ícone é um signo em que a relação entre forma e sentido é construída por semelhança, ou seja, o signo se parece com o objeto de forma diagramática ou sensível. Por esse motivo, ainda que a iconicidade seja convencional, ela invoca uma relação que pode ser lida pelos sujeitos como natural entre forma e sentido. No que tange às realizações fonéticas, a iconicidade diz respeito ao simbolismo sonoro. No nível do simbolismo sonoro, explica Eckert (2018), é a própria materialidade dos traços fonéticos que constrói a significação, o que necessariamente implica abordar a corporificação.

No trabalho de D’Onofrio e Eckert (2020), o foco recai sobre as variantes cujas formas fonéticas são construídas como um reflexo acústico de algum aspecto da subjetividade ou da *persona* do falante. Elas recuperam o conceito de Gal e Irvine (2019) de rematização, ou construção icônica de um índice, como um processo ideológico. Nesse sentido, de acordo com Gal (2013), percepções como suavidade e aspereza, por exemplo, são comumente associadas a qualidades humanas e a traços da língua.

As autoras também explicam que a iconicidade fonética pode inclusive atingir o nível metapragmático, de forma que *nasal* e *gutural* se tornam qualidades culturais imaginadas, utilizadas para descrever línguas ou dialetos. Para exemplificar, citam o estudo de Zhang (2005) sobre a percepção de que o mandarim de Pequim é *oleoso*²⁶ em virtude do uso dos róticos, e afirmam que não há ligação natural entre roticidade e oleosidade, ou entre óleo e características sociais. De acordo com Zhang (2005, 2008, 2018), essa característica se relaciona com uma figura bastante conhecida em Pequim, o Operador Suave (do inglês ‘*Smooth Operator*’), avaliado como *oleoso*, ou de fala suave, exageradamente legal ou insincera. Há um caminho, então, de significação social, que começa em um índice (roticidade indexa ser originário de Pequim) e passa para a

²⁶ Descrever alguém como *oleoso* (*‘oily’*) em inglês é uma forma de demonstrar que não se gosta da pessoa descrita em razão de ela ser muito polida ou dizer coisas boas de maneira exagerada, não sendo sincera. (Fonte: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/oily>, acesso: 20/10/2022).

reconstrução icônica deste índice: roticidade faz referência à oleosidade do Operador Suave, isto é, não apenas indexa um local, mas uma característica de pessoas desse local. Nesse ponto, D’Onofrio e Eckert (2020) explicam que essa associação surge em um momento de mudança social, de abertura econômica, em que *Yuppies*, profissionais jovens, emergem no mercado internacional e constroem uma persona rígida e cosmopolita, que produz significativamente menos róticos, opondo-se ao Operador Suave, em um movimento de afastamento e diferenciação que também é ideológico.

A respeito do simbolismo sonoro, há alguns estudos recentes que investigam o papel da iconicidade, compreendendo o simbolismo sonoro na concepção de que certos sons da língua remetem a percepções sensoriais de tamanho, forma, cor etc., ou seja, como associações sistemáticas entre sons e sentidos. Godoy *et al.* (2020), por exemplo, revelaram que padrões de simbolismo sonoro que se relacionam à percepção de tamanho motivam o comportamento de falantes de inglês e japonês ao nomear pré e pós-evoluções de *pokémons*. Os autores defendem que, ainda que exista um simbolismo sonoro universal associado a certos sons e a percepção de tamanho/largura, sua manifestação difere nas línguas.

Há outros estudos nessa mesma linha, como o de Godoy e Ananias (2022), que exploram o simbolismo sonoro, mais especificamente um efeito chamado de *bouba-kiki* (RAMACHANDRAN E HUBBARD, 2001). As autoras explicam que esse efeito diz respeito a uma tendência, percebida em diversas línguas, debatida em uma série de estudos (FORT, MARTIN e PEPERKAMP, 2014; D’ONOFRIO, 2014; NIELSEN e RENDALL, 2011; ĆWIEK *et al.*, 2021) de associar formas pontiagudas com vogais altas e desvozeadas e/ou consoantes obstruintes, e formas arredondadas com vogais posteriores arredondadas e consoantes soantes/vozeadas. Godoy e Ananias (2022) ressaltam que a maioria dos estudos que encontram a correlação descrita pelo efeito *bouba-kiki* são baseados em tarefas de escolha forçada em que participantes relacionam pseudopalavras, como *kiki* e *bouba*, a estímulos visuais. Buscando compreender possíveis influências no desenho das tarefas, as autoras exploram outro caminho: utilizam uma tarefa escrita para investigar o fenômeno. Em seu experimento, 75

participantes falantes de PB responderam a um questionário online, via *Google Forms*, em que tiveram de criar novas palavras para descrever imagens arredondadas e pontiagudas. Os resultados de Godoy e Ananias (2022) revelaram que imagens pontiagudas receberam nomes com mais vogais altas/anteriores e oclusivas desvozeadas, enquanto formas arredondadas receberam nomes com mais vogais posteriores e arredondadas, além de consoantes laterais e nasais. Para as autoras, seus achados revelam que, mesmo quando a tarefa dá mais liberdade ao informante, esses recorrem ao simbolismo sonoro para resolvê-la.

Os estudos aqui referenciados, tanto a respeito da corporificação quanto da iconicidade, destacam a importância, alertada por diferentes pesquisadores, de considerar tais aspectos nas análises da significação social de variáveis linguísticas. Essa demanda, enfatizada em estudos sociolinguísticos recentes, é levada em consideração nos estudos de percepção e avaliação a respeito do *ingliding*, apresentados nos capítulos seguintes. Com base em apontamentos já realizados em estudos de produção do *ingliding* (OLIVEIRA, 2018, 2021), associando o falar com ditongo centralizado a estilos de vida mais relaxados, o papel do simbolismo sonoro, da iconicidade e dos usos estilísticos do corpo é considerado no estudo da significação social da variável linguística aqui investigada.

3 SIGNIFICADOS SOCIAIS DO *INGLIDING*: ESTUDO DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO

Este capítulo apresenta e discute um dos experimentos realizados para desvendar os significados sociais do *ingliding* de vogais em sílabas tônicas. Para diferenciá-lo do experimento seguinte, apresentado no Capítulo 4, este será referido como Experimento de Percepção e Avaliação. A primeira seção do presente capítulo é destinada à metodologia adotada; a segunda, aos resultados obtidos; e a terceira, à discussão dos resultados e à análise dos significados sociais do *ingliding*.

3.1 Metodologia

Esta seção, destinada à metodologia do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding*, é dividida em três subseções: a primeira apresenta os grupos de ouvintes que realizaram o teste; a segunda, a criação dos estímulos acústicos que compuseram o experimento; e a terceira, o questionário de percepção e avaliação propriamente dito. A exposição da metodologia contempla a fundamentação para a adoção de cada procedimento, que tem como base o que já se sabe a respeito do *ingliding*, tanto no âmbito linguístico quanto no âmbito social. Por esse motivo, retomam-se, quando necessário, os resultados obtidos nos estudos de produção de Oliveira (2018, 2021), uma vez que eles embasam a proposição de categorias que podem se associar ao *ingliding*. Além disso, apresentam-se os modelos estatísticos que são empregados para cada tipo de variável considerada. As análises realizadas neste estudo foram feitas com o programa R (CORE TEAM, 2022), com auxílio do *software* RStudio.

3.1.1 Grupos de ouvintes

A seleção dos ouvintes para realização do experimento de percepção e avaliação levou em consideração um dos objetivos do presente trabalho: o de investigar de que

maneira o *ingliding* é percebido e avaliado dentro e fora de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, isto é, por porto-alegrenses, por gaúchos e por brasileiros. Para contemplar essa questão, os ouvintes que realizaram o experimento se dividem em três grupos, considerando o local em que passaram a maior parte de sua vida:

- (a) Porto-alegrenses;
- (b) Gaúchos não porto-alegrenses;
- (c) Brasileiros não gaúchos.

Os grupos são organizados dessa forma para que seja possível captar se existem ou não distinções de percepção e avaliação a depender das regionalidades consideradas. Quer-se saber, em primeira instância, que diferenças e semelhanças de percepção e avaliação há entre gaúchos que são porto-alegrenses e que não são porto-alegrenses. Os falares com *ingliding* são percebidos como característicos de estilos de vida *descolados-inovadores*, conforme indicam os estudos de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021)? São avaliados mais negativamente por aqueles que não são porto-alegrenses e reconhecem, no traço, um estereótipo do falar de Porto Alegre?

Também busca-se captar diferenças e semelhanças que possam existir na percepção e na avaliação do processo entre brasileiros gaúchos e brasileiros não gaúchos. De um lado, o falar com *ingliding* é entendido como característico do falar porto-alegrense ou, de maneira mais ampla, de um falar do Rio Grande do Sul; de outro, há menções à relação entre o ditongo centralizado e o falar carioca (COLLEY, 2009; SILVA, 2011; ARANTES *et al.*, 2018). Afinal, brasileiros gaúchos e brasileiros não gaúchos associam o *ingliding* a diferentes cidades e/ou a diferentes características?

Para investigar a influência das regionalidades sobre a percepção e a avaliação do *ingliding*, o presente estudo foi desenhado de modo que todos os ouvintes, independentemente do grupo a que pertencem, ouvissem os mesmos áudios e respondessem ao mesmo questionário. Essa decisão metodológica permite desvendar tanto as diferenças de percepção e avaliação quanto as semelhanças.

Para Oliveira (2018, 2021), conforme já mencionado em capítulos anteriores, o *ingliding*, entendido como prática estilística corporificada, indexa significados

associados a *relaxamento* (distensão), o que pode ter a ver com a própria natureza da variável, que faz surgir um *glide* central como resultado de um relaxamento articulatorio, em que a língua ocupa uma posição mais centralizada, afastada das extremidades do trato oral. Dessa forma, pode haver uma associação icônica entre a realização da variável e seus significados sociais. Para testar essa hipótese, é importante não apenas construir o teste em torno dos significados sociais que possam estar vinculados a esse relaxamento, mas também realizá-lo com ouvintes que não estejam inseridos na comunidade de fala gaúcha ou porto-alegrense e que, portanto, possivelmente não tenham tanto contato com a realização do *ingliding*, de modo a investigar se essa associação, por meio de uma relação icônica, também seria mobilizada por tais falantes.

Para fins de simplificação, os grupos de ouvintes de gaúchos não porto-alegrenses e de brasileiros não gaúchos serão, a partir deste ponto, referidos como, respectivamente, gaúchos e brasileiros. Os estímulos acústicos, criados especialmente para este experimento de percepção, bem como sua organização no questionário, estão apresentados na subseção seguinte.

3.1.2 Criação e organização dos estímulos acústicos

Para contemplar a decisão de realizar o teste de percepção e avaliação linguística do *ingliding* com ouvintes de diferentes lugares do Brasil, o questionário foi elaborado para aplicação exclusivamente *online*, por meio da plataforma *Google Forms*, e contou com participação voluntária e anônima. O experimento foi desenvolvido a partir da técnica de estímulos pareados (LAMBERT *et al.*, 1960) com o intuito de captar reações avaliativas subjetivas à linguagem, respostas que não apareceriam de maneira sistemática caso as pessoas fossem abertamente questionadas a respeito de um falar específico. Entretanto, embora o experimento se utilize da MGT, sua elaboração foi feita com adaptações em relação à versão original, de Lambert *et al.* (1960).

O desenho deste experimento é inspirado, sobretudo, no estudo desenvolvido por Oushiro (2015, 2019) para a análise do (-r) em coda silábica no falar paulistano. Contudo, diferentemente do caminho adotado pela autora, de utilizar dados de fala espontânea, optou-se por solicitar aos falantes que gravassem áudios de leitura de um mesmo trecho de texto, de maneira semelhante à proposta original de Lambert *et al.* (1960). Embora a naturalidade da fala espontânea se perca com a adoção deste procedimento, garante-se que os ouvintes sejam sempre expostos a gravações de mesmo conteúdo, de modo a evitar que suas percepções e avaliações possam sofrer influências em diferentes direções, para cada estímulo, em razão das diferenças no conteúdo de cada trecho. O controle do que é dito também permite a seleção dos mesmos contextos para serem ditongados e a mesma quantidade de aplicação de ditongo centralizado em todos os áudios com realização de *ingliding*.

Foi necessário cuidado na seleção do trecho de texto a ser gravado para o teste, tanto para que nele estivessem contextos de aplicação de *ingliding*, quanto para buscar minimizar a influência do conteúdo do que é dito sobre as avaliações. Com o intuito de reduzir a possibilidade de os ouvintes atribuírem características aos falantes que gravaram os áudios em razão de um assunto socialmente saliente no texto ouvido, o trecho gravado aborda a própria natureza do teste. Assim sendo, todos os estímulos acústicos contêm o seguinte conteúdo: “A gravação desse trecho foi feita pra um estudo que investiga a percepção de vozes. Os participantes são convidados a classificar, de maneira bem livre, os diferentes jeitos de falar. Não existem respostas corretas na opinião do pesquisador”. A opção por abordar a própria natureza do teste traz ainda outra vantagem, a de reforçar a informação de que as respostas ao questionário são “livres” e de que “não existem respostas corretas”, o que pode, em alguma medida, tranquilizar os ouvintes durante a realização da tarefa, uma vez que destaca que não se trata de um teste de conhecimentos.

O trecho de texto elaborado para gravação dos estímulos conta com contextos de aplicação de *ingliding* com todas as vogais nucleares que podem sofrer o processo.

Para os estímulos com realização de *ingliding*, solicitou-se aos falantes²⁷ que realizassem o ditongo centralizado sobre as vogais médias e média-baixas, mas não sobre as vogais altas, uma vez que estas se mostraram como fortes desfavorecedoras do processo (OLIVEIRA, 2018). Por acontecerem em baixíssima proporção, os ditongos centralizados em contextos de vogais altas poderiam levar os ouvintes a perceber os falares como imitações exageradas, pouco naturais. Representa-se, a seguir, a organização do trecho em sintagmas entoacionais com demarcação dos contextos de realização de *ingliding*.

[A gravação desse tr[e̞]cho] I
[foi feita pra um est[u]do] I
[que investiga a percepção de v[ɔ̞]zes] I
[Os participantes são convidados a classificar] I
[de maneira bem l[i]vre] I
[os diferentes jeitos de falar] I
[Não existem respostas corr[ɛ̞]tas] I
[na opinião do pesquisad[o̞]r] I

Em suma, as vogais produzidas ora com *ingliding*, ora sem, são aquelas que estão nas sílabas acentuadas das palavras *trecho* (tr[e̞]cho~tr[e̞]cho), *vozes* (v[ɔ̞]zes~v[ɔ̞]zes), *corretas* (corr[ɛ̞]tas~corr[ɛ̞]tas) e *pesquisador* (pesquisad[o̞]r~pesquisad[o̞]r). As demais vogais em posição proeminente nos sintagmas entoacionais não sofreram alteração entre as emissões. Os falantes foram solicitados a realizar o apagamento de /r/ nos infinitivos verbais, de modo a buscar menor artificialidade na realização dos estímulos.

Dois falantes nascidos e residentes em Porto Alegre, um homem e uma mulher, gravaram os trechos com *versus* sem *ingliding*. Dois outros falantes, também um homem, natural de Campinas (SP), e uma mulher, natural de Arroio do Meio (RS), gravaram áudios que, no estudo, cumprem duas funções: a de familiarizar os ouvintes

²⁷ Para simplificar a referência aos participantes que gravaram estímulos e aos informantes que realizaram os questionários, optou-se por chamar de *falantes* aqueles que gravaram áudios para o experimento, e de *ouvintes* aqueles que escutaram os áudios e sobre eles responderam questões.

com o teste, e a de distraí-los quanto à variável linguística enfocada no teste. Todas as pessoas recrutadas para gravar áudios com *versus* sem *ingliding* tinham de 20 a 35 anos de idade. Elas foram apresentadas aos propósitos do estudo e ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que detalha objetivos, riscos e benefícios da pesquisa, além das medidas que buscam garantir a anonimidade dos participantes, que não terão seus áudios tornados públicos (ver Anexos). Na etapa de gravação dos estímulos, solicitou-se aos falantes que testassem a qualidade dos seus áudios antes de gravá-los em seus aparelhos de telefone celular, e que procurassem fazer as gravações em horários de silêncio e em salas fechadas, em suas casas, de forma que não produzissem eco.

Os falantes foram instruídos sobre a maneira de fazer as gravações e receberam orientações explícitas a respeito dos momentos de breve pausa que constituem o final de cada sintagma entoacional. Por fim, solicitou-se que os falantes realizassem tantas gravações quanto fosse possível em um mesmo arquivo de áudio, para que fossem posteriormente enviadas ao pesquisador. Das gravações enviadas, foram escolhidas aquelas que melhor atendiam às solicitações do pesquisador, com especial atenção aos estímulos-alvo (com *versus* sem *ingliding*).

Os estímulos-alvo foram manipulados digitalmente para que apresentassem como diferença a realização *versus* não realização do ditongo centralizado, mantendo os outros aspectos idênticos. Para tanto, utilizou-se como base o estímulo sem emissão de *ingliding* de cada falante, e os contextos com *ingliding* foram acrescentados ao áudio original através do programa Audacity (AUDACITY TEAM, 2017) a partir das funções *copiar* e *colar*. Para que fossem imperceptíveis, os cortes foram realizados nos contextos de consoante oclusiva ou pausa mais próximos de cada emissão de *ingliding*. O programa também foi utilizado para que fosse aplicada a função de redução de ruído sobre os áudios e para que o volume fosse ajustado de maneira que todos os áudios

ficassem semelhantes. Por fim, os áudios foram transformados em vídeos²⁸ e publicados no *YouTube* no modo não listado, isto é, com acesso restrito destinado àqueles que possuem o *link*, para que pudessem ser inseridos no *Google Forms*. Todos os vídeos têm a duração de 15 segundos e foram gravados em formato mp4.

O teste foi aplicado no modelo *entre-sujeitos*, ou seja, cada ouvinte foi exposto a cada falante somente uma vez. Essa decisão teve, neste estudo, o objetivo de reduzir o tamanho do teste em comparação à versão piloto (OLIVEIRA, 2015). O teste piloto foi realizado também a partir de leitura de trechos de texto e teve gravações de quatro falantes. Nessa versão, contudo, cada ouvinte escutava cada falante duas vezes, o que resultou em um total de oito estímulos ouvidos por ouvinte. Na versão piloto, realizada presencialmente, os pesquisadores que fizeram as aplicações do teste puderam ter retornos imediatos e explícitos a respeito de sua realização, e foi recorrente a menção ao cansaço que o tamanho do teste gera para os ouvintes, que demonstraram impaciência ao ouvir os últimos estímulos. Considerando essa questão, a redução do tamanho é relevante para possibilitar um maior número de respondentes, reduzindo casos em que os informantes desistem de finalizar o experimento em razão de sua longa extensão. Em virtude dessa decisão metodológica, os ouvintes são divididos em dois grupos, conforme representado na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição dos estímulos em dois grupos no Experimento de Percepção e Avaliação

	Grupo 1	Grupo 2
<i>Distrator 1 (mulher)</i>	distrator	distrator
Falante 1 (homem)	Sem <i>ingliding</i>	Com <i>ingliding</i>
Falante 2 (mulher)	Com <i>ingliding</i>	Sem <i>ingliding</i>
<i>Distrator 2 (homem)</i>	distrator	distrator

²⁸ O *Google Forms* não permite a inserção direta de áudios, mas comporta a inserção de vídeos a partir de *links* do *YouTube*. Por esse motivo, foi feito um vídeo que exibia apenas uma tela preta estática que continha o número de cada estímulo (1, 2, 3 ou 4), escrito na cor branca, e o áudio.

O estímulo que inicia o teste é um distrator, isto é, um áudio que não será posteriormente analisado, mas que preenche o experimento e cumpre outra função, que diz respeito à organização do teste. O estímulo inicial, *Distrator 1*, não apresenta uma variável linguística socialmente saliente, uma vez que não foi gravado com o intuito explícito de desviar a atenção dos ouvintes sobre o foco da análise. Compreende-se que tal estímulo cumpra a função de fazer com que os ouvintes entendam o funcionamento do teste. Então, já familiarizados, os ouvintes são apresentados aos estímulos-alvo do Falante 1 e da Falante 2, que serão efetivamente analisados.

Por fim, antes de finalizar o teste, os ouvintes são apresentados ao *Distrator 2*, gravado por um falante que produz a variante retroflexa do /r/ em coda silábica. O objetivo de incluir esse estímulo foi o de desviar a atenção dos ouvintes da variável linguística em análise, acrescentando outra potencialmente saliente do ponto de vista social, para que a compreensão do teste fosse a de um estudo de “falares”, de maneira mais ampla, e não especificamente do falar com ditongo centralizado. Considerando que os ouvintes que completassem o teste seriam convidados a repassá-lo a seus contatos, buscou-se evitar que eles tivessem plena consciência da variável linguística em estudo para que não antecipassem essa informação para futuros ouvintes aos quais divulgassem o teste.

O experimento foi divulgado principalmente por *WhatsApp* e por *Facebook*²⁹. Como condição para responder ao teste, os ouvintes deveriam ser brasileiros e maiores de idade. Como o teste considerou respostas de ouvintes inseridos em três grupos (porto-alegrenses, gaúchos, brasileiros), foram elaborados seis questionários idênticos: porto-alegrenses (Grupo 1 e Grupo 2), gaúchos (Grupo 1 e Grupo 2), brasileiros (Grupo 1 e Grupo 2). Para que cada ouvinte encontrasse seu questionário corretamente, foi criado um site gratuito no *Google Sites*, que permitiu uma navegação por *hiperlinks*, na

²⁹ Um número expressivo de respostas foi obtido quando o teste foi divulgado nos grupos de *Facebook* destinados a bolsistas CAPES e CNPq.

qual cada ouvinte começava clicando sobre o estado em que passou a maior parte da vida. Se esse estado não fosse o Rio Grande do Sul, os ouvintes eram direcionados a uma página em que deveriam clicar sobre seu mês de nascimento. A depender do mês de nascimento³⁰, cada ouvinte era direcionado para o questionário do Grupo 1 ou do Grupo 2 do grupo de brasileiros.

Se o estado selecionado fosse o Rio Grande do Sul, os ouvintes tinham duas opções para responder à pergunta “Você é de Porto Alegre?”: (a) Sim, sou de Porto Alegre; (b) Não, não sou de Porto Alegre. Para marcar a opção (a), o ouvinte deveria morar em Porto Alegre e ter passado a maior parte da infância e adolescência na cidade. Ao marcar essa opção, cada ouvinte era direcionado para escolher seu mês de nascimento e, posteriormente, realizava um dos questionários, do Grupo 1 ou do Grupo 2, para o grupo de porto-alegrenses. Ao marcar a opção (b), o mesmo acontecia para o grupo de gaúchos.

Feita a navegação pelos *hiperlinks*, cada ouvinte encontrava seu questionário. O conteúdo dos questionários está apresentado na próxima subseção.

3.1.3 Questionário de percepção e avaliação

Depois de responder às primeiras questões a respeito de seu perfil social para que pudessem encontrar o questionário adequado, os ouvintes eram, enfim, direcionados à página do *Google Forms*. Quando iniciavam o questionário, eles se deparavam com o texto de apresentação disposto no Quadro 1.

³⁰ A seleção do mês de nascimento do ouvinte foi utilizada apenas como estratégia para que se obtivesse um número equiparado de respostas para o Grupo 1 e Grupo 2. Seis dos 12 meses do ano levavam os ouvintes ao questionário do Grupo 1, seis levavam ao questionário do Grupo 2. Para buscar aprimorar o equilíbrio no número de respondentes em cada grupo, foi consultada uma lista de nascimentos por mês, disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/>. A partir de uma comparação simples entre os números de nascidos em cada mês, optou-se por fazer a seguinte separação: Grupo 1 para nascidos em janeiro, março, junho, agosto, outubro e dezembro; Grupo 2 para nascidos em fevereiro, abril, maio, julho, setembro e novembro.

O texto de abertura começa com um agradecimento pela disponibilidade para realização do teste de percepção. Em seguida, há uma breve explicação geral sobre o procedimento do teste, que conta, inclusive, com o trecho de texto que será dito pelos falantes nos áudios. Supõe-se que, seguindo Lambert *et al.* (1960), uma vez já familiarizados com o conteúdo do que irão ouvir, os ouvintes possam prestar mais atenção à forma como o texto é dito.

Quadro 1 – Texto de apresentação do questionário do Experimento de Percepção e Avaliação

Teste de Percepção

Agradeço sua disponibilidade para realizar este teste de percepção.

Para começar, entenda como funciona o procedimento:

Você vai ouvir quatro pequenos trechos de áudio gravados por diferentes pessoas.

O conteúdo do texto é sempre o mesmo. As pessoas dirão: “A gravação desse trecho foi feita pra um estudo que investiga a percepção de vozes. Os participantes são convidados a classificar, de maneira bem livre, os diferentes jeitos de falar. Não existem respostas corretas na opinião do pesquisador.”

O que interessa, neste estudo, é sua percepção sobre os falares e sobre as pessoas que falam. Por isso, enquanto você ouve, tente imaginar a pessoa que está falando.

Depois de ouvir cada áudio, sua tarefa será responder a um conjunto de perguntas sobre o modo de falar dessa pessoa e sobre como você a imaginou.

Para realizar o questionário, ajuste o volume do seu dispositivo para poder ouvir os áudios de forma confortável. Para reduzir o ruído externo, você pode, se preferir, utilizar fones de ouvido.

Além disso, a apresentação explica que o teste é sobre a percepção de cada um sobre os falares e sobre as pessoas, e solicita que os ouvintes tentem imaginar a pessoa que está falando em cada áudio. Essa instrução tem o intuito de buscar reduzir uma das limitações deste modelo de experimento, que lida com áudios criados a partir de leitura de um mesmo texto, e não de fala espontânea. Sugere-se que os ouvintes *imaginem* quem fala justamente para que busquem ir além do que estão ouvindo, isto é, que tomem os trechos de áudio como ponto de partida para que construam uma imagem de cada falante, imaginando-os em interações outras. Sendo um mesmo trecho de texto sendo repetido, e estando explícita a condição experimental do teste, espera-

se que os ouvintes encarem a tarefa como uma espécie de desafio de desvendar respostas às questões a partir de poucas informações, para o qual será necessário extrapolar o teste e imaginar como cada pessoa gravada agiria em diferentes situações.

Por fim, recomenda-se que os ouvintes utilizem fones de ouvido para reduzir o ruído externo, se preferirem. Ainda que optem por não o fazer, essa afirmação pode gerar o efeito de destacar a importância de prestar atenção aos áudios.

Ao final da apresentação inicial, os ouvintes tiveram de responder à pergunta: “Você aceita participar desta pesquisa?”. Há, nesse momento, o esclarecimento de que a participação é voluntária e anônima, e que ao responder “Sim” o ouvinte autoriza que suas respostas sejam utilizadas no estudo e declara ter 18 anos de idade ou mais. Além disso, o TCLE (ver Anexos) é disponibilizado, para que os participantes possam tomar a decisão sobre sua participação de maneira informada. Aqueles que marcaram “Não” foram encaminhados para uma tela de agradecimento e não tiveram acesso ao conteúdo do teste. Aqueles que responderam “Sim” foram efetivamente encaminhados ao início do teste, que começa com o primeiro áudio, conforme o quadro a seguir.

Quadro 2 – Apresentação de cada áudio do Experimento de Percepção e Avaliação

Teste de Percepção – Áudio 1

Primeiro, ouça o Áudio 1, que foi gravado por uma mulher.
Depois, responda às perguntas abaixo.
Sempre que precisar, você poderá ouvir o áudio novamente.

A instrução para o Áudio 1, presente no Quadro 2, se repetia para cada um dos quatro áudios. A única informação que variava, portanto, era o número do áudio e o gênero do falante. Optou-se por informar o gênero do falante por conta de uma das questões que compõe o teste: a percepção de um falar como sendo *feminino* ou *masculino* (essa questão será abordada na seção seguinte). Abaixo dessa primeira

instrução, estava incorporado o vídeo, de modo que bastava que os ouvintes clicassem sobre o *play* na miniatura do vídeo para que pudessem ouvir o áudio.

O questionário contou com questões de diferentes tipos, que apareceram na seguinte ordem: (a) 12 variáveis contínuas/quantitativas, apresentadas em questões com escalas de diferenciais semânticos de cinco pontos, das quais seis se referem ao falar ouvido, e seis ao falante ouvido; (b) quatro variáveis discretas/qualitativas, apresentadas em questões com duas opções de resposta (escolha forçada), a respeito do falante ouvido; (c) 24 caixas de seleção com características pessoais atribuídas ao falante ouvido; (d) três perguntas para as quais se disponibilizavam caixas de texto, com o objetivo de obter respostas em forma de lista a respeito do falante ouvido.

De forma geral, as questões presentes no experimento dão conta de captar distinções expressivas que compõem estilos de vida e *personae* construídas com o *ingliding*, de acordo com os trabalhos de produção de Oliveira (2018, 2021). A esse respeito, cabe um esclarecimento: embora os estudos de produção permitam que hipóteses e perguntas de pesquisa sejam construídas para o estudo de percepção e avaliação, o objetivo desta investigação não é o de validar ou não os resultados obtidos nos estudos de produção, já que a produção e a percepção dos agentes sociais podem, muitas vezes, não coincidir. Assim, o caminho que se busca é utilizar categorias que parecem relevantes na construção de *personae* e de estilos de vida na produção linguística para investigar como elas se comportam no âmbito da percepção e da avaliação.

Nas subseções seguintes, apresentam-se as questões que compuseram o questionário de acordo com seu tipo. A partir dos resultados anteriores, as categorias selecionadas, bem como algumas hipóteses a respeito do que se espera encontrar como resultado, são explicadas. Além disso, os modelos estatísticos utilizados, que dependem do tipo de cada variável, são apresentados.

3.1.3.1 Questões de diferencial semântico

O primeiro tipo de questão que os ouvintes respondiam sobre cada áudio é o de perguntas organizadas em diferenciais semânticos. Há dois grupos de questões: um sobre o *falar* ouvido e outro sobre o *falante* ouvido. Em todos os casos, optou-se por utilizar uma escala semântica de 5 pontos, em que 1 significa *pouco* e 5 significa *bastante*. A escala, organizada em número ímpar, permite que os ouvintes marquem um valor neutro, isto é, bem ao centro da escala, o valor 3, que fica a meio caminho entre *pouco* e *bastante*. Os valores 2 e 4 já captam o direcionamento em relação a *pouco* ou *bastante*, e os valores 1 e 5 são os valores extremos. Essa organização possibilita captar a gradação na percepção e avaliação dos valores, de modo que seja possível comparar, posteriormente, valores mais e menos extremos para cada variável.

As questões apresentadas aos ouvintes estão reunidas no Quadro 3. A ordem de apresentação das características foi sempre a mesma. A primeira característica que compõe o teste, a respeito do *falar* ouvido, é aquela que mais diretamente capta a *avaliação* dos ouvintes a respeito dos estímulos. Quer-se saber se os ouvintes consideram o falar *agradável*, o que pode fornecer medidas sobre o quanto cada ouvinte *gosta* ou não de cada falar ouvido. Por meio dessa característica, é possível testar se o *ingliding* é avaliado de maneira mais positiva ou mais negativa e, além disso, se isso muda a depender do grupo de ouvintes considerado. Suspeita-se que a avaliação negativa ocorra nos grupos de gaúchos e de brasileiros, ou seja, de pessoas de fora de Porto Alegre que possam associar o falar com *ingliding* a uma característica estereotípica da cidade.

Desde Battisti (2013), captam-se avaliações das vogais com *ingliding*, que podem ser descritas por alguns agentes sociais como vogais *afetadas*, *forçadas*. Para fazer tais afirmações, as pessoas mobilizam suas percepções sobre a criação de *personae*, identificando a realização de *ingliding* como um traço saliente para construir estilos. A característica *natural* tem o intuito de investigar o quanto os ouvintes identificam o falar com *ingliding* como um falar conscientemente estilizado. É possível que os

ouvintes percebam o falar com menos natural, justamente por identificar o traço como algo mobilizado conscientemente, como uma maneira *afetada* ou *forçada* de falar.

Quadro 3 – Questões de diferencial semântico do Experimento de Percepção e Avaliação

(a) Diferencial semântico³¹

Para você, o falar desta pessoa parece:

(escolha uma opção em cada linha, considerando que 1 significa “pouco” e 5 significa “bastante”)

Agradável – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Natural – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Claro – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Relaxado – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Formal – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Cantado – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Para você, a mulher/o homem que gravou este áudio parece:

(escolha uma opção em cada linha, considerando que 1 significa “pouco” e 5 significa “bastante”)

Descontraído(a) – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Sociável – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Porto-alegrense³² – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Jovem – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Feminina/Masculino – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

Ter sotaque – 1 [] 2 [] 3 [] 4 [] 5 []

A terceira característica – *claro* –, tem o intuito de investigar se a inserção do *glide* central altera a percepção da *clareza/inteligibilidade* do falar. Há duas hipóteses opostas que precisam ser testadas. De um lado, a inserção de um fone pode gerar a

³¹ O título, que contém o tipo de questão, não foi apresentado aos ouvintes.

³² Esta opção foi apresentada nos questionários de porto-alegrenses e de gaúchos. No questionário de brasileiros, esta opção foi suprimida, já que, no caso desse grupo de ouvintes, quer-se saber a que cidade o falar com *ingliding* é relacionado, sob a hipótese de que “Porto Alegre” não seja necessariamente a única (ou primeira) associação realizada. Dessa maneira, a simples inserção da alternativa “porto-alegrense” poderia induzir as respostas. No questionário de porto-alegrenses e gaúchos, considerou-se que a inserção da questão não causaria tanto estranhamento aos ouvintes, uma vez que eles informaram previamente que são porto-alegrenses e/ou gaúchos. Além disso, nesse caso, há informações prévias, advindas de estudos anteriores do *ingliding* em Porto Alegre, de associação do falar com *ingliding* a porto-alegrenses por gaúchos (de dentro e de fora da capital), o que permite que isso possa ser testado mais diretamente. No caso dos brasileiros, não há estudos anteriores a esse respeito, de modo que não seria vantajoso que o questionário induzisse qualquer resposta nesse sentido.

sensação de perda de clareza, justamente pela realização de um som a mais; de outro, como o *ingliding* surge no elemento que ocupa a posição mais proeminente do sintagma entoacional, sua realização pode ser percebida como uma ênfase sobre tais elementos, acentuando as propriedades rítmicas do sintagma e gerando a sensação de um maior esforço explicativo e de busca por clareza.

Relaxado e *formal* são características que têm o intuito de testar uma mesma distinção expressiva, captada nos estudos de produção a respeito do *ingliding* (OLIVEIRA, 2018, 2021), e que se revela inclusive na *hexis* corporal de quem produz o ditongo centralizado. Espera-se que o processo seja percebido como mais *relaxado* e, por oposição, menos *formal*. Essa expectativa tem a ver com os resultados associados a *personae* construídas com o *ingliding*, como *descolado-inovador*, e com o afrouxamento presente na articulação do ditongo centralizado em si, que pode ter reflexos, via associação icônica, nos significados sociais da variável. Se isso se comprovar, espera-se que, independentemente do grupo de ouvintes considerado, o falar seja percebido como mais *relaxado* e menos *formal*.

A inclusão das duas características, e não apenas uma delas, considera as afirmações dos produtores de *ingliding* nos estudos de Oliveira (2018, 2021). Em comum, diferentes agentes sociais que produzem o *ingliding*, ainda que realizassem práticas sociais distintas, buscavam se afastar de uma *formalidade*, tanto no vestuário, quanto nas formas de portar o corpo e de falar. Além disso, demonstravam certo *relaxamento* nos modos de agir, associado a esse afastamento de uma *formalidade*. Por serem características que, ainda que tenham uma relação de oposição, não se configurem como opostos perfeitos (um falar *menos formal* não é necessariamente um falar *relaxado*, pois pode haver uma gradação maior entre as duas qualidades), optou-se por incluir ambas.

Por fim, testa-se o quão *cantado* o falar é percebido, tendo em vista que o sotaque porto-alegrense foi identificado, pelos informantes do teste piloto de Oliveira (2015), como um falar *cantado*. Espera-se que o falar com *ingliding* possua níveis altos para esta característica, uma vez que sua realização em ambiente de proeminência, que possui

maior duração e está associado à marcação de tom, possa produzir a sensação de que o falar tem certa melodia.

Em relação a como o *falante* é percebido, incluem-se características presentes naqueles que mais produzem *ingliding* nas amostras de produção consideradas por Oliveira (2018, 2021). O *ingliding* parece ser um recurso para construir estilos *descontraídos*, *sociáveis* e *jovens*, de forma que interessa saber se as *personae* são percebidas conforme projetadas.

A respeito de *masculino* (para homens) e *feminina* (para mulheres), busca-se testar se os ouvintes percebem as produções com *ingliding* como maneiras de fazer o falar soar menos *masculino* ou *feminino*. Por estar relacionado, no movimento dos anos 1980 no Bom Fim, a práticas de transgressão e experimentação, e também a reivindicações por libertação sexual, sendo inclusive associado a frequentadores de um bar considerado *gay*, é possível que o *ingliding* influencie as percepções de *masculinidade* e *feminilidade*, tendo em vista que percepções de *gênero* e *sexualidade* tendem a ser compreendidas como intimamente conectadas. Essa característica não tem o intuito de verificar se o ouvinte “acerta” se o falante é homem ou mulher, mas sim de captar o quão *feminina* a falante mulher é percebida, e o quão *masculino* o falante homem é percebido. Para que essa interpretação da característica fosse evitada, optou-se por declarar o gênero de cada falante no momento da apresentação do áudio.

Também busca-se testar o quanto o *ingliding* é associado a uma marca de *sotaque*, ou seja, o quanto é um traço saliente e socialmente marcado. Para os grupos de porto-alegrenses e de gaúchos, inclui-se a variável *porto-alegrense*, sob a hipótese de que o processo seja associado ao sotaque porto-alegrense por gaúchos, que possivelmente reconhecem o falar com *ingliding* como uma marca da capital, mas não por porto-alegrenses, que, ainda que possam reconhecer a marca, não necessariamente percebem-na como representativa da comunidade de fala de que fazem parte.

De todas as questões de diferenciais semânticos resultam variáveis contínuas, com valores de 1 a 5. Para testar se há diferença entre os valores assinalados para os falares com *versus* sem *ingliding*, foram realizados testes de Wilcoxon (bicaudais), após

ser atestada distribuição não-normal dos dados por meio do teste de Shapiro-Wilk. Para essas variáveis, os resultados serão apresentados em gráficos de dispersão do tipo *boxplot*, de modo que seja possível visualizar em que ponto da escala os valores se concentram.

3.1.3.2 Questões de escolha forçada

Depois de responderem às questões de diferenciais semânticos, os ouvintes são direcionados às questões de escolha forçada, assim denominadas por não apresentarem um ponto neutro como opção. Foram realizadas quatro perguntas, cada uma com duas alternativas de resposta, como mostra o Quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Questões de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação

<p>(b) Escolha forçada</p> <p>Para você, esta pessoa parece... (escolha uma opção para cada pergunta)</p> <p>a) ser de classe social mais alta ou mais baixa? <input type="checkbox"/> classe social mais alta <input type="checkbox"/> classe social mais baixa</p> <p>b) morar numa região mais central ou mais periférica? <input type="checkbox"/> região mais central <input type="checkbox"/> região mais periférica</p> <p>c) morar na zona urbana ou rural? <input type="checkbox"/> zona urbana <input type="checkbox"/> zona rural</p> <p>d) ter índice de escolaridade mais alto ou mais baixo? <input type="checkbox"/> índice de escolaridade mais alto <input type="checkbox"/> índice de escolaridade mais baixo</p>
--

As perguntas de escolha forçada dizem respeito a variáveis relacionadas a aspectos sociodemográficos. A decisão de realizar esse tipo de questão, e não a de diferenciais semânticos, tem a ver com a natureza das associações. O teste, em seu todo, capta significados associados a *classe*, *periferização*, *urbanidade* e *escolaridade* por meio da proposição de diferentes características e por meio de perguntas não dicotômicas. Neste momento do teste, a pergunta é feita diretamente aos ouvintes, o que pode gerar certo estranhamento. Em certo sentido, imaginar uma pessoa como *metida* ou não, a partir de um estímulo de áudio, pode ser mais fácil do que fazer uma afirmação direta sobre sua classe social, ainda que a postura *metido(a)* seja geralmente associada a pessoas que querem se marcar como de classe social mais alta. Dessa forma, suspeita-se que as perguntas de tipo (b), se inseridas em diferenciais semânticos, tenderiam a valores neutros, a uma espécie de isenção por parte dos ouvintes. Por esse motivo, optou-se por forçar a decisão dos ouvintes para um dos extremos, sob hipótese de que esse resultado pudesse ser mais informativo neste caso.

Nessas questões, investiga-se se os produtores de *ingliding* são percebidos como de classe mais alta, como moradores da região central, da zona urbana, e como pessoas de índices de escolaridade mais altos, conforme perfil social identificado no estudo de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021). Como todos aqueles que mais produzem *ingliding* nas amostras de produção consideradas se enquadram nessas categorias, é interessante investigar se eles são percebidos como tal, mesmo em questões que abordam explicitamente os aspectos demográficos.

Para as variáveis categóricas, o teste estatístico utilizado para verificar se há diferenças entre os valores atribuídos aos estímulos com *versus* sem *ingliding* foi o teste de Qui-Quadrado. Os resultados desses testes serão apresentados em tabelas.

3.1.3.3 Questões de caixa de seleção

Depois das questões de escolha forçada, os ouvintes são levados à questão de caixas de seleção. Nessa questão, são apresentadas 24 características para os ouvintes,

das quais eles podem escolher quantas quiserem, para classificar o homem ou mulher que gravou cada áudio ouvido. Por ser uma questão de resposta obrigatória, cada ouvinte deveria escolher ao menos uma característica para poder seguir em frente no teste. As características estão apresentadas no Quadro 5.

Todas as características foram pensadas em pares, isto é, há duas características que podem, a depender da interpretação, ser consideradas como opostas. Quase todos os pares contêm uma característica que pode ser atribuída aos produtores de *ingliding* nos estudos de produção, atreladas a clubes pós-modernos. É o caso da primeira característica de cada um dos pares a seguir: *descolado-ultrapassado*, *desencanado-preocupado*, *preguiçoso-esforçado*, *rico-pobre*, *expansivo-reservado*, *despojado-metido*, *inovador-atrasado*, *louco-sério*, *transgressor-conservador*. A partir dos estudos de Oliveira (2018, 2021), há *personae* construídas com *ingliding* que englobam as características *descolado*, *desencanado*, *preguiçoso*, *rico*, *expansivo*, *despojado*, *inovador*, *louco*, *transgressor*, as quais também se associam a menos *formalidade* e mais *relaxamento*.

Quadro 5 – Questões de caixa de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação

(c) Caixa de seleção			
Considerando o que você ouviu, a mulher/o homem que gravou este áudio parece ser: (escolha quantas opções quiser)			
<input type="checkbox"/> Descolado(a)	<input type="checkbox"/> Ultrapassado(a)	<input type="checkbox"/> Desencanado(a)	<input type="checkbox"/> Preocupado(a)
<input type="checkbox"/> Preguiçoso(a)	<input type="checkbox"/> Esforçado(a)	<input type="checkbox"/> Rico(a)	<input type="checkbox"/> Pobre
<input type="checkbox"/> Heterossexual	<input type="checkbox"/> Gay/Lésbica	<input type="checkbox"/> Honesto(a)	<input type="checkbox"/> Malandro(a)
<input type="checkbox"/> Expansivo(a)	<input type="checkbox"/> Reservado(a)	<input type="checkbox"/> Despojado(a)	<input type="checkbox"/> Metido(a)
<input type="checkbox"/> Esnobe	<input type="checkbox"/> Modesto(a)	<input type="checkbox"/> Inovador(a)	<input type="checkbox"/> Atrasado(a)
<input type="checkbox"/> Sério(a)	<input type="checkbox"/> Louco(a)	<input type="checkbox"/> Conservador(a)	<input type="checkbox"/> Transgressor(a)

Além desses pares, há outros que compõem as características consideradas nas caixas de seleção. São os pares: *gay/lésbica-heterossexual*, *malandro-honesto* e *modesto-esnobe*. Como os resultados de produção apontaram um movimento, dentre os produtores de *ingliding*, de afastar-se de *personae esnobes* e *metidas*, ambas as

características foram incluídas no teste. Embora haja esse movimento de afastamento, contudo, a característica *modesto* não parece associada as *personae* que mais produzem *ingliding*.

Em relação a *malandro-honesto*, supõe-se que *malandro* possa ser mais associado ao falar com *ingliding*, uma vez que o estereótipo do *magrão*, que inclusive motivou a elaboração do personagem *Magro do Bonfa*³³, é relacionado ao falar característico de Porto Alegre. No que diz respeito a *gay/lésbica-heterossexual*, quer-se investigar a possibilidade de os falares com *ingliding* serem associados a *gay/lésbica*, tendo em vista que movimentos LGBTQ+ compuseram o movimento jovem dos anos 1980, época em que o *ingliding* pode ter adquirido alguma saliência em Porto Alegre. Um dos bares mais frequentados pelos pós-modernos, de acordo com Silva (1991, 2007), o *Bar Ocidente*, é, inclusive, frequentemente referido como um bar *gay*, informação que aparece no *Filme Sobre um Bom Fim* (MIGOTTO, 2015).

Em relação aos ouvintes não gaúchos, busca-se investigar em que medida estilos de vida e *personae* porto-alegrenses compõem seu imaginário e podem influenciar os resultados na mesma direção. Podem entrar em jogo, também, construções estilísticas cariocas, como a do surfista, que pode ter no *ingliding* uma de suas práticas. Além disso, se os significados sociais do *ingliding* tiverem, como se suspeita, relações com disposições corporais *relaxadas*, características associadas a *personae* que se marcam a partir de descontração e despojamento devem prevalecer. Um direcionamento nesse sentido em todos os grupos de ouvintes poderia revelar que os jeitos de portar o corpo estão sendo utilizados como base para a atribuição de significados sociais ao *ingliding*.

Assim como as respostas de escolha forçada, as respostas de caixas de seleção são transformadas em variáveis categóricas binárias, em que se opõe marcação e não marcação de cada característica para classificar os falares. Dessa forma, também se

³³ Personagem criado pelo humorista André Damasceno. O personagem é referido por uma das falantes que mais produz *ingliding* na amostra do LínguaPOA (2015-2019) considerada por Oliveira (2018) ao caracterizar o movimento jovem dos anos 1980 no Bom Fim e incluir-se como participante das práticas sociais típicas da época.

verifica se há diferenças entre os áudios com *versus* sem *ingliding* por meio de testes de Qui-Quadrado.

3.1.3.4 Questões de caixa de texto

As últimas questões respondidas a respeito de cada um dos áudios são perguntas dissertativas, de resposta obrigatória, em que se disponibilizam caixas de texto para que os ouvintes escrevam suas respostas *livremente com suas palavras*. Tais perguntas contemplam questões de pesquisa para as quais não são propostas categorias: pelo contrário, quer-se, com as respostas dos ouvintes, descobrir que categorias são essas. As três questões de caixa de texto estão apresentadas no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 – Questões de caixa de texto do Experimento de Percepção e Avaliação

(d) Caixa de texto

Que profissão você imagina que esta pessoa possa ter?
(responda livremente com suas palavras)

O que você acha que esta pessoa pode gostar de fazer?
(responda livremente com suas palavras)

Onde (região, cidade e/ou estado) esta pessoa pode morar?
(responda livremente com suas palavras)

As questões têm o intuito de investigar que profissões e que práticas sociais são relacionadas ao processo, bem como a que região os produtores de *ingliding* são associados. No que diz respeito às profissões, investiga-se se profissões dos campos artísticos e midiáticos, que demandam maior contato com público e usos seguros da linguagem, serão atribuídas ao falar com *ingliding*, como os estudos de produção linguística parecem revelar. Supõe-se que profissões que demandam o uso da

linguagem falada como recurso imprescindível, como professores e vendedores, possam ser relacionadas ao falar com *ingliding*.

A questão a respeito do que a pessoa pode *gostar* de fazer permite explorar se as práticas sociais daqueles que mais produzem *ingliding* de acordo com os estudos de produção são também percebidas como ligadas ao processo pelos ouvintes. Em relação a essas práticas sociais, dois caminhos parecem possíveis. Pode ser que os ouvintes façam menção a gostos de classe que podem ser associados ao que Bourdieu (2015 [1979/1982]) considera como *gostos de luxo*, em oposição a *gostos de necessidade*, uma vez que os que mais produzem *ingliding* são falantes que, nos estudos de produção, revelaram ser de classes sociais mais elevadas. Outra possibilidade é que os ouvintes façam referência a práticas sociais corporificadas associadas a *despojamento* e *descontração* ao classificar os falares com *ingliding*, aquelas que construíam estilos dos jovens pós-modernos dos anos 1980, como frequentar festas, sair para beber e socializar com amigos, dentre outras.

Por fim, a questão a respeito das regiões deve ter respostas distintas a depender do grupo de falantes considerado. É esperado dos porto-alegrenses e gaúchos a menção ao falar de Porto Alegre. Dos porto-alegrenses, é possível a recorrência do bairro Bom Fim como característico do falar com *ingliding*. Já os brasileiros podem, além de fazer referência a Porto Alegre, mencionar Rio Grande do Sul ou Sul, tomando o falar representativo da capital do estado como característica de todo o estado ou de uma região brasileira. Também é possível que o falar com *ingliding* seja associado ao Rio de Janeiro, ainda que o trecho falado nos áudios não conte com a realização de outras variáveis tipicamente associadas ao falar carioca, como a fricatização de /R/ e a palatalização de /S/ na posição de coda silábica.

Para as perguntas de caixa de texto, as respostas estão apresentadas em nuvens de palavras geradas a partir da frequência de uso de cada termo. Para tanto, termos semelhantes são agrupados em um só. Embora não seja realizado um teste estatístico nesse caso, a frequência dos termos utilizados para classificar os falares pode ser informativa de seus significados sociais.

3.1.3.5 Informações pessoais dos ouvintes

Antes de enviar as respostas, os ouvintes também forneceram informações pessoais a seu respeito. As informações solicitadas estão apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Informações pessoais dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação

Idade:
Gênero (por exemplo: Homem; Mulher):
Profissão:
Bairro de Porto Alegre em que mora atualmente:
Estado em que passou a maior parte da vida:
Cidade em que passou a maior parte da vida:
(Opcional) Cidades em que já residiu (se possível, indicar cidade e estado):
Escolaridade (assinalar se completo ou em curso):
<input type="checkbox"/> nenhuma
<input type="checkbox"/> 5º ano do Ensino Fundamental (Primário)
<input type="checkbox"/> 9º ano do Ensino Fundamental (Colegial)
<input type="checkbox"/> Ensino Médio (Ginásio)
<input type="checkbox"/> Ensino Superior (Graduação)
<input type="checkbox"/> Especialização/Mestrado/Doutorado (Pós-Graduação)
Classe social (assinalar a classe da qual você considera fazer parte):
<input type="checkbox"/> Classe alta
<input type="checkbox"/> Classe média alta
<input type="checkbox"/> Classe média
<input type="checkbox"/> Classe média baixa
<input type="checkbox"/> Classe baixa

Algumas das informações coletadas são utilizadas para que se tenha consciência da abrangência do teste e, também, para investigar se o ouvinte respondeu o questionário correto, ou seja, se fez a navegação esperada, por *hiperlinks*, até chegar ao seu formulário. Este é o caso de questões a respeito da profissão, bairro, estado e cidade dos ouvintes. Outras informações são categorizadas para que se possa testar sua influência nas respostas do teste. É o caso de idade, gênero, escolaridade e classe social.

O preenchimento deste formulário permite captar, posteriormente, se ouvintes que assinalaram ser de classe social alta percebem e avaliam os falares de maneira diferente daqueles que assinalaram ser de classe social baixa, por exemplo. Para investigar a influência dessas características sociais dos ouvintes nas respostas aos testes, foram realizadas análises multivariadas por meio de regressões lineares. Essas regressões foram feitas a partir dos escores obtidos em Análises de Componentes Principais (ACP) para as variáveis quantitativas.

A ACP é um método que permite descobrir em que medida as respostas de uma variável estão relacionadas com outra(s), isto é, permitem descobrir quais são os Componentes Principais (CPs) que agrupam variáveis e respondem pela maior parte da variação nas respostas, o que facilita a interpretação dos resultados. Por meio dessa análise, é possível descobrir se as 12 variáveis quantitativas, obtidas de questões de diferenciais semânticos nos testes (*agradável, natural, claro, relaxado, formal, cantado, descontraído, sociável, porto-alegrense, jovem, feminina/masculino, ter sotaque*), podem ser reduzidas a um número menor de variáveis. Para tanto, a análise capta associações nas respostas que indicam quais delas “andam juntas”, ou seja, quando uma recebe valores numa direção, o mesmo acontece com outra.

Além de descobrir associações entre as respostas, a ACP permite reduzir o número de variáveis relevantes para as análises de regressão linear. Dessa forma, ao invés de realizar regressões lineares incluindo os dados dos ouvintes para cada uma das variáveis do teste, é possível considerar apenas aquelas que constituem CPs.

A partir das questões e análises propostas para cada variável, espera-se poder avançar na compreensão da significação social do *ingliding* de vogais tônicas do falar porto-alegrense. Para tanto, considera-se importante dar espaço para que os ouvintes complementem o teste com informações que não estão contempladas nele e, além disso, avaliar o teste ou relatar o que quiserem sobre a experiência de fazê-lo. Por isso, são apresentadas questões opcionais aos ouvintes, caso queiram: (i) acrescentar característica(s) às questões de caixas de seleção; (ii) comentar o falar ou o falante

escutado ao final de todas as questões; (iii) comentar o experimento de maneira geral³⁴. Por meio dessas questões, é possível captar pistas sobre o alcance, sobre as potencialidades e sobre as limitações do teste.

Por fim, o teste é encerrado com uma tela de agradecimento pela participação, assim que as respostas são enviadas ao pesquisador. Juntamente com a tela de agradecimento, há um pedido para que o ouvinte que acabou de completar o teste compartilhe-o com sua rede de contatos.

3.2 Resultados

Os resultados do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* estão enunciados nesta seção, a qual está organizada em três subseções. A primeira subseção revela a distribuição geral dos dados, apresentando características da amostra considerada. A segunda e a terceira subseção expõem, respectivamente, os resultados para o grupo de ouvintes brasileiros (não gaúchos), e para os grupos de ouvintes gaúchos (não porto-alegrenses e porto-alegrenses).

Em cada uma dessas subseções, os resultados estão organizados por tipo de questão, especialmente em virtude das análises estatísticas realizadas em cada caso. Dessa forma, apresentam-se, primeiro, os resultados das questões de diferencial semântico, analisadas por meio de testes de Wilcoxon e pela Análise de Componentes Principais; depois, os resultados das questões de escolha forçada e de caixa de seleção, ambas analisadas por meio de testes de Qui-Quadrado; então, reúnem-se os resultados das questões de caixa de texto, organizados em árvores de palavras que consideram a frequência de uso dos termos para classificar os diferentes falares.

Por fim, apresentam-se os resultados das regressões lineares multivariadas, que consideram dados dos perfis sociais dos ouvintes que realizaram o experimento, com

³⁴ A maioria dos ouvintes optou por não escrever comentários ao final do experimento. Os comentários recebidos são principalmente compostos de afirmações a respeito do quanto a pesquisa parecia interessante e da dificuldade da tarefa de associar características a pessoas somente a partir das gravações.

o intuito de testar sua influência nas respostas. A análise utilizou, como variável resposta, os CPs obtidos através da ACP realizada com as variáveis contínuas.

3.2.1 Distribuição dos dados

O questionário de percepção e avaliação foi respondido por 369 ouvintes, distribuídos em três grupos, a depender da região em que passaram a maior parte da vida. A seguir, apresenta-se a distribuição dos dados nos três grupos de ouvintes a partir das informações coletadas sobre sua idade, gênero, escolaridade e classe social declarada.

(i) Brasileiros (não gaúchos): 170 ouvintes³⁵

Idade: 19 a 66 anos

Gênero: Homem: 53; Mulher: 117

Escolaridade: Ensino Médio: 3; Ensino Superior: 57; Pós-Graduação: 110

Classe Social: Alta: 4; Média Alta: 28; Média: 85; Média Baixa: 42; Baixa: 11

(ii) Gaúchos (não porto-alegrenses): 93 ouvintes

Idade: 18 a 61 anos

Gênero: Homem: 26; Mulher: 67

Escolaridade: Ensino Médio: 4; Ensino Superior: 38; Pós-Graduação: 51

Classe Social: Alta: 1; Média Alta: 16; Média: 46; Média Baixa: 24; Baixa: 6

(iii) Porto-alegrenses: 106 ouvintes

Idade: 18 a 68 anos

Gênero: Homem: 23; Mulher: 83

Escolaridade: Ensino Médio: 12; Ensino Superior: 48; Pós-Graduação: 46

Classe Social: Alta: 3; Média Alta: 17; Média: 69; Média Baixa: 14; Baixa: 3

³⁵ Informantes de todas as regiões brasileiras responderam ao questionário. A concentração de respostas ficou na região Sudeste, especialmente no estado de São Paulo. Distribuição por regiões e estados: Sul – SC (5 ouvintes), PR (9 ouvintes); Sudeste – SP (56 ouvintes), RJ (19 ouvintes), ES (2 ouvintes), MG (18 ouvintes); Centro-Oeste – MS (3 ouvintes), GO (4 ouvintes), DF (5 ouvintes), MT (2 ouvintes); Nordeste – BA (6 ouvintes), PE (9 ouvintes), PB (3 ouvintes), RN (8 ouvintes), CE (4 ouvintes), PI (3 ouvintes), MA (3 ouvintes); Norte – PA (6 ouvintes), AP (1 ouvinte), AM (3 ouvintes), RR (1 ouvinte).

Como a única exigência estabelecida para a realização dos testes foi a de que os ouvintes fossem brasileiros e maiores de idade, a possibilidade de desequilíbrio na amostra quanto às características sociais dos respondentes já era esperada. A maior concentração de respostas obtidas por pessoas com Ensino Superior ou Pós-Graduação (completa ou em curso) pode se explicar pelo fato de a maioria das respostas terem sido coletadas através de divulgação realizada em grupos de *Facebook* destinados a graduandos e pós-graduandos que compartilham a condição de bolsistas CAPES/CNPq.

Além dessa característica, observa-se que, para os três grupos de ouvintes, há um maior número de respostas de mulheres (sempre mais do que o dobro de respostas obtidas de ouvintes homens). Como as redes sociais de cada ouvinte não foram rastreadas, é difícil determinar os motivos que influenciaram nesse desequilíbrio no número de respondentes por gênero. Por fim, percebe-se que os três grupos contaram com respondentes de diferentes faixas etárias e que a maioria dos ouvintes considerou fazer parte da classe média ou de outras classes sociais intermediárias (média baixa e média alta). Em suma, a distribuição dos dados entre os três grupos é bastante similar, o que contribui para a comparabilidade dos resultados.

Outro dado que chama atenção é o desequilíbrio, no grupo de ouvintes brasileiros, de respostas por região e estado. Embora tenha-se adotado uma estratégia de divulgação em diferentes redes com o intuito de o experimento se tornar abrangente, há uma considerável concentração de respostas obtidas por pessoas de São Paulo. O estado de São Paulo é, de fato, o mais populoso do Brasil, de forma que não chega a ser surpreendente essa concentração das respostas. De toda forma, como não foi estabelecido um número mínimo e máximo de respondentes para cada estado brasileiro, o grupo de brasileiros não está equilibrado por estado, de modo que qualquer generalização proposta a partir dos dados precisa considerar essa limitação.

3.2.2 Brasileiros não Gaúchos

Apresentam-se, aqui, os resultados para o grupo de ouvintes brasileiros não gaúchos. A divisão dos resultados nas subseções a seguir contempla o tipo de questão e o tipo de variável que foi considerado em cada análise. Nesta subseção, os resultados são apresentados de maneira mais objetiva. Na subseção a respeito dos resultados para gaúchos não porto-alegrenses e porto-alegrenses, comparações serão estabelecidas para que a significação social do *ingliding* possa ser discutida na seção 3.3.

3.2.2.1 Diferenciais semânticos

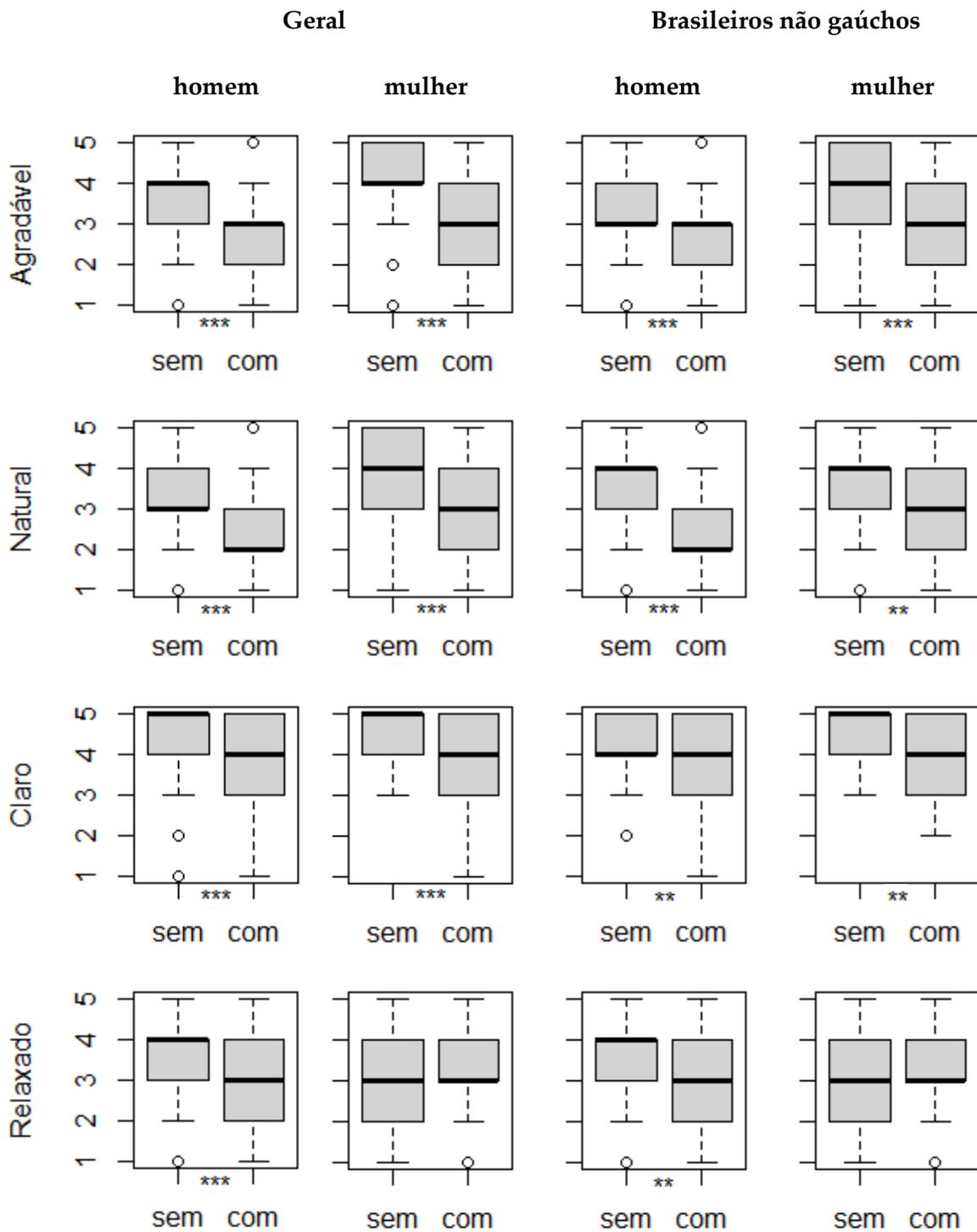
Para as variáveis quantitativas obtidas a partir das questões de diferenciais semânticos de cinco pontos, foram realizados testes de Mann-Whitney/Wilcoxon (bicaudais) após ser atestada distribuição não-normal dos dados por meio do teste de Shapiro-Wilk. Os resultados para todas as variáveis consideradas estão apresentados em gráficos de dispersão do tipo *boxplot*, em escalas que reproduzem aquelas utilizadas pelos ouvintes do teste, com valores de 1 a 5.

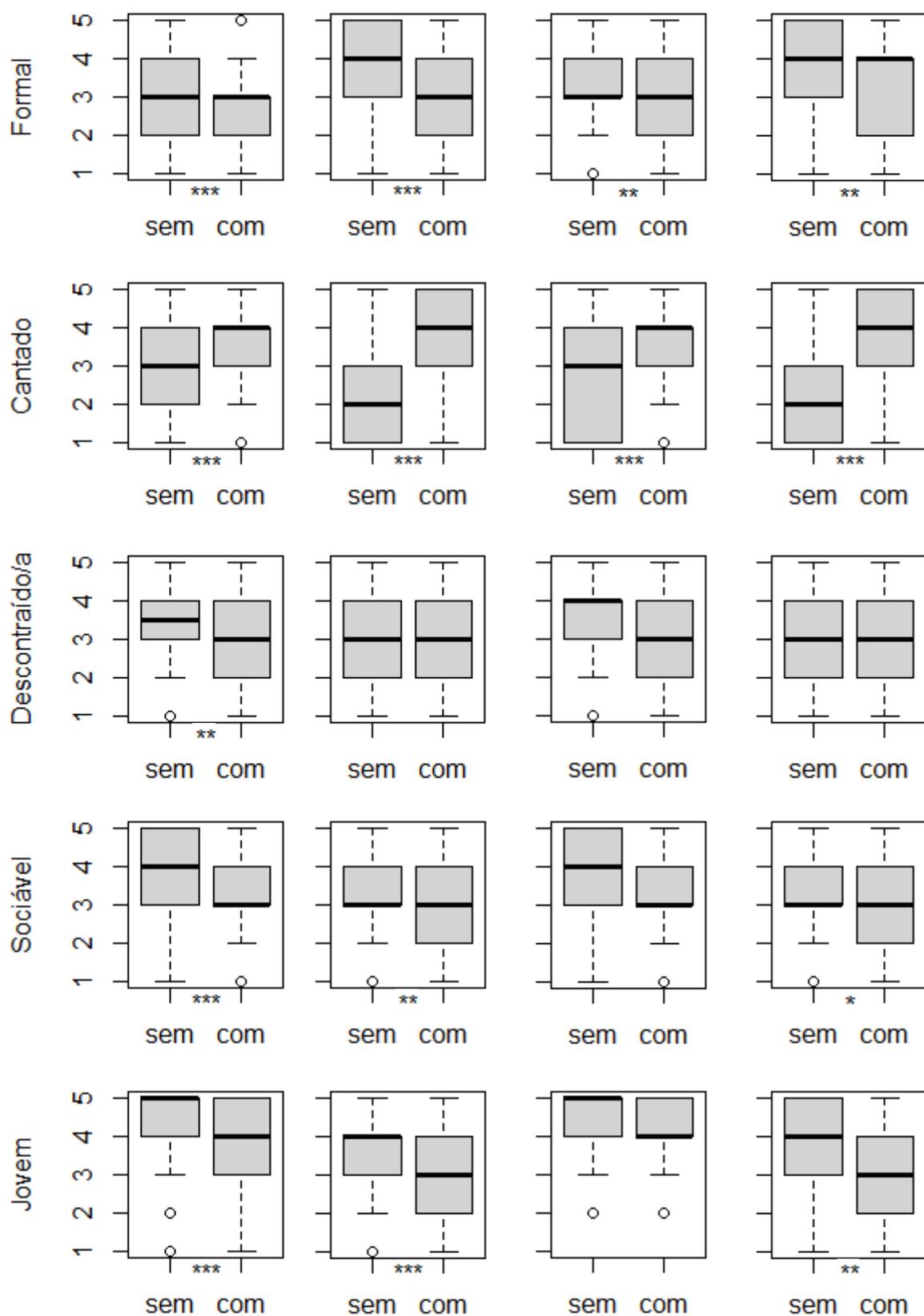
Os *boxplots* da Figura 6 estabelecem uma comparação entre o grupo de brasileiros não gaúchos (direita) e a amostra geral (esquerda), que considera as respostas de todos os informantes. Para cada variável e para cada grupo, há dois gráficos de dispersão, apresentados lado a lado. O gráfico da esquerda reúne os resultados para o falante homem ouvido no teste; o da direita, para a falante mulher. Além disso, cada gráfico estabelece uma comparação entre os resultados para percepção e avaliação dos estímulos sem *versus* com *ingliding*. Para informar a significância estatística das diferenças, apresentam-se os índices de acordo com a seguinte convenção: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

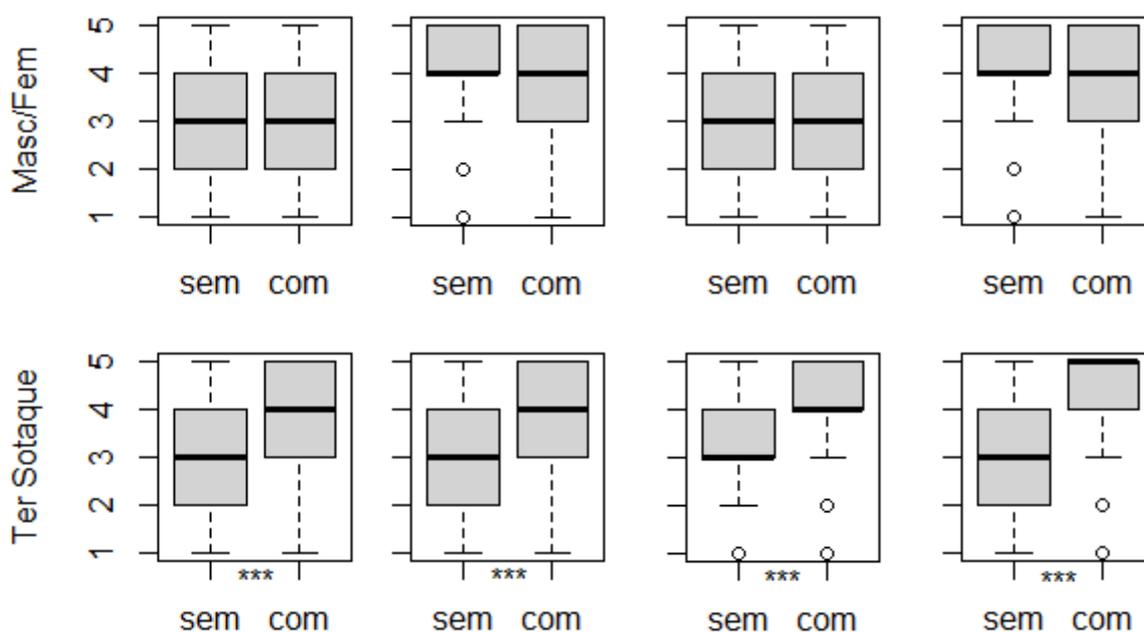
Com o intuito de possibilitar a boa leitura de cada gráfico, optou-se por não fazer uma grande redução de seu tamanho. Por esse motivo, a Figura 6 ocupa

aproximadamente três páginas. As variáveis estão apresentadas na mesma ordem que foram disponibilizadas para os ouvintes durante a realização do questionário.

Figura 6 – Variáveis quantitativas do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – amostra geral x grupo de brasileiros







As variáveis que apresentam diferenças estatisticamente significativas nas respostas aos áudios sem *versus* com *ingliding* para ambos os falantes, tanto na amostra geral, quanto no grupo de brasileiros, são: *agradável*, *natural*, *claro*, *formal*, *cantado* e *ter sotaque*. Em relação a essas variáveis, observa-se que o falar com *ingliding* foi sempre percebido/avaliado como menos *agradável*, menos *natural*, menos *claro*, menos *formal*, mais *cantado* e mais associado a *ter sotaque*. Em relação a essas variáveis, as diferenças verificadas possuem a mesma direção, seja considerando o falar (com *versus* sem *ingliding*), seja considerando o falante (mulher *versus* homem) ou o grupo (brasileiros não gaúchos *versus* amostra geral).

Ainda que a diferença seja estatisticamente significativa, é necessário examinar onde se concentram os dados para cada característica. No caso de *agradável*, o falar com *ingliding* não chega a ser considerado *desagradável*, uma vez que os valores se concentram próximos ao ponto neutro (valor 3), especialmente para o falar com *ingliding* da falante mulher, o que é muito semelhante ao que ocorre com *natural*. Em relação à *formal*, percebe-se concentração de valores também em torno do ponto neutro para o falar com *ingliding*, sempre acima de 2, e o falar sem *ingliding* da falante mulher tem resultados acima do ponto neutro, marcados como bastante *formais*. A diferença

nos valores também é bem evidente para as características *cantado* e *ter sotaque*, em que os falares com *ingliding* têm concentração de valores acima do ponto neutro. Já para *claro*, a concentração tanto dos falares com quanto dos falares sem *ingliding* está acima do ponto neutro, sendo que para o falar sem *ingliding* os valores estão acima de 4.

Na maioria das comparações apresentadas nas Figura 6, foi verificada diferença significativa entre os estímulos para as variáveis *sociável* e *jovem*. Havendo correlação significativa, os falantes que produzem *ingliding* são classificados como menos *sociáveis* e menos *jovens*. Considerando o grupo de brasileiros, a correlação é significativa somente para a falante mulher, que é percebida como menos *jovem* e menos *sociável* em suas emissões com *ingliding*.

A variável *descontraído* possui apenas uma correlação significativa (falante homem, amostra geral), e a variável *relaxado* possui duas. Para *relaxado*, a diferença aparece como significativa somente para o falante homem, tanto na amostra geral quanto no grupo de brasileiros. Nesse caso, o falar é percebido como menos *relaxado* quando há realização de *ingliding*. Para *descontraído*, a única correlação significativa se dá nos dados da amostra geral para a falante mulher. Quando há correlação significativa, os valores com *ingliding* se concentram em torno do ponto neutro, os valores sem *ingliding* se concentram um pouco acima do ponto neutro.

Masculino/Feminina foi a única variável que não apresentou diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das comparações entre estímulos, para nenhum dos grupos. Os valores estão sempre próximos entre os falares com e sem *ingliding*. Para a falante mulher, os valores se concentram sempre acima do valor 3. Já para o falante homem, há concentração de valores também abaixo do ponto neutro.

Para determinar quais dessas variáveis respondem pela maior parte da variação captada nas respostas e, além disso, quais delas são entendidas como associadas pelos ouvintes, foram realizadas Análises de Componentes Principais. Para tanto, realizou-se o teste de Cattell e o teste CNG, de Cattell-Nelson-Gorsuch.

Apresentam-se, a seguir, os resultados destas análises em tabelas. Estão destacados os valores de *eigenvalues* mais distantes de zero e que, a partir da análise,

parecem caminhar juntos nas respostas dos ouvintes. Em cinza escuro, apresentam-se os maiores valores para cada CP que tenham entre si uma diferença de até 0,1; em cinza claro, demais resultados distantes de zero. A interpretação dos *eigenvalues* é relativa a cada análise, não havendo um valor específico de corte pré-estabelecido para que se considerem quais atributos constituem um CP. Os resultados revelam alguns valores próximos a zero e outros mais distantes. Quanto mais distantes de zero e aproximados entre si, com mesma valência, forem os valores, mais as características em questão podem ser compreendidas como relacionadas.

Nas análises, foram selecionados três componentes principais responsáveis pela maioria da variação das respostas: *sociabilidade*, *formalidade* e *sotaque*. Após os resultados das análises, gráficos de dispersão relacionam cada CP com a presença *versus* ausência de *ingliding*. Apresentam-se, na Tabela 2 e na Figura 7, os resultados para a amostra geral, contemplando todos os ouvintes.

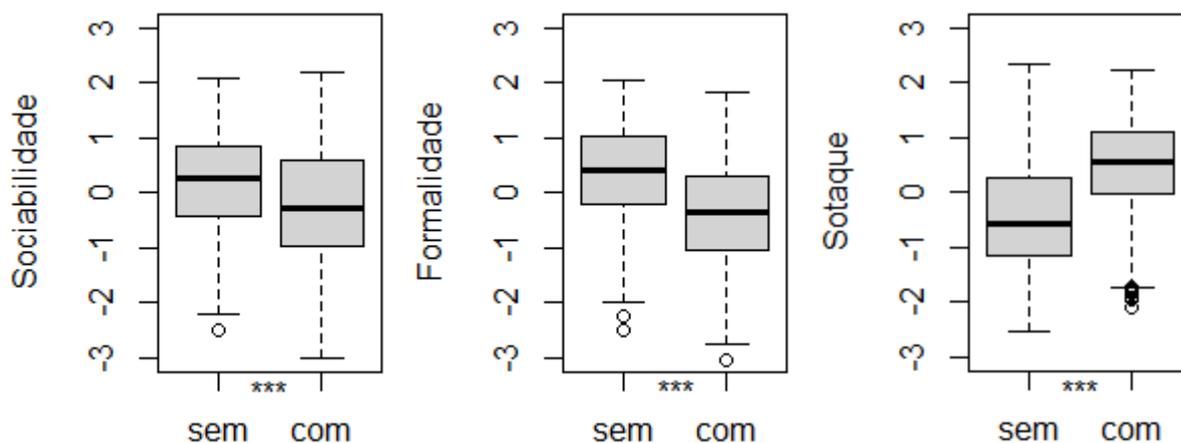
A nomenclatura de cada CP considera a análise dos resultados obtidos para cada um deles. Acumulados, os três respondem por 65% da variância nas respostas. O primeiro CP, Sociabilidade, possui maiores valores para *descontraído* e *sociável*, com 0,93 e 0,85 *eigenvalues*, respectivamente. Esses são os valores mais distantes de zero e aproximados entre si, que justificam a nomenclatura dada ao CP. Essa associação captada pode mostrar que a característica *descontraído* foi entendida pelos ouvintes como muito associada a *sociável*, isto é, como a qualidade de quem tem desembaraço nas relações sociais, pode criar laços facilmente. Por esse motivo, o CP foi chamado de Sociabilidade. *Jovem* é outro atributo aproximado a *descontraído* e *sociável*, seguido de *relaxado*, que já possui uma distância de 0,2 *eigenvalues* para *sociável*.

O segundo CP, Formalidade, possui *formal* com valor bastante destacado dos demais, com 0,96 *eigenvalues*. O segundo desses valores possui mais de 0,2 *eigenvalues* de diferença, o atributo *claro*, e os outros, a meio caminho entre *formal* e o valor zero, são *agradável* e *natural*. Por possuir *formal* como fator mais isolado dos demais, o CP ganha o nome de Formalidade. A clareza do falar parece estar relacionada à sua formalidade para os ouvintes e, a meio caminho, sua agradabilidade e naturalidade.

Tabela 2 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* (rotação promax) – amostra geral

	Sociabilidade	Formalidade	Sotaque
Agradável	0,30	0,58	-0,21
Natural	0,32	0,54	-0,18
Claro	0,11	0,73	0,12
Relaxado	0,65	0,12	-0,08
Formal	-0,41	0,96	0,20
Cantado	0,11	0,00	0,83
Descontraído	0,93	-0,18	0,09
Sociável	0,85	0,00	0,00
Jovem	0,70	-0,08	0,25
Ter Sotaque	0,06	0,14	0,88
<i>Eigenvalue</i>	2,84	2,09	1,63
% Variância	28	21	16
% Acumulativa	28	49	65

Figura 7 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* para os Componentes Principais *sociabilidade*, *formalidade* e *sotaque* – amostra geral



O terceiro CP, Sotaque, possui como valores bastante aproximados, com 0,88 e 0,83 *eigenvalues*, respectivamente, *ter sotaque* e *cantado*. A primeira das características, principal responsável pela nomenclatura do CP, está aproximada de outra que é, na

verdade, uma de suas qualificações. Andam juntos, portanto, o reconhecimento de um sotaque, em *ter sotaque*, e a qualificação desse sotaque, em *cantado*.

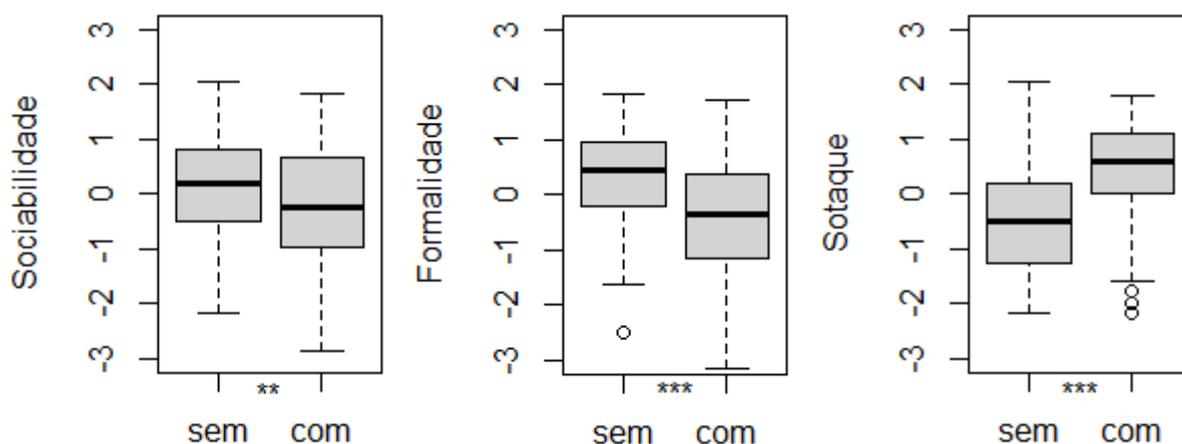
A partir dos gráficos de dispersão para os CPs, observa-se que as diferenças entre os falares com e sem *ingliding* é significativa nos três casos. Os exames dos valores, contudo, mostram que o CP Sotaque e o CP Formalidade possuem, nessa ordem, maior diferença entre o falar sem e o falar com *ingliding*. O CP Sociabilidade, por outro lado, possui uma concentração de valores mais sobreposta.

Com os resultados da amostra completa em mãos, interessa saber se, dividindo-se os dados por grupos de ouvintes, a construção dos CPs e sua relação com o *ingliding* será ou não distinta. Apresentam-se, a seguir, os resultados para o grupo de ouvintes brasileiros, dispostos na Tabela 3 e na Figura 8.

Tabela 3 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* (rotação promax) – grupo de brasileiros

	Sociabilidade	Formalidade	Sotaque
Agradável	0,32	0,59	-0,18
Natural	0,38	0,51	-0,08
Claro	0,10	0,76	0,10
Relaxado	0,70	0,02	-0,07
Formal	-0,40	0,96	0,10
Cantado	0,07	0,00	0,85
Descontraído	0,92	-0,16	0,07
Sociável	0,84	-0,02	-0,03
Jovem	0,69	-0,08	0,19
Ter Sotaque	0,02	0,09	0,89
<i>Eigenvalue</i>	2,88	2,08	1,59
% Variância	29	21	16
% Acumulativa	29	50	66

Figura 8 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção de Avaliação do *ingliding* para os Componentes Principais *sociabilidade*, *formalidade* e *sotaque* – grupo de brasileiros



Mais a respeito de cada CP e do quanto eles são reveladores da percepção e avaliação do *ingliding* será discutido na subseção 3.2.3.1, quando será possível estabelecer uma comparação entre os três grupos de ouvintes considerados. O que um primeiro exame já demonstra é que, entre a amostra geral e a amostra do grupo de brasileiros, não há diferenças entre os CPs e nem em sua relação com o *ingliding*. Tanto os gráficos de dispersão são semelhantes quanto os atributos que compõem cada CP são os mesmos, com pouquíssima mudança nos valores.

3.2.2.2 Escolhas forçadas e caixas de seleção

Os dados resultantes das questões de escolha forçada, que possuíam apenas duas opções de resposta, foram analisados por meio de testes de Qui-Quadrado, empregados em variáveis categóricas. O mesmo tipo de análise foi realizado com as características das questões de caixas de seleção, para a qual se considerou cada característica como variável qualitativa binária em que se opõe marcar a característica *versus* não marcar a característica para cada falante ouvido. Considerando esse aspecto, os resultados para as questões de escolha forçada e de caixas de seleção estão apresentados na mesma subseção.

Os resultados apresentados na Tabela 4 são aqueles a respeito das perguntas de escolha forçada, onde estão dispostos a porcentagem e a frequência total para cada caso (V para monotongo, V^e para ditongo centralizado), o resultado do Qui-Quadrado e o valor de significância. A Tabela 4 revela que não foi captada nenhuma diferença estatisticamente significativa para as variáveis categóricas oriundas das perguntas de escolha forçada. Não há, portanto, diferenças significativas nas percepções de *classe social*, *região*, *zona* e *escolaridade*, quando apresentadas nesses termos aos ouvintes, a depender da realização ou não de *ingliding*. Ambos os falantes, tanto em suas emissões com ou sem *ingliding*, foram percebidos como de classe social e escolaridade alta, moradores da região central e da zona urbana.

Tabela 4 – Variáveis qualitativas de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – grupo de brasileiros

Variável	Falante Homem		Falante Mulher	
	%V (n)	%V ^e (n)	%V (n)	%V ^e (n)
Classe Social				
alta	76,5% (62)	76,4% (68)	92,1% (82)	88,9% (72)
baixa	23,5% (19)	23,6% (21)	7,9% (7)	11,1% (9)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,21(1), p = 0,64$	
Região				
central	80,2% (65)	82% (73)	95,5% (85)	87,7% (71)
periférica	19,8% (16)	18% (16)	4,5% (4)	12,3% (10)
	$\chi^2 = 0,01(1), p = 0,92$		$\chi^2 = 2,50(1), p = 0,11$	
Zona				
rural	2,5% (2)	3,4% (3)	0% (0)	2,5% (2)
urbana	97,5% (79)	96,6% (86)	100% (89)	97,5% (79)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,61(1), p = 0,44$	
Escolaridade				
alta	93,8% (76)	86,5% (77)	96,6% (86)	88,9% (72)
baixa	6,2% (5)	13,5% (12)	3,37% (3)	11,1% (9)
	$\chi^2 = 1,77(1), p = 0,18$		$\chi^2 = 2,78(1), p = 0,09$	

Na Tabela 5, apresentam-se os resultados para as variáveis qualitativas obtidas nas questões de caixas de seleção. Em relação a tais respostas, cabe destacar que a

leitura desses resultados difere daquela das respostas para as perguntas de escolha forçada. Para as perguntas de escolha forçada, os ouvintes eram direcionados a uma característica específica e deveriam escolher uma entre duas alternativas, de modo que a leitura de percentuais pode indicar se o falar é mais percebido como de uma forma ou de outra. No caso das caixas de seleção, embora a questão fosse de resposta obrigatória, os ouvintes podiam marcar quantas quisessem (no mínimo uma) dentre 24 possibilidades. Assim, embora a tabela apresente percentuais que comparam quantas vezes cada característica foi marcada ([]) *versus* quantas vezes não foi marcada ([]), a leitura que se faz é diferente da leitura dos dados das questões de escolha forçada. Os ouvintes não foram questionados, por exemplo, se o falante parece *descolado*, mas *descolado* era uma das possibilidades para classificar o falante. Dessa forma, os resultados revelam, na verdade, a porcentagem de ouvintes que considerou relevante selecionar cada característica para descrever o falante ouvido, de um universo de 24 possibilidades.

Tabela 5 – Variáveis qualitativas de caixas de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – grupo de brasileiros

Variável	Falante Homem		Falante Mulher	
	%V (n)	%V* (n)	%V (n)	%V* (n)
Descolado/a				
[<input type="checkbox"/>]	34,6% (28)	41,6% (37)	75,3% (67)	72,8% (59)
[<input checked="" type="checkbox"/>]	65,4% (53)	58,4% (52)	24,7% (22)	27,2% (22)
	$\chi^2 = 0,61(1), p = 0,43$		$\chi^2 = 0,03(1), p = 0,85$	
Ultrapassado/a				
[<input type="checkbox"/>]	100% (81)	98,9% (88)	96,6% (86)	96,3% (78)
[<input checked="" type="checkbox"/>]	0% (0)	1,1% (1)	3,4% (3)	3,7% (3)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$	
Desencanado/a				
[<input type="checkbox"/>]	66,7% (54)	68,5% (61)	85,4% (76)	76,5% (62)
[<input checked="" type="checkbox"/>]	33,3% (27)	31,5% (28)	14,6% (13)	23,5% (19)
	$\chi^2 = 0,01(1), p = 0,92$		$\chi^2 = 1,63(1), p = 0,20$	

Preocupado/a					
[]	95,1% (77)	94,4% (84)	75,3% (67)	84% (68)	
[✓]	4,9% (4)	5,6% (5)	24,7% (22)	16% (13)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 1,45(1), p = 0,23$		
Preguiçoso/a					
[]	97,5% (79)	95,5% (85)	98,9% (88)	96,3% (78)	
[✓]	2,5% (2)	4,5% (4)	1,1% (1)	3,7% (3)	
	$\chi^2 = 0,09(1), p = 0,76$		$\chi^2 = 0,36(1), p = 0,55$		
Esforçado/a					
[]	76,5% (62)	76,4% (68)	44,9% (40)	75,3% (61)	
[✓]	23,5% (19)	23,6% (21)	55,1% (49)	24,7% (20)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 14,98(1), p < 0,001 ***$		
Rico/a					
[]	95,1% (77)	91% (81)	77,5% (69)	71,6% (58)	
[✓]	4,9% (4)	9% (8)	22,5% (20)	28,4% (23)	
	$\chi^2 = 0,53(1), p = 0,46$		$\chi^2 = 0,50(1), p = 0,48$		
Pobre					
[]	91,4% (74)	96,6% (86)	100% (89)	96,3% (78)	
[✓]	8,6% (7)	3,4% (3)	0% (0)	3,7% (3)	
	$\chi^2 = 1,28(1), p = 0,26$		$\chi^2 = 1,56(1), p = 0,21$		
Heterossexual					
[]	100% (81)	97,8% (87)	74,2% (66)	64,2% (52)	
[✓]	0% (0)	2,2% (2)	25,8% (23)	35,8% (29)	
	$\chi^2 = 0,42(1), p = 0,52$		$\chi^2 = 1,54(1), p = 0,21$		
Gay/Lésbica					
[]	9,9% (8)	20,2% (18)	100% (89)	100% (81)	
[✓]	90,1% (73)	79,8% (71)	0% (0)	0% (0)	
	$\chi^2 = 2,75(1), p = 0,10$		$\chi^2 = NA, p = NA$		
Honesto/a					
[]	86,4% (70)	84,3% (75)	65,2% (58)	88,9% (72)	
[✓]	13,6% (11)	15,7% (14)	34,8% (31)	11,1% (9)	
	$\chi^2 = 0,03(1), p = 0,86$		$\chi^2 = 11,97(1), p < 0,001 ***$		
Malandro/a					
[]	98,8% (80)	100% (89)	100% (89)	88,9% (72)	
[✓]	1,2% (1)	0% (0)	0% (0)	11,1% (9)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 0,96$		$\chi^2 = 8,34(1), p < 0,01 **$		
Expansivo/a					
[]	67,9% (55)	82% (73)	93,3% (83)	79% (64)	
[✓]	32,1% (26)	18% (16)	6,7% (6)	21% (17)	
	$\chi^2 = 3,82(1), p = 0,05$		$\chi^2 = 6,19(1), p < 0,05 *$		

Reservado/a					
[]	85,2% (69)	89,9% (80)	59,6% (53)	76,5% (62)	
[✓]	14,8% (12)	10,1% (9)	40,4% (36)	23,5% (19)	
	$\chi^2 = 0,49(1), p = 0,49$		$\chi^2 = 4,84(1), p < 0,05 *$		
Despojado/a					
[]	59,3% (48)	64% (57)	88,8% (79)	77,8% (63)	
[✓]	40,7% (33)	36% (32)	11,2% (10)	22,2% (18)	
	$\chi^2 = 0,23(1), p = 0,63$		$\chi^2 = 2,96(1), p = 0,08$		
Metido/a					
[]	90,1% (73)	83,1% (74)	96,6% (86)	74,1% (60)	
[✓]	9,9% (8)	16,9% (15)	3,4% (3)	25,9% (21)	
	$\chi^2 = 1,22(1), p = 0,27$		$\chi^2 = 15,98(1), p < 0,001 ***$		
Esnober					
[]	93,8% (76)	82% (73)	93,3% (83)	74,1% (60)	
[✓]	6,2% (5)	18% (16)	6,7% (6)	25,9% (21)	
	$\chi^2 = 4,42(1), p < 0,05 *$		$\chi^2 = 10,29(1), p < 0,01 **$		
Modesto/a					
[]	88,9% (72)	93,3% (83)	87,6% (78)	95,1% (77)	
[✓]	11,1% (9)	6,7% (6)	12,4% (11)	4,9% (4)	
	$\chi^2 = 0,54(1), p = 0,46$		$\chi^2 = 2,05(1), p = 0,15$		
Inovador(a)					
[]	87,7% (71)	91% (81)	85,4% (76)	90,1% (73)	
[✓]	12,3% (10)	9% (8)	14,6% (13)	9,9% (8)	
	$\chi^2 = 0,21(1), p = 0,64$		$\chi^2 = 0,49(1), p = 0,48$		
Atrasado/a					
[]	100% (81)	100% (89)	97,7% (87)	95,1% (77)	
[✓]	0% (0)	0% (0)	2,3% (2)	4,9% (4)	
	$\chi^2 = NA, p = NA$		$\chi^2 = 0,28(1), p = 0,59$		
Sério/a					
[]	88,9% (72)	85,4% (76)	44,9% (40)	61,7% (50)	
[✓]	11,1% (9)	14,6% (13)	55,1% (49)	38,3% (31)	
	$\chi^2 = 0,20(1), p = 0,65$		$\chi^2 = 4,14(1), p < 0,05 *$		
Louco/a					
[]	100% (81)	100% (89)	98,9% (88)	97,5% (79)	
[✓]	0% (0)	0% (0)	1,1% (1)	2,5% (2)	
	$\chi^2 = NA, p = NA$		$\chi^2 = 0,01(1), p = 0,93$		
Conservador(a)					
[]	98,8% (80)	98,9% (88)	85,4% (76)	85,2% (69)	
[✓]	1,2% (1)	1,1% (1)	14,6% (13)	14,8% (12)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		

Transgressor(a)				
[]	86,4% (70)	86,5% (77)	100% (89)	97,5% (79)
[✓]	13,6% (11)	13,5% (12)	0% (0)	2,5% (2)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,61(1), p = 0,44$	

Em comum entre os falantes homem e mulher, há diferença estatisticamente significativa para a característica *esnobe* no grupo de brasileiros: o falar com *ingliding* é mais vezes associado a *esnobe* do que o falar sem *ingliding*. Ainda que a tendência seja a mesma tanto para o falante homem quanto para a falante mulher, esta foi avaliada como *metida* por mais ouvintes em seu falar com *ingliding* do que o falante homem, o que se percebe nos valores percentuais superiores.

Para a falante mulher, há ainda uma série de outras características das caixas de seleção que revelam diferenças estatisticamente significativas entre as classificações dos falares sem e com *ingliding*. A falante, quando produz *ingliding*, é mais associada às características *malandra*, *expansiva* e *metida*; e menos associada às características *esforçada*, *honesto*, *reservado* e *séria*.

3.2.2.3 Caixas de texto

Para as questões de caixas de texto, os resultados não foram testados estatisticamente, mas organizados em nuvens de palavras para que se pudesse observar quais foram as respostas mais recorrentes nos grupos de ouvintes. Para tanto, termos equivalentes foram reorganizados como idênticos. Além disso, aparecem nas nuvens de palavras somente aqueles termos com frequência mínima de duas ocorrências. Quanto maior e mais escura é a fonte da palavra, mais vezes o termo foi utilizado.

Cada figura conta com quatro nuvens de palavras: as duas acima se referem ao falante homem; as duas abaixo, à falante mulher. As nuvens da esquerda são aquelas obtidas para a emissão sem *ingliding*; as da direita, para a emissão com *ingliding*. Na discussão das figuras, para fins de comparação, o número absoluto de vezes que o

termo central de cada nuvem aparece é destacado. Apresentam-se, a seguir, os resultados para a *profissão* que os falantes ouvidos parecem ter para os ouvintes brasileiros.

As nuvens de palavras da Figura 9 revelam que as profissões mais frequentemente associadas ao falante homem mudam a depender da presença ou ausência de *ingliding*. Em sua emissão sem *ingliding*, o falante foi mais vezes percebido como um *estudante* (n = 19), ao passo que em sua emissão com *ingliding*, foi mais percebido como *professor* (n = 12). Além disso, na emissão com *ingliding*, outras profissões surgem com frequências mais próximas àquela que é central na nuvem: *estudante, vendedor, jornalista, cabeleireiro, designer, artista*.

Para a falante mulher, as profissões mais frequentemente associadas permanecem as mesmas. Em ambas as emissões, a falante é mais percebida como *professora* (n = 26 para o falar sem *ingliding*; n = 18 para o falar com *ingliding*), seguida de *jornalista* e *advogada*.

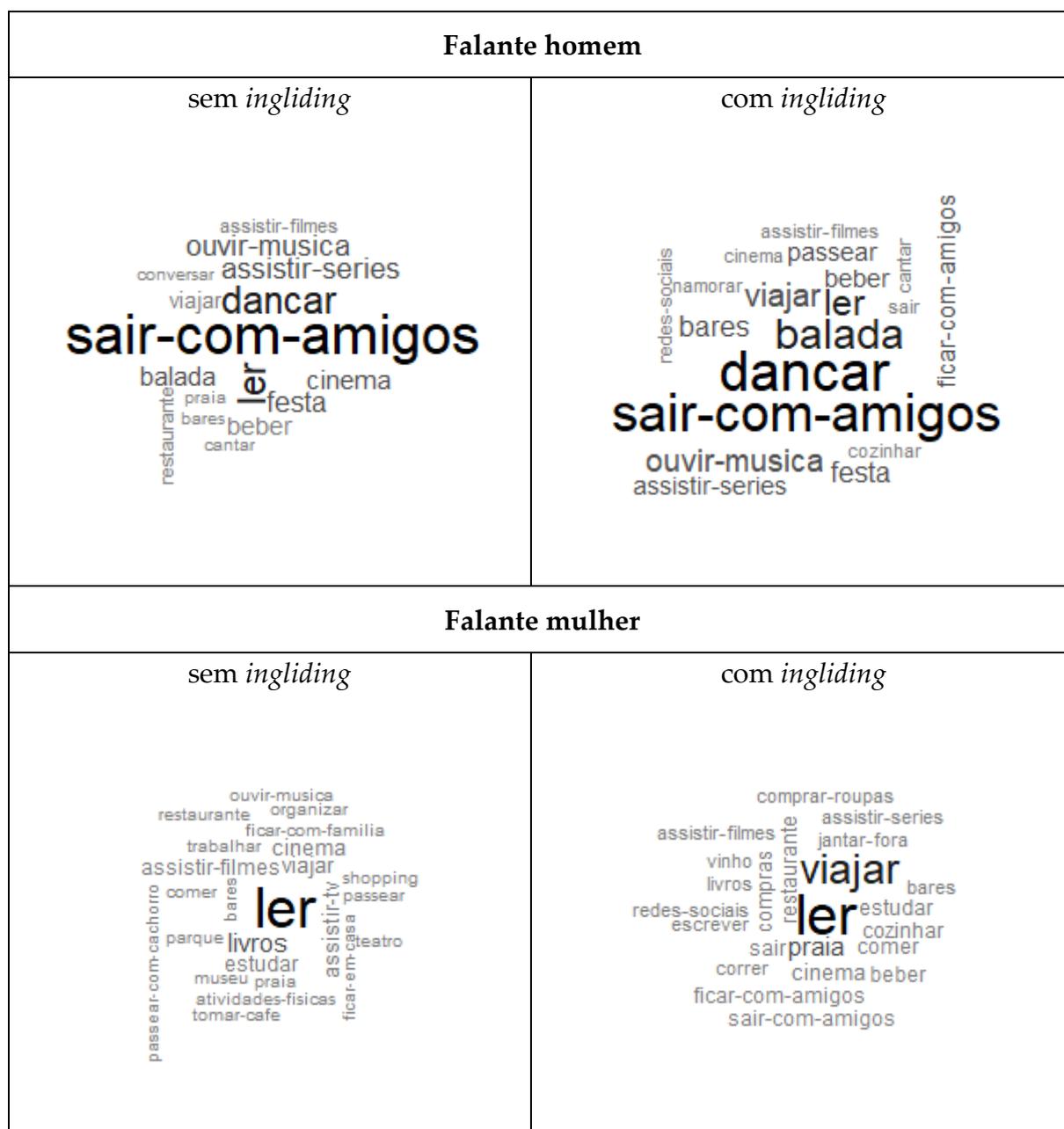
Os gostos mais associados aos ouvintes, isto é, o que cada falante *deve gostar de fazer*, estão expressos nas nuvens da Figura 10. Nessas nuvens, observa-se que, para o falante homem, *sair com amigos* é uma das práticas mais frequentemente associadas aos dois falares, com e sem *ingliding*. No falar sem *ingliding*, *sair com amigos* (n = 21) é a prática central na nuvem de palavras, e as práticas *dançar* e *ler* também ganham destaque, seguidas de *ouvir música* e *assistir séries*. Já no falar com *ingliding*, *dançar* (n = 15) figura como elemento central da nuvem, muito próximo a *sair com amigos*. Além disso, outras práticas, que possuem frequência mais baixa nas nuvens do falar sem *ingliding*, surgem no falar com *ingliding*: *balada* e *viajar*.

Em relação à falante mulher, *ler* é o elemento central das duas nuvens de palavras, tanto na versão com *ingliding* (n = 31) quanto na versão sem *ingliding* (n = 18). Na nuvem de palavras para a emissão sem *ingliding*, contudo, outra prática se destaca: *viajar*. Em frequência aparentemente intermediária está *livros*, para o falar sem *ingliding*, e *praia*, para o falar com *ingliding*.

Figura 9 – Nuvens de palavras para *profissão* – grupo de brasileiros



Figura 10 – Nuvens de palavras para *gosto* – grupo de brasileiros



Por fim, a Figura 11 apresenta os *locais* em que os falantes, de acordo com os ouvintes, devem morar. Como nas demais perguntas abertas, não há opções de resposta, de modo que os ouvintes podem indicar bairros, cidades, regiões, dentre outras possibilidades.

Tanto para o falante homem quanto para a falante mulher, percebe-se uma mesma mudança no elemento que aparece como associação mais recorrente entre os

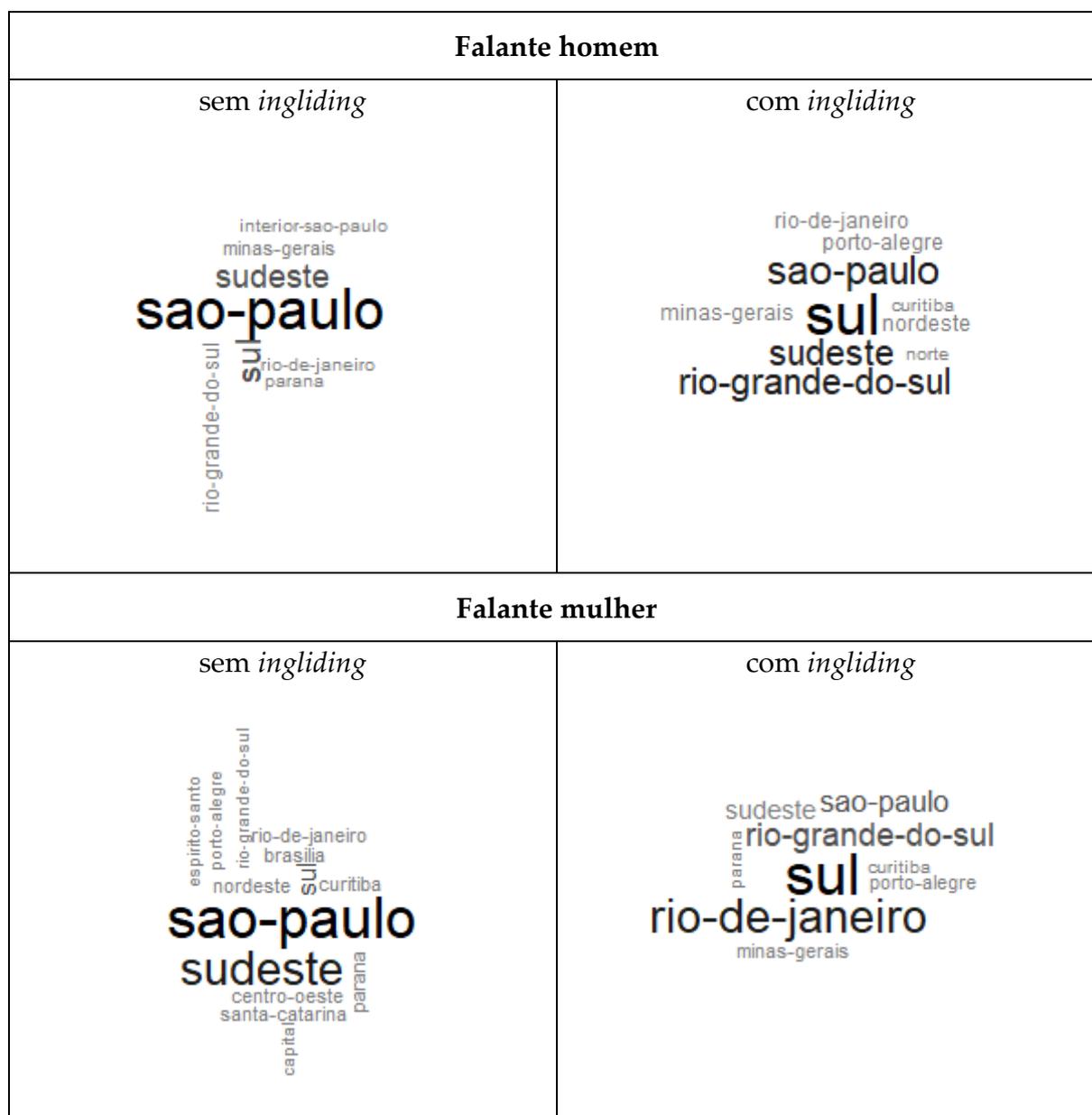
falantes a regiões a depender da presença ou ausência de *ingliding* nos áudios. Nas versões sem *ingliding*, a principal associação feita é com *São Paulo* (n = 32 para o falante homem; n = 28 para a falante mulher), que, por ausência de especificação, pode se referir à cidade ou ao estado de *São Paulo*. Convém recordar que respondem pela maior parte dos dados do grupo de brasileiros ouvintes da região sudeste, especialmente do estado de São Paulo. Associar o falar sem *ingliding* a São Paulo pode ser, entre paulistas³⁶, uma identificação entre seu próprio falar e um falar não marcado por uma característica socialmente saliente.

O elemento central muda para o falar com *ingliding*, passando a ser *Sul* (n = 25 para o falante homem; n = 26 para a falante mulher). Para o falante homem, São Paulo permanece como uma das associações mais frequentes, assim como *Sudeste* e *Rio Grande do Sul*. Para a falante mulher, seguido de *Sul*, há *Rio de Janeiro* e *Rio Grande do Sul*.

Esse resultado demonstra que o falar com *ingliding* é, de maneira geral, entendido como característico do *Sul* para ouvintes brasileiros. Nesse contexto, *Sul* pode fazer referência, principalmente, ao estado do *Rio Grande do Sul*, que também é um elemento frequente nas nuvens de palavras do falar com *ingliding*. Não inseridos nesta comunidade de fala, os falantes brasileiros não associam o falar a cidades específicas, mas tomam a marca ouvida como característica de uma região ou estado brasileiro. Portanto, embora *Porto Alegre* não seja elemento central dessas nuvens, não é improvável que o falar dessa cidade esteja sendo tomado como ponto de referência para a associação *Sul* e *Rio Grande do Sul*. Para quem não é gaúcho, fazer distinções específicas relacionadas a cidades do Rio Grande do Sul pode ser uma tarefa complicada.

³⁶ Das 32 vezes que “São Paulo” foi associado à emissão sem *ingliding* do falante homem, 16 foram feitas por ouvintes paulistas (50%). Das 28 vezes que “São Paulo” foi associado à emissão sem *ingliding* da falante mulher, 11 foram feitas por ouvintes paulistas (39,3%).

Figura 11 – Nuvens de palavras para *local* – grupo de brasileiros



Há outro resultado interessante nestas nuvens de palavras, que vai ao encontro das menções, em estudos linguísticos, que relacionam o falar com *ingliding* ao falar carioca. A associação a *Rio de Janeiro* é uma diferença perceptível quando se compara as nuvens de palavras para a falante mulher. Na versão com *ingliding*, essa cidade ou estado surge com frequência mais elevada. No caso do falante homem, não há menção frequente a *Rio de Janeiro* no falar com *ingliding*, mas sim a *Sudeste*.

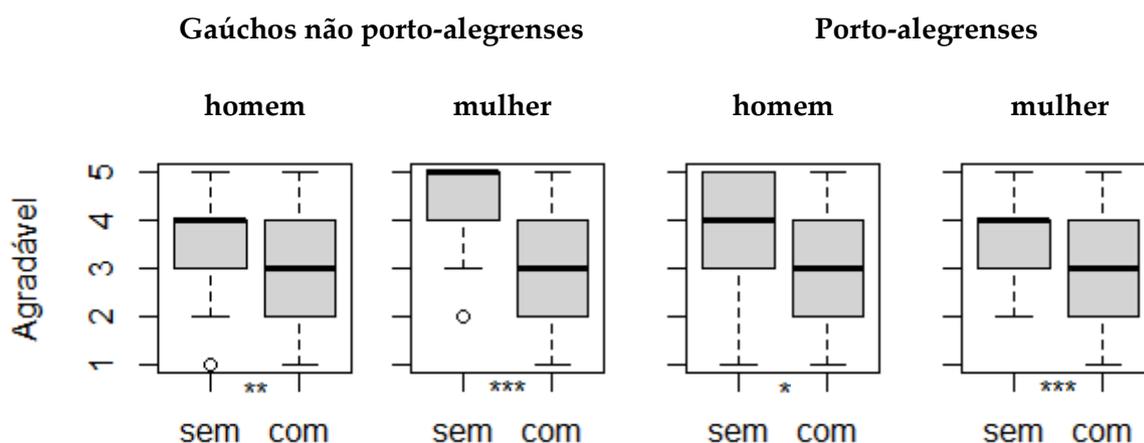
3.2.3 Gaúchos não Porto-Alegrenses e Porto-Alegrenses

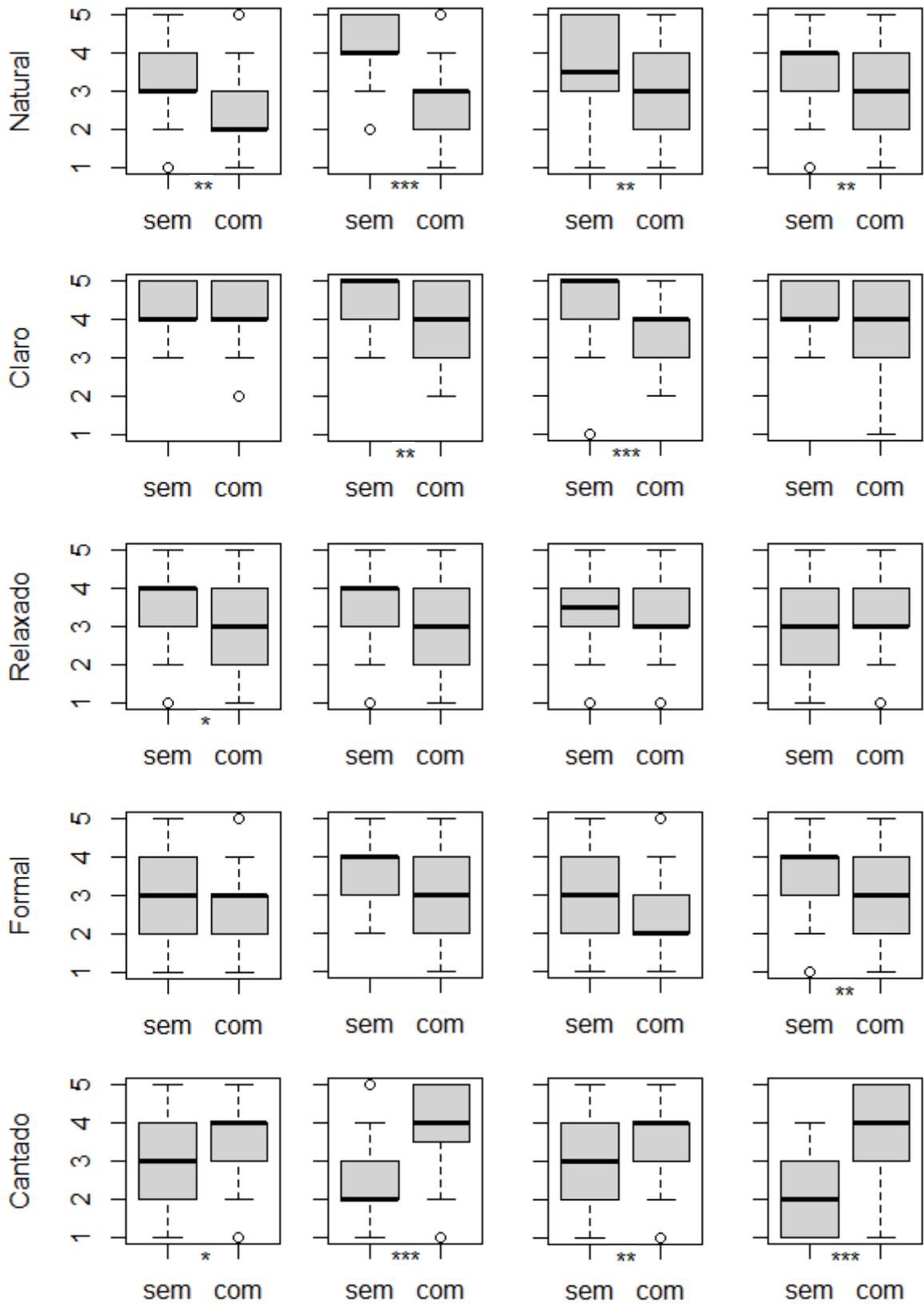
Nesta subseção, são apresentados os resultados para os outros dois grupos de ouvintes: gaúchos não porto-alegrenses e porto-alegrenses. A ordem de apresentação dos resultados é a mesma das subseções anteriores. Para discutir os achados, são estabelecidas comparações com os resultados encontrados para o grupo de ouvintes brasileiros não gaúchos.

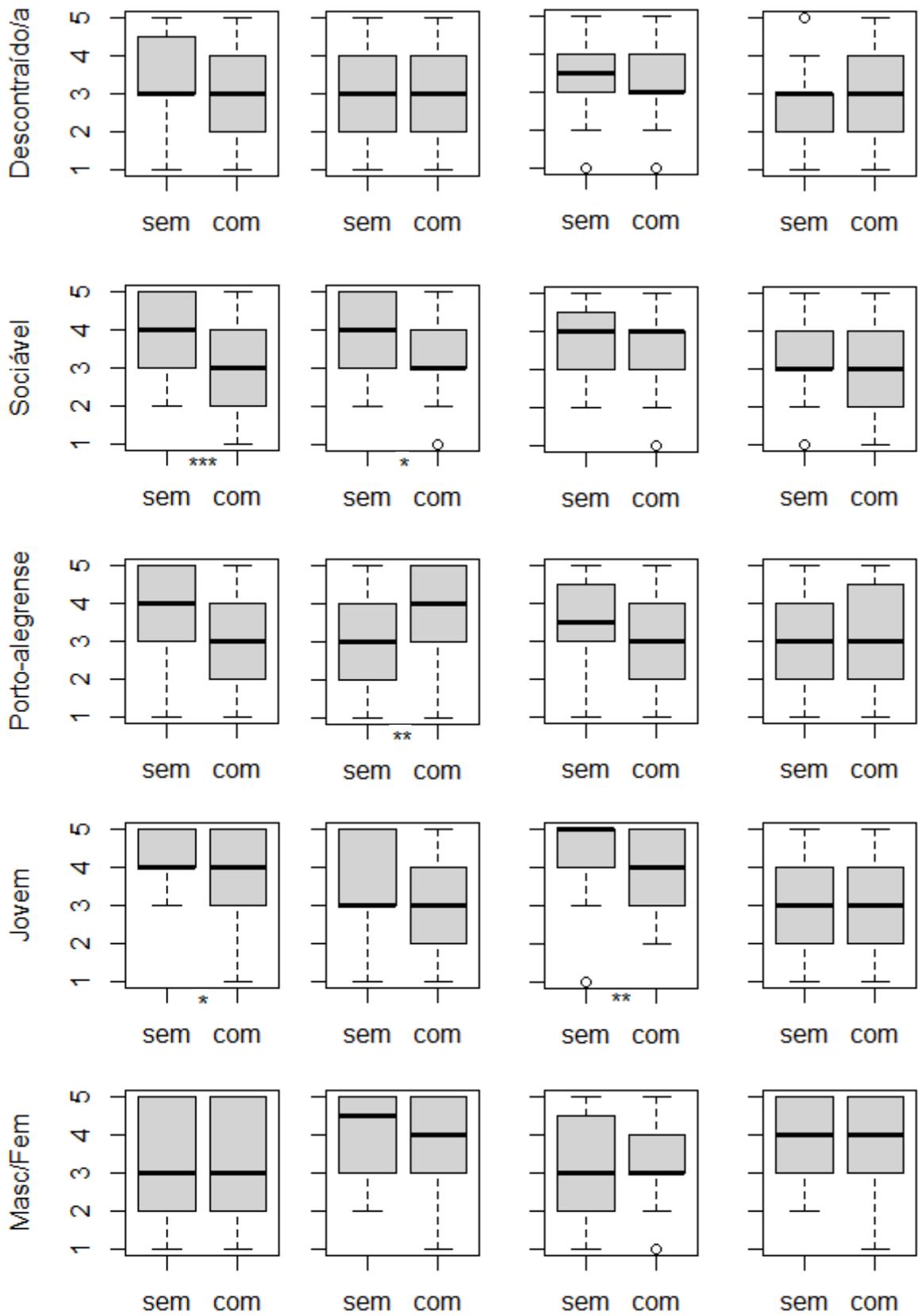
3.2.3.1 Diferenciais semânticos

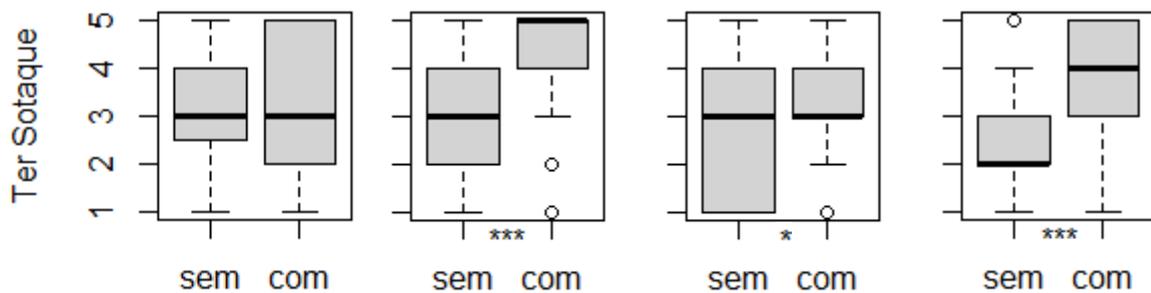
Apresentam-se, na Figura 12, os resultados para as variáveis quantitativas obtidas das questões de diferenciais semânticos. A figura apresenta os resultados tanto para o grupo de gaúchos não porto-alegrenses (esquerda) quanto para o grupo de porto-alegrenses (direita).

Figura 12 – Variáveis quantitativas do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – grupo de gaúchos x grupo de porto-alegrenses









Esse resultado não é surpreendente, uma vez que o falar com *ingliding* é popularmente classificado como um falar *arrastado* e *cantado*, e pode também ser referido como um falar *afetado* e *forçado*, portanto menos *natural*. É interessante observar que a tendência de considerar o falar como menos *agradável*³⁷ se manteve como significativa em todos os grupos, o que indica que mesmo para ouvintes porto-alegrenses, inseridos na comunidade de fala sob investigação, o ditongo centralizado é avaliado menos positivamente. Mantém-se a ressalva, contudo, de que os valores para o falar com *ingliding* estão concentrados no ponto neutro, de modo que o teste não indica uma avaliação negativa do falar, mas sim *menos positiva* do que o falar sem *ingliding*, ou, no quadro geral, *neutra*. As respostas para outras questões que compuseram o teste, que serão discutidas ainda neste capítulo, permitem a compreensão de alguns dos motivos que podem estar por trás dessa avaliação menos positiva do falar com *ingliding* em comparação ao falar não marcado pelo processo.

As variáveis *claro*, *formal* e *ter sotaque*, que apresentaram correlação estatisticamente significativa na amostra geral e para o grupo de ouvintes brasileiros, também o fizeram nos demais grupos de ouvintes, mas não em todos os casos. Para a variável *claro*, o *ingliding* revelou correlação significativa para a falante mulher, no grupo de gaúchos, e para o falante homem, no grupo de porto-alegrenses. Nesses casos, o falar com *ingliding* foi percebido como menos claro. Os ouvintes podem estar

³⁷ Dentre as poucas respostas de preenchimento opcional (destinadas a acrescentar características para qualificar os falantes) obtidas, percebe-se mais recorrência da utilização de aspectos negativos para classificar os falares com *ingliding* em todos os grupos de ouvintes, o que parece se alinhar às diferenças obtidas para o fator *agradável*. *Forçado* e *chato* são exemplos de características utilizadas mais de uma vez para descrever o falante homem quando produziu *ingliding*. *Arrogante* e *chata* são exemplos de características utilizadas mais de uma vez para descrever a falante mulher quando produziu *ingliding*.

considerando o falar menos claro, nesse caso, em virtude da inserção de um fone na sequência sonora, o que pode causar algum estranhamento.

Para a variável *formal*, observa-se correlação significativa para a falante mulher, no grupo de porto-alegrenses, e o falar com *ingliding* é percebido como menos *formal*. A variável despontou como significativa na amostra geral e no grupo de brasileiros, mas não no grupo de gaúchos. Ainda assim, não há, para esse grupo, uma inversão nos valores para a variável.

A variável *ter sotaque* apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os estímulos de cada falante para quase todos os casos, à exceção do estímulo para o falante homem no grupo de gaúchos, em que há tanto valores altos quanto baixos para classificar o falar com *ingliding*. Em todos os demais casos, o falar com *ingliding* foi percebido como uma marca de sotaque, muitas vezes com uma concentração de valores próximos ao 5.

Para o grupo de gaúchos, o falar com *ingliding* também foi percebido como produzido por alguém menos *sociável*. Para o falante homem, tanto no grupo de gaúchos quanto no de porto-alegrenses, a variável *jovem* apresentou correlação significativa, com valores mais baixos para as emissões com *ingliding*. De maneira geral, o falante homem recebe valores mais altos na escala para a variável *jovem* do que a falante mulher, o que pode ter relação com o que se entende que um *jovem* seja, visto que socialmente parece haver mais espaço para a juventude masculina, enquanto mulheres, por exemplo tendem a ser elogiadas por e pressionadas a amadurecerem mais cedo do que os homens.

A variável *relaxado* apareceu como estatisticamente significativa somente para o falante homem para o grupo de gaúchos, e sua direção não é contrária ao resultado para *formal*: há concentração nos valores mais elevados para o falar sem *ingliding*. Embora essa variável tenha sido incluída com o intuito de testar o quanto o *ingliding* é percebido como um falar *distenso*, no sentido de relaxamento das disposições corporais, o adjetivo *relaxado* possui outros significados que podem ter influenciado os resultados: *relaxado* pode ter um sentido pejorativo associado a sujeira, bagunça e

negligência. É possível, portanto, que a característica possua um deslizamento de sentido maior do que *formal*.

Em relação à variável *porto-alegrense*, testada apenas nos grupos de gaúchos não porto-alegrenses e porto-alegrenses, verificou-se diferença significativa na percepção dos estímulos somente para a falante mulher no grupo de gaúchos. Nesse caso, a falante foi percebida como mais porto-alegrense em seu falar com *ingliding*. Além disso, assim como na amostra geral e no grupo de brasileiros, a variável *masculino/feminina* não revelou nenhuma correlação significativa, em nenhum caso. Para os grupos de gaúchos e porto-alegrenses, o mesmo aconteceu para *descontraído*.

De maneira geral, observa-se que, embora haja diferenças entre variáveis que estão e não estão estatisticamente correlacionadas ao *ingliding* a depender do grupo de ouvintes considerado, não há mudanças na direção dos resultados a depender do grupo. Não houve casos de diferenças estatisticamente significativas, por exemplo, em que o falar com *ingliding* teve uma avaliação em uma direção para um grupo de ouvintes, e em outra direção para outro grupo de ouvintes. Nesse sentido, parece haver coesão na percepção e avaliação do *ingliding* nos diferentes grupos, e a separação destes revela, em alguma medida, quais variáveis são mais informativas para uns, quais são mais informativas para outros. O número de diferenças significativas é maior na amostra geral, quando todos os dados alimentam as análises. Como se verá adiante, nas análises a partir dos modelos multivariados que incluem o grupo de ouvintes como variável previsora, não há diferenças estatisticamente significativas nas atribuições de características aos falares com *ingliding* que dependam da localidade dos ouvintes, com exceção à atribuição de *sotaque* à variante ditongada.

Considerando a unidade na direção da percepção e avaliação das variáveis estatisticamente significativas, associada às diferenças entre quais são mais relevantes para classificar o *ingliding* a depender do grupo de ouvintes considerado, a ACP pode se constituir como uma importante ferramenta para compreender as associações feitas entre as características pelos ouvintes. Além disso, por meio da análise, é possível testar se os CPs que explicam a maior parte da variação são os mesmos para os

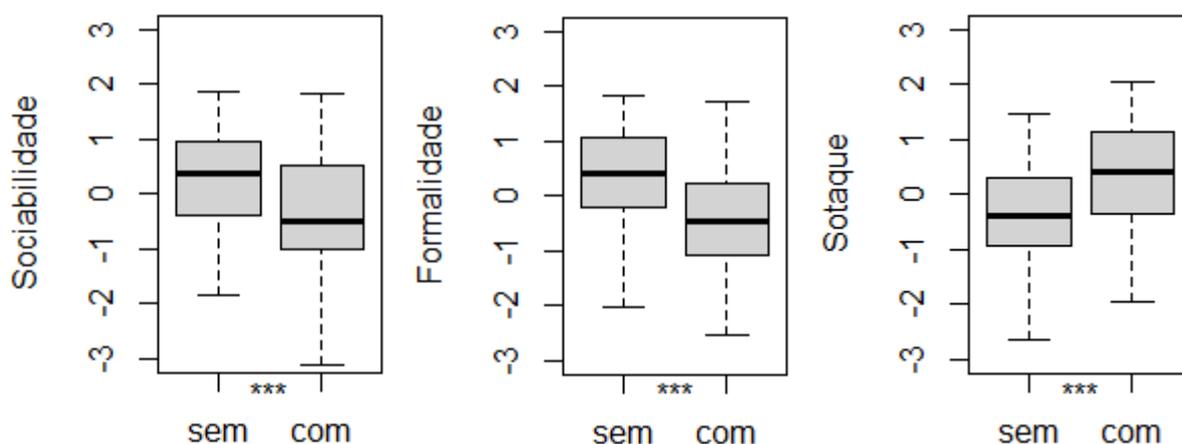
diferentes grupos, ou se há diferenças relevantes a depender dos ouvintes considerados. Os resultados da ACP para o grupo de gaúchos estão dispostos na Tabela 6. Em seguida, os gráficos de dispersão para os CPs, considerando a presença *versus* ausência de *ingliding*, estão apresentados na Figura 13.

A ACP realizada sobre os resultados do grupo de ouvintes gaúchos mostra, como primeiro resultado, grande semelhança com o resultado encontrado para os ouvintes brasileiros e para a amostra geral. São três os CPs selecionados, e eles podem ser considerados os mesmos: *sociabilidade*, *formalidade* e *sotaque*.

Tabela 6 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* (rotação promax) – grupo de gaúchos

	Sociabilidade	Formalidade	Sotaque
Agradável	0,19	0,73	-0,19
Natural	0,32	0,62	-0,24
Claro	0,06	0,70	0,16
Relaxado	0,66	0,17	-0,08
Formal	-0,38	0,85	0,22
Cantado	-0,09	-0,09	0,78
Descontraído	0,92	-0,14	0,06
Sociável	0,77	0,12	0,02
Porto-alegrense	0,19	0,14	0,74
Jovem	0,68	-0,11	0,26
Ter Sotaque	0,07	-0,03	0,86
<i>Eigenvalue</i>	2,73	2,28	2,16
% Variância	25	21	20
% Acumulativa	25	46	65

Figura 13 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* para os Componentes Principais *sociabilidade*, *formalidade* e *sotaque* – grupo de gaúchos



Os valores mais distantes de zero e aqueles mais aproximados entre si seguem os mesmos em relação aos outros grupos, os quais estão assinalados em cinza. *Descontraído* e *sociável* são aqueles mais relacionados entre si e que constituem o CP Sociabilidade, seguidos de *jovem* e *relaxado*. *Formal* segue tendo valores maiores no CP Formalidade, seguido por *agradável*, *claro* e *natural*. *Ter sotaque* é o que tem maiores valores no CP Sotaque, seguido por *cantado*. A novidade é, neste caso, o atributo *porto-alegrense*, que não estava presente nas análises dos outros grupos porque foi incluída somente nos questionários de gaúchos e porto-alegrenses. A característica aparece como parte do CP Sotaque, indicando que *ter sotaque*, *cantado* e *porto-alegrense* são características que, para ouvintes gaúchos, funcionam juntas.

Em relação ao grupo de ouvintes porto-alegrenses, também é possível formular os mesmos três CPs. É o que se observa na Tabela 7 e na Figura 14. Há uma ligeira diferença no CP Sotaque, considerando as características *cantado* e *porto-alegrense*. Os valores para tais atributos seguem maiores em relação aos demais, mas estão menos próximos de *ter sotaque* do que ocorre para o grupo de gaúchos. *Porto-alegrense* está, na verdade, no meio do caminho entre o valor para *ter sotaque* e o zero. Esse dado não surpreende, pois demonstra que, para porto-alegrenses, a relação entre *ter sotaque* e ser *porto-alegrense* é menos óbvia ao se ouvirem os falares do que para quem é gaúcho, mas

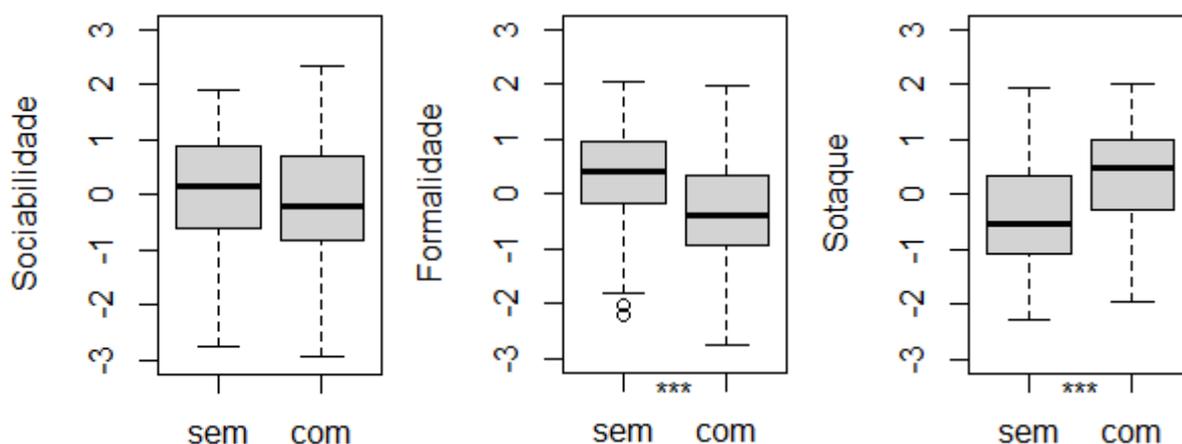
de fora de Porto Alegre. As marcas de um sotaque de Porto Alegre, ou a atribuição dessas marcas a ser *porto-alegrense*, é menos evidente para os ouvintes que estão inseridos na comunidade de fala que está sendo analisada, seja porque os traços investigados são menos salientes, seja porque, sendo parte da comunidade, as pessoas identificam maior nuança nos falares do que quem é de fora, os quais, por sua vez, podem construir concepções estereotipadas da fala *porto-alegrense* associada ao *ingliding*.

Os gráficos de dispersão apresentam, também, os mesmos padrões nos diferentes grupos considerados, sendo a diferença para o CP Sotaque a mais evidente quando se examinam as concentrações de valores, seguida pela diferença para o CP Formalidade. O CP Sociabilidade revela valores muito semelhantes para falares com e sem *ingliding* e, no caso do grupo de porto-alegrenses, a diferença entre os dois nem mesmo é estatisticamente significativa.

Tabela 7 – Componentes Principais nas respostas dos ouvintes para questões de diferenciais semânticos do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* (rotação promax) – grupo de porto-alegrenses

	Sociabilidade	Formalidade	Sotaque
Agradável	0,32	0,61	-0,22
Natural	0,18	0,71	-0,21
Claro	0,11	0,70	0,09
Relaxado	0,51	0,37	-0,10
Formal	-0,47	0,88	0,32
Cantado	0,22	-0,18	0,67
Descontraído	0,89	-0,11	0,07
Sociável	0,83	0,10	0,02
Porto-alegrense	0,18	0,15	0,48
Jovem	0,69	-0,06	0,24
Ter Sotaque	0,00	0,06	0,85
<i>Eigenvalue</i>	2,73	2,38	1,68
% Variância	25	22	15
% Acumulativa	25	46	62

Figura 14 – Dispersões nas respostas dos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* para os Componentes Principais *sociabilidade*, *formalidade* e *sotaque* – grupo de porto-alegrenses



A organização dos CPs para os diferentes grupos de ouvintes considerados revela informações importantes a respeito das associações feitas por eles ao responder os questionários. Ela expressa, por exemplo, possíveis motivos para que as variáveis *descontraído* e *formal*, tomadas em isolado, não tenham resultados similarmente significativos na percepção dos falares com *ingliding*, como poderia se esperar. O que as associações feitas pelos ouvintes indicam, conforme explicado anteriormente, é que as respostas para *descontraído* estão intimamente ligadas às respostas para *sociável*: o termo *descontraído* está, portanto, sendo tomado como relacionado à qualidade de *sociável*, compondo o CP Sociabilidade.

O CP Formalidade, por sua vez, é composto pela variável *formal*, com valores superiores a todos os demais atributos, e também por *agradável*, *claro* e *natural*. Diferentemente do CP Sociabilidade, o CP Formalidade apresenta maiores diferenças observáveis nos gráficos de dispersão, em que o falar com *ingliding* está associado a valores inferiores para esse componente. Os ouvintes parecem considerar, em alguma medida, ao atribuir valores para *formalidade*, que falares mais *formais* são aqueles menos estilizados, modificados, portanto mais *naturais*, *claros* e *agradáveis*. Nesse sentido, o falar com *ingliding* pode ser atribuído a menos *formalidade* porque foge de uma espécie de norma projetada para os usos da linguagem.

Por fim, o CP Sotaque, que é composto pela variável *ter sotaque* e *cantado* no grupo de brasileiros, ganha a variável *porto-alegrense* no grupo de gaúchos. Essa variável, contudo, fica a meio caminho no caso do grupo de porto-alegrenses. Vale dizer: para quem não é de Porto Alegre, um falar *cantado* é entendido como uma marca de *sotaque*, uma vez que as respostas para as duas variáveis estão intimamente relacionadas; para quem é gaúcho, mas não de Porto Alegre, um falar *cantado* é não só entendido como marca de *sotaque*, mas também como associado a *porto-alegrense*.

Recuperando os resultados para as variáveis em isolado, observa-se que *porto-alegrense* é uma variável que não está significativamente correlacionada ao falar com *ingliding* nem para o falante homem, nem para a falante mulher no grupo de porto-alegrenses. Esses resultados parecem evidenciar que há diferenças em termos de *enregisterment* da variável nos grupos pesquisados: para quem é de fora de Porto Alegre, o *ingliding* pode ser percebido como marca do falar da cidade; mas o mesmo não acontece para os porto-alegrenses. Ainda que as associações entre o falar com *ingliding* e significados sociais possam variar a depender dos grupos de ouvintes considerados, a marca é percebida como característica de presença de sotaque. É o que mostram os gráficos de dispersão do CP Sotaque, que indicam valores superiores para o falar com *ingliding* em todos os grupos de ouvintes.

3.2.3.2 Escolhas forçadas e caixas de seleção

Em relação aos resultados obtidos para as questões de escolha forçada, observa-se que, assim como os resultados para os ouvintes brasileiros, nenhuma variável revelou correlação significativa em relação à presença ou ausência de *ingliding*. É o que se observa na Tabela 8.

Para as caixas de seleção, os resultados para o grupo de gaúchos também são semelhantes aos resultados para o grupo de brasileiros. A Tabela 9 reúne os resultados das análises de Qui-Quadrado para o grupo de gaúchos.

Tabela 8 – Variáveis qualitativas de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – grupo de gaúchos

Variável	Falante Homem		Falante Mulher	
	%V (n)	%V ^b (n)	%V (n)	%V ^b (n)
Classe Social				
alta	85,1% (40)	71,7% (33)	82,6% (38)	85,1% (40)
baixa	14,9% (7)	28,3% (13)	17,4% (8)	14,9% (7)
	$\chi^2 = 1,73(1), p = 0,19$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 0,96$	
Região				
central	87,2% (41)	87% (40)	82,6% (38)	87,2% (41)
periférica	12,8% (6)	13% (6)	17,4% (8)	12,8% (6)
	$\chi^2 = 0,0(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,11(1), p = 0,74$	
Zona				
rural	2,1% (1)	0% (0)	4,3% (2)	2,1% (1)
urbana	97,9% (46)	100% (46)	95,7% (44)	97,9% (46)
	$\chi^2 = 0,0(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 0,98$	
Escolaridade				
alta	95,7% (45)	82,6% (38)	91,3% (42)	89,4% (42)
baixa	4,3% (2)	17,4% (8)	8,7% (4)	10,6% (5)
	$\chi^2 = 2,92(1), p = 0,09$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$	

Tabela 9 – Variáveis qualitativas de caixas de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – grupo de gaúchos

Variável	Falante Homem		Falante Mulher	
	%V (n)	%V ^b (n)	%V (n)	%V ^b (n)
Descolado/a				
[]	34% (16)	39,1% (18)	65,2% (30)	55,3% (26)
[✓]	66% (31)	60,9% (28)	34,8% (16)	44,7% (21)
	$\chi^2 = 0,09(1), p = 0,77$		$\chi^2 = 0,58(1), p = 0,44$	
Ultrapassado/a				
[]	100% (47)	100% (46)	100% (46)	87,2% (41)
[✓]	0% (0)	0% (0)	0% (0)	12,8% (6)
	$\chi^2 = \text{NA}, p = \text{NA}$		$\chi^2 = 4,34(1), p < 0,05 *$	
Desencanado/a				
[]	57,4% (27)	60,9% (28)	78,3% (36)	70,2% (33)
[✓]	42,6% (20)	39,1% (18)	21,7% (10)	29,8% (14)
	$\chi^2 = 0,02(1), p = 0,90$		$\chi^2 = 0,42(1), p = 0,52$	

Preocupado/a					
[]	87,2% (41)	82,6% (38)	80,4% (37)	76,6% (36)	
[✓]	12,8% (6)	17,4% (8)	19,6% (9)	23,4% (11)	
	$\chi^2 = 0,11(1), p = 0,74$		$\chi^2 = 0,04(1), p = 0,84$		
Preguiçoso/a					
[]	91,5% (43)	93,5% (43)	100% (46)	91,5% (43)	
[✓]	8,5% (4)	6,5% (3)	0% (0)	8,5% (4)	
	$\chi^2 = 0,0(1), p = 1$		$\chi^2 = 2,28(1), p = 0,13$		
Esforçado/a					
[]	59,6% (28)	73,9% (34)	50% (23)	63,8% (30)	
[✓]	40,4% (19)	26,1% (12)	50% (23)	36,2% (17)	
	$\chi^2 = 1,55(1), p = 0,21$		$\chi^2 = 1,29(1), p = 0,25$		
Rico/a					
[]	89,4% (42)	89,1% (41)	80,4% (37)	66% (31)	
[✓]	10,6% (5)	10,9% (5)	19,6% (9)	34% (16)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 1,80(1), p = 0,18$		
Pobre					
[]	93,6% (44)	95,7% (44)	97,8% (45)	97,9% (46)	
[✓]	6,4% (3)	4,3% (2)	2,2% (1)	2,1% (1)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		
Heterossexual					
[]	97,9% (46)	100% (46)	60,9% (28)	63,8% (30)	
[✓]	2,1% (1)	0% (0)	39,1% (18)	36,2% (17)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,01(1), p = 0,94$		
Gay/Lésbica					
[]	21,3% (10)	17,4% (8)	93,5% (43)	97,9% (46)	
[✓]	78,7% (37)	82,6% (38)	6,5% (3)	2,1% (1)	
	$\chi^2 = 0,04(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,28(1), p = 0,59$		
Honesto/a					
[]	70,2% (33)	78,3% (36)	71,7% (33)	89,4% (42)	
[✓]	29,8% (14)	21,7% (10)	28,3% (13)	10,6% (5)	
	$\chi^2 = 0,42(1), p = 0,52$		$\chi^2 = 3,56(1), p = 0,06$		
Malandro/a					
[]	97,9% (46)	93,5% (43)	95,7% (44)	89,4% (42)	
[✓]	2,1% (1)	6,5% (3)	4,3% (2)	10,6% (5)	
	$\chi^2 = 0,28(1), p = 0,59$		$\chi^2 = 0,57(1), p = 0,45$		
Expansivo/a					
[]	68,1% (32)	71,7% (33)	87% (40)	66% (31)	
[✓]	31,9% (15)	28,3% (13)	13% (6)	34% (16)	
	$\chi^2 = 0,02(1), p = 0,87$		$\chi^2 = 4,57(1), p < 0,05 *$		

Reservado/a					
[]	76,6% (36)	93,5% (43)	67,4% (31)	97,9% (46)	
[✓]	23,4% (11)	6,5% (3)	32,6% (15)	2,1% (1)	
	$\chi^2 = 3,94(1), p < 0,05 *$		$\chi^2 = 13,10(1), p < 0,001 ***$		
Despojado/a					
[]	66% (31)	56,5% (26)	82,6% (38)	70,2% (33)	
[✓]	34% (16)	43,5% (20)	17,4% (8)	29,8% (14)	
	$\chi^2 = 0,52(1), p = 0,47$		$\chi^2 = 1,35(1), p = 0,24$		
Metido/a					
[]	87,2% (41)	76,1% (35)	97,8% (45)	72,3% (34)	
[✓]	12,8% (6)	23,9% (11)	2,2% (1)	27,7% (13)	
	$\chi^2 = 1,26(1), p = 0,26$		$\chi^2 = 9,90(1), p < 0,01 **$		
Esnoberado/a					
[]	87,2% (41)	82,6% (38)	100% (46)	70,2% (33)	
[✓]	12,8% (6)	17,4% (8)	0% (0)	29,8% (14)	
	$\chi^2 = 0,11(1), p = 0,74$		$\chi^2 = 13,88(1), p < 0,001 ***$		
Modesto/a					
[]	93,6% (44)	100% (46)	87% (40)	97,9% (46)	
[✓]	6,4% (3)	0% (0)	13% (6)	2,1% (1)	
	$\chi^2 = 1,33(1), p = 0,25$		$\chi^2 = 2,57(1), p = 0,11$		
Inovador(a)					
[]	85,1% (40)	80,4% (37)	80,4% (37)	83% (39)	
[✓]	14,9% (7)	19,6% (9)	19,6% (9)	17% (8)	
	$\chi^2 = 0,10(1), p = 0,75$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 0,96$		
Atrasado/a					
[]	97,9% (46)	100% (46)	100% (46)	97,9% (46)	
[✓]	2,1% (1)	0% (0)	0% (0)	2,1% (1)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		
Sério/a					
[]	80,9% (38)	82,6% (38)	50% (23)	66% (31)	
[✓]	19,1% (9)	17,4% (8)	50% (23)	34% (16)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 1,82(1), p = 0,18$		
Louco/a					
[]	100% (47)	95,7% (44)	97,8% (45)	89,4% (42)	
[✓]	0% (0)	4,3% (2)	2,2% (1)	10,6% (5)	
	$\chi^2 = 0,53(1), p = 0,46$		$\chi^2 = 1,53(1), p = 0,21$		
Conservador(a)					
[]	100% (47)	97,8% (45)	84,8% (39)	80,9% (38)	
[✓]	0% (0)	2,2% (1)	15,2% (7)	19,1% (9)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 0,99$		$\chi^2 = 0,05(1), p = 0,82$		

Transgressor(a)				
[]	83% (39)	82,6% (38)	93,5% (43)	95,7% (45)
[✓]	17% (8)	17,4% (8)	6,5% (3)	4,3% (2)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 0,98$	

As correlações significativas revelam que, para a falante mulher, o falar com *ingliding* é mais associado, por gaúchos, às características *ultrapassada*, *expansiva*, *metida* e *esnobe*; e menos associado à característica *reservada*. Para o falante homem, há correlação significativa apenas para *reservado*, em que o falar com *ingliding* também é menos associado a essa característica.

É interessante comparar, também, esses resultados com aqueles obtidos para o grupo de porto-alegrenses. Na Tabela 10, apresentam-se os resultados para as escolhas forçadas, que outra vez não revelam nenhuma correlação significativa. Em seguida, estão dispostos os resultados da Tabela 11, referentes à questão de caixas de seleção considerando os ouvintes porto-alegrenses.

No caso do grupo de ouvintes porto-alegrenses, há diferença estatisticamente significativa para o falante homem em relação à característica *metido*, mais associada ao falar com *ingliding*. Para a falante mulher, o falar com *ingliding* é mais associado às características *descolada*, *rica*, *metida* e *esnobe*, e menos associado às características *preocupada*, *esforçada*, *modesta* e *séria*.

A associação ao falar com *ingliding* como o falar de alguém que é *metido* e *esnobe* explica, em alguma medida, os resultados para *agradável* e *sociável*, das questões de diferenciais semânticos. Ainda que quem produza *ingliding* possa ser percebido como menos *formal*, *sério* e *preocupado*, e por vezes mais *expansivo*, isso não é suficiente para que a pessoa seja também percebida como mais *sociável*, como poderia se esperar de alguém que leva a vida com um menor grau de seriedade, formalidade, preocupação. Entra em jogo, como indicam os resultados, a avaliação de quem produz *ingliding* como *metido* e *esnobe*, alguém que, talvez por considerar-se superior aos demais, não é percebido como *sociável* e tem seu falar avaliado como menos *agradável*.

Tabela 10 – Variáveis qualitativas de escolha forçada do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – grupo de porto-alegrenses

Variável	Falante Homem		Falante Mulher	
	%V (n)	%V ^b (n)	%V (n)	%V ^b (n)
Classe Social				
alta	76,7% (46)	80,4% (37)	93,5% (43)	96,7% (58)
baixa	23,3% (14)	19,6% (9)	6,5% (3)	3,3% (2)
	$\chi^2 = 0,05(1), p = 0,82$		$\chi^2 = 0,09(1), p = 0,76$	
Região				
central	86,7% (52)	89,1% (41)	91,3% (42)	96,7% (58)
periférica	13,3% (8)	10,9% (5)	8,7% (4)	3,3% (2)
	$\chi^2 = 0,01(1), p = 0,93$		$\chi^2 = 0,58(1), p = 0,45$	
Zona				
rural	1,7% (1)	0% (0)	2,2% (1)	3,3% (2)
urbana	98,3% (59)	100% (46)	97,8% (45)	96,7% (58)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$	
Escolaridade				
alta	96,7% (58)	87% (40)	91,3% (42)	100% (60)
baixa	3,3% (2)	13% (6)	8,7% (4)	0% (0)
	$\chi^2 = 2,26(1), p = 0,13$		$\chi^2 = 3,29(1), p = 0,07$	

Tabela 11 – Variáveis qualitativas de caixas de seleção do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* – grupo de porto-alegrenses

Variável	Falante Homem		Falante Mulher	
	%V (n)	%V ^b (n)	%V (n)	%V ^b (n)
Descolado/a				
[]	20% (12)	34,8% (16)	80,4% (37)	60% (36)
[✓]	80% (48)	65,2% (30)	19,6% (9)	40% (24)
	$\chi^2 = 2,22(1), p = 0,14$		$\chi^2 = 4,16(1), p < 0,05 *$	
Ultrapassado/a				
[]	100% (60)	100% (46)	100% (46)	91,7% (55)
[✓]	0% (0)	0% (0)	0% (0)	8,3% (5)
	$\chi^2 = NA, p = NA$		$\chi^2 = 2,38(1), p = 0,12$	
Desencanado/a				
[]	58,3% (35)	58,7% (27)	87% (40)	80% (48)
[✓]	41,7% (25)	41,3% (19)	13% (6)	20% (12)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,47(1), p = 0,49$	

Preocupado/a					
[]	95% (57)	95,7% (44)	65,2% (30)	86,7% (52)	
[✓]	5% (3)	4,3% (2)	34,8% (16)	13,3% (8)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 5,67(1), p < 0,05 *$		
Preguiçoso/a					
[]	98,3% (59)	100% (46)	97,8% (45)	98,3% (59)	
[✓]	1,7% (1)	0% (0)	2,2% (1)	1,7% (1)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		
Esforçado/a					
[]	68,3% (41)	69,6% (32)	34,8% (16)	75% (45)	
[✓]	31,7% (19)	30,4% (14)	65,2% (30)	25% (15)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 15,63(1), p < 0,001 ***$		
Rico/a					
[]	93,3% (56)	91,3% (42)	84,8% (39)	63,3% (38)	
[✓]	6,7% (4)	8,7% (4)	15,2% (7)	36,7% (22)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 0,98$		$\chi^2 = 5,00(1), p < 0,05 *$		
Pobre					
[]	95% (57)	97,8% (45)	97,8% (45)	100% (60)	
[✓]	5% (3)	2,2% (1)	2,2% (1)	0% (0)	
	$\chi^2 = 0,06(1), p = 0,81$		$\chi^2 = 0,02(1), p = 0,89$		
Heterossexual					
[]	100% (60)	100% (46)	69,6% (32)	65% (39)	
[✓]	0% (0)	0% (0)	30,4% (14)	35% (21)	
	$\chi^2 = NA, p = NA$		$\chi^2 = 0,08(1), p = 0,77$		
Gay/Lésbica					
[]	15% (9)	15,2% (7)	93,5% (43)	100% (60)	
[✓]	85% (51)	84,8% (39)	6,5% (3)	0% (0)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 2,00(1), p = 0,16$		
Honesto/a					
[]	70% (42)	84,8% (39)	69,6% (32)	86,7% (52)	
[✓]	30% (18)	15,2% (7)	30,4% (14)	13,3% (8)	
	$\chi^2 = 2,39(1), p = 0,12$		$\chi^2 = 3,65(1), p = 0,06$		
Malandro/a					
[]	98,3% (59)	87% (40)	97,8% (45)	86,7% (52)	
[✓]	1,7% (1)	13% (6)	2,2% (1)	13,4% (8)	
	$\chi^2 = 3,77(1), p = 0,05$		$\chi^2 = 2,86(1), p = 0,09$		
Expansivo/a					
[]	75% (45)	67,4% (31)	91,3% (42)	81,7% (49)	
[✓]	25% (15)	32,6% (15)	8,7% (4)	18,4% (11)	
	$\chi^2 = 0,41(1), p = 0,52$		$\chi^2 = 1,28(1), p = 0,26$		

Reservado/a					
[]	83,3% (50)	87% (40)	58,7% (27)	73,3% (44)	
[✓]	16,7% (10)	13% (6)	41,3% (19)	26,7% (16)	
	$\chi^2 = 0,06(1), p = 0,81$		$\chi^2 = 1,90(1), p = 0,17$		
Despojado/a					
[]	51,7% (31)	45,7% (21)	87% (40)	71,7% (43)	
[✓]	48,3% (29)	54,3% (25)	13% (6)	28,3% (17)	
	$\chi^2 = 0,17(1), p = 0,68$		$\chi^2 = 2,74(1), p = 0,10$		
Metido/a					
[]	96,7% (58)	82,6% (38)	93,5% (43)	63,3% (38)	
[✓]	3,3% (2)	17,4% (8)	6,5% (3)	36,7% (22)	
	$\chi^2 = 4,49(1), p < 0,05 *$		$\chi^2 = 11,51(1), p < 0,001 ***$		
Esnoberado					
[]	95% (57)	87% (40)	93,5% (43)	66,7% (40)	
[✓]	5% (3)	13% (6)	6,5% (3)	33,3% (20)	
	$\chi^2 = 1,26(1), p = 0,26$		$\chi^2 = 9,49(1), p < 0,01 **$		
Modesto/a					
[]	91,7% (55)	95,7% (44)	80,4% (37)	100% (60)	
[✓]	8,3% (5)	4,3% (2)	19,6% (9)	0% (0)	
	$\chi^2 = 0,18(1), p = 0,67$		$\chi^2 = 10,43(1), p < 0,01 **$		
Inovador(a)					
[]	80% (48)	82,6% (38)	87% (40)	91,7% (55)	
[✓]	20% (12)	17,4% (8)	13% (6)	8,3% (5)	
	$\chi^2 = 0,01(1), p = 0,93$		$\chi^2 = 0,22(1), p = 0,64$		
Atrasado/a					
[]	100% (60)	100% (46)	100% (46)	96,7% (58)	
[✓]	0% (0)	0% (0)	0% (0)	3,3% (2)	
	$\chi^2 = NA, p = NA$		$\chi^2 = 0,28(1), p = 0,60$		
Sério/a					
[]	80% (48)	84,8% (39)	34,8% (16)	66,7% (40)	
[✓]	20% (12)	15,2% (7)	65,2% (30)	33,3% (20)	
	$\chi^2 = 0,14(1), p = 0,70$		$\chi^2 = 9,38(1), p < 0,01 **$		
Louco/a					
[]	95% (57)	91,3% (42)	100% (46)	100% (60)	
[✓]	5% (3)	8,7% (4)	0% (0)	0% (0)	
	$\chi^2 = 0,13(1), p = 0,71$		$\chi^2 = NA, p = NA$		
Conservador(a)					
[]	98,3% (59)	97,8% (45)	73,9% (34)	83,3% (50)	
[✓]	1,7% (1)	2,2% (1)	26,1% (12)	16,7% (10)	
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,89(1), p = 0,34$		

Transgressor(a)				
[]	88,3% (53)	89,1% (41)	97,8% (45)	95% (57)
[✓]	11,7% (7)	10,9% (5)	2,2% (1)	5% (3)
	$\chi^2 = 0,00(1), p = 1$		$\chi^2 = 0,06(1), p = 0,81$	

Também alguns resultados que não apresentam distinções significativas entre os estímulos com e sem *ingliding* merecem atenção, porque revelam como os falantes são percebidos, de forma geral, e permitem estabelecer comparações entre os dois. A falante mulher, para os grupos de brasileiros e gaúchos, é percebida como significativamente mais *expansiva* em suas emissões com *ingliding*, algo que não ocorre para o falante homem. Contudo, os índices para essas duas variáveis do falante homem, em suas duas emissões, são mais altos do que os da falante mulher. Mais ouvintes classificaram o falante homem como mais *expansivo*, *descolado*, *desencanado* e *despojado* em ambas as emissões, com e sem *ingliding*. Isso sugere que há outros traços do falar deste falante que direcionam a percepção e a avaliação dos ouvintes para essas características, de modo que a presença ou ausência de *ingliding* não seja determinante para tais associações, como ocorre para a falante mulher.

Há um outro fator que também merece destaque entre as variáveis que não apresentam diferenças estatisticamente significativas entre as duas emissões: os valores para *heterossexual* e *gay*. O falante homem tem valores muito baixos de marcação para *heterossexual*, e muito altos para marcação de *gay* (acima de 80%) em ambas as emissões, com e sem *ingliding*. Para a falante mulher, praticamente não há marcações da característica *lésbica* para classificar qualquer uma das emissões. É consenso entre os ouvintes, portanto, que a falante mulher não soa lésbica e que o falante homem soa *gay*, não por presença ou ausência de *ingliding*, mas por outras características que não foram controladas neste experimento. Pode haver, nesse caso, relação entre a orientação sexual percebida e as demais características que aparecem como marcantes para o falante homem, uma vez que é comum a construção estereotípica de um ideal de homens *gays* como animados, expansivos, despojados, descolados, desencanados.

Além disso, a percepção de que o falante soa *gay* deve influenciar também a percepção do quanto ele soa masculino, o que explicaria o surgimento de valores inferiores ao ponto neutro na variável quantitativa *masculino* para o falante homem. A percepção de masculinidade e feminilidade se relaciona à percepção de orientação sexual, provavelmente pela lógica identitária com a qual muitos agentes sociais operam, que estabelece que ser efeminado é uma característica que constrói identidades *gays*, ainda que isso nem sempre se evidencie. Um exemplo dessa percepção se observa em um dos comentários feitos a respeito do teste, em espaço destinado para que os ouvintes se expressassem livremente: “Achei inadequada a pergunta sobre Masculino, sendo que o menino aparentemente parece ser *gay*”. Essa afirmação denota que, para o ouvinte em questão, ser *gay* significa necessariamente não ser masculino.

Estudos linguísticos sobre o que “soa *gay*” (MENDES, 2018) e sobre a construção de *personae gays* (PODESVA, 2006) lançam luz a essa questão, que não está no foco deste trabalho. Como o falante homem foi percebido como *gay* em ambos os estímulos, não foi possível estabelecer em que medida o *ingliding* exerce influência sobre essa percepção, ainda que se suspeite que, por ser vinculado a *personae* mais *despojadas* e menos *formais*, possa haver relação entre produzir *ingliding* e ser percebido como *gay*, em virtude de estereótipos construídos socialmente³⁸. Para investigar essa relação, será preciso realizar experimentos incluindo também estímulos de homens que não soem *gays* em emissões sem *ingliding*, o que permitirá testar se a inclusão da variável influencia na percepção de orientação sexual. No caso do presente experimento, há algum outro traço no falar considerado que é determinante para a atribuição da característica, independentemente de haver ou não realização de *ingliding*. Dessa

³⁸ Ademais, como explica Oliveira (2018), o movimento jovem dos anos 1980 foi marcado por manifestações em favor da liberdade sexual e da causa LGBTQIA+. Um dos principais bares do Bom Fim, o Bar Ocidente, ficou inclusive conhecido como um bar *gay*, e ainda hoje pode ser referido desta forma. Battisti e Oliveira (2020) abordam este e outros assuntos relacionados a gênero e orientação sexual na Sociolinguística, com especial atenção às formas de abordar a questão em acervos de entrevistas sociolinguísticas.

forma, o que importa para o presente estudo não são os traços que fazem o falante soar *gay*, uma vez que eles não estão sob análise e não foram controlados, mas é relevante considerar esse aspecto para a interpretação dos resultados.

De forma geral, quando se separam os dados das respostas das caixas de seleção por grupos de ouvintes, os resultados não parecem apontar diferenças consideráveis. Ainda que, na maioria dos casos, as variáveis deixem de ser estatisticamente significativas para um dos três grupos, não há casos em que uma mesma variável tenha resultados invertidos entre os grupos para variáveis estatisticamente significativas, algo que também se verificou nas variáveis quantitativas.

A tendência de mais diferenças significativas para a falante mulher permanece nos diferentes grupos, bem como os índices mais altos para o falante homem no que diz respeito a características como *descolado*, *desencanado* e *despojado*. Em todos os grupos, há menor marcação da característica *reservado* e maior marcação das características *metido* e *esnobe* para classificar os falares com *ingliding*. Para a falante mulher, a diferença de marcação para as características *metido* e *esnobe* é sempre estatisticamente significativa.

Esses resultados também parecem evidenciar efeitos de visões de *feminilidade* e *masculinidade*. Os significados sociais do *ingliding* podem se relacionar a expectativas de comportamentos de gênero, uma vez que a mulher soa *metida* e *esnobe* quando produz o ditongo centralizado, algo que nem sempre ocorre com o homem. Essas e outras questões sobre a significação social do processo serão aprofundadas na seção 3.3.

3.2.3.3 Caixas de texto

As nuvens de palavras para *profissão*, *gosto* e *local* estão apresentadas a seguir. Para cada pergunta, apresenta-se primeiro a nuvem de palavras para o grupo de gaúchos e, em seguida, para o grupo de porto-alegrenses. Assim como nas nuvens de

palavras para o grupo de brasileiros, divide-se a figura por falante e por presença ou ausência de *ingliding*.

Observa-se, na Figura 15, a recorrência da profissão de *professora* para a falante mulher, tanto em seu falar com *ingliding* quanto em seu falar sem *ingliding*. Para o falante homem, *professor* também aparece com frequência, mas não tanto quanto *estudante*. De forma geral, para o falante homem, os termos mais frequentes são *estudante* (n = 10 para o falar sem *ingliding*; n = 6 para o falar com *ingliding*) e *professor*, tanto para os estímulos com quanto sem *ingliding*. Já para a falante mulher, *professora* (n = 7 para o falar sem *ingliding*; n = 17 para o falar com *ingliding*) é sempre o mais frequente. É o que também se observa na Figura 16 para o grupo de porto-alegrenses.

No caso do grupo de porto-alegrenses, *professor* (n = 11) é o elemento central da nuvem de palavras para o falante homem em seu falar sem *ingliding*, e *estudante* (n = 8) é o elemento central da nuvem deste falante quando produz *ingliding*. A falante mulher segue sendo associada à profissão de *professora* (n = 10 para o falar sem *ingliding*; n = 8 para o falar com *ingliding*) em ambas as emissões.

Considerando os diferentes grupos de ouvintes, as duas emissões são, em geral, associadas a profissões que lidam com público, como *professor*, *advogado*, *jornalista*, *vendedor*, *cabeleireiro*, entre outros. À exceção do cabeleireiro, essas profissões requerem que os agentes sociais realizem seu trabalho pela fala, lidando com troca de informação e conhecimento. Em falares com *ingliding*, surge a especificação *professora universitária* nas nuvens da falante mulher. Para o falante homem, a profissão *cabeleireiro* parece ter mais destaque nas nuvens para o falar com *ingliding* do que para o falar sem *ingliding*.

Figura 15 – Nuvens de palavras para *profissão* – grupo de gaúchos

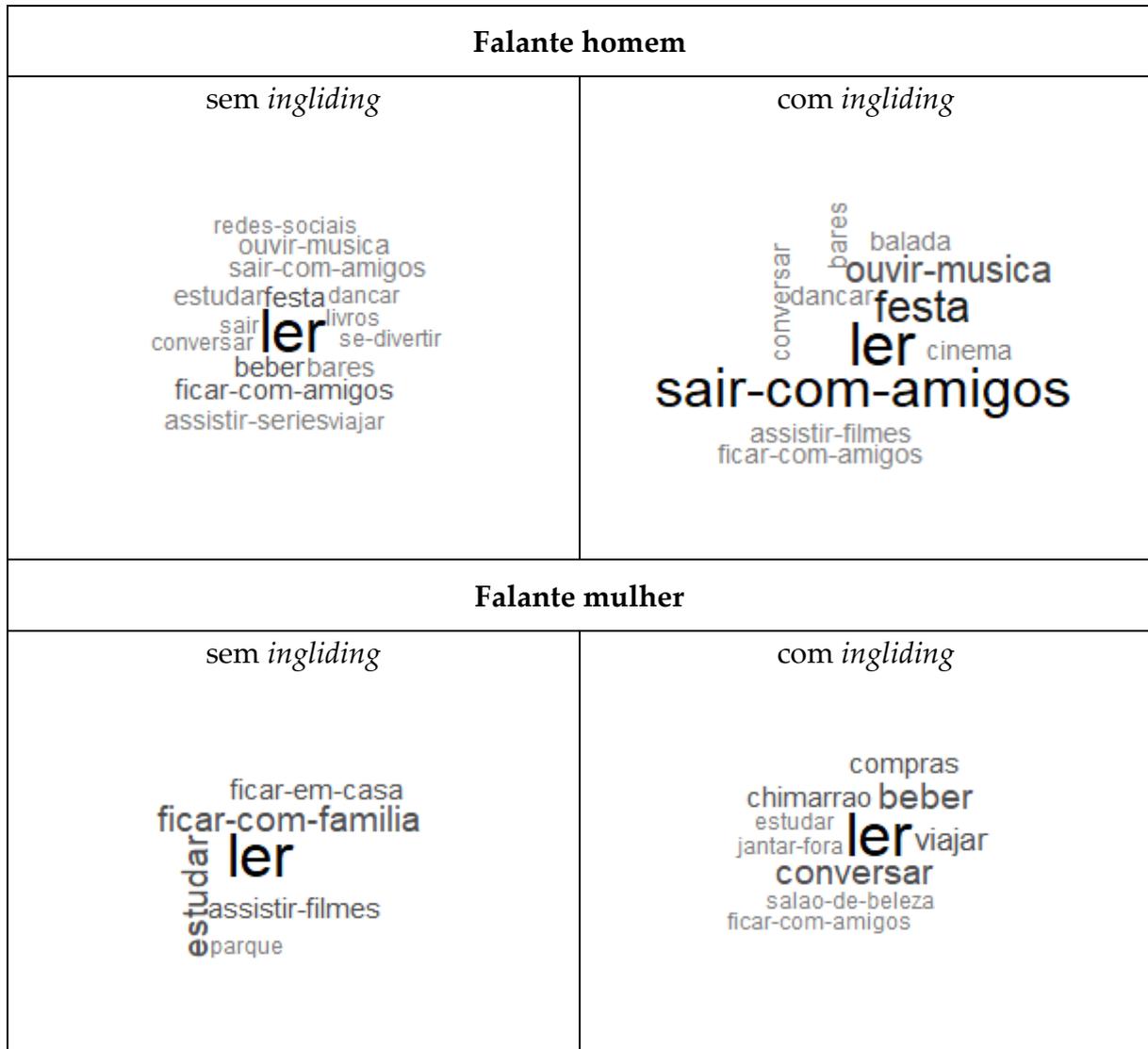


Figura 16 – Nuvens de palavras para *profissão* – grupo de porto-alegrenses



Em relação às práticas relacionadas aos diferentes falares, aquilo que cada falante *deve gostar de fazer*, algumas diferenças entre as emissões com e sem *ingliding* parecem mais evidentes nas nuvens de palavras. A Figura 17 reúne os resultados para o grupo de falantes gaúchos.

Figura 17 – Nuvens de palavras para *gosto* – grupo de gaúchos



A diferença entre as associações de práticas aos falares com e sem *ingliding* para o falante homem são bastante perceptíveis nas nuvens. Ao passo que, para o falar sem *ingliding*, *ler* (n = 13) é uma prática muito mais recorrente do que as demais, para o falar com *ingliding*, outras práticas disputam, com *ler* (n = 8), a centralidade da nuvem, especialmente *sair com amigos* e *festa*. Para a falante mulher, *ler* (n = 11 em ambos os falares) também é central nas duas nuvens, mas as demais práticas associadas ao falar mudam a depender da presença ou ausência de *ingliding*. Na emissão sem *ingliding*, *estudar* e *ficar com a familia* são recorrentes; na emissão com *ingliding*, *conversar* e *beber*

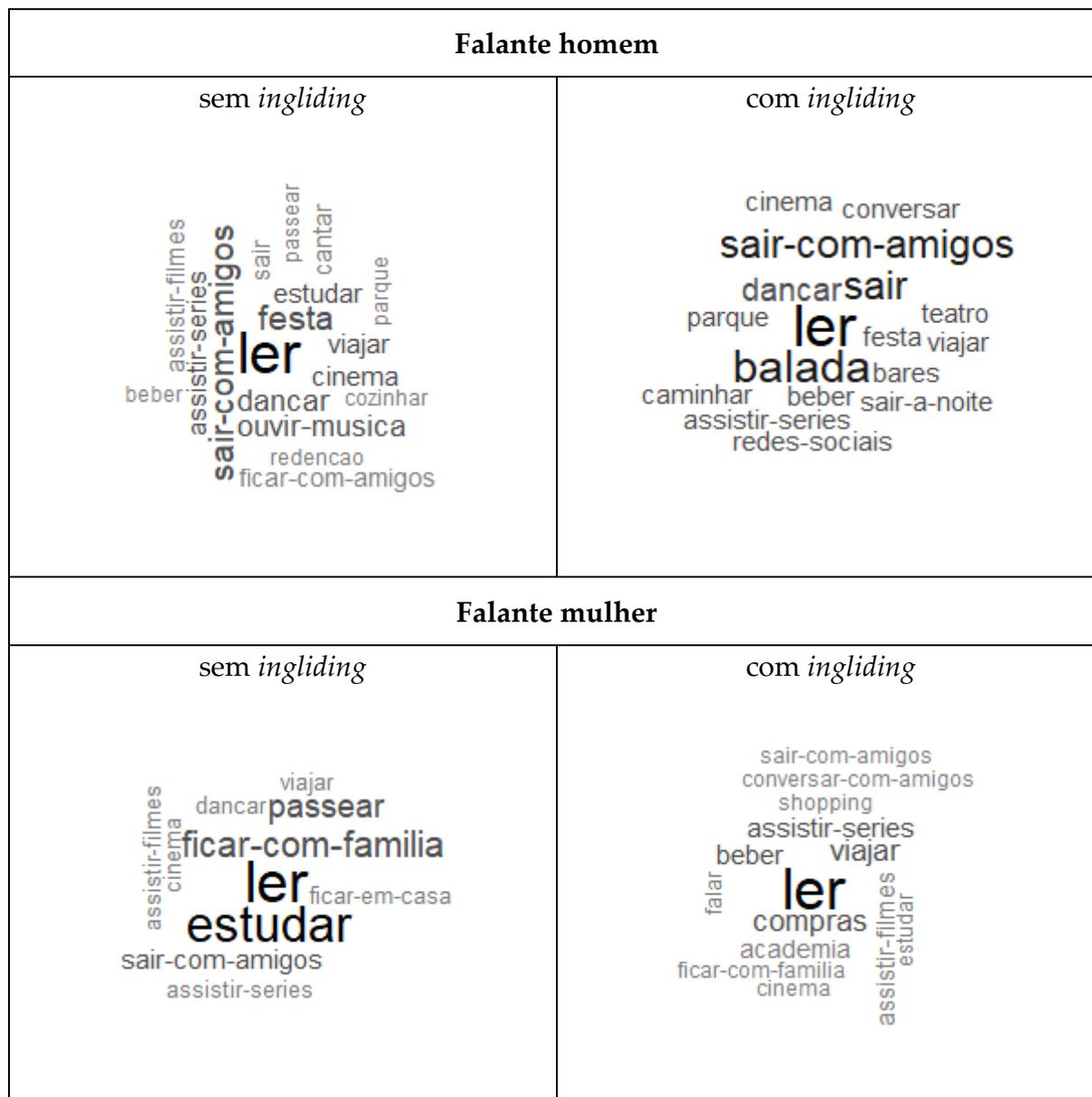
são recorrentes. Diferenças similares também se observam nas nuvens de palavras para o grupo de porto-alegrenses, expressas na Figura 18, que tem *ler* como elemento central das nuvens, tanto para o falante homem (n = 13 para o falar sem *ingliding*; n = 7 para o falar com *ingliding*) quanto para a falante mulher (n = 10 para o falar sem *ingliding*; n = 13 para o falar com *ingliding*).

Parece haver, nas nuvens de palavras, maior referência a práticas realizadas fora de casa, e que envolvem interação social, quando o falar ouvido possui *ingliding*. Isso ocorre, em certa medida, com os diferentes grupos de ouvintes. Para o grupo de brasileiros para a falante mulher, ao passo que *ler* é a única prática que ganha destaque na nuvem para a emissão sem *ingliding*, a nuvem de palavras para a emissão com *ingliding* conta, além de *ler*, com *viajar*. Para o falante homem no grupo de gaúchos, uma diferença semelhante é perceptível: *ler* está no centro de ambas as nuvens de palavras, mas é só naquela para o falar com *ingliding* que, juntamente com *ler*, surgem as práticas *sair com amigos* e *festa* como recorrentes.

O mesmo acontece no grupo de porto-alegrenses, em que *ler* fica ao lado de *balada*, *sair* e *sair com amigos* somente para o falar com *ingliding*. Para a falante mulher nos grupos de gaúchos e porto-alegrenses, isso também se observa. Junto de *ler*, práticas que envolvem ficar em casa estão mais associadas ao falar sem *ingliding*, como *estudar*, *ficar com a família*, *ficar em casa* e *assistir filmes*. Relacionadas ao falar com *ingliding*, outras práticas aparecem, como *viajar*, *beber*, *conversar*, *jantar fora* e *compras*.

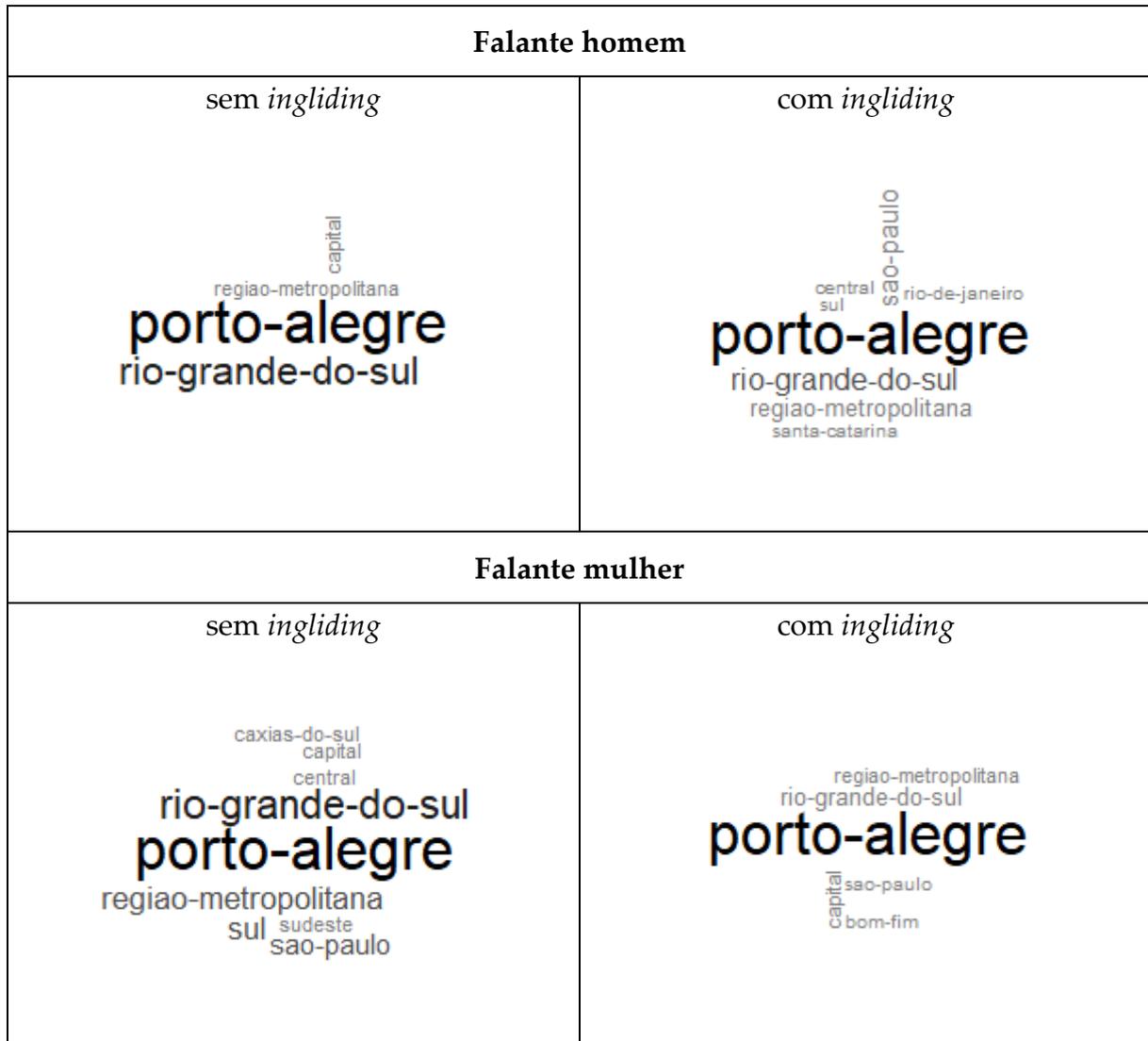
Além dessa diferença entre os falares com o sem *ingliding*, há também o recorte de gênero. Em ambas as emissões, a falante mulher é mais associada a práticas dentro de casa do que o homem, o que pode ter a ver com o espaço que muitas mulheres ocupam na sociedade que, em razão da divisão patriarcal do trabalho, muitas vezes são responsáveis por serviços domésticos, ao passo que os homens, historicamente, realizam mais práticas fora de casa.

Figura 18 – Nuvens de palavras para *gosto* – grupo de porto-alegrenses



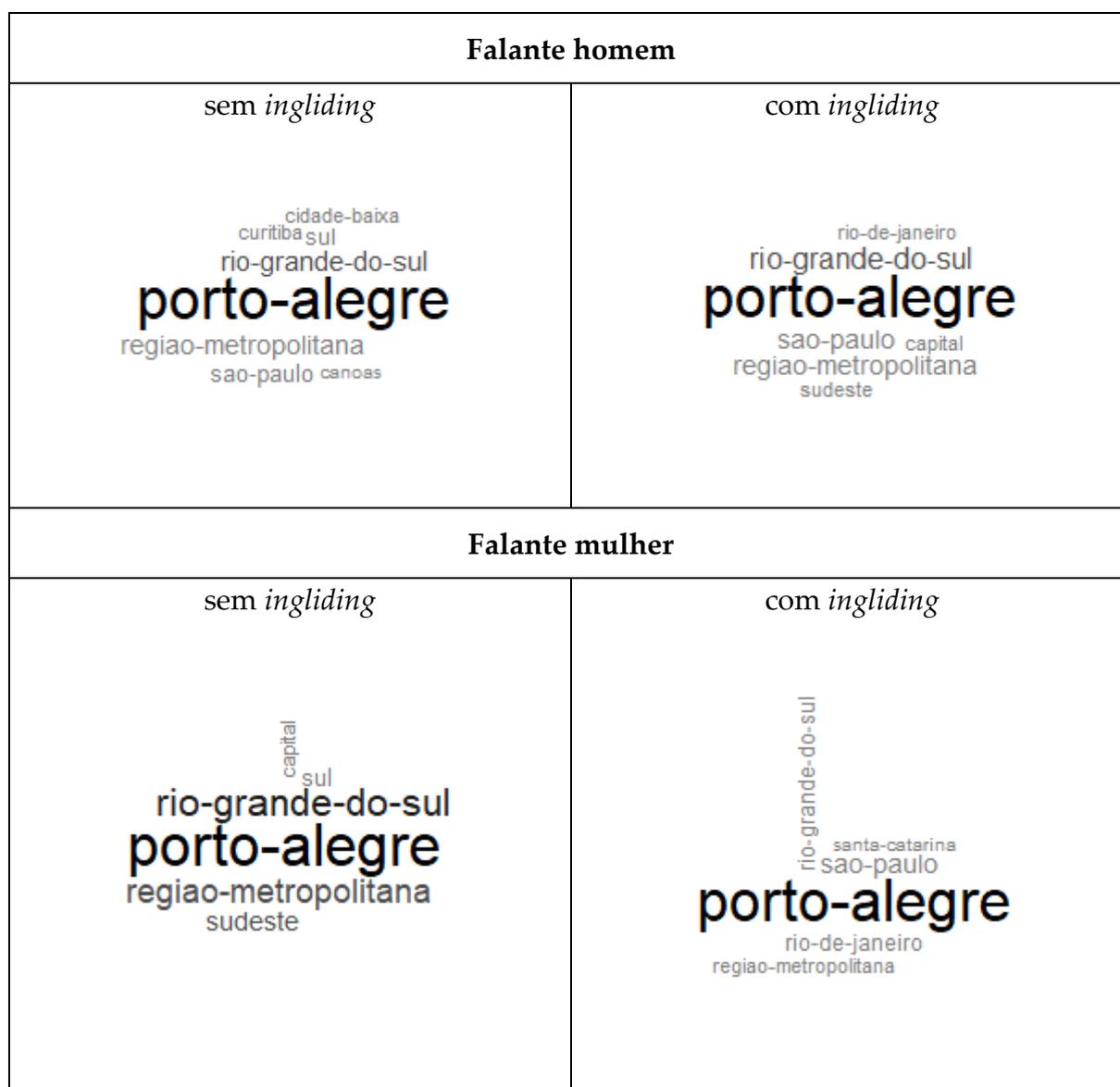
A respeito do *local* em que os falantes devem morar, também há diferenças percebidas entre o falar com *ingliding* e sem *ingliding*. As percepções também variam de acordo com o grupo de ouvintes considerado. Na Figura 19, estão as nuvens de palavras para o *local*, para o grupo de gaúchos; na Figura 20, para o grupo de porto-alegrenses.

Figura 19 – Nuvens de palavras para *local* – grupo de gaúchos



É importante relacionar esses resultados àqueles obtidos para o grupo de brasileiros. Nas nuvens de palavras para os dados dos brasileiros, o elemento central das nuvens de palavras muda a depender da emissão ouvida, seja do falante homem, seja da falante mulher. *São Paulo* figura no centro da nuvem de palavras dos falares sem *ingliding*, ainda que *Sul* e *Sudeste* também apareçam com certa recorrência. Para os falares com *ingliding*, *Sul* e *Sudeste* passam a ser os locais mais frequentemente mencionados, em seguida a *Rio Grande do Sul*. *Rio de Janeiro* aparece mais frequentemente nas nuvens sobre os falares com *ingliding*, com destaque para a nuvem da falante mulher, que tem *Rio de Janeiro* como um de seus elementos centrais.

Figura 20 – Nuvens de palavras para *local* – grupo de porto-alegrenses



Para os demais grupos, de gaúchos e de porto-alegrenses, *Porto Alegre*³⁹ está no centro em todas as emissões. Por vezes, percebe-se que, para os falares sem *ingliding*, *Rio Grande do Sul* divide espaço com *Porto Alegre*. *Rio de Janeiro* surge, ainda que com

³⁹ Grupo de gaúchos, falante homem: n = 23 para o falar sem *ingliding*; n = 21 para o falar com *ingliding*. Grupo de gaúchos, falante mulher: n = 14 para o falar sem *ingliding*; n = 27 para o falar com *ingliding*. Grupo de porto-alegrenses, falante homem: n = 25 para o falar sem *ingliding*; n = 17 para o falar com *ingliding*. Grupo de porto-alegrenses, falante mulher: n = 15 para o falar sem *ingliding*; n = 26 para o falar com *ingliding*.

baixa frequência, somente relacionado aos falares com *ingliding*. Além disso, o bairro *Bom Fim* aparece na nuvem para o grupo de gaúchos não porto-alegrenses sobre a falante mulher.

3.2.4 Regressões lineares

Para analisar se há correlação entre características sociais dos ouvintes e percepções e avaliações do *ingliding*, foram realizadas análises de regressão linear multivariada de efeitos mistos. O que se deseja saber é quais variáveis podem exercer influência sobre as classificações atribuídas aos áudios e o quanto tais associações são significativamente diferentes a depender de o falar ouvido possuir ou não *ingliding*. Para tanto, todas as variáveis predictoras são testadas em interação a variável *Ingliding* (com *ingliding*; sem *ingliding*). Como variável resposta, foram utilizados os CPs identificados por meio das ACPs das variáveis quantitativas. Dessa forma, ao invés de testar a influência das características sociais dos ouvintes sobre todas as variáveis quantitativas, testa-se essa influência sobre os CPs, expressos em *eigenvalues*.

Para cada CP, foram realizadas duas análises. A primeira contempla, em interação com *Ingliding*, as variáveis Falante (falante homem; falante mulher⁴⁰) e Grupo de Ouvintes (porto-alegrenses; gaúchos não porto-alegrenses; brasileiros não gaúchos). A segunda análise engloba, em interação com *Ingliding*, Idade do Ouvinte (variável contínua), Gênero do Ouvinte (ouvinte homem; ouvinte mulher), Escolaridade do Ouvinte (Ensino Médio; Ensino Superior; Pós-Graduação); Classe Social do Ouvinte⁴¹ (classe baixa; classe média; classe alta). Ouvinte, enquanto variável aleatória, fez parte de ambas as análises.

⁴⁰ Na apresentação e discussão de resultados, os falantes que gravaram áudios para o teste serão referidos por seu gênero. Embora os resultados possam dar pistas quando à variável *gênero*, é preciso considerar que, havendo apenas um falante homem e uma falante mulher no teste, as generalizações a respeito da percepção e da avaliação de um falar a depender do gênero de quem fala ficam limitadas.

⁴¹ Os fatores desta variável foram reagrupados de forma que *classe baixa* engloba *classe baixa* e *classe média baixa*; e *classe alta* engloba *classe alta* e *classe média alta*.

Apresentam-se, nas subseções a seguir, os resultados para a amostra geral, isto é, incluindo dados de todos os ouvintes. Cada subseção contém os resultados obtidos para um CP.

3.2.4.1 CP Sociabilidade

Os resultados para o CP Sociabilidade estão expressos nas tabelas a seguir. A Tabela 12 revela que o falar com *ingliding* é significativamente atribuído a menores valores para o CP Sociabilidade. Além disso, a variável Falante se correlaciona ao CP: a falante mulher é relacionada a valores inferiores na escala de *sociabilidade*, isto é, é percebida como menos sociável do que o falante homem. Tal resultado independe do áudio ouvido, se com ou sem *ingliding*, como revela a interação entre Falante e *Ingliding*, que não apresenta resultados estatisticamente significativos.

Tabela 12 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sociabilidade – Grupo de Ouvintes e Falante em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	0,425	0,090	4,706	< 0,001 ***
Porto-alegrenses	-0,096	0,119	-0,804	0,422
Gaúchos	0,203	0,124	1,638	0,102
Com <i>ingliding</i>	-0,490	0,119	-4,135	< 0,001 ***
Falante mulher	-0,494	0,100	-4,935	< 0,001 ***
Porto-alegrenses : com <i>ingliding</i>	0,151	0,140	1,078	0,282
Gaúchos : com <i>ingliding</i>	-0,295	0,145	-2,030	< 0,05 *
Falante mulher : com <i>ingliding</i>	0,232	0,162	1,429	0,154

Modelo: Sociabilidade ~ Grupo * *Ingliding* + Falante * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)
Intercept: Brasileiros; Sem *ingliding*; Falante homem

Também a interação entre Grupo de Ouvintes e *Ingliding* se mostra estatisticamente significativa na análise. Observa-se que o grupo de gaúchos, de modo geral, atribuiu valores mais altos ao CP do que o grupo de brasileiros (*intercept*). A partir da interação significativa entre Grupo de Ouvintes e *Ingliding*, contudo, uma

correção na estimativa é indicada, revelando que, a partir da comparação expressa na análise, o grupo de gaúchos atribuiu valores inferiores ao CP Sociabilidade quando ouviu os falares com *ingliding*.

A Tabela 13, que contempla resultados para as variáveis derivadas do perfil social dos ouvintes, mostra somente dois fatores com resultados estatisticamente significativos. Ouvintes de classe baixa atribuíram valores superiores aos áudios para o CP Sociabilidade, o que independe de o áudio ouvido ter ou não *ingliding*. Também a interação entre Idade e *Ingliding* apresentou correlação ao CP, apresentando estimativas ligeiramente acima de zero, ao passo que a variável Idade, sem interação, apresentou estimativa um pouco abaixo de zero. Nenhuma outra variável associada ao perfil dos ouvintes demonstrou influenciar suas respostas do CP Sociabilidade. Além disso, nessa análise, nem mesmo *Ingliding* apareceu como correlacionada à percepção de *sociabilidade*.

Tabela 13 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sociabilidade – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	p
(Intercept)	0,154	0,307	0,500	0,617
Idade	-0,008	0,005	-1,701	0,090
Com <i>ingliding</i>	-0,511	0,375	-1,366	0,173
Ouvinte mulher	0,014	0,115	0,119	0,905
Pós-graduação	0,311	0,234	1,328	0,185
Superior	0,061	0,239	0,256	0,798
Classe baixa	0,366	0,154	2,372	< 0,02 *
Classe média	0,041	0,137	0,298	0,766
Idade : com <i>ingliding</i>	0,013	0,006	2,220	< 0,03 *
Ouvinte mulher : com <i>ingliding</i>	0,087	0,140	0,624	0,533
Pós-graduação : com <i>ingliding</i>	-0,335	0,285	-1,173	0,242
Superior : com <i>ingliding</i>	-0,164	0,292	-0,562	0,574
Classe baixa : com <i>ingliding</i>	-0,326	0,188	-1,731	0,084
Classe média : com <i>ingliding</i>	-0,120	0,167	-0,718	0,474

Modelo: Sociabilidade ~ Idade do Ouvinte * *Ingliding* + Gênero do Ouvinte * *Ingliding* + Escolaridade do Ouvinte * *Ingliding* + Classe Social do Ouvinte * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Sem *ingliding*; Ouvinte homem; Ensino médio; Classe alta

3.2.4.2 CP Formalidade

Os resultados para o CP Formalidade estão expressos na Tabela 14 e na Tabela 15. Assim como o CP Sociabilidade, o CP Formalidade correlaciona-se com as variáveis *Ingliding* e Falante. No caso desse CP, o falar com *ingliding* recebe valores significativamente inferiores na escala de *formalidade*, e a falante mulher, por sua vez, é associada a maiores valores do que o falante homem. Resultados de outras análises já haviam mostrado essa diferença, uma vez que o falante homem é classificado como mais *expansivo*, *descolado*, *desencanado* e *despojado* do que a falante mulher. A interação entre Falante e *Ingliding* não produz, outra vez, resultados significativos, o que mostra que a falante mulher é associada a menores valores de *formalidade* em relação ao falante homem tanto quando é ouvida com quanto quando é ouvida sem *ingliding*.

Tabela 14 – Resultados do modelo de regressão para o CP Formalidade – Grupo de Ouvintes e Falante em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	p
(Intercept)	0,129	0,085	1,509	0,132
Porto-alegrenses	-0,125	0,112	-1,108	0,268
Gaúchos	0,016	0,117	0,135	0,892
Com <i>ingliding</i>	-0,698	0,109	-6,427	< 0,001 ***
Falante mulher	0,522	0,095	5,521	< 0,001 ***
Porto-alegrenses : com <i>ingliding</i>	0,074	0,117	0,629	0,530
Gaúchos : com <i>ingliding</i>	-0,012	0,122	-0,102	0,919
Falante mulher : com <i>ingliding</i>	-0,072	0,161	-0,447	0,655

Modelo: Formalidade ~ Grupo * *Ingliding* + Falante * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)
 Intercept: Brasileiros; Sem *ingliding*; Falante homem

A Tabela 15 revela que, de forma geral, a Idade do ouvinte e sua Escolaridade estão correlacionadas às atribuições de valores para o CP Formalidade. A interação com *ingliding*, contudo, só é significativa para Idade, ou seja, nenhuma outra variável testada em interação com *ingliding* apresentou valores estatisticamente significativos.

Tabela 15 – Resultados do modelo de regressão para o CP Formalidade – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	p
(Intercept)	0,246	0,290	0,850	0,396
Idade	-0,016	0,004	-3,651	< 0,001 ***
Com <i>ingliding</i>	-0,872	0,330	-2,644	< 0,01 **
Ouvinte mulher	-0,034	0,108	-0,312	0,755
Pós-graduação	0,657	0,221	2,980	< 0,01 **
Superior	0,427	0,226	1,893	0,059
Classe baixa	0,246	0,146	1,688	0,092
Classe média	0,166	0,129	1,292	0,197
Idade : com <i>ingliding</i>	0,016	0,005	3,076	< 0,01 **
Ouvinte mulher : com <i>ingliding</i>	-0,048	0,123	-0,387	0,699
Pós-graduação : com <i>ingliding</i>	-0,455	0,251	-1,809	0,071
Superior : com <i>ingliding</i>	-0,406	0,257	-1,578	0,115
Classe baixa : com <i>ingliding</i>	0,255	0,166	1,536	0,125
Classe média : com <i>ingliding</i>	0,012	0,147	0,081	0,935

Modelo: Formalidade ~ Idade do Ouvinte * *Ingliding* + Gênero do Ouvinte * *Ingliding* + Escolaridade do Ouvinte * *Ingliding* + Classe Social do Ouvinte * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Sem *ingliding*; Ouvinte homem; Ensino médio; Classe alta

Com o avançar da idade do ouvinte, os valores atribuídos para o CP Formalidade são significativamente menores, o que muda quando os estímulos acústicos ouvidos possuem *ingliding*. Em relação a escolaridade, ouvintes com pós-graduação atribuíram valores maiores para o CP.

3.2.4.3 CP Sotaque

Os resultados para o último CP, o CP Sotaque, estão dispostos a seguir. É interessante observar, na Tabela 16, que o CP Sotaque é o único dentre os CPs que apresenta correlação significativa para o Grupo de Ouvintes. Essa correlação é esperada, uma vez que a referência do que seja um falar marcado por *sotaque* depende das normas partilhadas pelos falantes inseridos em uma comunidade de fala. Não

surpreende, também, a direção da correlação. Os ouvintes porto-alegrenses são aqueles que apresentaram valores mais baixos para o CP Sotaque, ou seja, reconheceram, nos falares gravados por porto-alegrenses, menos marcas de *sotaque* do que falantes dos demais grupos. É possível que, por estarem inseridos na comunidade de fala daqueles que produziram os áudios para o experimento, os ouvintes reconheçam um menor número de marcas salientes, diferença que é significativa quando comparada aos valores para o grupo de brasileiros.

Tabela 16 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sotaque – Grupo de Ouvintes e Falante em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	p
(<i>Intercept</i>)	-0,129	0,081	-1,583	0,114
Porto-alegrenses	-0,245	0,107	-2,287	< 0,03 *
Gaúchos	0,046	0,111	0,412	0,681
Com <i>ingliding</i>	0,687	0,104	6,620	< 0,001 ***
Falante mulher	-0,553	0,090	-6,146	< 0,001 ***
Porto-alegrenses : com <i>ingliding</i>	-0,100	0,114	-0,873	0,383
Gaúchos : com <i>ingliding</i>	-0,144	0,119	-1,211	0,227
Falante mulher : com <i>ingliding</i>	0,599	0,152	3,937	< 0,001 ***

Modelo: Sotaque ~ Grupo * *Ingliding* + Falante * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Brasileiros; Sem *ingliding*; Falante homem

As variáveis *Ingliding* e Falante também estão correlacionadas ao CP Sotaque, sendo o falar com *ingliding* percebido como um falar com sotaque, e a falante mulher como tendo menos marcas de sotaque quando comparada ao falante homem. Um olhar para as interações mostra que os menores valores para o CP Sotaque dentre os porto-alegrenses não se devem à presença ou ausência de *ingliding*, mas sim a uma percepção geral desse grupo de ouvintes sobre os falares. Já a interação entre Falante e *Ingliding* é significativa, o que mostra que a presença de *ingliding* interage com a percepção de sotaque da falante mulher, fazendo tal falante receber maiores valores para o CP quando é ouvida com *ingliding*. A presença de *ingliding* como marca de

sotaque é, então, mais saliente no áudio da falante mulher do que no do falante homem.

Em relação à Tabela 17, observa-se que, além da presença ou ausência de *ingliding*, a idade dos ouvintes se correlaciona ao CP Sotaque, de forma que falantes mais jovens tiveram tendência a associar mais os áudios a marcas de sotaque. Além disso, a interação entre Pós-Graduação e presença de *ingliding* se mostrou como estatisticamente significativa: ouvintes com pós-graduação atribuíram maiores valores de sotaque aos falares com *ingliding* do que aos falares sem *ingliding*.

Tabela 17 – Resultados do modelo de regressão para o CP Sotaque – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	p
(Intercept)	0,094	0,278	0,338	0,735
Idade	-0,012	0,004	-2,693	< 0,01 **
Com <i>ingliding</i>	0,639	0,299	2,136	< 0,04 *
Ouvinte mulher	0,049	0,104	0,469	0,639
Pós-graduação	-0,215	0,212	-1,016	0,310
Superior	-0,158	0,217	-0,728	0,467
Classe baixa	0,023	0,140	0,162	0,871
Classe média	-0,029	0,124	-0,233	0,816
Idade : com <i>ingliding</i>	-0,001	0,005	-0,259	0,796
Ouvinte mulher : com <i>ingliding</i>	-0,016	0,112	-0,144	0,885
Pós-graduação : com <i>ingliding</i>	0,527	0,228	2,311	< 0,03 *
Superior : com <i>ingliding</i>	0,358	0,233	1,536	0,125
Classe baixa : com <i>ingliding</i>	-0,179	0,150	-1,192	0,234
Classe média : com <i>ingliding</i>	-0,102	0,133	-0,769	0,443

Modelo: Sotaque ~ Idade do Ouvinte * *Ingliding* + Gênero do Ouvinte * *Ingliding* + Escolaridade do Ouvinte * *Ingliding* + Classe Social do Ouvinte * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Sem *ingliding*; Ouvinte homem; Ensino médio; Classe alta

Considerando os resultados para os três CPs analisados, observa-se que, em geral, poucos são os casos em que dados dos ouvintes influenciam significativamente na direção das respostas. O que sistematicamente influencia a percepção dos CPs é o próprio falante ouvido em cada áudio, bem com a presença ou ausência de *ingliding*

nas gravações. Esses e os outros resultados, considerados conjuntamente, são recuperados na seção seguinte, que busca, a partir deles, discutir os significados sociais potenciais do *ingliding*.

3.3 Significados sociais potenciais do *ingliding*

Os resultados do Experimento de Percepção e Avaliação apresentado neste capítulo revelam alguns dos significados sociais que são indexados pelo *ingliding* de sílabas tônicas no falar de Porto Alegre. Se os significados sociais de uma variável linguística não são precisos ou fixos, mas sim sujeitos a um constante processo de reinterpretação (ECKERT, 2008; SILVERSTEIN, 2003), o que as análises apresentam são associações e classificações possíveis a partir da percepção e da avaliação de ouvintes a respeito de falares marcados pela presença do ditongo centralizado. Nesta seção, busca-se interpretar os resultados obtidos e compará-los com o que já se sabe sobre o *ingliding*, em um movimento que tem o objetivo de entender de que maneira as respostas estatisticamente significativas do experimento de percepção e avaliação podem estar ideologicamente relacionadas ao ditongo centralizado.

Uma primeira observação que se pode fazer sobre os resultados diz respeito ao reconhecimento do *ingliding* como uma marca de *sotaque* e como característica de um falar *cantado*, o que tem a ver com a própria natureza fonética do processo. Por ocorrer nos elementos que ocupam posições mais proeminentes nos sintagmas entoacionais, em sílabas tônicas, e estar relacionado inclusive a alongamento vocálico, não surpreende que o falar seja compreendido como *cantado*, uma vez que seu contexto de aplicação é no constituinte prosódico associado ao ritmo e à cadência da fala. Além disso, por surgir em posições proeminentes em termos prosódicos, é também esperado que o *ingliding* seja saliente em termos perceptuais, o que contribui para a percepção da variável como uma marca de *sotaque*.

É preciso considerar, contudo, que as marcas de *sotaque* não são igualmente reconhecidas por todos os ouvintes que realizaram os questionários de percepção e

avaliação do processo. Nas regressões realizadas a partir dos CPs identificados, observou-se, a partir do resultado do CP Sotaque, que os porto-alegrenses identificaram menos marcas de sotaque nos falares porto-alegrenses ouvidos em comparação aos demais grupos. Diferenças na perspectiva do que é *sotaque* a depender da origem dos ouvintes são esperadas, inclusive se considerarmos estudos de outras variáveis, como é o caso da investigação de Oushiro (2015) sobre realização do /r/ em coda silábica (ver Figura 5, seção 2.2). No caso do falar porto-alegrense, parece haver influência da comunidade de fala de que fazem parte os ouvintes em comparação com a comunidade de fala dos falantes que produziram os áudios para o experimento. Quanto mais distante da comunidade de fala, menos marcas de sotaque os falantes identificam nos falares ouvidos. No caso do presente estudo, ainda que reconheçam o *ingliding* como marca de sotaque, os ouvintes porto-alegrenses se diferenciam dos demais no quanto compreendem os falares porto-alegrenses ouvidos, tenham ou não *ingliding*, como marcados por sotaque.

O local de onde são os ouvintes também pode influenciar o *local* de onde eles percebem que o falar com *ingliding* seja. Os resultados para as nuvens de palavras parecem indicar que há, como se suspeitava, tendência de perceber o falar com *ingliding* como típico de Porto Alegre/Sul/Rio Grande do Sul. Para quem é do Rio Grande do Sul, porto-alegrense ou não, o falar é reconhecido como de Porto Alegre. Para quem não é do Rio Grande do Sul, o falar é associado, de maneira mais ampla, à região Sul. Nesse caso, é interessante notar que o falar sem *ingliding*, significativamente menos associado a *ter sotaque*, ainda que seja realizado por porto-alegrenses, é mais relacionado a São Paulo. Isso pode ter relação com a origem dos ouvintes, já que grande parte das associações entre São Paulo e o falar sem *ingliding* é feita por paulistas. Quando o falar possui *ingliding*, passa a ser entendido, principalmente, como um falar do Sul.

Outro dado interessante é a associação feita do falar com *ingliding* ao Rio de Janeiro, o que também era uma suspeita advinda de estudos anteriores, que mencionam o ditongo centralizado no português (COLLEY, 2009; SILVA, 2011;

ARANTES *et al.*, 2018), ou que supõem que o falar com *ingliding* em Porto Alegre possa ter sofrido um incremento nos anos 1980 em razão de um movimento jovem, principalmente associado ao bairro Bom Fim, e que era, muitas vezes, inspirado nas práticas de artistas do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2018). Nesse caso, é interessante observar que os trechos que compõem o teste não possuem a realização de outras variantes típicas do Rio de Janeiro (como a fricativização ou glotalização de /R/ e a palatalização de /S/ em coda) e, ainda assim, por conta do *ingliding*, os falares podem ser, por vezes, percebidos como relacionados ao falar carioca.

A associação dos falares a regiões é o resultado que mais sofre alteração quando se comparam os grupos de ouvintes porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros. Para as demais questões, as tendências são semelhantes, não há inversões de percepção e avaliação do *ingliding* a depender do grupo de ouvintes. O falar com o ditongo centralizado é avaliado como menos *agradável* e percebido como menos *natural* pelos ouvintes independentemente do grupo a que pertencem. A avaliação menos positiva do *ingliding* é consistente em todos os grupos de ouvintes, o que pode influenciar a baixa proporção de aplicação do processo.

No caso dos CPs Sociabilidade e Formalidade, observou-se correlação significativa da interação entre Idade e *Ingliding*. Já para o CP Sotaque, a única interação significativa se deu entre os fatores Pós-Graduação e Com *Ingliding*, mostrando que ouvintes com pós-graduação percebem o falar com *ingliding* diferentemente do falar sem *ingliding* em sua percepção do que é sotaque. A partir dos resultados de Oliveira (2018, 2021), quem mais produz *ingliding* possui níveis mais altos de escolaridade. Além disso, tais resultados permitem supor que, dentro de Porto Alegre, quem circula em ambientes universitários, como é o caso daqueles jovens *pós-modernos* vinculados ao movimento jovem no Bom Fim, ouve mais *ingliding*, ou seja, a variável está mais disponível para seu reconhecimento. Isso poderia explicar o motivo de o ditongo centralizado ser mais perceptível como um traço de sotaque para ouvintes com pós-graduação, e menos entre aqueles sem ensino superior, que possivelmente dialogam menos com os produtores de *ingliding*. Contudo, a análise dos

resultados de regressão do presente estudo deve considerar o desequilíbrio da amostra, em que a minoria dos dados foi obtida de pessoas com escolaridade até o ensino médio, de modo que é preciso cautela para tecer generalizações a esse respeito.

Um resultado mais robusto no experimento é o que revela que o *ingliding* é percebido como um falar menos *formal*, o que se mostra tanto na maioria das comparações entre falares com e sem *ingliding* para esta variável em isolado, quanto nos resultados para o CP Formalidade. A compreensão de que o *ingliding* é significativamente um falar menos *formal* está na base das distinções expressivas que constroem os diferentes estilos de vida identificados por Oliveira (2018) como associados à variável: quem mais produz *ingliding* busca se afastar de práticas entendidas como *formais*. Conforme discutido em Oliveira (2018), a partir de dados de produção linguística, os produtores de *ingliding* constituem pelo menos dois estilos de vida distintos: um deles opõe *descolado* a *careta*, e pode indexar significados como *transgressor*, *louco* e *maconheiro* ao *ingliding*, como os jovens de clubes pós-modernos do Bom Fim dos anos 1980 (OLIVEIRA, 2021); outro opõe *despojado* a *arrumado*, podendo também indexar ao *ingliding* significados como *esportista* e *praieiro*.

Os resultados dos estudos de percepção e avaliação também destacam essas oposições, evidenciando que o *ingliding* é um dos recursos utilizados para construir esses estilos de vida e projetar *personae* a eles associadas. Quando produz *ingliding*, por exemplo, a falante mulher pode ser mais relacionada a características como *expansiva*, *despojada* e *descolada*; e menos associada a características como *preocupada* e *séria*. O fato de os dados para o falante homem não terem mostrado diferenças significativas para todas essas características não anula o achado, uma vez que o falante homem é sempre percebido como mais *descolado*, *desencanado*, *expansivo*, *despojado* que a mulher em ambas as emissões, bem como menos *sério* e *preocupado*. Há, no falante homem, outros traços, não controlados no experimento realizado, que guiam essa percepção e que estão presentes em ambas as emissões.

Além disso, os resultados parecem mostrar que a percepção e a avaliação do *ingliding* sofrem influência do que é entendido como o papel do homem e da mulher

na sociedade, isto é, o que um pode ou não pode fazer e o que se espera dessas identidades, inclusive do seu modo de falar. Os resultados de Oliveira (2018) amparam essa interpretação, uma vez que a realização do ditongo centralizado é condicionada pelo gênero dos falantes da amostra do LínguaPOA, sendo favorecida por falantes homens. No presente estudo, o gênero do falante também condicionou a percepção e a avaliação do *ingliding*, conforme mostram as análises de regressão. Em uma sociedade marcada por representações de gênero que instanciam uma *dominação masculina* (BOURDIEU, 2012 [1998]), não surpreende que a mulher receba valorações menos positivas em sua produção com *ingliding* do que o homem, sendo mais associada a *metida* e *esnobe*, e até *ultrapassada*, e menos associada a *modesta* e *séria*. É menos esperado, das mulheres, que elas realizem uma variável que indexa significados sociais que possam ser associados a *liberdade* e *transgressão*, o que tem a ver com uma construção social de mulher como vinculada a afazeres domésticos e a posturas recatadas. Nesse sentido, as avaliações menos positivas podem indicar certo incômodo, nos ouvintes, pelo fato de que a falante mulher está contrariando expectativas de gênero.

Em relação aos resultados das caixas de texto sobre *gostos* que cada falante ouviu no teste deveria ter, observa-se que, nas produções com *ingliding*, tanto o falante homem quanto a falante mulher foram associados a práticas que são, em sua maioria, relacionadas a atividades que são feitas fora de casa e que demandam mais interação social. Nesse sentido, há um encontro entre as práticas declaradas pelos informantes que mais produzem *ingliding*, nos estudos de produção linguística, e as características percebidas pelos ouvintes como relacionadas ao processo, neste estudo de percepção e avaliação linguística. Entretanto, o mesmo encontro entre práticas produzidas e percebidas não ocorre quando consideramos outra dimensão que gerou resultados estatisticamente significativos no teste de percepção e avaliação: os falantes são percebidos como *metidos* e *esnobes* quando produzem *ingliding*, ainda que, para Oliveira (2018, 2021), quem mais produz o ditongo centralizado deseje se marcar como oposto a essas características.

Ao buscar relacionar dois estilos de vida distintos entre quem mais produz *ingliding*, Oliveira (2018) afirma que, em comum, esses grupos comporiam diferentes *personae* que se opõem a uma elite entendida como *formal*, *contida* ou *esnobe*. Para chegar à formulação de que quem produz mais *ingliding* quer se afastar de uma elite *esnobe*, o autor toma como base o que dizem os informantes com maiores taxas de realização do ditongo centralizado, que fazem afirmações sobre seu vestuário ser mais despojado, sobre sua circulação na cidade evitar regiões frequentadas por *patricinhas*, entre outras. O que causaria, então, esse desencontro entre *personae* projetadas e percebidas?

Para responder a essa pergunta, é importante abordar performances e percepções de *classe social*. Afinal, nos estudos de produção linguística, todos aqueles que mais produzem *ingliding* possuem maiores índices socioeconômicos e de escolaridade. Partilham *habitus* de classe (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]), compartilhando gostos e práticas típicas de quem ocupa posições superiores no espaço social. Dessa forma, a distinção que os produtores de *ingliding* fazem em suas afirmações sobre práticas sociais diz respeito a diferentes estilos, ambos inseridos em classes sociais mais altas. Eles querem se afastar de determinadas associações, opõem-se a um bairro elitizado como o *Moinhos de Vento*, não parecem querer ser vistos como *metidos* e *esnobes*. De um lado, em meio a classes sociais mais altas, o *ingliding* pode estar associado à oposição a características como *formal*, *metido* e *esnobe*; de outro, não parece fortuito que todos aqueles que mais produzem a variável possuam o perfil social de quem ocupa classes mais altas, de modo que, de maneira mais ampla, *ingliding* possa ser um indicador de classe social.

Os testes de percepção parecem apontar resultados em ambas as direções. Conforme já mencionado nesta seção, os falares com *ingliding* são menos associados a *formalidade*, e mais associados a termos como *descolado* e *expansivo*, o que se espera considerando o que dizem os produtores de *ingliding* nos estudos anteriores de produção. Mas, para além disso, no nível macro, o *ingliding* pode ser uma marca percebida como estratégia para enquadramento em uma classe social alta. Na pergunta de escolha forçada sobre a classe social de cada falante ouvido, esse resultado

não aparece, talvez porque a formulação *classe social* não seja suficientemente clara para os ouvintes. Contudo, por ser interpretado como estratégia de enquadramento em classes sociais altas, o ditongo centralizado indexa, justamente, características que são comumente utilizadas para classificar membros que ocupam posições superiores no espaço social, como *metido* e *esnobe*. Por extensão, seus produtores podem ser percebidos como menos *sociáveis*. Outro indicador de classe se revela entre os ouvintes porto-alegrenses, em que a falante mulher também foi mais percebida como *rica* quando produziu *ingliding*.

Esse resultado é um relevante indicador da relação entre estilos construídos e percebidos, evidenciando que o que se quer projetar nem sempre é o que chega ao ouvinte (LASAGABASTER, 2004; LABOV, 2008 [1972]). Nesse trânsito entre prática e percepção da prática, onde se localizam os *estilos de vida* (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]), há espaço para uma rede diversa de associações que considera não só os posicionamentos ideológicos dos falantes, mas também dos ouvintes. As categorias utilizadas pelos falantes, bem como pelos pesquisadores ao produzirem testes de percepção e avaliação, são informativas e reveladoras da significação social, mas não podem ser entendidas como estanques. Em verdade, a própria natureza da significação social prevê desencontros e oposições.

No caso da interação entre *ingliding*, *classe social* e *estilo de vida*, entra em jogo a relação de oposições de dentro da comunidade, e oposições que estão entre comunidades. Para Eckert (2018), a chave para o significado social da variação linguística não está nem nas oposições de dentro, nem nas oposições entre comunidades, mas numa intersecção das duas. Dessa forma, é preciso considerar as intersecções entre oposições como *descontraído-formal* e *descolado-careta*, informativas para comunidades de fala porto-alegrenses, e *classe-alta-classe-baixa*, *rico-pobre*, que atravessam diferentes comunidades de fala. O *ingliding* navega entre as diferentes oposições, e os campos indexicais que cada ouvinte associa à variável dependem, também, do seu posicionamento no espaço social.

Os resultados do CP Formalidade que apresentam correlação significativa com a classe social de que os ouvintes afirmam fazer parte contribuem para a interpretação da interação entre *ingliding* e *classe social* que considera as práticas sociais de quem mais produz *ingliding* a partir dos estudos de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021). Se o ditongo centralizado é uma estratégia de construção estilística de agentes sociais de classes mais elevadas, faz sentido que, dentre porto-alegrenses, pessoas de classes mais altas associem o *ingliding* a menores valores para formalidade do que pessoas de classes mais baixas, como resultados de análises de regressão mostram. Pessoas de classes mais baixas transitam menos nos espaços sociais ou clubes onde os estilos são construídos com *ingliding*, e por isso sua percepção do quanto tais estilos marcam-se como não formais, ou *transgressores*, é menos aguçada.

Além disso, é preciso considerar que os significados sociais estão sendo constantemente negociados nas trocas linguísticas (BOURDIEU, 2008 [1982]). Para Agha (2006), na maioria dos casos, os esquemas de valoração exigem diversas formas de fracionamento sociológico, incluindo casos de resistência a esquemas de valores sustentados por determinados grupos, ou reanálise e transformação de valores para a construção de novas normas. Dessa maneira, uma tentativa de não soar *esnobe* por meio do uso de uma forma linguística, por exemplo, pode ser lida justamente como uma marca de quem é *esnobe*, a depender dos esquemas de valoração de cada grupo e agente social.

Um resultado interessante do estudo é que, de forma geral, não há grandes distinções entre a percepção e a avaliação do *ingliding* a depender da região a que pertencem os ouvintes: se Porto Alegre, Rio Grande do Sul ou Brasil. Há diferenças em sua percepção de sotaque e sua associação de falares a locais, o que depende de aspectos regionais. Mas em relação às demais características, os ouvintes de diferentes regiões concordam com as direções de associação, mesmo que algumas possam ser mais relevantes do que outras para fazer distinções a depender do grupo considerado. Concordam, também, em associar, ao *ingliding*, práticas realizadas fora de casa, tais como *viajar*, *ir a festas*, dentre outras.

3.3.1 A oposição *tenso-distenso*

Além de explorar a percepção e a avaliação dos estilos construídos com *ingliding*, estes depreendidos dos significados sociais da variável, um dos objetivos deste trabalho é o de investigar se há algum ponto de convergência, uma espécie de cerne ou significado social primário, relacionado ao *ingliding*, do qual decorrem outros mais específicos. Os resultados dos testes de percepção e avaliação sobre o *ingliding* revelam que as diversas associações feitas pelos ouvintes parecem intimamente relacionadas às disposições do corpo. Muitas características que resultaram em medidas significativas nas análises realizadas podem ser organizadas em oposições que se relacionam com disposições *tensas* e *distensas* do corpo. Para exemplificar essa relação, estão reproduzidas, no quadro a seguir, características que foram associadas aos estímulos com e sem *ingliding* nas questões de caixas de seleção e que podem, em alguma medida, estar atreladas a atitudes que decorrem ou resultam de um corpo *tenso* ou *distenso*.

O Quadro 8 apresenta todas as características que resultaram ao menos em uma diferença significativa no Experimento de Percepção e Avaliação, e que podem ser enquadradas na oposição *tenso-distenso*. As questões de caixas de seleção, por serem opcionais, isto é, selecionadas somente quando os ouvintes consideraram que aquela característica bem descrevia o falante ouvido, são bastante informativas das distinções observadas. Nesta sistematização, considera-se como *tensa* uma disposição corporal mais contida, controlada ou retraída; e *distensa* uma disposição corporal menos contida, controlada ou retraída. No Quadro 8, estão sombreadas somente as características que apresentaram valores superiores para classificar o falar com *ingliding*.

Quadro 8 – Organização de características associadas aos falares do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* na oposição *tenso-distenso*

Tenso	Distenso
<i>Esforçado/a</i>	<i>Descolado/a</i>
<i>Reservado/a</i>	<i>Expansivo/a</i>
<i>Sério/a</i>	<i>Malandro/a</i>
<i>Preocupado/a</i>	

O Quadro 8 evidencia que todas as características das questões de caixas de seleção que podem se organizar na oposição *tenso-distenso* e que revelaram resultados estatisticamente significativos nos testes de Qui-Quadrado apresentam a mesma direção quando se comparam os áudios: características associadas a *distensão* estão relacionadas à presença de *ingliding*; características associadas a *tensão* estão relacionadas à ausência de *ingliding*. Além disso, o CP Formalidade, que também tem a ver com essa oposição, revela que os falares com *ingliding* possuem valores menores para o CP do que os falares sem *ingliding*.

A oposição *tenso-distenso* também está na base de oposições expressivas captadas nos estudos de produção linguística, em que o *ingliding* foi entendido como estratégia para construção de *personae descoladas, transgressoras, loucas*, em oposição a *personae contidas, formais, caretas*. Para Oliveira (2018, 2021), em um olhar qualitativo dos registros em vídeo do *Filme Sobre um Bom Fim* (MIGOTTO, 2015), quem mais produz o *ingliding* porta-se de maneira relaxada nas gravações e faz movimentos corporais amplos, algo que não se observa em todos os participantes do filme-documentário.

Em suma, o Quadro 8 apresenta características associadas a modos de usar o corpo que apresentam, nos resultados de percepção e avaliação, oposições semelhantes àquelas observadas nos estudos de produção do *ingliding*. A oposição

tenso-distenso, conforme já mencionado neste estudo, tem tudo a ver com a realização física do *ingliding* (BATTISTI, 2013; BATTISTI e OLIVEIRA, 2014), afinal, o surgimento do *glide* central que constitui o *ingliding* resulta, justamente, da perda de tensão articulatória ao final da emissão da vogal, em que a língua se afasta das posições mais extremas do espaço vocálico e ocupa uma posição menos tensa e mais centralizada. Portanto, a hipótese aventada, de que há margem para considerar que existem relações icônicas entre o *ingliding* e alguns dos significados sociais a ele associados, isto é, atribuições de significados motivadas por uma relação de semelhança socialmente construída, parece se confirmar quando se observam que diversas associações feitas pelos ouvintes aos falares com o ditongo centralizado têm a ver com as disposições do corpo.

A associação entre *ingliding* e usos distensos do corpo é, até o presente momento, uma interpretação dos resultados obtidos em diferentes estudos. Em termos de percepção e avaliação linguística, não há menção direta, no estudo realizado, a um corpo distenso como atrelado ao *ingliding*. Tal associação é, portanto, uma proposição aqui realizada, em busca de alguma espécie de coesão entre os significados sociais do *ingliding*. No capítulo a seguir, busca-se compreender se essa associação encontra respaldo em termos perceptuais.

4 INGLIDING E CORPORIFICAÇÃO: EXPERIMENTO DO ILUSTRADOR

A relação entre disposições corporais *distensas* e o uso do *ingliding* encontra respaldo quando se relacionam características articulatórias da variável, os estilos construídos com *ingliding* nos estudos de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021) e algumas das características atribuídas ao processo pelos ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação (Capítulo 3). Contudo, embora os resultados do Experimento de Percepção e Avaliação permitam que se faça uma relação entre características atribuídas ao falar com *ingliding* e uma disposição corporal relaxada, ou distensa, restam algumas perguntas que tal experimento, por conta de seu desenho, não capta.

Afinal, em que medida a relação entre *ingliding* e disposições corporais relaxadas, proposta pelo pesquisador, é percebida pelos ouvintes? Em termos perceptuais, relaciona-se o ditongo centralizado a certos jeitos de portar o corpo? Se não estivessem diante de descrições de características, mas sim diante de posturas corporais, os ouvintes associariam o *ingliding* a formas distensas de usar o corpo? Foi buscando responder a essas perguntas que o Experimento do Ilustrador foi construído.

O presente capítulo está dividido em três seções. A primeira é destinada à metodologia adotada para elaboração do experimento, onde busca-se detalhar as decisões que embasam cada procedimento; a segunda seção apresenta os resultados obtidos com o experimento; e a terceira analisa os resultados para discutir a significação social do *ingliding* mediada pelo corpo.

4.1 Metodologia

O experimento descrito neste capítulo, chamado de Experimento do Ilustrador, tem como base a MGT (LAMBERT *et al.*, 1960) e busca captar reações subjetivas à linguagem, contrastando realizações vocálicas com *versus* sem *ingliding*. Diferentemente das versões clássicas, e também daquela apresentada no Capítulo 3 do

presente trabalho, tal experimento solicita que os ouvintes associem estímulos acústicos ouvidos a ilustrações de posturas corporais.

Para que o empreendimento de captar associações entre o uso de *ingliding* e posturas corporais fosse possível, foi necessário considerar uma série de especificidades no desenho do experimento, buscando minimizar a influência de fatores outros que, além das disposições corporais, condicionassem as respostas. O desenho do experimento, bem como a fundamentação para as decisões tomadas em sua elaboração, está explicado nas subseções a seguir.

4.1.1 Grupos de ouvintes

Os ouvintes do Experimento do Ilustrador foram divididos em três grupos, a partir de princípios e motivações idênticos aos adotados para o Experimento de Percepção e Avaliação que compõe o Capítulo 3. Os grupos são, portanto:

- (a) Porto-alegrenses;
- (b) Gaúchos não porto-alegrenses;
- (c) Brasileiros não gaúchos.

O intuito dessa separação é investigar se a percepção do *ingliding* em relação a posturas corporais é a mesma nas diferentes regionalidades consideradas. Parte-se da hipótese de que a significação social do *ingliding* tenha relação com usos do corpo, estando, portanto, possivelmente associada a convenções amplamente difundidas, entre diferentes culturas, que atribuem diferentes características a corpos retraídos e descontraídos. Espera-se que, considerando o *ingliding* como uma realização vocálica de mandíbula aberta, com uma configuração articulatória associada a abertura e relaxamento de tensão articulatória, que seu uso seja associado a posturas corporais distensas, independentemente da localidade dos ouvintes. Se há alguma coerência nos significados sociais do *ingliding* a partir de relações com o corpo, e se a iconicidade e o simbolismo sonoro possuem algum papel nesse processo, é provável que os resultados sejam os mesmos independentemente das regionalidades abarcadas.

4.1.2 Criação e organização dos estímulos acústicos

O questionário elaborado para o Experimento do Ilustrador foi aplicado de maneira *online* por meio da plataforma *Google Forms*, contando com participação voluntária e anônima. Assim como o Experimento de Percepção e Avaliação e a proposta original de Lambert *et al.* (1960), este experimento foi realizado a partir de leituras de um mesmo trecho de texto, o que garante maior controle das realizações fonéticas em jogo e evita possíveis influências do conteúdo do texto nas percepções captadas, uma vez que o conteúdo permanece constante. Para o Experimento do Ilustrador, também buscou-se abordar a própria natureza do teste, evitando assuntos outros que pudessem influenciar nas respostas dos ouvintes. Dessa forma, todos os áudios possuem o seguinte conteúdo: “A tarefa é: selecionar qual ilustração combina mais com a minha voz. É preciso fazer um esforço para imaginar quem gravou cada trecho”. Além de reduzir a possibilidade de influência em razão de um conteúdo marcante que direcionasse a atribuição de características sociais, o trecho de texto relembra, aos ouvintes, a tarefa a ser realizada no experimento, reiterando que eles devem imaginar a pessoa que gravou cada áudio, o que é uma indicação importante para que os ouvintes tentem visualizar as pessoas que falam nos áudios interagindo em suas vidas cotidianas.

O trecho de texto lido pelos falantes que gravaram áudios foi elaborado de maneira a possibilitar a variação de aplicação *versus* não aplicação de *ingliding* em vogais médias em posição de proeminência no sintagma entoacional. A organização do trecho em sintagmas entoacionais está disposta a seguir, onde se assinalam as vogais produzidas com *ingliding* em uma das emissões de cada falante porto-alegrense. A oposição entre presença e ausência de *ingliding* instancia-se nas palavras *tarefa* (tar[ɛ]fa~tar[ɛ^v]fa), *voz* (v[ɔ]z~v[ɔ^v]z), *esforço* (esf[o]rço~esf[o^v]rço) e *trecho* (tr[e]cho~tr[e^v]cho). Assim como no Experimento de Percepção e Avaliação, solicitou-

se aos falantes do Experimento do Ilustrador que realizassem o apagamento do /r/ nos infinitivos verbais, buscando maior naturalidade nas gravações.

[A tarefa [ε^v]] I
[selecionar qual ilustração] I
[combina mais com a minha v[ɔ^v]z] I
[É preciso fazer um esf[o^v]rço] I
[pra imaginar quem gravou cada tr[e^v]cho] I

Optou-se por criar um texto que contemplasse vogais médias-baixas e médias-altas anteriores e posteriores, e não vogais altas, as quais possuem proporções de aplicação de *ingliding* muito baixas (OLIVEIRA, 2018). Foram contatados um homem e uma mulher que não são porto-alegrenses para realizar gravações que seriam incluídas na função de distrator: o da mulher, para familiarização com o teste; o do homem, para distrair os ouvintes do propósito do teste, incluindo a aplicação de uma variante fonética socialmente saliente e diferente do ditongo centralizado. Além disso, quatro falantes (dois homens e duas mulheres) realizaram as gravações dos estímulos efetivamente analisados no teste, os quais fizeram versões com e sem *ingliding*, todos com idades entre 20 e 35 anos.

Os falantes foram instruídos a fazer gravações em seus dispositivos celulares, buscando evitar fontes de ruído que pudessem interferir na qualidade da gravação. O pesquisador enviou-lhes vídeos de explicação a respeito do experimento, suas hipóteses gerais, sua organização e seus propósitos, instruindo-os a respeito das emissões com e sem *ingliding*, do ritmo de gravação e dos locais em que deveriam inserir pequenas pausas para marcar o fim dos sintagmas entoacionais. Foram solicitadas múltiplas gravações, para que fosse possível selecionar aquelas mais adequadas aos propósitos do estudo. Após o recebimento dos arquivos, novas gravações foram solicitadas quando necessário, e os participantes, devidamente informados a respeito da pesquisa via TCLE (ver Anexos), reenviaram seus áudios.

Os arquivos foram tratados pelo pesquisador com o programa Audacity (AUDACITY TEAM, 2017) a partir das funções *copiar* e *colar*. Utilizou-se uma das

gravações como base, e as vogais foram modificadas na gravação a partir de recortes dos áudios de um mesmo falante. Para que os cortes fossem imperceptíveis, eles foram realizados em contextos de pausa ou de consoante oclusiva. Além disso, o tratamento dos áudios visou garantir redução de ruído e, também, que a duração das pausas e do áudio como um todo fossem semelhantes, bem como seu volume. Os áudios foram transformados em vídeos, de formato .mp4 e 10 segundos de duração.

Realizou-se aplicação da versão *intra-sujeito* da MGT, em que um mesmo ouvinte escuta um mesmo falante duas vezes, ora com *ingliding*, ora sem, em um ordenamento que busca fazer com que os ouvintes não percebam repetições nas vozes, avaliando-as como se fossem de pessoas distintas. Diferentemente do que se realizou no Experimento de Percepção e Avaliação, o Experimento do Ilustrador tinha apenas uma questão: a seleção de uma ou outra ilustração para cada áudio ouvido. Por esse motivo, o aumento do número de áudios ouvidos por cada ouvinte não faz com que o teste fique muito extenso, o que teria impactos sobre o número de respondentes que o finalizariam. A organização da apresentação dos áudios está disposta na Tabela 18.

Tabela 18 – Distribuição dos estímulos para o Experimento do Ilustrador

	Estímulos acústicos
<i>Distrator 1 (mulher)</i>	distrator
Lucas (homem)	Com <i>ingliding</i>
Marcela (mulher)	Sem <i>ingliding</i>
Francisco (homem)	Com <i>ingliding</i>
Juliana (mulher)	Sem <i>ingliding</i>
<i>Distrator 2 (homem)</i>	distrator
Marcela (mulher)	Com <i>ingliding</i>
Lucas (homem)	Sem <i>ingliding</i>
Juliana (mulher)	Com <i>ingliding</i>
Francisco (homem)	Sem <i>ingliding</i>

Observam-se, na Tabela 18, as decisões metodológicas presentes no desenho do experimento. O primeiro áudio apresentado aos ouvintes é de uma falante de Arroio do Meio (RS), utilizado como distrator na função de familiarizar os ouvintes com o teste. As respostas atribuídas a esse primeiro áudio não são consideradas na análise, ele cumpre apenas a função de preparar os ouvintes para o experimento, de maneira que, ao escutar os áudios que serão efetivamente analisados, os ouvintes já conheçam seu funcionamento. Há, também, outro áudio considerado distrator, dessa vez de um homem, natural de Campinas (SP). Ele é o sexto áudio apresentado e conta com uma realização da variante retroflexa do /r/ em coda na palavra “esforço”, para despistar os ouvintes quanto aos propósitos do teste, que recai sobre a variação entre monotongo e ditongo centralizado. O segundo distrator é apresentado após os quatro falantes porto-alegrenses terem sido ouvidos uma vez, antes de suas vozes começarem a se repetir.

Buscou-se, com a organização dos estímulos, garantir que, entre a repetição das vozes de cada falante, pelo menos outros três áudios fossem ouvidos: entre as repetições das vozes de Marcela e Juliana, há três áudios distintos; entre as repetições das vozes de Lucas e Francisco, há cinco áudios distintos. Além disso, buscou-se garantir que homens e mulheres fossem ouvidos alternadamente, bem como estímulos com *ingliding* e sem *ingliding*. Para garantir a anonimidade dos participantes que gravaram áudios para o experimento, não se utilizam seus nomes verdadeiros para reportar resultados. Além disso, seus áudios foram disponibilizados somente aos ouvintes que realizaram o experimento e não serão divulgados de outra maneira.

4.1.3 Experimento do Ilustrador

Experimento do Ilustrador foi o nome atribuído ao teste de percepção desenvolvido para o presente estudo. O intuito do teste foi o de possibilitar que os ouvintes atribuíssem posturas corporais a falares com e sem *ingliding*, tornando possível investigar a influência dos usos do corpo na significação social do ditongo

centralizado. De um lado, o uso de imagens nos testes de percepção e avaliação possibilitam captar dimensões que a informação exclusivamente verbal não contempla. De outro, instaura desafios quanto à sua aplicabilidade. Como, afinal, é possível incluir posições do corpo em um teste de percepção de maneira a garantir que, diante da imagem, a postura esteja em foco?

Uma possibilidade seria trabalhar com fotografias. Para tanto, seria preciso contratar atores ou modelos, ou coletar fotos de bancos de imagens, que pudessem opor diferentes posturas corporais realizadas por uma mesma pessoa. Nesse caso, seria preciso garantir que, em suas diferentes posturas, as pessoas fotografadas mantivessem constantes alguns traços e modificassem outros. O cenário e as roupas utilizadas precisariam ser os mesmos, por exemplo. Além disso, teria de ser tomada uma decisão importante sobre a expressão facial das pessoas fotografadas: se a ideia fosse opor uma postura corporal tensa a uma distensa, com o corpo todo (cabeça, braços, quadril, pernas etc.), a expressão facial teria de ser a mesma, ou muito semelhante, nas diferentes posturas realizadas por um mesmo modelo. Do contrário, uma expressão mais triste, mais feliz, mais séria, dentre outras possibilidades, influenciaria as respostas obtidas.

Com tantas variáveis a serem controladas, um experimento que contemple a visualidade do corpo humano acaba se tornando de difícil realização. Considerando a problemática da aplicabilidade de um instrumento como esse e, em contrapartida, a necessidade de incluir corpos humanos nos questionários para testar a relação entre *ingliding* e corporeidade, chegou-se à proposta escolhida para a criação do experimento: o uso de ilustrações.

4.1.3.1 As ilustrações

As ilustrações que compõem o Experimento do Ilustrador foram idealizadas pelo pesquisador e realizadas por um ilustrador contratado, Rafa Conter, autor de uma série de tirinhas publicadas no *Instagram* e intitulada “Turma B” (@hqturmab). Após a

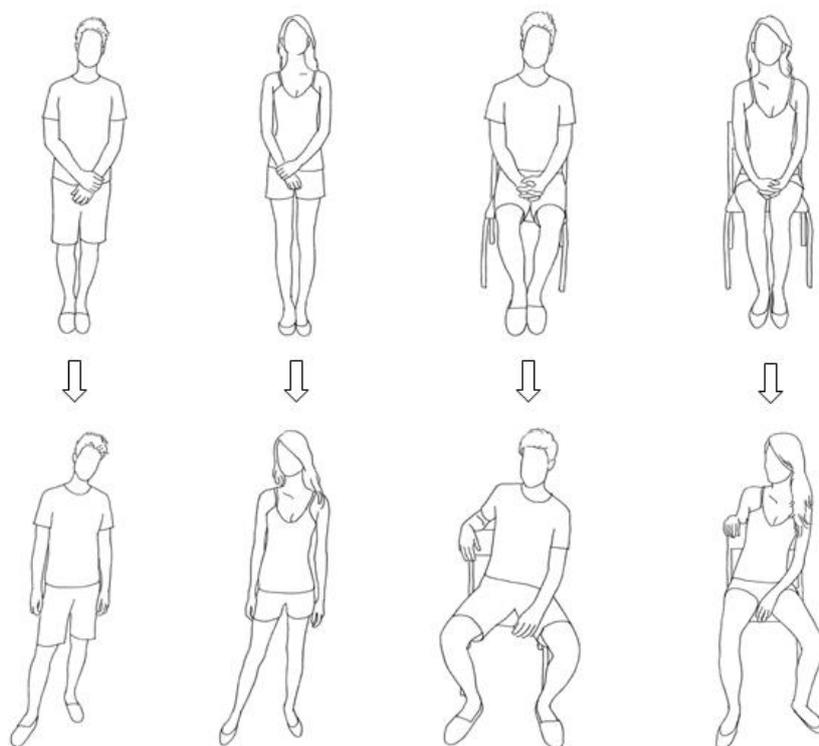
decisão de trabalhar com ilustrações, o pesquisador fez uma reunião com Rafa Conter para apresentar a proposta de trabalho. A ideia era a produção de pares de desenhos com uma mesma silhueta humana, vestindo a mesma roupa, mas em duas posições diferentes: uma mais tensa/retraída, com membros próximos ao eixo central do corpo, outra mais distensa/relaxada, com membros mais afastados do eixo central do corpo. Foi dada ênfase no entendimento da diferença entre tensão e distensão, considerando que o que se buscava eram ilustrações de pessoas que opusessem disposições corporais, e não que demonstrassem emoções específicas ou salientes. Era preciso, portanto, que os corpos fossem desenhados em um estado emocional mais neutro. Assim, uma postura com ombros retraídos e punhos fechados, denotando medo ou estado de alerta, não seria desejável, porque levaria os ouvintes a associar a ilustração a uma emoção, e não a uma característica mais duradoura da *hexis* corporal, conforme se desejava.

Após uma primeira reunião com o ilustrador, foram decididas as posturas que seriam desenhadas, e algumas referências foram encaminhadas ao profissional. Decidiu-se que seriam desenhados dois tipos de silhuetas: um para as tarefas com vozes gravadas por homens, outro para as tarefas com vozes gravadas por mulheres. As roupas seriam básicas, e os desenhos seriam feitos a partir de fotografias reais de duas pessoas que posariam nas posturas indicadas, o que garantiria que o traço representasse movimentos humanos de maneira realista. Além disso, optou-se por trabalhar tanto com desenhos dos corpos em pé quanto dos corpos sentados, a partir da ideia de que as pessoas estariam representadas em uma posição em que estivessem paradas. Chegou-se, então, aos pares de posturas que estão dispostos na Figura 21.

Observa-se, na Figura 21, que há quatro pares de figuras. Dois deles são desenhos de um homem, dois são desenhos de uma mulher. As posturas são as mesmas, opondo-se uma versão tensa (acima) a uma versão distensa (abaixo). Nos desenhos em que a figura está em pé, a versão tensa conta com pernas aproximadas, mãos aproximadas, quadril reto e cabeça acompanhando o restante do corpo. Já a versão distensa conta com pernas ligeiramente afastadas, quadril solto, mãos soltas ao

longo do corpo e cabeça levemente inclinada para o lado. Nas figuras sentadas, a versão tensa possui pernas aproximadas, mãos aproximadas e dedos entrelaçados, tronco e cabeça retos em relação ao corpo. Já a versão distensa possui pernas afastadas, mãos afastadas (uma sobre o encosto da cadeira, outra apoiada na perna), tronco e cabeça inclinados em relação ao corpo.

Figura 21 – Ilustrações utilizadas no Experimento do Ilustrador para opor disposições corporais tensas (acima) e distensas (abaixo)

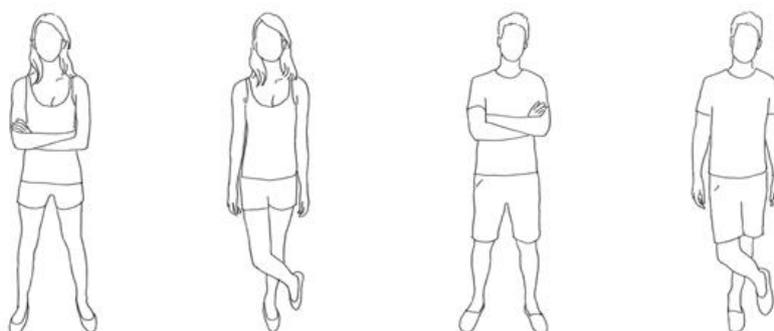


Fonte: O autor, desenhos de Rafa Conter.

As ilustrações apresentadas na Figura 21 foram aquelas utilizadas para acompanhar os áudios gravados por porto-alegrenses, que resultaram em respostas que foram efetivamente analisadas. As figuras não possuem expressões faciais, o que objetiva garantir que elas não se tornassem a principal referência dos ouvintes para realização do experimento, que poderiam buscar indicações de emoções nas expressões faciais.

Além das figuras que acompanharam os áudios dos porto-alegrenses, foram realizados outros dois pares para acompanhar os áudios que fizeram a função de distrator no experimento, um gravado por uma mulher, outro gravado por um homem. Essas imagens estão dispostas na Figura 22.

Figura 22 – Ilustrações utilizadas como distrator no Experimento do Ilustrador



Fonte: O autor, desenhos de Rafa Conter.

No caso dos desenhos elaborados para os áudios que cumpriram a função de distrator, buscou-se mesclar maneiras de portar mãos e braços, sem preocupação com a oposição de tensão e distensão corporal. Assim, em uma das imagens, os braços estão cruzados e as pernas afastadas; em outra, os braços estão soltos e as pernas estão cruzadas.

4.1.3.2 Organização do questionário

Para a divulgação dos questionários elaborados, utilizou-se a mesma estratégia adotada para o Experimento de Percepção e Avaliação. Os formulários foram divulgados pelo próprio pesquisador à sua rede de contatos, solicitando que estes os compartilhassem com terceiros. Além disso, o experimento foi divulgado em redes sociais, como *Instagram* e *Facebook* (no qual foram feitas postagens em grupos de bolsistas CAPES/CNPq de todo o Brasil).

Para encontrar o questionário adequado, cada participante fazia uma navegação prévia em um *site* criado para este fim. Através de *hiperlinks*, selecionava o estado em que passou a maior parte da vida e, caso o estado fosse o Rio Grande do Sul, escolhia a opção entre declarar-se porto-alegrense ou não. Assim, realizou-se a separação dos informantes nos grupos considerados. Cada um deles contou com questionário distinto, ainda que seu conteúdo fosse idêntico, o que facilitou a organização posterior dos dados.

Ao encontrar o formulário, cada ouvinte deveria assinalar sua concordância em participar da pesquisa. Para tanto, respondia uma questão obrigatória que o informava que sua participação era voluntária e anônima, e que, para prosseguir, era necessário ter 18 anos ou mais e ser brasileiro. Essas informações também estavam detalhadas no TCLE (ver Anexos), disponibilizado para leitura e *download* por parte dos ouvintes. Aqueles que aceitavam os termos, deveriam marcar seu aceite para seguir para o questionário. Caso o participante marcasse a opção “Não”, seria direcionado para uma tela de agradecimento, sem realizar o questionário.

Depois de terem aceitado participar da pesquisa, os ouvintes encontravam as instruções iniciais. Tais instruções explicavam a nomenclatura do teste, detalhando a tarefa a ser realizada, conforme mostra o Quadro 9.

É importante ressaltar, da instrução inicial, a premissa do teste, tornada explícita aos ouvintes: o papel de quem responde aos questionários pode ser entendido como uma espécie de auxílio a um ilustrador que busca escolher qual é a melhor opção de desenho para cada voz. Ao propor essa situação, os ouvintes são convidados a considerar que um ilustrador buscou representar, de maneira realista, as pessoas que gravaram os áudios. A instrução explica que os ouvintes devem imaginar as pessoas ouvidas e, então, tomar uma decisão dentre as duas opções disponíveis (escolha forçada).

A estrutura da tarefa convida, o tempo todo, os ouvintes a buscarem representações, tomando as ilustrações como base para a identificação de posturas corporais. Não se trata, nesse caso, de “acertar” o desenho, mas de decidir qual deles

combina mais com quem gravou cada áudio. A simplicidade dos desenhos, constituídos de silhuetas em preto e branco e sem expressões faciais, possibilita que cada ouvinte possa imaginar diferentes características a partir das vozes ouvidas, e utilizar as ilustrações como referência de estilos corporais.

Quadro 9 – Texto de apresentação do Experimento do Ilustrador

Experimento do Ilustrador

Agradeço sua disponibilidade para realizar este experimento.

Para começar, entenda como funciona o procedimento:

Você vai ouvir dez pequenos trechos de áudio gravados por diferentes pessoas.

O conteúdo do texto é sempre o mesmo. As pessoas dirão:

“A tarefa é: selecionar qual ilustração combina mais com a minha voz. É preciso fazer um esforço pra imaginar quem gravou cada trecho”.

Considere que um ilustrador fez dois desenhos para representar quem gravou cada áudio. Você precisa, então, escolher qual destes desenhos melhor representa quem está falando, ou seja, combina mais com a pessoa que você está ouvindo no áudio.

Enquanto você ouve o que é dito, tente imaginar a pessoa que está falando, e então selecione a opção de ilustração que você considera mais adequada para a pessoa ouvida.

Para realizar o questionário, ajuste o volume do seu dispositivo para poder ouvir os áudios de forma confortável. Para reduzir o ruído externo, você pode, se preferir, utilizar fones de ouvido.

Após a instrução inicial, os ouvintes foram apresentados aos áudios. A apresentação seguiu a estrutura apresentada no Quadro 10. Na apresentação de cada áudio, a instrução principal foi repetida. Os áudios estavam incorporados em vídeos do *YouTube*, todos de mesma duração e compostos de uma imagem em tela preta com o número do áudio, do 1 ao 10. A informação de que o áudio poderia ser ouvido quantas vezes o ouvinte quisesse foi fornecida nesse momento.

Após a apresentação de cada áudio, os ouvintes se deparavam com a pergunta do teste: *Qual ilustração você acredita que combina mais com a pessoa que gravou o áudio X?* Então, as ilustrações eram identificadas como Ilustração 1 e Ilustração 2, para que os ouvintes tomassem sua decisão. As questões eram de preenchimento obrigatório, isto é, para continuar o teste era preciso responder à questão.

Quadro 10 – Apresentação de cada áudio do Experimento do Ilustrador

Experimento do Ilustrador – Áudio 1

Primeiro, ouça o Áudio 1.

Depois, selecione a ilustração que você acredita que combina mais com a pessoa que gravou o áudio. Sempre que precisar, você poderá ouvir o áudio novamente.

A ordem de aparecimento das ilustrações foi equilibrada considerando-se quem gravou o áudio. Dessa forma, se, na primeira vez que Lucas foi ouvido, a postura tensa estava na Ilustração 1 e a distensa estava na Ilustração 2, o contrário ocorreria na segunda vez em que Lucas fosse ouvido. A organização da disposição das ilustrações por áudio está apresentada no Quadro 11.

Quadro 11 – Organização das questões do Experimento do Ilustrador

Qual ilustração você acredita que combina mais com a pessoa que gravou o áudio X?	
Áudio 1: <i>Distrator</i> mulher	
Ilustração 1 	Ilustração 2 

Áudio 2: Lucas (com *ingliding*)

Ilustração 1



Ilustração 2



Áudio 3: Marcela (sem *ingliding*)

Ilustração 1

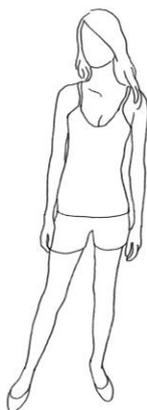


Ilustração 2



Áudio 4: Francisco (com *ingliding*)

Ilustração 1



Ilustração 2



Áudio 5: Juliana (sem *ingliding*)

Ilustração 1



Ilustração 2



Áudio 6: *Distrator* homem

Ilustração 1

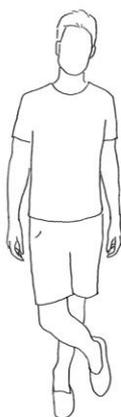


Ilustração 2



Áudio 7: Marcela (com *ingliding*)

Ilustração 1



Ilustração 2



Áudio 8: Lucas (sem *ingliding*)

Ilustração 1

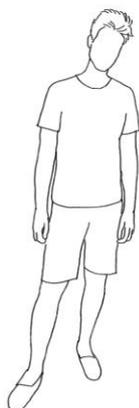


Ilustração 2



Áudio 9: Juliana (com *ingliding*)

Ilustração 1



Ilustração 2



Áudio 10: Francisco (sem *ingliding*)

Ilustração 1



Ilustração 2



Conforme se observou na organização do questionário, as respostas obtidas são de natureza binária, em que os ouvintes selecionam uma ou outra das ilustrações, posteriormente codificadas na oposição *tenso-distenso*. Para testar se há diferença na atribuição de uma ilustração com um modo *tenso* ou *distenso* de portar o corpo a depender de o falante produzir ou não *ingliding*, foram realizados testes de McNemar, teste semelhante ao Qui-Quadrado mas que, diferente dele, é utilizado quando as amostras são pareadas ou dependentes. Como os falantes foram ouvidos em suas duas versões, com e sem *ingliding*, o teste estatístico deve considerar a natureza pareada das amostras.

Após selecionar a ilustração que considerava mais adequada a cada áudio, os ouvintes também podiam fazer um comentário sobre sua decisão em uma caixa de texto de preenchimento opcional que seguia cada questão obrigatória. O campo, intitulado *Comentário*, era marcado como opcional e composto da instrução: *Se quiser, comente sua resposta*. Buscou-se, com isso, possibilitar que os ouvintes que desejassem justificassem sua resposta ou fizessem qualquer comentário anônimo sobre os desenhos, os áudios ou qualquer impressão que tivessem do teste. Havia uma nova caixa de texto opcional ao final do experimento para que os ouvintes pudessem comentar o que quisessem sobre o teste como um todo.

Ao final, depois de responderem a respeito do décimo áudio, os ouvintes eram direcionados para uma página em que deveriam responder questões sobre seu perfil. As questões solicitadas, as mesmas que compuseram o Experimento de Percepção e Avaliação, estão apresentadas no Quadro 12. Apenas uma pergunta presente no Quadro 12, a respeito do bairro de Porto Alegre onde os ouvintes moram atualmente, foi apresentada somente aos ouvintes porto-alegrenses; as demais foram apresentadas a todos. O intuito da identificação do perfil dos ouvintes é poder, posteriormente, investigar a possível influência de seu perfil social nas respostas assinaladas.

Quadro 12 – Informações pessoais dos ouvintes do Experimento do Ilustrador

Idade:
Gênero (por exemplo: Homem; Mulher):
Profissão:
Bairro de Porto Alegre em que mora atualmente:
Estado em que passou a maior parte da vida:
Cidade em que passou a maior parte da vida:
(Opcional) Cidades em que já residiu (se possível, indicar cidade e estado):
Escolaridade (assinalar se completo ou em curso):
<input type="checkbox"/> nenhuma
<input type="checkbox"/> 5º ano do Ensino Fundamental (Primário)
<input type="checkbox"/> 9º ano do Ensino Fundamental (Colegial)
<input type="checkbox"/> Ensino Médio (Ginásio)
<input type="checkbox"/> Ensino Superior (Graduação)
<input type="checkbox"/> Especialização/Mestrado/Doutorado (Pós-Graduação)
Classe social (assinalar a classe da qual você considera fazer parte):
<input type="checkbox"/> Classe alta
<input type="checkbox"/> Classe média alta
<input type="checkbox"/> Classe média
<input type="checkbox"/> Classe média baixa
<input type="checkbox"/> Classe baixa

Os traços de perfil (a idade do ouvinte, seu gênero, sua escolaridade e sua classe social declarada) coletados são tomados como variáveis previsoras, controladas em análises multivariadas. As demais questões são inseridas para que o pesquisador possa ter controle, após a aplicação do questionário, de sua abrangência.

4.2 Resultados

Estão apresentados, nesta seção, os resultados obtidos com o Experimento do Ilustrador. A distribuição geral dos dados consta da primeira subseção a seguir. Em seguida, apresentam-se as análises dos resultados a partir do exame de proporções e do teste de McNemar para a atribuição de posturas tensas e distensas aos áudios presentes no experimento, e as análises obtidas a partir das regressões logísticas,

buscando captar variáveis correlacionadas aos resultados. Na seção seguinte, os resultados são analisados com base nas hipóteses levantadas e no referencial teórico que serve de base para a discussão.

4.2.1 Distribuição dos dados

O Experimento do Ilustrador foi respondido por 283 ouvintes. A distribuição da amostra nos três grupos de ouvintes e em relação às informações coletadas sobre sua idade, gênero, escolaridade e classe social declarada estão apresentadas a seguir.

(i) Brasileiros (não gaúchos): 101 ouvintes⁴²

Idade: 18 a 74 anos

Gênero: Homem: 26; Mulher: 75

Escolaridade: Ensino Médio: 3; Ensino Superior: 42; Pós-Graduação: 56

Classe Social: Alta: 3; Média Alta: 26; Média: 43; Média Baixa: 25; Baixa: 4

(ii) Gaúchos (não Porto-Alegrenses): 104 ouvintes

Idade: 19 a 66 anos

Gênero: Homem: 31; Mulher: 76

Escolaridade: Ensino Médio: 11; Ensino Superior: 44; Pós-Graduação: 49

Classe Social: Alta: 1; Média Alta: 9; Média: 49; Média Baixa: 40; Baixa: 5

(iii) Porto-Alegrenses: 78 ouvintes

Idade: 19 a 68 anos

Gênero: Homem: 32; Mulher: 46

Escolaridade: Ensino Médio: 2; Ensino Superior: 39; Pós-Graduação: 37

Classe Social: Alta: 1; Média Alta: 16; Média: 43; Média Baixa: 17; Baixa: 1

Assim como ocorreu com o Experimento de Percepção e Avaliação, o Experimento do Ilustrador foi divulgado tendo como única exigência que os ouvintes fossem brasileiros e maiores de idade. Observou-se semelhante distribuição no perfil dos ouvintes, com maiores respostas advindas de mulheres. Além disso, a maioria dos

⁴² Informantes de todas as regiões brasileiras responderam ao questionário. Distribuição por regiões e estados: Sul – SC (6 ouvintes), PR (5 ouvintes); Sudeste – SP (12 ouvintes), RJ (15 ouvintes), ES (8 ouvintes), MG (11 ouvintes); Centro-Oeste – MS (1 ouvinte), GO (4 ouvintes), DF (18 ouvintes), MT (2 ouvintes); Nordeste – BA (6 ouvintes), SE (1 ouvinte), PE (2 ouvintes), PB (3 ouvintes), RN (3 ouvintes), CE (2 ouvintes); Norte – PA (1 ouvinte), RO (1 ouvinte).

ouvintes possui Ensino Superior ou Pós-Graduação (completa ou em curso), o que provavelmente se explica em virtude das redes atingidas e dos principais grupos contatados, de bolsistas CAPES/CNPq. Também se observa que ouvintes de diferentes faixas etárias responderam o teste, e a maioria considerou fazer parte da classe média ou das classes média baixa e média alta.

4.2.2 Associação entre *ingliding* e disposições corporais

Os primeiros resultados da associação entre o *ingliding* e as disposições corporais das ilustrações que compuseram o experimento estão apresentados na Tabela 19, a qual permite observar as frequências totais e as porcentagens de seleção das ilustrações tensas e distensas para falares com e sem *ingliding*. Apresentam-se os resultados totais, considerando áudios de todos os falantes, e também se separam os dados por gênero do falante ouvido, se homem (Lucas, Francisco) ou se mulher (Juliana, Marcela).

Tabela 19 – Associações entre falares sem *versus* com *ingliding* e disposições corporais tensas e distensas no Experimento do Ilustrador – amostra geral e comparação por gênero do falante

		Geral		Falantes Homens		Falantes Mulheres	
		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>	
		Tenso	Distenso	Tenso	Distenso	Tenso	Distenso
Sem <i>ingliding</i>	Tenso	255 (33,2%)	512 (66,8%)	62 (19,4%)	258 (80,6%)	193 (43,2%)	254 (56,8%)
	Distenso	91 (24,9%)	274 (75,1%)	38 (15,4%)	208 (84,6%)	53 (44,5%)	66 (55,5%)
Total (com <i>ingliding</i>):		346 (30,6%)	786 (69,4%)	100 (17,7%)	466 (82,3%)	246 (43,5%)	320 (56,5%)
		$\chi^2 = 292,54(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 162,03(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 130,29(1), p < 0,001$	

A tabela de resultados permite que se quantifique a resposta (seleção de uma ilustração com postura tensa ou distensa) a depender de o áudio possuir ou não aplicação de *ingliding*. Na primeira linha de resultados, mostram-se os valores referentes aos casos em que os falantes foram associados à postura *tensa* quando não produziram *ingliding*. O que os resultados da primeira linha indicam, então, é o que aconteceu com esses casos (sem *ingliding* = postura *tensa* assinalada) quando os falantes foram ouvidos em suas emissões com *ingliding*. Em relação à amostra completa, assinalada como *Geral* na tabela, 255 (33,2%) vezes os falantes seguiram sendo associados à postura *tensa* em seu falar com *ingliding*, e 512 (66,8%) passaram a ser associados à postura *distensa* em seu falar com *ingliding*. Esse resultado está destacado em negrito na tabela porque é aquele que representa o quanto a atribuição de postura corporal *mudou* de tenso para distenso quando os falantes eram ouvidos em suas versões com *ingliding*. Considerando a pergunta de pesquisa do experimento, esse é o principal valor a se observar: o quanto alguém associado a uma postura *tensa* passa a ser associado a uma postura *distensa* por conta da realização de *ingliding*? Nos resultados do Experimento do Ilustrador, essa mudança de percepção acontece em 66,8% das vezes e é estatisticamente significativa, como indicam os resultados do teste de McNemar que estão na última linha da tabela.

A segunda linha de resultados mostra o caso contrário: das vezes em que os falantes que, em seu falar sem *ingliding*, foram associadas a posturas *distensas*, em 91 (24,9%) passaram a ser associados à postura *tensa* em seu falar com *ingliding*, 274 (75,1%) seguiram sendo associados à postura *distensa* no falar com *ingliding*. Assim, chega-se ao resultado geral, na penúltima linha (destacada) da tabela: quando ouvidos em sua emissão com *ingliding*, os falantes foram associados 346 vezes (30,6%) a posturas *tensas* e 786 vezes (69,4%) a posturas *distensas* nas ilustrações.

Em suma, quando os falantes já são associados a posturas *distensas* em seu falar sem *ingliding*, essa associação se mantém em seu falar com *ingliding* na maioria das vezes. Quando são associados a posturas *tensas* em seu falar sem *ingliding*, a associação muda para *distensa*, em seu falar com *ingliding*, na maioria das vezes. Esse primeiro

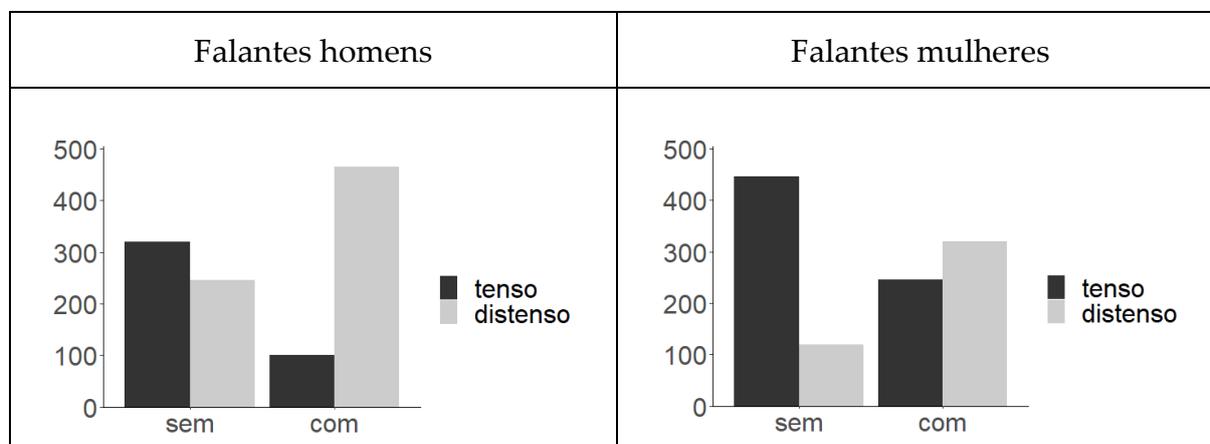
resultado vai ao encontro da hipótese aventada, de que a relação entre *ingliding* e relaxamento corporal está presente não só em sua natureza articulatória, mas na percepção dos ouvintes sobre esse uso linguístico.

Há ainda outro resultado importante que o exame das proporções revela, que é a diferença de distribuição quando separamos os resultados a depender do gênero do falante ouvido no teste. O que as demais colunas da Tabela 19 mostram é que os falantes homens foram muito menos vezes associados a posturas *tensas* do que as mulheres, tendo valores superiores a 80% para as vezes que foram relacionados a posturas *distensas*. Para as falantes mulheres, assim como para os falantes homens, a diferença na atribuição de posturas a depender do áudio ter ou não *ingliding* é significativa, havendo aumento de associação a ilustrações *distensas*, mas tal diferença é menor de um para outro do que no caso dos homens.

O Quadro 13 ilustra a diferença a depender do gênero do falante ouvido. Nele, observa-se que, no caso dos falares sem *ingliding*, há muito mais atribuições de posturas *tensas* do que *distensas* quando se ouve uma falante mulher do que quando se ouve um falante homem. No caso dos falares com *ingliding*, há muito mais atribuições a ilustrações *distensas* quando o falante ouvido é homem do que quando se ouve uma mulher.

Tal resultado também confirma hipóteses levantadas que, nesse caso, compreendem percepções de papéis de gênero na sociedade e sua relação aos usos do corpo. As discussões a respeito dos dados estão concentradas na seção seguinte. Antes de apresentá-las, outros resultados serão enunciados para que, posteriormente, as análises possam abarcar o todo de maneira abrangente.

Quadro 13 – Atribuição de disposições corporais tensas e distensas ao falar sem versus com *ingliding* no Experimento do Ilustrador – comparação a partir do gênero do falante ouvido



De maneira semelhante à Tabela 19, a Tabela 20 apresenta resultados obtidos considerando-se a diferença entre os áudios sem e com *ingliding*, destacando-se a célula que revela os dados mais preciosos à análise: do quanto alguém associado a um modo *tenso* de portar o corpo, em sua emissão sem *ingliding*, passa a ser relacionado a uma postura *distensa* quando produz o ditongo centralizado em seu falar. A comparação que faz a Tabela 20, contudo, diz respeito aos grupos de ouvintes. Separam-se, então, ouvintes brasileiros, gaúchos e porto-alegrenses para que se possa observar se há diferenças na proporção das respostas a depender da localidade de quem respondeu aos questionários.

A Tabela 20 revela que todas as mudanças são estatisticamente significativas a partir do teste de McNemar e que o direcionamento da mudança na resposta a depender de haver ou não *ingliding* é o mesmo. Conforme se suspeitava, as proporções são semelhantes: em todos os grupos, os falantes que foram associados à ilustração *tenso* em seu falar sem *ingliding* passaram a ser associados à ilustração *distensa* quando produziram *ingliding* mais de 60% das vezes; quando eram associados à ilustração *distensa* já em seu falar sem *ingliding*, a associação se mantém no falar com *ingliding*

também na maioria das vezes. O exame de proporções não parece, portanto, revelar influência da localidade do ouvinte nas respostas.

Tabela 20 – Associações entre falares sem *versus* com *ingliding* e disposições corporais tensas e distensas no Experimento do Ilustrador – comparação por grupo de ouvinte

		Brasileiros		Gaúchos		Porto-Alegrenses	
		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>	
		Tenso	Distenso	Tenso	Distenso	Tenso	Distenso
<i>ingliding</i>	Tenso	100 (36,8%)	172 (63,2%)	82 (30,1%)	190 (69,9%)	73 (32,7%)	150 (67,3%)
	Distenso	34 (25,8%)	98 (74,2%)	40 (27,8%)	104 (72,2%)	17 (19,1%)	72 (80,9%)
Total (com <i>ingliding</i>):		134 (33,2%)	270 (66,8%)	122 (29,3%)	294 (70,7%)	90 (28,8%)	222 (71,2%)
		$\chi^2 = 91,112(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 96,526(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 104,34(1), p < 0,001$	

Com o intuito de testar estatisticamente o que o exame inicial de proporções pode levar a crer, foram realizadas análises multivariadas de efeitos mistos, considerando ouvinte como variável aleatória, incluindo tanto variáveis a respeito dos ouvintes quanto a respeito dos falantes. As análises multivariadas consideram todas as variáveis predictoras em interação com *Ingliding*, uma vez que o objetivo é descobrir que variáveis influenciam a atribuição de posturas tensas e distensas (variável resposta) aos áudios e o papel do ditongo centralizado na atribuição de posturas aos falares.

Assim como se fez no Experimento de Percepção e Avaliação, foram realizadas duas análises multivariadas, uma incluindo Grupo de Ouvintes e Gênero do Falante (Tabela 21), outra contemplando variáveis criadas a partir do perfil social dos ouvintes (Tabela 22). As tabelas apresentam primeiro os resultados para as variáveis consideradas sem interação com *Ingliding*, de modo que sua leitura revela a existência ou não de correlação entre cada variável e a atribuição de posturas no teste como um todo, considerando tanto áudios com quanto sem *ingliding*. Em seguida, apresentam-

se as interações, as quais informam se a presença ou ausência de *ingliding* tem impacto na correlação entre variáveis predictoras e a variável resposta. A análise considerou atribuição de postura *distensa* como fator de aplicação da variável resposta.

A Tabela 21 mostra apenas duas variáveis predictoras como correlacionadas à atribuição de posturas tensas e distensas no Experimento do Ilustrador: *Ingliding* e Gênero do Falante. Os valores obtidos revelam que a presença de *ingliding* nos áudios favorece a seleção de posturas distensas. Em relação ao Gênero do Falante, os resultados indicam que os ouvintes tenderam a selecionar menos posturas distensas quando ouviram áudios gravados por mulheres. Tal tendência se mantém tanto nos áudios com quanto nos áudios sem *ingliding*, uma vez que a interação entre Gênero do Falante e *Ingliding* não é estatisticamente significativa. O Grupo de Ouvintes, pré-determinado em função de sua localidade, não influencia significativamente a atribuição de posturas no Experimento do Ilustrador.

Tabela 21 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – Grupo de Ouvintes e Gênero do Falante em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
(Intercept)	-0,246	0,127	-1,944	0,052
Porto-alegrenses	-0,211	0,176	-1,196	0,232
Gaúchos	0,095	0,159	0,595	0,552
Com <i>ingliding</i>	1,682	0,188	8,933	< 0,001 ***
Falante mulher	-1,083	0,136	-7,984	< 0,001 ***
Porto-alegrenses : com <i>ingliding</i>	0,434	0,242	1,791	0,073
Gaúchos : com <i>ingliding</i>	0,103	0,221	0,464	0,642
Falante mulher : com <i>ingliding</i>	-0,218	0,195	-1,119	0,263

Modelo: Postura ~ Grupo * *Ingliding* + Gênero do Falante * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)
 Intercept: Brasileiros; Sem *ingliding*; Falante homem

Em relação às variáveis a respeito do perfil social dos ouvintes, cujos resultados estão expressos na Tabela 22, observa-se, outra vez, que somente duas variáveis despontam como correlacionadas à atribuição de posturas no experimento: *Ingliding* e Gênero do Ouvinte. Ouvintes mulheres selecionaram mais posturas distensas do que

ouvintes homens. Também nessa análise, a presença de *ingliding* aparece como favorecedora da seleção de posturas distensas. A análise revela que não há fatores relacionados a Faixa Etária do Ouvinte⁴³, Escolaridade do Ouvinte e Classe Social do Ouvinte que estejam correlacionados à seleção de posturas no experimento. Além disso, nenhuma interação se mostrou estatisticamente significativa, o que indica que os resultados obtidos para as variáveis não se alteram significativamente a depender do estímulo ouvido.

Tabela 22 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – variáveis a respeito dos ouvintes em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
(Intercept)	-0,312	0,311	-1,006	0,315
Ouvinte mulher	0,292	0,145	2,013	< 0,05 *
Com <i>ingliding</i>	1,056	0,446	2,366	< 0,02 *
2ª faixa etária	-0,125	0,158	-0,790	0,430
3ª faixa etária	-0,030	0,250	-0,121	0,904
Pós-graduação	-0,515	0,280	-1,843	0,065
Superior	-0,537	0,277	-1,940	0,052
Classe baixa	-0,089	0,186	-0,480	0,631
Classe média	-0,176	0,175	-1,007	0,314
Ouvinte mulher : com <i>ingliding</i>	-0,271	0,202	-1,339	0,181
2ª faixa etária : com <i>ingliding</i>	0,099	0,220	0,447	0,655
3ª faixa etária: com <i>ingliding</i>	-0,016	0,354	-0,046	0,963
Pós-graduação : com <i>ingliding</i>	0,518	0,404	1,282	0,200
Superior : com <i>ingliding</i>	0,465	0,400	1,161	0,246
Classe baixa : com <i>ingliding</i>	0,167	0,262	0,640	0,522
Classe média : com <i>ingliding</i>	0,349	0,246	1,419	0,156

Modelo: Postura ~ Gênero do Ouvinte * *Ingliding* + Faixa Etária do Ouvinte * *Ingliding* + Escolaridade do Ouvinte * *Ingliding* + Classe Social do Ouvinte * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Ouvinte homem; Sem *ingliding*; 1ª faixa etária; Ensino médio; Classe alta

Para verificar se os resultados apresentados na Tabela 21 são mesmo reveladores do gênero do falante ouvido, foi feita também uma regressão incluindo

⁴³ Uma análise também foi realizada considerando Idade como variável contínua, a qual também não apontou a variável como estatisticamente significativa (ver Anexos).

Falante como variável previsor, a qual é composta dos quatro falantes que gravaram os áudios do Experimento do Ilustrador. O resultado está expresso na Tabela 23.

Tabela 23 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – Falante em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
(<i>Intercept</i>)	-0,960	0,136	-7,039	< 0,001 ***
Juliana	-1,187	0,234	-5,073	< 0,001 ***
Lucas	1,322	0,183	7,230	< 0,001 ***
Marcela	0,139	0,187	0,746	0,456
Com <i>ingliding</i>	2,726	0,218	12,523	< 0,001 ***
Juliana : com <i>ingliding</i>	-0,351	0,312	-1,126	0,260
Lucas : com <i>ingliding</i>	-1,670	0,290	-5,767	< 0,001 ***
Marcela : com <i>ingliding</i>	-1,588	0,280	-5,683	< 0,001 ***

Modelo: Postura ~ Falante * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Francisco; Sem *ingliding*

Os valores indicam que há diferenças significativas entre o falante Francisco (*intercept*) e os falantes Juliana e Lucas, mas não entre Francisco e a falante Marcela. Tais resultados revelam que há outras características de cada falante que influenciam a atribuição de posturas de forma geral no experimento, para além do seu gênero, uma vez que, de um lado, há diferenças significativas entre falantes de mesmo gênero (Francisco e Lucas), de outro, falantes de gêneros diferentes (Francisco e Marcela) não exibem diferenças significativas.

Há outro resultado importante que a análise mostra: há interações significativas entre Falante e *Ingliding* para Lucas e Marcela, o que significa que a presença de *ingliding* modifica as estimativas de atribuição de posturas aos falares desses falantes. Se a correção de estimativa sugerida pela significância estatística das interações for feita, os valores entre falantes de mesmo gênero passam a ser aproximados. Para visualizar a correlação entre Falante e a atribuição de posturas quando se ouvem áudios com *ingliding*, é relevante realizar uma análise que considere somente os dados obtidos sobre áudios com *ingliding*, tendo em vista que os valores apresentados na

Tabela 23 mostram que os resultados para Falante diferem significativamente a depender do estímulo ouvido.

A Tabela 24 apresenta os resultados do modelo que considera somente os dados obtidos das gravações com *ingliding*. Observa-se que não há diferença significativa entre o falante Francisco (*intercept*) e o outro falante homem, Lucas. No entanto, o falante se diferencia das duas falantes mulheres, Juliana e Marcela.

Tabela 24 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador obtidos de áudios com *ingliding* – Falante

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
(<i>Intercept</i>)	1,888	0,186	10,161	< 0,001 ***
Juliana	-1,642	0,219	-7,510	< 0,001 ***
Lucas	-0,365	0,230	-1,589	0,112
Marcela	-1,545	0,218	-7,083	< 0,001 ***

Modelo: Postura ~ Falante + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Francisco

A comparação entre os resultados dispostos na Tabela 23 e na Tabela 24 parece mostrar que algumas diferenças de atribuição de posturas a depender de cada falante são, em alguma medida, neutralizadas pela presença de *ingliding* nos falares. Se há uma diferença entre a percepção de postura de Francisco e Lucas quando são ouvidos sem *ingliding*, tal diferença não se mantém quando os dois homens são ouvidos com *ingliding*. Além disso, tanto Juliana quanto Marcela, que possuem estimativas semelhantes entre si, recebem significativamente menos atribuições de posturas distensas do que Francisco em seus áudios com *ingliding*. Vale dizer que, de modo geral, quando ouvidos com *ingliding*, os falantes tendem a ser associados a posturas distensas. Ademais, há uma diferença significativa que, considerando os falares com *ingliding*, pode se atribuir ao gênero do falante ouvido, em que falantes mulheres são menos associadas a posturas distensas do que homens⁴⁴.

⁴⁴ Para fins de comparação, tabelas de dados que apresentam frequências e porcentagens de atribuição de posturas tensas e distensas por falante estão dispostas nos Anexos.

Outro aspecto que merece ser testado por meio de análises multivariadas é a influência da posição da ilustração sobre os resultados. Afinal, a posição da figura desenhada, se sentada ou em pé, interfere na atribuição de posturas? Tal testagem tem o intuito de, também, investigar a própria adequação do Experimento do Ilustrador e, a depender dos resultados, projetar possíveis adaptações para trabalhos futuros. Para tanto, a variável Posição da Ilustração, em interação com *Ingliding*, foi incluída em um modelo de regressão. Os resultados são apresentados na Tabela 25.

Tabela 25 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – Posição da Ilustração em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,209	0,086	-2,415	< 0,05 *
Sentado	-1,221	0,137	-8,906	< 0,001 ***
Com <i>ingliding</i>	1,008	0,126	8,023	< 0,001 ***
Sentado : com <i>ingliding</i>	1,288	0,189	6,819	< 0,001 ***

Modelo: Postura ~ Posição da Ilustração * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Em pé; Sem *ingliding*

A Tabela 25 aponta as duas variáveis consideradas no modelo como correlacionadas à atribuição de posturas. O resultado para *Ingliding* já é esperado a partir das outras análises realizadas. A novidade do modelo diz respeito à variável Posição da Ilustração. Observa-se que a posição *sentado* desfavorece significativamente a seleção de posturas distensas em comparação à posição *em pé*. Ao analisarmos a interação estatisticamente significativa entre Posição da Ilustração e *Ingliding*, contudo, observamos que a estimativa é diferente a depender da presença ou ausência do ditongo centralizado nas gravações. Para facilitar a comparação, foi realizada uma análise incluindo Posição da Ilustração como única variável previsora em um modelo que contempla somente as respostas para os áudios com *ingliding*, a qual é apresentada na Tabela 26.

Tabela 26 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador obtidos de áudios com *ingliding* – Posição da Ilustração

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
(Intercept)	0,836	0,101	8,276	< 0,001 ***
Sentado	0,070	0,132	0,531	0,596

Modelo: Postura ~ Posição da Ilustração + Ouvinte (variável aleatória)

Os resultados presentes na Tabela 26 indicam que não há diferença significativa entre a posição *em pé* e *sentado* quando se consideram somente as atribuições realizadas sobre os áudios com *ingliding*. Comparando esses resultados com aqueles da Tabela 25, observa-se que a diferença de atribuição de postura tensa ou distensa a depender da posição da ilustração é neutralizada quando se ouvem estímulos acústicos com *ingliding*. De forma geral, há menor preferência a assinalar a postura distensa da figura sentada no experimento como um todo, o que pode ter a ver com o fato de essa postura ser mais marcadamente relaxada do que a postura em pé: as diferenças parecem mais evidentes entre as posturas sentadas, em que as versões distensas são marcadas principalmente pela abertura das pernas e pelo cotovelo apoiado na cadeira. Quando se consideram somente os áudios com *ingliding*, a diferença entre *sentado* e *em pé* deixa de ser significativa, indicando que se reconhece um relaxamento maior nos áudios com *ingliding* independentemente da posição da figura desenhada.

Em relação aos comentários opcionais sobre cada falar ouvido, a grande maioria dos ouvintes optou por não preencher o campo. Quando o fizeram, explicaram brevemente sua percepção, qualificando o que entenderam dos falares e das posturas. Os falantes, em seus falares sem *ingliding*, atribuídos a posturas tensas, receberam classificações como: *mais comedido, menos confortável, mais contraído, mais centrado, concentrado, comprometido com seus projetos, tímido, metódico, de voz calma e séria, monótona*. Já em seus falares com *ingliding*, atribuídos a posturas distensas, os falantes foram relacionados a classificações como *descontraído, à vontade, menos formal ou mais informal, descolado, despojado, relaxado, pessoa que se considera superior aos demais, não*

introvertido, engraçado, divertido, seguro, com malandragem ou gíngua na voz, com sotaque marcado.

Alguns comentários foram mais específicos, e os ouvintes detalharam o que imaginaram ou fizeram referências a construções de *personae* reconhecidas em suas comunidades. Um ouvinte do grupo de brasileiros descreveu uma das falantes, em sua emissão com *ingliding*, como uma *carioca com muita energia e muito habilidosa nas relações interpessoais e acadêmicas*. Em contrapartida, dois comentários explícitos atribuíram *personae* porto-alegrenses aos falares com *ingliding*, os dois a respeito de falantes homens. Um deles, de um ouvinte porto-alegrense, considerou o falante como *gurizinho do Anchieta*⁴⁵ em seu formulário. Outro, do grupo de gaúchos, enviou comentário ao pesquisador, afirmando ter identificado uma voz do “*magrão do Bom Fim*” que é representativa do rapaz “*atirado na poltrona*”. Houve ainda algumas poucas menções à própria natureza do *ingliding*, quando ouvintes destacaram as *puxadas no final das palavras, a voz alongada ou o falar forçado*.

Analisados em conjunto, os resultados do Experimento do Ilustrador são discutidos na seção a seguir, destinada à reflexão a partir da fundamentação teórica e das hipóteses de pesquisa. Buscam-se explicações para os resultados e formulam-se propostas de análise da significação social do *ingliding* considerando os aspectos relativos à corporificação.

4.3 Significados sociais do *ingliding* mediados pelo corpo

O Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* que compõe o Capítulo 3 desta tese contemplou uma série de traços e características que estavam à disposição dos ouvintes para classificar o falar marcado pelo ditongo centralizado. Em comum entre as características atribuídas a esse falar, estavam características que podiam se

⁴⁵ Referência ao Colégio Anchieta, escola particular integrante da Rede Jesuíta de Educação, localizada no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre. A referência provavelmente considera um recorte de *classe social*, tendo em vista o fato de o colégio ser uma instituição privada localizada em bairro com altos índices econômicos.

dizer de um corpo mais relaxado, como *descolado*, *expansivo*, *malandro*. Tais características compõem a construção estilística dos jovens pós-modernos (Silva, 1991, 2007) que frequentaram o Bom Fim nos anos 1980 e que foram associados ao falar com *ingliding* (OLIVEIRA, 2021). Fazendo referência a um *estilo articulatório relaxado*, que dá origem ao *ingliding*, os estudos de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021) levantavam a hipótese de que os estilos de vida e as *personae* associadas ao processo compartilhassem características associadas a um relaxamento da *hexis* corporal. Levando essas descobertas em consideração, o Experimento do Ilustrador foi criado, com o intuito de descobrir se, para além da já investigada presença do *ingliding* em *personae* despojadas, a associação entre o *ingliding* e uma postura corporal *distensa* é percebida por ouvintes de maneira sistemática.

Os resultados do Experimento do Ilustrador revelam que o falar com *ingliding* é, sim, mais percebido como associado a disposições corporais *distensas* do que o falar sem *ingliding*. Revelam, também, que essa percepção independe da localidade do ouvinte: se é porto-alegrense, se é gaúcho sem ser porto-alegrense, ou se é brasileiro sem ser gaúcho. Portanto, sem qualquer referência a definições de características, somente expostos a silhuetas de corpos desenhados, os ouvintes do Experimento do Ilustrador escolheram, na maioria das vezes, as ilustrações com posturas corporais *distensas* para melhor representar o falar com *ingliding*.

O resultado alcançado com o Experimento do Ilustrador é revelador de uma possível coesão nos campos indexicais do *ingliding*. A esse respeito, é interessante considerar a diversidade de características atribuídas ao falar com *ingliding* pelos ouvintes quando utilizaram a opção de comentar sua resposta. O falar pode ser associado a quem é *descolado*, *despojado*, *malandro*, *divertido*, dentre diversas opções, ou ainda mais especificamente ao *magrão do Bom Fim* e ao *gurizinho do Anchieta*. No Experimento de Percepção e Avaliação, que apresentou características como essas aos ouvintes, algumas foram mais assinaladas do que outras, ou seja, a especificidade da classificação pode variar a depender de uma série de fatores. Em comum, como revela o Experimento do Ilustrador, está a associação a uma *hexis* corporal *distensa*, a qual

pode ser classificada de uma série de maneiras, como ocorre com o próprio falar com *ingliding*.

Os comentários associados ao *ingliding*, e também os resultados do Experimento do Ilustrador, reforçam a relação entre o processo e *classe social*, o que já possuía respaldo nos estudos de produção linguística. Quem mais produz *ingliding* ocupa, conforme Oliveira (2018, 2021), posições superiores no espaço social e partilha um gosto de *classe*. O corpo distenso que produz *ingliding* e ao qual o falar é associado está associado à confiança das classes dominantes, de que trata Bourdieu (2015 [1979/1982]), em seus modos de portar o corpo, com movimentos mais largos e com a segurança para tomar o tempo do outro. Em termos de percepção e avaliação, esses aspectos se revelam também em certas associações feitas ao *ingliding* no Experimento de Percepção e Avaliação, como a relação entre o falar e as características *metido* e *esnobe*, tipicamente utilizadas para classificar membros de classes altas que querem marcar-se como tal, além de *rico*, que tem a ver com o capital econômico de agentes de classes mais altas.

Tais aspectos revelam que pode haver um mesmo caminho gerador tanto de significados como *expansivo/a* e *descolado/a*, quanto dos significados *metido*, *esnobe* e *rico/a*, e esse caminho tem a ver com o caráter corporificado do *ingliding*. É nesse sentido que parece haver uma coesão entre os significados sociais do *ingliding*, um cerne, que sofre especificação e reinterpretações, como é esperado que ocorra nos campos indexicais de variáveis linguísticas (ECKERT, 2008). A interação com *classe social* pode, portanto, explicar tanto o uso das avaliações *metido* e *esnobe* para classificar os falantes em suas emissões com *ingliding*, quanto seus menores valores para o CP Sociabilidade, uma vez que os agentes podem ser percebidos como pessoas que *se consideram superiores aos demais*.

Tomados em conjunto, os dois experimentos revelam que há uma relação intuitivamente percebida pelos ouvintes entre o *estilo articulatório*, conforme Guiraud (1965) e Bourdieu (2008 [1982]), e o estilo de vida, de modo que a produção de *ingliding* se torna um indexador de posição social. Essa relação é explicada por Bourdieu (2008

[1982], p. 76), que retoma afirmações de Guiraud (1965) sobre o francês popular, tais como: “Este sotaque de pantufas, molenga e avacalhado”; “o sotaque malandro é aquele do sujeito que cospe as palavras pelos cantos da boca, entre a guimba do cigarro e a comissura dos lábios”; “esta consistência mole, frouxa e, em suas formas mais vulgares, avacalhada e ignóbil”. Para Bourdieu (2008 [1982]), esses exemplos revelam que, perante a percepção popular, a relação com a linguagem constitui revelações sobre as pessoas, que passam a ser entendidas por agentes sociais como *naturais*, mesmo que não o sejam. O *habitus* é, nesse sentido, história tornada natureza, e as propriedades incorporadas da linguagem acabam sendo tomadas como justificativa para naturalizar diferenças sociais.

Bourdieu (2008 [1982]) destaca, portanto, que o esquema corporal característico de uma classe se relaciona ao sistema de traços fonológicos que caracterizam uma pronúncia de classe. A articulação é um elemento do que o autor chama de *estilo global dos usos da boca* (ao falar e ao realizar outras práticas), bem como de toda a *hexis* corporal. Esse estilo articulatorio, ou estilo de vida que se fez no corpo, constitui os traços fonológicos numa totalidade indivisível, o que se relaciona com a proposta de Pratt (2018) de considerar a *configuração articulatória* em sua totalidade, uma vez que tanto a postura quanto a configuração articulatória respondem à tensão do mercado linguístico. Para Bourdieu (2008 [1982]), há, de um lado, uma linguagem domesticada, acompanhada pela domesticação do corpo, que o submete a censuras e disciplinas; de outro, há o relaxamento da tensão articulatória, um efeito de “deixar rolar”, expressão de recusa a “fazer demais”, a se conformar ao código dominante, às censuras suscitadas pelo decoro, aos tabus, à tensão objetiva do mercado e às fórmulas de polidez.

O *ingliding* é avaliado como menos *agradável* em todos os grupos de ouvintes considerados no Experimento de Percepção e Avaliação. Além de esta avaliação poder se associar à percepção de que os falantes que o produzem são *metidos* e *esnobes*, pode haver outra explicação, complementar, para este resultado, que também diz respeito à realização física do ditongo centralizado e à iconicidade. Um trabalho recente de

D'Onofrio e Eckert (2020), que explora afeto e iconicidade na variação fonológica, apresenta, como uma de suas conclusões, que a iconicidade observada em estudos de produção não resulta de superinterpretação, ou seja, de um esforço exagerado para encontrar relações entre os movimentos articulatórios e os significados sociais, mas sim são evidências de processos significativos. Um dos resultados encontrados pelas autoras, em estudo de percepção, mostra que a intensificação de sentido pode ocorrer de maneira icônica através da intensificação de um segmento, o que faz com que plosões mais longas e mais altas, por exemplo, produzam significados afetivos mais fortes. Se esta relação existe, o *ingliding*, que surge em contextos proeminentes e é associado a alongamento, também pode produzir significados avaliativos mais evidentes, como acontece com a característica *agradável* nos testes, que aponta o *ingliding* sempre como menos agradável do que o falar que não possui a variante ditongada.

Considerar as relações icônicas e a corporificação de posturas no estudo da variação linguística parece necessário para a compreensão dos significados sociais do *ingliding*. No caso do Experimento do Ilustrador, os ouvintes podem recorrer ao simbolismo sonoro para resolver a tarefa, como ocorre no estudo de Godoy e Ananias (2022). Esses aspectos não contemplam a totalidade das associações entre o ditongo centralizado e traços estilísticos, que são diversas e dinâmicas, mas sugerem possíveis explicações para os significados sociais do *ingliding*, que são relativamente constantes para diferentes grupos de ouvintes brasileiros.

É importante destacar que a busca por coesão nos significados sociais não deve ser compreendida como uma tentativa de tornar estático um processo que está em movimento constante. O que se busca fazer neste movimento de interpretar os resultados obtidos tem a ver com o que Agha (2006) considera uma *coordenação mútua*. Para o autor, a organização da vida social em volta da existência de registros não depende de um compartilhamento uniforme de fatos, mas sim nas possibilidades de coordenação mútua, na sobreposição parcial de modelos que, em alguma medida, produzem formas ordenadas de interação.

Considerando tal linha de raciocínio, há intersecções entre os significados sociais atribuídos às variáveis, e essas intersecções, ou sobreposições presentes em formulações metassemióticas, nos termos utilizados por Agha (2006), podem circular mais ou menos amplamente. Os resultados do *ingliding* indicam que há sobreposição nos significados sociais do processo entre diferentes grupos de ouvintes: porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros. Essa sobreposição parece ter a ver com a relação entre os significados sociais do *ingliding* e seu caráter corporificado.

Em Porto Alegre, é possível traçar figuras que podem estar associadas ao processo, como o *magro do Bonfa* ou *descolado do Bom Fim*, personagem humorístico que se constrói como uma caricatura de jovens malandros do Bom Fim, os pós-modernos descritos por Silva (1991, 2007), que possuem a realização de *ingliding* como uma de suas marcas (OLIVEIRA, 2021). Mas se uma percepção semelhante se revela em dados de ouvintes de outros lugares do Brasil, ou essas *personae* são amplamente difundidas, ou há outras características da variável que motivam sua significação. Considerando os termos de Agha (2006), a relação entre *ingliding* e *distensão corporal* pode configurar um *emblema* que passou pelo processo de *enregisterment*, sendo reconhecido amplamente. Trata-se de um *estereótipo indexical*, ou seja, o processo passa de ícone a índice, de modo que os falantes associam o *ingliding* (signo linguístico) a outros signos vinculados a distensão corporal. *Tenso-distenso* parece, então, uma oposição relevante para a relação entre forma linguística e *personae* construídas. Da gama de significados sociais possíveis para o *ingliding*, aqueles relacionados a distensão corporal (*descolado*, *expansivo*, *malandro*) são mais convencionalizados do que outros, de modo que a variável indexa *distensão* e constrói *personae distensas*.

O Experimento do Ilustrador, elaborado a partir da MGT, dá conta de demonstrar que há correlação entre a distensão corporal e a percepção do falar com *ingliding*, uma vez que um mesmo falante é significativamente mais associado a posturas distensas quando produz *ingliding* em comparação a suas próprias gravações sem *ingliding*. Contudo, tomar esse resultado como um indicativo de que os ouvintes fazem a associação entre *ingliding* e disposições corporais *distensas* por conta da

própria natureza articulatória do *ingliding*, também marcada por relaxamento, via relação icônica, é uma das possibilidades de interpretação, mas não a única. Não se descarta a possibilidade de que pode haver outro atributo do *ingliding* que influencie na percepção dos ouvintes. A própria compreensão de que o processo é uma marca de *sotaque*, demonstrada nos resultados do Experimento de Percepção e Avaliação, poderia estar correlacionada às respostas: ao reconhecer um falar com sotaque, o ouvinte pode acreditar que o falar é mais estilizado e, portanto, combina com uma postura menos formal. No entanto, a chave de interpretação que relaciona a natureza articulatória do *ingliding* à atribuição de posturas distensas aos falares marcados pelo processo ganha força quando se consideram outros estudos sociolinguísticos que encontraram correlações entre configurações articulatórias e significados sociais.

É interessante retomar os dados de Pratt e D'Onofrio (2017) sobre o inglês da Califórnia, uma vez que envolvem tanto características fonéticas quanto significados sociais semelhantes aos do *ingliding*. O estudo considera a *configuração articulatória de mandíbula aberta* e sua significação social, que está associada a esse aspecto corporificado da linguagem. O *ingliding*, por sua natureza articulatória, também envolve configurações de maxilar mais aberto: há, aí, uma semelhança na produção fonética que, necessariamente, é uma semelhança na realização física/corporal da variável. Também a significação social do processo é semelhante: alguns traços que constroem as *personae Valley Girl* e *garoto surfista* na Califórnia (PRATT e D'ONOFRIO, 2017) se assemelham com alguns daqueles vinculados ao *ingliding*. Nos estudos de produção linguística (OLIVEIRA, 2018, 2021), há referências a *personae surfistas* do Rio de Janeiro que teriam inspirado jovens porto-alegrenses no Bom Fim na década de 1980, bem como recorrência da menção ao uso de maconha e da loucura dos jovens por aqueles agentes sociais que se enquadram nessas práticas e mais produzem *ingliding* no Filme Sobre um Bom Fim (MIGOTTO, 2015). Ademais, há significados sociais relacionados a classe alta no estudo de Pratt e D'Onofrio (2017), algo que também acontece no falar com *ingliding*.

Essa comparação entre realidades diferentes – inglês norte-americano da Califórnia, português brasileiro de Porto Alegre – não tem o intuito de simplificar as construções estilísticas de *personae*, que são diversas e dependem de uma série de fatores, também distintos em cada comunidade. Mas se é verdade que configurações de mandíbula condicionam realizações fonéticas (PRATT e D'ONOFRIO, 2017), e que as disposições do corpo expressam posições no espaço social (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]), faz sentido que variáveis linguísticas que surgem de amplitude gestual/articulatória sejam associadas a significados sociais relacionados a *estilo de vida* e *classe social*, a agentes que ocupam posições relativamente superiores no espaço social. Faz sentido, também, que existam sobreposições de significação social, estas relacionadas a características corporificadas presentes na própria realização vocálica.

As intersecções de significação social para a mesma variável, ou para variáveis assemelhadas, dão destaque para a corporificação dos usos da língua. A oposição *tenso-distenso*, que é associada a formalidade, é produtiva em diferentes culturas. A esse respeito, Agha (2006) afirma que termos como *polidez*, *refinamento* e *respeitabilidade* são encontrados em diversas culturas, e comumente utilizados tanto para descrever usos da língua, quanto atividades não linguísticas, como fazer reverências, juntar as palmas das mãos, vestir-se apropriadamente, entre outros. Esses casos evidenciam usos mais controlados do corpo, que possuem significados, se não idênticos, ao menos semelhantes em diferentes culturas. Assim, formas linguísticas e não linguísticas marcadas por relaxamento de disposições corporais podem materializar imagens semelhantes em diferentes comunidades, afastadas de uma noção de polidez e formalidade, como parece ser o caso do *ingliding*.

O estudo de Pratt (2018) também possui resultados que podem ser comparados aos do *ingliding*. A autora revela que variáveis fonológicas que exibem mesma realização fonológica compartilham práticas estilísticas, o que, para a autora, é resultado de uma configuração articulatória mais geral, conectada a uma expressão corporificada de *dureza* associada, em seu estudo, às identidades construídas por estudantes de teatro técnico. Pratt (2018) compreende que as variáveis linguísticas

estudadas derivam de uma configuração articulatória particular vinculada e elaborada mutuamente a um estilo corporificado, ou seja, os significados sociais das formas linguísticas e corporais estão vinculados. Em verdade, para a autora, é essa elaboração mútua de significado através de formas linguísticas e corporais que faz com que um estilo seja legítimo. Ela defende, em seu estudo, que todos esses canais semióticos interagem, e sugere que uma configuração articulatória retraída conecta a dimensão linguística e a corporal, indexando *dureza* corporificada.

A partir de Pratt (2018), e considerando os resultados para o *ingliding*, é possível defender que uma configuração articulatória distensa conecta as dimensões linguísticas e corporais, indexando *relaxamento* corporificado ao *ingliding*. Trata-se de uma variável derivada de uma articulação de maxilar aberto que, pelo que diferentes estudos parecem indicar, faz parte de construções estilísticas associadas a relaxamento e distensão.

A relação entre significados sociais e usos do corpo também é uma abstração, uma construção feita a partir de uma realidade. A significação social dos usos do corpo tem potencial para ser bastante conhecida justamente porque tem origem em uma materialidade comum a todos os seres humanos. O que ocorre, no caso do *ingliding*, é que entra em jogo uma construção já bem estabelecida entre uma postura corporal e um jeito de ser ou uma característica humana. O uso da língua é, inevitavelmente, um uso do corpo, por isso sofre influência das relações construídas sobre ele.

Se toda diferença é potencialmente significativa (SAUSSURE, 2006 [1974]), faz sentido que, em termos de percepção e avaliação, os seres humanos interpretem essa diferença com base na materialidade percebida, no ponto de referência que encontram: o corpo. Isso significa que, ao atribuir significados à variação linguística, faz sentido calcar a diferença no uso da língua a aspectos corporais que são dotados de significação social construída. A atribuição pode ter caráter icônico e ser respaldada pelo simbolismo sonoro, associando características distensas do corpo a características distensas do traço linguístico, ou então considerar que é um uso do corpo X que produz uma variável Y.

Este trabalho investiga qual é a significação social da utilização do *ingliding*, buscando saber se faz diferença usar uma forma ou outra, isto é, se utilizar *ingliding* faz com que uma pessoa seja interpretada de maneira diferente daquela que não utiliza o ditongo centralizado. Assim, o que está em jogo não é exatamente o significado social *de uma forma linguística*, mas sim *do uso de uma forma linguística por um falante*. A partir dos resultados do estudo do *ingliding*, parece ser possível estabelecer que existem *significados sociais mediados pelo corpo*, isto é, que decorrem de usos do corpo.

Afirmar que o *ingliding* é uma *variável corporificada* é redundante se pensarmos que todo e qualquer uso linguístico é corporificado porque realizado com o corpo. No entanto, há algo de peculiar ao *ingliding* e, de maneira geral, a configurações articulatórias de maxilar aberto no que diz respeito à sua significação social. Nesses casos, conforme revelam resultados de diferentes estudos, a própria realização da variável importa para sua significação social, ou seja, a natureza material da variante linguística importa. Dessa forma há, no caso do *ingliding*, diversos *significados sociais mediados pelo corpo*. Propor essa classificação não se trata, de forma alguma, de postular que todos os significados sociais da variável se encaixem na mesma descrição, mas de destacar que a natureza corporificada da variável importa para vários dos significados sociais atribuídos a seu uso, os quais, evidentemente, são reinterpretados na vida social.

Também podemos entender que o *ingliding*, assim como as variáveis estudadas por Pratt (2018) e Pratt e D'Onofrio (2017), são *variáveis integradas a usos estilísticos do corpo*, isto é, *integram* um uso do corpo que não é qualquer um, é um uso estilístico, por si só imbuído de significação social. Nesse caso, pode haver, potencialmente, maior coerência semântica nos campos indexicais das variáveis, bem como maior interseção entre os significados das variantes e dos movimentos estilísticos. Além disso, os significados sociais das variantes tornam-se previsíveis quando se sabe os significados sociais do próprio uso *registrado* do corpo. Assim, pode-se supor que quanto mais diretamente relacionado for o uso linguístico com um uso estilístico do corpo

registrado, maior a probabilidade de uma mesma variável linguística receber significados sociais semelhantes, mesmo em diferentes comunidades.

Há usos linguísticos que podem ser atribuídos a *personae* sem que a própria natureza de sua realização exerça tanta influência sobre sua significação. De toda forma, uma vez que constroem *personae*, as realizações podem se associar a usos estilísticos do corpo, ou seja, às disposições do corpo que essas *personae* performam. Esse não parece ser o caso do *ingliding*. O *ingliding* parece ser parte de um movimento estilístico maior, um movimento de relaxamento realizado com o corpo todo para a construção de *personae*. As intensidades desse relaxamento corporal e as *personae* construídas são diversas. De toda forma, o *ingliding* não parece se ligar diretamente a *personae*, mas antes *integra* usos estilísticos do corpo, porque deles pode fazer parte. Por esse motivo, há maior coerência entre os significados do *ingliding*, uma vez que os falantes podem se basear no uso estilístico do corpo para a atribuição da significação.

A dimensão do corpo na significação do *ingliding* e seus resultados no Experimento do Ilustrador também proporcionam uma importante reflexão sobre o uso e a percepção da variável em relação a gênero. O direcionamento das respostas dos ouvintes é o mesmo para falantes homens e mulheres quando se consideram as dimensões corporais e o uso do *ingliding*, ou seja, ao realizar a variante ditongada, o falante é mais vezes atribuído à postura *distensa* do que quando não a realiza. O exame de frequência e proporções, no entanto, revela que as falantes mulheres são mais vezes atribuídas à postura *tensa* do que os homens, e menos vezes associadas à postura *distensa*, independentemente de terem sido ouvidas com ou sem *ingliding*. A regressão logística confirma que o gênero do falante ouvido condiciona a seleção da postura. Esse resultado é revelador da percepção dos ouvintes sobre a *hexis* corporal das mulheres, conformada a seus papéis de gênero. Decorre, provavelmente, da interpretação de que não se espera posturas *relaxadas* e *distensas* de mulheres tanto quanto de homens, tendo em vista o papel social em que assumem em uma sociedade patriarcal e marcada pela dominação masculina (BOURDIEU, 2012 [1998]).

A respeito da relação entre gênero e corporificação, Bourdieu (2008 [1982]) indica uma oposição sexualmente determinada entre a *boca* quase fechada, censurada, tensa, em posição de pinça, que seria *feminina*, e a *goela*, ampla e aberta, livre e afrouxada, que seria *masculina*. O sociólogo destaca, nesse momento, a censura relativa às coisas sexuais e aos modos corporais que se impõem com um rigor especial às mulheres, ou em sua presença. Para Bourdieu (2008 [1982]), abrir a boca, por exemplo, é uma forma de se recusar a manifestar signos da docilidade, os quais são impostos às mulheres pela divisão sexual do trabalho. Essa disposição corporal contraria o estilo dominante e vai ao encontro de valores *viris*, mais alinhados à transgressão. Bourdieu (2008 [1982]) acredita, inclusive, que isso faz com que as mulheres se associem mais facilmente à cultura dominante sem precisar romper com sua classe, já que adotar estilos dominantes seria renegar a virilidade.

O Experimento do Ilustrador traz resultados reveladores de que se percebem posturas *distensas* como menos associadas a mulheres. Resultado semelhante foi encontrado no Experimento de Percepção e Avaliação para o CP Formalidade, em que os ouvintes atribuíram maiores valores para a falante mulher do que para o falante homem. Nos estudos de produção linguística do *ingliding* (OLIVEIRA, 2018, 2021), verificou-se maior proporção de aplicação do processo entre homens, que favorecem a realização do ditongo centralizado, construindo estilos de vida descontraídos com a variável. Os estudos de percepção do *ingliding* mostram, então, que o que se revelou em termos de produção linguística parece surgir, também, em termos de percepção. Estranha-se menos que homens adotem posturas *distensas*, e eles o fazem mobilizando traços não linguísticos e linguísticos, como a realização do ditongo centralizado.

Em suma, os resultados do Experimento de Percepção e Avaliação do *ingliding* e do Experimento do Ilustrador revelam a necessidade de considerar uma multiplicidade de aspectos para captar estilos construídos com a variável e compreender sua significação social, o que já é esperado de estudos de terceira onda (ECKERT, 2005, 2012). Entram em jogo o encaixamento social da variável, os encontros e desencontros entre *personae* projetadas e percebidas, a relação entre o processo e *classe*

social, dentre outros fatores. As intersecções entre os significados sociais do *ingliding* entre ouvintes de diferentes regiões, bem como a associação icônica entre a articulação fonética do ditongo centralizado e seus significados sociais, sistematizados na oposição *tenso-distenso*, ressaltam a importância de considerar a corporificação nos estudos de variação linguística, ou, nos termos de Bourdieu (2008 [1982]), a *hexis* corporal.

Se entendemos a linguagem como corporificada enquanto um pressuposto, podemos, dando destaque a esse aspecto, afirmar que o presente trabalho investiga como os corpos humanos percebem e avaliam realizações linguísticas variáveis produzidas por outros corpos humanos. Uma formulação como essa daria ênfase ao quanto a corporificação é um aspecto inescapável da significação social.

Em resumo, os resultados deste estudo permitem compreender que o *ingliding* é uma *variável integrada a usos estilísticos do corpo*, isto é, parte de uma construção estilística que envolve *relaxamento/distensão*. Uma vez construída e dotada de significação social, a variável está disponível para ser reinterpretada e figurar em diversas construções de *personae*. Seus significados sociais, múltiplos, apresentam certa intersecção: são os *significados sociais mediados pelo corpo*, atribuídos ao *ingliding* justamente porque entende-se que a variável é parte de uma elaboração corporal dotada, ela mesma, de significação.

O corpo é ponto de referência comum aos seres humanos, e os significados sociais das variáveis linguísticas podem ser a ele associados, seja pela relação icônica entre a realização de uma variável e um movimento do corpo, seja pela compreensão, partilhada entre diferentes comunidades, sobre o que significam as posturas corporais. De toda forma, como revelam os resultados do Experimento do Ilustrador, a dimensão do corpo tem efeitos sobre a significação do *ingliding*.

CONCLUSÃO

Esta tese de doutorado buscou desvendar a percepção e a avaliação do *ingliding* de vogais em sílabas tônicas no português falado em Porto Alegre (RS) para compreender os significados sociais do processo. Os estudos de produção linguística a respeito da variável (OLIVEIRA, 2018, 2021) identificaram baixa proporção geral de aplicação do ditongo centralizado, que é favorecido por homens e por pessoas de 20-49 anos, realizado por agentes que ocupam posições superiores no espaço social, e estratégia de construção de estilos *inovadores, despojados, descontraídos*. Ainda que a proporção de aplicação seja baixa, o *ingliding* segue sendo compreendido como traço estilístico de Porto Alegre, ou como marca do *sotaque do Sul*, como se percebe nas imitações e nos metacomentários realizados por Carol Trentini e Tatá Werneck no trecho do programa humorístico *Lady Night* que está apresentado na Introdução deste trabalho. Há, também, associações entre o *ingliding* e disposições corporais, como fazem os próprios agentes sociais ao reconhecerem uma *ginga* no sotaque *carioca*, marcado por *ingliding* e característico de quem é mais *solto*, conforme explica o menino Alexandre em sua entrevista ao repórter Ernesto Varela na praia de Copacabana, em 1985.

Considerando esses aspectos, a presente tese procurou respostas para três questões específicas: (i) Como o *ingliding* é percebido e avaliado pelos porto-alegrenses?; (ii) Como o *ingliding* é percebido e avaliado pelos gaúchos?; (iii) Como o *ingliding* é percebido e avaliado pelos brasileiros?. Buscou-se, portanto, identificar se há diferenças e intersecções em termos de significação social se considerarmos ouvintes de diferentes regiões e, ainda, se a hipótese de que o *relaxamento* articulatorio que constitui o *ingliding* pode construir estilos também compostos por certo *relaxamento* nos modos de agir tem respaldo em resultados de percepção e avaliação linguística.

Parte-se do pressuposto de que toda e qualquer variável é corporificada, porque o próprio uso material da língua é, necessariamente, feito com o corpo. O que se

investigou foi se o *ingliding* possui significados sociais corporificados, entendendo, então, corporificação como o uso do corpo que é imbuído de significado (PODESVA, 2021). Partiu-se da hipótese de que pode haver uma relação icônica entre modos *relaxados/distensos* de portar o corpo e o *ingliding*, que se origina de *relaxamento/distensão* articulatória.

Os resultados do Experimento de Percepção e Avaliação revelaram poucas diferenças de percepção e avaliação do *ingliding* entre os três grupos de ouvintes considerados (porto-alegrenses, gaúchos, brasileiros): as análises mostram associações de mesma direção para todos os grupos de informantes, e características assemelhadas entre si para distinguir um falar com *ingliding* de um falar sem *ingliding*. A presença de *ingliding* faz com que os ouvintes sejam associados a marcas como *descolado, malandro, expansivo, metido, esnobe*; sendo menos vinculados a traços como *formalidade, sociabilidade, seriedade, preocupação*. Além disso, o falar é percebido como uma marca de *sotaque cantado* e avaliado como um falar menos *agradável* e menos *natural* do que o falar sem *ingliding*. Outro resultado diz respeito às práticas percebidas como associadas ao *ingliding*: em suas emissões com *ingliding*, os falantes também podem ser mais percebidos como pessoas que gostam de realizar práticas fora de casa do que em suas emissões sem *ingliding*. Nesse caso, práticas como *baladafesta* e *viajar* surgem com maior destaque nas associações feitas para os falares com o ditongo centralizado.

Os ouvintes de diferentes regiões diferem, apenas, em sua percepção do *local* ao qual o falar com *ingliding* é associado. Para brasileiros, o falar é entendido como marca do Sul ou do Rio Grande do Sul, principalmente; para gaúchos e porto-alegrenses, trata-se de uma marca do falar de Porto Alegre, mais reconhecida por gaúchos do que por porto-alegrenses. Esse resultado é esperado, considerando que os falantes, por estarem inseridos em diferentes comunidades de fala, possuem exposições distintas ao falar com *ingliding*, o que tem impactos em suas percepções.

Este estudo revela encontros entre a construção de estilos com *ingliding* e sua percepção e avaliação: o *ingliding* é relacionado a características associadas a menor formalidade, reconhecíveis nos estilos daqueles que fazem uso da variável nos estudos

de produção. Há, também, desencontros, uma vez que os produtores de *ingliding* parecem querer se opor a pessoas *metidas* e *esnobes*, mas o processo é percebido como vinculado a essas características. Parece entrar em jogo, nesse caso, percepções associadas a *classe social*: se o *ingliding* está presente nos falares de quem ocupa posições superiores no espaço social, pode indexar, de maneira geral, classe social alta, o que pode fazer com que os agentes sociais sejam, por extensão, percebidos como *metidos* e *esnobes*, por esforçarem-se para se marcarem como de classe mais alta.

Considerando esses achados, pergunta-se: qual é a lógica por trás da significação social do *ingliding*?

Parece haver uma associação entre produção e percepção de *ingliding* permeada pelo corpo. No caso do *ingliding*, essa corporificação é evidente: articulatoriamente, o processo surge de relaxamento de tensão somado a abaixamento e centralização (BATTISTI, 2013; BATTISTI e OLIVEIRA, 2014), e os significados sociais do *ingliding* que podem ser organizados, também, em uma oposição *tensão-distensão* corporal, indicam que o ditongo centralizado é associado a características *distensas*, que incluem *expansivo*, *descolado* e *malandro*, além de menos *formal*. Nesse caso, considerando a existência de um simbolismo sonoro, pode haver uma relação icônica, de semelhança, entre signo e objeto, em que os significados sociais são culturalmente construídos a partir de um traço aparentemente natural, ainda que não o seja.

Com o intuito de testar a relação entre *ingliding* e *distensão*, o Experimento do Ilustrador foi idealizado, o qual se constitui como uma proposta de incluir a dimensão do corpo em análises de percepção, solicitando aos ouvintes que escolham qual ilustração de uma postura do corpo humano melhor descreve o falar ouvido. A importância do experimento reside no fato de que as posturas são apresentadas sem que sejam qualificadas previamente. Cabe a cada ouvinte atribuir significados às posturas e aos falares ouvidos, correlacionando-os da forma que acreditar ser mais adequada.

Os resultados do Experimento do Ilustrador indicaram que os falares com *ingliding* são significativamente mais atribuídos a posturas *distensas* do que os falares

sem *ingliding*, conforme se suspeitava, o que independe da localidade do ouvinte, se porto-alegrense, gaúcho ou brasileiro. Quaisquer que sejam os estilos e as *personae* a que o falar com *ingliding* se associa, uma de suas prováveis características tem a ver com *relaxamento corporal*.

A relevância do simbolismo dos sons para a significação social do *ingliding* é reforçada quando se considera que movimentos articulatórios semelhantes foram, em outra língua e cultura (inglês dos Estados Unidos), relacionados a significados sociais semelhantes (PRATT, 2018; PRATT e D'ONOFRIO, 2017). No Brasil, a iconicidade proveniente da corporificação pode explicar a similaridade na significação social do processo entre ouvintes porto-alegrenses, gaúchos e brasileiros. Há semelhantes usos do corpo, linguísticos e não linguísticos, associados a *polidez* e *refinamento* em diferentes culturas (AGHA, 2006), e o *ingliding*, associado a *distensão/relaxamento*, opõe-se a esses usos. Tal interpretação também tem respaldo na concepção de estilo articulatório de Bourdieu (2008 [1982]), que o define como um estilo de vida corporificado, uma vez que expressa, no corpo, a organização social. Nessa perspectiva, o relaxamento e o alongamento que constituem o *ingliding* (o qual está associado a contextos de maior duração intrínseca e a posições de proeminência no sintagma entoacional) marcam, conforme Oliveira (2018, 2021), um estilo articulatório típico de classes mais altas, que são, segundo Bourdieu (2008 [1982]), opostas à pressa e à precipitação características de esquemas corporais de classes mais baixas.

Esta tese é resultado de um esforço interdisciplinar em busca de captar os movimentos estilísticos associados ao *ingliding*, processo em variação estável que cumpre papéis sociais enquanto recurso semiótico. Com este trabalho, percorre-se o caminho de investigar, no âmbito da percepção e da avaliação, uma variável que já contava com estudos de produção linguística. Ao comparar os resultados das investigações de produção, percepção e avaliação, foi possível desvendar diferentes camadas de significação social.

As reflexões sobre iconicidade e corporificação, presentes nesta tese, parecem reveladoras de processos de significação social do *ingliding*, uma vez que explicam

intersecções entre características atribuídas ao ditongo centralizado. Não se quer afirmar, com isso, que os significados sociais do *ingliding* possam ser resumidos àqueles icônicos, uma vez que essa relação é uma dentre as várias possibilidades disponíveis. Os resultados podem mostrar que, embora os significados sociais sempre estejam sendo reinterpretados a cada uso da língua, a oposição *tensão-distensão*, calcada no corpo, parece estar no cerne de muitas associações, que sofrem atualizações a partir das perspectivas dos ouvintes.

Os significados sociais do *ingliding* podem ser, portanto, significados sociais da configuração articulatória do *ingliding*, de abertura e relaxamento do maxilar. Nesse sentido, o *ingliding* é aqui entendido como uma *variável integrada a usos estilísticos do corpo*. O uso distenso do corpo, ele próprio, produz significados sociais que se estendem ao *ingliding*. Por esse motivo, diversos significados sociais do *ingliding* são *mediados pelo corpo*, tomam disposições corporais *registradas* como referência e, portanto, são amplamente difundidos. Uma relação entre diferentes *personae* construídas com *ingliding* pode residir, então, na configuração mais distensa do corpo.

Estudos futuros a respeito do *ingliding* em outras variedades do português brasileiro, bem como de outras variáveis que articulatoriamente também operem com oposição *tensão-distensão*, poderão aprofundar conhecimentos sobre o quanto as variáveis linguísticas recebem significados sociais em virtude de sua realização física por relação icônica. Além disso, seria interessante investigar a aplicabilidade da formulação *variável integrada a usos estilísticos do corpo* em outros usos linguísticos em que o vínculo com o corpo seja revelador, explorando quais significados sociais podem ser por ele mediados.

Este estudo deu destaque à dimensão do corpo e buscou investigá-la em termos de percepção e avaliação, o que é ainda um desafio nas pesquisas sociolinguísticas. O Experimento do Ilustrador, proposto neste trabalho, configura-se como um possível caminho para trabalhar com a multimodalidade e contemplar a corporificação em estudos de percepção e avaliação linguística. Futuras pesquisas, inclusive sobre outras variáveis linguísticas, poderão utilizar o Experimento do Ilustrador para explorar

relações entre as variantes estudadas e a *tensão-distensão* corporal percebida, o que permitirá comparar resultados e investigar o potencial do experimento. Além disso, as bases do Experimento do Ilustrador podem ser utilizadas para realização de testes, com outras ilustrações, que contemplem diferentes traços de posturas corporais.

A presente pesquisa se soma àquelas que, interessadas no estudo da significação social, consideram o corpo como um todo. Para Bourdieu (2008 [1982]), os traços articulatórios exprimem as disposições profundas do *habitus* e da *hexis* corporal. O autor destaca, ainda, que o linguista é levado a uma perspectiva analítica que discretiza traços para analisá-los, mas que isso difere bastante da lógica que está na base dos juízos de classificação dos agentes sociais. Assim, se interessa aos ouvintes uma construção feita sobre uma configuração articulatória como um todo, ela precisa ser considerada em estudos que busquem captar a significação social da linguagem. Afinal, se as disposições corporais exprimem nossa relação com o mundo social, e se a linguagem é, ela própria, uma técnica do corpo, como explica Bourdieu (2008 [1982]), estudar significados sociais de variáveis linguísticas requer que o corpo esteja no centro da análise.

REFERÊNCIAS

- AGHA, A. The social life of a cultural value. *Language and Communication*, v. 23, p. 231-273, 2003.
- AGHA, A. *Language and social relations*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- ARANTES, P.; NIKULIN, A.; LIMA, J.; LIMA, A. Um estudo acústico dos ditongos centralizantes na fala carioca. *Working Papers em Linguística*, v. 19, n. 2, p. 6-34, 2018.
- AUDACITY TEAM. Audacity(R): Free Audio Editor and Recorder [Computer application]. Version 2.2.1, 2017.
- AYZEN, I. *Attitudes, personality and behavior*. Milton Keynes: Open University Press, 1988.
- BATTISTI, E. Realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): ditongação ou *ingliding*?. *Fragmentum*, n. 39, p. 58-76, 2013.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, 2015.
- BATTISTI, E.; MORAS, V. Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS). *Caderno de Letras UFPel*, v. 24, 2015.
- BATTISTI, E; OLIVEIRA, S. Alongamento e *ingliding* de vogais em sílabas tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *(Con)Textos Linguísticos*, v. 8, n. 11, p. 39-56, 2014.
- BATTISTI, E; OLIVEIRA, S. Significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *Revista Todas as Letras*, n. 2, v. 18, p. 14-29, 2016.
- BATTISTI, E; OLIVEIRA, S. Classe social e significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português de Porto Alegre (RS). *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN*. Parte 3. Niterói: Letras da UFF, p. 1527-1536, 2017.
- BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. Sexo, gênero e orientação sexual na pesquisa sociolinguística. In: CARVALHO, D.; BRITO, D. (Orgs.) *Gênero e Língua(gem): teoria e prática*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 21-41.

- BATTISTI, E.; ROSA, R. Variação e mudança linguística: análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do Rio Grande do Sul. *Sociodialeto* (Online), v. 2, 2012.
- BELL, A. A brief history of style, and its contribution to 21st-century sociolinguistic theory. *New Ways of Analyzing Variation*, Vancouver, BC, 2016.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2, p. 189-224, 1989.
- BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, L. Ditongos derivados: um adendo. In: LEE, S. (Org.) *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p. 57-65.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [Computer program]. Versão 6.0.16, 2016.
- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1977.
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998 [1993].
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 2008 [1982].
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012 [1998].
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2015 [1979/1982].
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Embodied sociolinguistics. In: COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 173-197.
- CAGLIARI, L. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese de Livre Docência. Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CAMPBELL-KIBLER, K. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)*. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006.
- CAMPBELL-KIBLER, K. Accent, (ING), and the social logic of listener perceptions. *American Speech*, v. 82, p. 32-61, 2007.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, v. 21, p. 135-156, 2009.

CANEVER, F.; MENDES, R. Infinitive verbs, verbal agreement and perceived competence / Verbos infinitivos, concordância verbal e competência percebida. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, p. 1671-1700, 2019.

CLEMENTS, G.; HERTZ, S. An integrated approach to phonology and phonetics. In: DURAND, J.; LAKS, B. (Eds.) *Current trends in phonology*. University of Salford Publications, 1996.

COLLEY, M. *Diphthongization in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Houston: Rice University, 2009.

CORRÊA, R. *Os significados sociais da realização variável da vibrante múltipla alveolar em onset silábico em Porto Alegre (RS): variação, mudança linguística e estilo*. Tese de Doutorado (Estudos da Linguagem – Sociolinguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CRYSTAL, D. *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

ĆWIEK, A.; FUCHS, S.; DRAXLER, C.; ASU, E.; DEDIU, D.; HIOVAIN, K.; KAWAHARA, S.; KOUTALIDIS, S.; KRIFKA, M.; LIPPUS, P.; LUPYAN, G.; OH, G.; PAUL, J.; PETRONE, C.; RIDOUANE, R.; REITER, S.; SCHÜMCHEN, N.; SZALONTAI, Á.; ÜNAL-LOGACEV, Ö.; ZELLER, J.; PERLMAN, M.; WINTER, B. The bouba/kiki effect is robust across cultures and writing systems, *Philosophical Transactions of The Royal Society B*, 377: 20200390, 2021.

DEPREZ, K.; PERSOONS, Y. Attitude. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. (Eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: De Gruyter, v. 1, 1987. p. 125-132.

DONEGAN, P. *On the natural phonology of vowels*. Tese de Doutorado. Graduate School of the Ohio State University, 1978.

D'ONOFRIO, A. Sociolinguistic signs as cognitive representations. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. (Eds.) *Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 153-175.

D'ONOFRIO, A. Phonetic detail and dimensionality in sound-shape correspondences: refining the bouba-kiki paradigm, *Language and Speech*, 57, p. 367–393, 2014.

D'ONOFRIO, A.; ECKERT, P. Affect and iconicity in phonological variation. *Language in Society*, v. 50, p. 29-51, 2020.

DRAGER, K.; HARDEMAN-GUTHRIE, K.; SCHUTZ, R.; CHIK, I. Perceptions of style: a focus on fundamental frequency and perceived social characteristics. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. (Eds.) *Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 176-202.

DRAHOTA, A.; COSTALL, A.; REDDY, V. The vocal communication of different kinds of smile. *Speech Communication*, 50, p. 278-287, 2008.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. *Variation, convention, and social meaning*. Plenary talk. Annual meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, CA, 2005.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12(4), p. 453-476, Blackwell Publishing Ltd, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 68-85.

ECKERT, P. *Meaning and linguistic variation: the third wave in Sociolinguistics*. New York: Cambridge University Press, 2018.

ECKERT, P. The limits of meaning: social indexicality, variation, and the cline of interiority. *Language*, v. 95, n. 4, 2019.

FOLEY, W. *Anthropological linguistics: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

FORT, M.; MARTIN, A.; PEPERKAMP, S. Consonants are more important than vowels in the bouba-kiki effect. *Language and Speech*, v. 58, n. 2, p. 247-266, 2014.

FREITAG, R. Effects of the linguistic processing: palatals in Brazilian Portuguese and the sociolinguistic monitor. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 25, n. 2, 2020.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Lisboa, 1998.

GAFTER, R. Reconciling seemingly conflicting social meanings. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. (Eds.) *Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 222-242.

GAL, S. Tastes of talk: qualia and the moral flavor of signs. *Anthropological Theory*, v. 13, p. 31-48, 2013.

GAL, S. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 113-135.

GAL, S.; IRVINE, J. *Signs of difference*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

GODOY, M.; ANANIAS, T. The bouba-kiki effect in a production task. *Proceedings of the 44th Annual Conference of the Cognitive Science Society*, v. 44, 2022.

GODOY, M.; SOUZA FILHO, N.; SOUZA, J.; ALVES, H.; KAWAHARA, S. Gotta name'em all: an experimental study on the sound symbolism of Pokémon names in Brazilian Portuguese. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 49, p. 717-740, 2020.

GUY, G.; HINSKENS, F. Linguistic coherence: systems, repertoires and speech communities. *Lingua*, v. 172-3, p. 1-9, 2016.

HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. Social meaning and linguistic variation: theoretical foundations. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. (Eds.) *Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 1-24.

HAY, J.; DRAGER, K. Stuffed toys and speech perception. *Linguistics*, v. 48, n. 1, p. 865-892, 2010.

HENRIQUE, F. A percepção da fricativa coronal em coda medial por pessoenses. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

HONIKMAN, B. Articulatory settings. In: ABERCROMBIE, D.; FRY, D.; MACCARTHY, P.; SCOTT, N.; TRIM, J. (Eds.) *In Honour of Daniel Jones*. London: Longman, 1964. p. 73-84.

IRVINE, J. "Style" as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

JAFFE, A. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. In: COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 86-112.

JEKOSCH, U. *Voice and speech quality perception. Assessment and Evaluation*. New York: Springer, 2005.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (Orgs.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121-137.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LADD, D. *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

LAMBERT, W.; HODSON, R.; GARDNER, R.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LASAGABASTER, D. Attitude. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. (Eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: De Gruyter, v. 1, 2004. p. 399-405.

LAVER, J. *The phonetic description of voice quality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

LAVER, J. *Principles of phonetics*. Cambridge University Press, 1994.

LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1970.

LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 31/10/2022.

MAEGAARD, M.; PHARAO, N. Features, meanings and indexical fields. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. (Eds.) *Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 203-221.

MELO, M.; GOMES, C. Percepção da variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior, In: VIEIRA, M.; WIEDEMER, M. (Orgs.) *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 129-148.

MENDES, R. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and paulistinity. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, p. 1-23, 2016.

MENDES, R. *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /el nasal*. Tese (Livre Docência). FFLCH – USP, São Paulo: 2018.

MENDES, R. O efeito de múltiplas variáveis na percepção sociolinguística. *Guavira Letras*, v. 15, p. 108-123, 2019.

MENDES, R. Percepções de masculinidade e femininidade associadas à concordância nominal de número. In: CARVALHO, D.; BRITO, D. (Orgs.) *Gênero e Língua(gem): formas e usos*. Salvador: EDUFBA, 2020a. p. 67-93.

MENDES, R. (CN) e (EN) em percepções de competência, gênero e paulistanidade. In: BRESCANCINI, C.; MONARETO, V. (Orgs.) *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020b, v. 1, p. 1-25.

MIGOTTO, B. *Filme sobre um Bom Fim*. [Filme-vídeo]. Roteiro e Direção de Boca Migotto. DVD / NTSC, 88min. Porto Alegre, 2015.

MORAS, V. *A vocalização do L em coda silábica: análise em tempo real em duas comunidades do Rio Grande do Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

NIELSEN, A.; RENDALL, D. The sound of round: evaluating the sound-symbolic role of consonants in the classic takete-maluma phenomenon, *Canadian Journal of Experimental Psychology*, v. 65, p. 115-124, 2011.

OCHS, E. Indexing gender. In DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.), *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 335-358.

OLIVEIRA, S. O estereótipo do falar porto-alegrense: percepções e atitudes sobre o falar com *ingliding* e alongamento vocálico. *An@is Fórum FAPA: XIV Fórum FAPA*. Edição 7. Porto Alegre, p. 358-374, 2015.

OLIVEIRA, S. *O ingliding característico do falar de Porto Alegre (RS): um estudo de produção, percepção e atitudes*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

OLIVEIRA, S. *Ingliding de vogais tônicas como prática estilística no falar porto-alegrense: significados sociais da variação linguística*. Dissertação de Mestrado (Estudos da Linguagem – Sociolinguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

OLIVEIRA, S. *Ingliding as stylistic practice in Porto Alegre (RS)*. *Diadorim*, v. 23, n. 1, 2021.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística. São Paulo: USP, 2015.

OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field / Uma abordagem computacional para a modelagem de campos indexicais. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019.

PEIRCE, C. Sundry logical conceptions. In: HOUSER, N.; TIENNE, A.; ELLER, J.; LEWIS, A.; CLARK, C.; DAVIS, D. (Eds.) *The essential Peirce: selected philosophical writings (1893–1913)*. Bloomington: Indiana University Press, 1998 [1903]. p. 267-88.

PODESVA, R. *Phonetic detail in sociolinguistic variation: its linguistic significance and role in the construction of social meaning*. Stanford, CA, Tese de Doutorado, 2006.

PODESVA, R. Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistics*, v. 11, n. 4, p. 478-504, 2007.

PODESVA, R. *The role of the body in structuring sociophonetic variation*. Colloquium (Mind, Technology, and Society Series) presented in the Program in Cognitive Science at University of California, Merced, 2015.

PODESVA, R.; REYNOLDS, J.; CALLIER, P.; BAPTISTE, J. Constraints on social meaning of released /t/: a production and perception study of U.S. politicians. *Language Variation and Change*, v. 27, p. 59-87, 2015.

PODESVA, R. The role of the body in language change. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. (Eds.) *Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 363-381.

PRATT, T. The use of embodied creak by young men at an arts high school. *New Ways of Analyzing Variation*, Vancouver, BC, 2016.

PRATT, T. Embodying toughness: LOT-raising, /l/-velarization, and retracted articulatory setting, *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 24, n. 2, 2018.

PRATT, T.; D'ONOFRIO, A. Jaw setting and the California Vowel Shift in parodic performance. *Language in Society*, p. 1-30, 2017.

PRESTON, D. *Perceptual Dialectology: nonlinguists' views of Areal Linguistics*. Dordrecht – Holanda/Providence: Foris Publications, 1989.

QUASTHOFF, U. Linguistic Prejudice/Stereotypes. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. (Eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: De Gruyter, v. 1, p. 785-800, 1987.

RAMACHANDRAN, V.; HUBBARD, E. Synaesthesia: a window into perception, thought and language. *Journal of Consciousness Studies*, v. 8, n. 12, p. 3-34, 2001.

RAMPTON, B. Hegemony, social class and stylization. *Pragmatics*, v. 13, n. 1, p. 49-83, 2003.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2022.

ROSA, R. *A comunidade de fala de Porto Alegre no estudo da variação linguística: identificando subcomunidades*. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SANTOS, W. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e em São Paulo*. Tese de Doutorado. FFLCG – USP: São Paulo, 2020.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Organização por Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1974].

SILVA, J. *A miséria do cotidiano: energias utópicas em um espaço urbano moderno e pós-moderno*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991.

SILVA, J. *Antes do túnel: uma história pessoal do Bom Fim*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2007.

SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v. 23, p. 193-229, 2003.

SORIANO, L. *Percepções sociofonéticas de (-r) em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH, USP, São Paulo, 2016.

SORIANO, L.; MENDES, R. Percepções fonéticas do (-r) em São Paulo: principais correlações. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 133-146, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WETZELS, W. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5-15, 2000.

ZHANG, Q. A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new professional identity. *Language in Society*, v. 34, p. 431-466, 2005.

ZHANG, Q. Rhotacization and the 'Beijing smooth operator': the social meaning of a linguistic variable. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, p. 201-222, 2008.

ZHANG, Q. *Language and social change in China: undoing commonness through Cosmopolitan Mandarin*. New York: Routledge, 2018.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizado para os participantes que gravaram estímulos acústicos para o Experimento de Percepção e Avaliação e para o Experimento do Ilustrador

Doutorando/pesquisador: Samuel Gomes de Oliveira (samuelgdo@gmail.com)
Orientadora/pesquisadora responsável: Profa. Dra. Elisa Battisti (battisti.elisa@gmail.com)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este é um convite para você participar de uma pesquisa que tem como pesquisadora responsável a Profa. Dra. Elisa Battisti (UFRGS) e será desenvolvida pelo doutorando Samuel Gomes de Oliveira. A pesquisa pretende analisar de que modo os diferentes falares são percebidos e avaliados pelos agentes sociais. Portanto, ao participar da pesquisa, você estará colaborando para a compreensão da significação social da linguagem.

Caso decida participar, você gravará trechos de áudio, conforme orientações, que serão utilizados em questionários *online*. Nos trechos de áudio, você fará a leitura de um pequeno texto, de maneiras distintas, e os enviará ao doutorando/pesquisador. O conteúdo dos trechos de áudio diz respeito à própria natureza do teste que será realizado, e cada trecho tem duração aproximada de 15 segundos. Para realizar as gravações, você precisará seguir as instruções do pesquisador. A qualquer tempo antes da finalização da aplicação dos questionários você poderá retirar sua participação no experimento. Nos questionários *online* que serão aplicados, os participantes ouvirão os áudios gravados por você e os classificarão conforme determinadas categorias, ou sobre eles responderão perguntas, de modo que seja possível comparar as percepções e avaliações de diferentes realizações linguísticas.

Sua participação é voluntária e anônima. A presente pesquisa apresenta riscos mínimos e benefícios indiretos aos participantes. Os riscos dizem respeito aos desconfortos característicos do ambiente virtual, em função das tecnologias utilizadas, como eventuais problemas e lentidões de conexão, e cansaço durante a gravação dos áudios. Os benefícios aos participantes são indiretos, considerando-se a importância da pesquisa para a compreensão da significação social da linguagem, o que pode trazer consequências a diferentes campos, desde contribuições teóricas até reflexões a respeito de práticas pedagógicas de ensino de língua. Para minimizar possíveis riscos, os participantes que responderão aos testes terão acesso aos áudios gravados por você sem qualquer associação a suas informações pessoais. Além disso, os áudios serão utilizados apenas durante a aplicação dos questionários: eles serão descritos em publicações e apresentações relacionadas ao estudo realizado, mas os próprios arquivos de áudio não serão tornados públicos.

Estima-se que o tempo de realização da tarefa seja em torno de 30 minutos, contabilizando o recebimento das instruções de gravação, efetiva gravação dos áudios e envio dos arquivos ao pesquisador. Você pode desistir de participar do experimento a qualquer tempo e, como consequência de sua decisão, não enviar seus áudios ao pesquisador.

Você pode contatar os pesquisadores e/ou o CEP UFRGS se necessitar de maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. O contato dos pesquisadores encontra-se no início do presente Termo, e as informações para contato com o CEP UFRGS estão a seguir: Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3738. E-mail: etica@propesq.ufrgs.br. Durante o período da pandemia, o CEP estará atendendo via e-mail. Recomendamos que você guarde uma cópia do presente Termo com você.

AUTORIZAÇÃO

Ao enviar os áudios ao pesquisador, o(a) participante, previamente apresentado(a) ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declara que concorda em participar da pesquisa, tendo sido informado(a) de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serão adotados no momento da coleta dos dados. O(a) participante também foi informado(a) da garantia do não aparecimento de seu nome na divulgação dos resultados.

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizado para os ouvintes do Experimento de Percepção e Avaliação

Doutorando/pesquisador: Samuel Gomes de Oliveira (samuelgdo@gmail.com)
Orientadora/pesquisadora responsável: Profa. Dra. Elisa Battisti (battisti.elisa@gmail.com)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este é um convite para você participar de uma pesquisa que tem como pesquisadora responsável a Profa. Dra. Elisa Battisti (UFRGS) e será desenvolvida pelo doutorando Samuel Gomes de Oliveira. A pesquisa pretende analisar de que modo os diferentes falares são percebidos e avaliados pelos agentes sociais. Portanto, ao participar da pesquisa, você estará colaborando para a compreensão da significação social da linguagem.

Caso decida participar, você responderá a um questionário *online*. No questionário, você irá ouvir quatro áudios de fala em português. Ao término de cada um dos áudios, você responderá perguntas a respeito do que ouviu: perguntas com respostas em escalas de 0 a 5; perguntas de múltipla escolha, com apenas uma opção de resposta; perguntas de caixas de seleção, com a possibilidade de selecionar diversas alternativas; perguntas abertas. No decorrer do questionário, você também terá oportunidades de fazer comentários adicionais, se quiser, a respeito das tarefas e do formulário em si. Ao final, serão feitas algumas perguntas a respeito do seu perfil social (idade, gênero, profissão, local(is) em que mora/morou, escolaridade, classe social).

A participação neste estudo é voluntária e anônima. O pesquisador não terá acesso a dados pessoais que permitam identificar de quem são as respostas enviadas. Por este motivo, ao finalizar o questionário e enviar as respostas, elas serão armazenadas e não poderão ser excluídas futuramente. Não serão solicitadas quaisquer informações pessoais dos participantes que permitam sua identificação. Salienta-se que, para não comprometer a confidencialidade de suas respostas, você não insira informações que permitam sua identificação em nenhuma questão. Em razão dos procedimentos de confidencialidade, fica impossibilitada, portanto, qualquer menção aos nomes dos participantes na divulgação dos resultados da pesquisa, uma vez que nem mesmo o pesquisador terá acesso a essa informação.

A presente pesquisa apresenta riscos mínimos e benefícios indiretos aos participantes. Os riscos dizem respeito aos desconfortos característicos do ambiente virtual, em função das tecnologias utilizadas, como eventuais problemas e lentidões de conexão, e cansaço durante a realização do experimento. Os benefícios aos participantes são indiretos, considerando-se a importância da pesquisa para a compreensão da significação social da linguagem, o que pode trazer consequências a diferentes campos, desde contribuições teóricas até reflexões a respeito de práticas pedagógicas de ensino de língua.

Estima-se que o tempo de realização da tarefa seja em torno de 15 minutos. Para minimizar possíveis riscos, durante a realização da pesquisa, antes da finalização do formulário, caso você não queira responder alguma questão ou, por qualquer outro motivo, não queira finalizar o questionário, você poderá abandonar o experimento e retirar-se da pesquisa, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal. Nesse caso, basta fechar a janela do formulário sem concluí-lo, o que impossibilitará que suas respostas sejam salvas.

Você pode contatar os pesquisadores e/ou o CEP UFRGS se necessitar de maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. O contato dos pesquisadores encontra-se no início do presente Termo, e as informações para contato com o CEP UFRGS estão a seguir: Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3738. E-mail: etica@propesq.ufrgs.br. Durante o período da pandemia, o CEP estará atendendo via e-mail. Recomendamos que você guarde uma cópia do presente Termo com você.

AUTORIZAÇÃO

Ao realizar o questionário e enviar suas respostas, o(a) participante, previamente apresentado(a) ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declara que concorda em participar da pesquisa, tendo sido informado(a) de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serão adotados no momento da coleta dos dados. O(a) participante também foi informado(a) da garantia do não aparecimento de seu nome na divulgação dos resultados.

Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizado para os ouvintes do Experimento do Ilustrador

Doutorando/pesquisador: Samuel Gomes de Oliveira (samuelgdo@gmail.com)
Orientadora/pesquisadora responsável: Profa. Dra. Elisa Battisti (battisti.elisa@gmail.com)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este é um convite para você participar de uma pesquisa que tem como pesquisadora responsável a Profa. Dra. Elisa Battisti (UFRGS) e será desenvolvida pelo doutorando Samuel Gomes de Oliveira. A pesquisa pretende analisar de que modo os diferentes falares são associados a disposições corporais. Portanto, ao participar da pesquisa, você estará colaborando para a compreensão da significação social da linguagem.

Caso decida participar, você responderá a um questionário *online*. No questionário, você irá ouvir dez áudios de fala em português. Ao término de cada um dos áudios, você responderá a uma questão, solicitando que você escolha, dentre dois desenhos de pessoas, qual dos dois parece representar melhor a pessoa que gravou o áudio ouvido. No decorrer do questionário, você também terá oportunidades de fazer comentários adicionais, se quiser, a respeito das tarefas e do formulário em si. Ao final, serão feitas algumas perguntas a respeito do seu perfil social (idade, gênero, profissão, local(is) em que mora/morou, escolaridade, classe social).

A participação neste estudo é voluntária e anônima. O pesquisador não terá acesso a dados pessoais que permitam identificar de quem são as respostas enviadas. Por este motivo, ao finalizar o questionário e enviar as respostas, elas serão armazenadas e não poderão ser excluídas futuramente. Não serão solicitadas quaisquer informações pessoais dos participantes que permitam sua identificação. Salienta-se que, para não comprometer a confidencialidade de suas respostas, você não insira informações que permitam sua identificação em nenhuma questão. Em razão dos procedimentos de confidencialidade, fica impossibilitada, portanto, qualquer menção aos nomes dos participantes na divulgação dos resultados da pesquisa, uma vez que nem mesmo o pesquisador terá acesso a essa informação.

A presente pesquisa apresenta riscos mínimos e benefícios indiretos aos participantes. Os riscos dizem respeito aos desconfortos característicos do ambiente virtual, em função das tecnologias utilizadas, como eventuais problemas e lentidões de conexão, e cansaço durante a realização do experimento. Os benefícios aos participantes são indiretos, considerando-se a importância da pesquisa para a compreensão da significação social da linguagem, o que pode trazer consequências a diferentes campos, desde contribuições teóricas até reflexões a respeito de práticas pedagógicas de ensino de língua.

Estima-se que o tempo de realização da tarefa seja em torno de 10 minutos. Para minimizar possíveis riscos, durante a realização da pesquisa, antes da finalização do formulário, caso você não queira responder alguma questão ou, por qualquer outro motivo, não queira finalizar o questionário, você poderá abandonar o experimento e retirar-se da pesquisa, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal. Nesse caso, basta fechar a janela do formulário sem concluí-lo, o que impossibilitará que suas respostas sejam salvas.

Você pode contatar os pesquisadores e/ou o CEP UFRGS se necessitar de maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. O contato dos pesquisadores encontra-se no início do presente Termo, e as informações para contato com o CEP UFRGS estão a seguir: Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3738. E-mail: etica@propesq.ufrgs.br. Durante o período da pandemia, o CEP estará atendendo via e-mail. Recomendamos que você guarde uma cópia do presente Termo com você.

AUTORIZAÇÃO

Ao realizar o questionário e enviar suas respostas, o(a) participante, previamente apresentado(a) ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declara que concorda em participar da pesquisa, tendo sido informado(a) de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serão adotados no momento da coleta dos dados. O(a) participante também foi informado(a) da garantia do não aparecimento de seu nome na divulgação dos resultados.

Anexo 4 – Resultados do modelo de regressão com dados do Experimento do Ilustrador – Idade em interação com *Ingliding*

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	<i>p</i>
(<i>Intercept</i>)	-0,590	0,208	-2,838	< 0,01 **
Idade	-0,004	0,005	-0,797	0,425
Com <i>ingliding</i>	1,491	0,292	5,104	< 0,001 ***
Idade : com <i>ingliding</i>	0,002	0,008	0,307	0,759

Modelo: Postura ~ Idade do Ouvinte * *Ingliding* + Ouvinte (variável aleatória)

Intercept: Sem *ingliding*

Anexo 5 – Associações entre falares sem *versus* com *ingliding* e disposições corporais tensas e distensas no Experimento do Ilustrador – falantes homens e comparação entre Lucas (em pé) e Francisco (sentado)

		Falantes Homens		Lucas (em pé)		Francisco (sentado)	
		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>	
		Tenso	Distenso	Tenso	Distenso	Tenso	Distenso
Sem <i>ingliding</i>	Tenso	62 (19,4%)	258 (80,6%)	32 (27,4%)	85 (72,6%)	30 (14,8%)	173 (85,2%)
	Distenso	38 (15,4%)	208 (84,6%)	25 (15,1%)	141 (84,9%)	13 (16,2%)	67 (83,8%)
Total (com <i>ingliding</i>):		100 (17,7%)	466 (82,3%)	57 (20,1%)	226 (79,9%)	43 (15,2%)	240 (84,8%)
		$\chi^2 = 162,03(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 31,64(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 135,92(1), p < 0,001$	

Anexo 6 – Associações entre falares sem *versus* com *ingliding* e disposições corporais tensas e distensas no Experimento do Ilustrador – falantes mulheres e comparação entre Marcela (em pé) e Juliana (sentada)

		Falantes Mulheres		Marcela (em pé)		Juliana (sentada)	
		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>		Com <i>ingliding</i>	
		Tenso	Distenso	Tenso	Distenso	Tenso	Distenso
Sem <i>ingliding</i>	Tenso	193 (43,2%)	254 (56,8%)	79 (40,5%)	116 (59,5%)	114 (45,2%)	138 (54,8%)
	Distenso	53 (44,5%)	66 (55,5%)	41 (46,6%)	47 (53,4%)	12 (38,7%)	19 (61,3%)
Total (com <i>ingliding</i>):		246 (43,5%)	320 (56,5%)	120 (42,4%)	163 (57,6%)	126 (44,5%)	157 (55,5%)
		$\chi^2 = 130,29(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 34,88(1), p < 0,001$		$\chi^2 = 104,17(1), p < 0,001$	